

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**A FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO DE PELOTAS: UMA  
CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA DO RIO GRANDE DO SUL**

Jaqueline Rosa da Cunha

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Maria Eunice Moreira  
Orientadora

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor  
em Letras, na área de concentração em Teoria da Literatura

Porto Alegre, janeiro de 2009

JAQUELINE ROSA DA CUNHA

A FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO DE PELOTAS:  
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA DO RIO GRANDE DO SUL

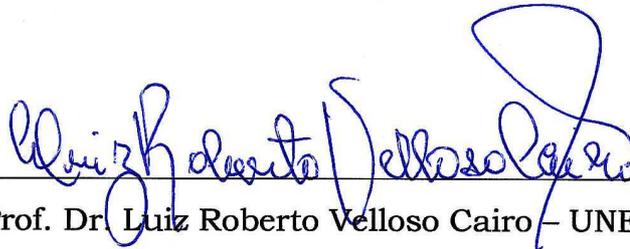
Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 28 de janeiro de 2009

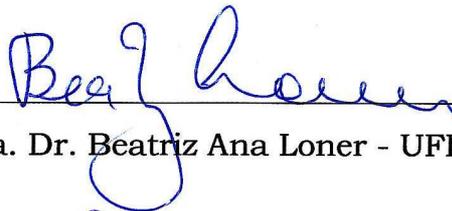
BANCA EXAMINADORA:



\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Maria Eunice Moreira – PUCRS



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo – UNESP-Assis



\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Beatriz Ana Loner - UFPEL



\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Maria Helena Steffens de Castro - PUCRS



\_\_\_\_\_  
Profa. Dr. Alice Therezinha Campos Moreira – PUCRS

*À minha família,  
pelo apoio.  
Ao meu filho, Yuri, por suportar a distância  
e a ausência, compreendendo a importância da situação.  
Ao José Roberto, meu companheiro de caminhada na vida e pelas várias  
madrugadas de discussões teóricas e literárias.*

*Agradeço a todos os professores do  
Curso de Mestrado em História da Literatura, da FURG,  
que acreditaram no meu potencial e, principalmente, ao Professor Dr. Carlos  
Alexandre Baumgarten por incentivar-me a  
prosseguir nesse caminho.  
Aos inesquecíveis “mestres” do Curso de Doutorado  
em Teoria da Literatura, da PUCRS,  
por descortinarem para mim um mundo novo.  
De modo especial, agradeço à Professora Dr. Maria Eunice Moreira,  
com quem convivi diretamente como bolsista, nesses quatro anos, por ter  
aceitado me guiar nessa caminhada, estando sempre presente com sua  
compreensão, visão crítica e literária, orientando-me  
com precisão para a realização deste trabalho.  
À Eunice, devo a minha consolidação como pesquisadora e  
como profissional das Letras.  
Agradeço também ao idealizador do projeto de pesquisa  
“Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1851-1889)”, da UFPel,  
Professor Dr. Rildo Cossor,  
por confiar a mim todo o conteúdo pesquisado,  
possibilitando, assim, o estudo do material jornalístico.  
Agradeço, também, a todos os professores,  
funcionários, colegas e amigos que,  
pacientemente, auxiliaram-me na pesquisa  
e na concretização deste estudo.  
E, por fim, de grande importância para a realização desta  
etapa da minha vida, agradeço ao CNPq, que financiou os quatro anos do  
Curso através de uma bolsa integral que foi de grande proveito para mim.*

*Não obstante,  
em todos os ramos da atividade humana,  
apareceram sempre vocações decididas,  
talentos privilegiados.*

Apolinário Porto Alegre, 1898

## RESUMO

A tese *A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul* propõe-se a recuperar as produções literárias e os nomes de colaboradores que auxiliaram, por meio da imprensa literária da região, no desenvolvimento sociocultural de Pelotas e localidades vizinhas.

Através de um estudo sobre a vida cultural e literária de Pelotas, baseado, muitas vezes, em textos veiculados pelos jornais literários que circularam na cidade de Pelotas no final do século XIX, a tese faz um estudo sobre a imprensa, editoras, associações literárias locais, com a finalidade de entender como se formou o sistema literário pelotense, tanto na atuação de editores, livreiros e críticos, como produção e leitura de poemas e romances.

Após essas pesquisas, a tese busca a relação desse sistema literário com outros modelos, como o do Partenon Literário, o brasileiro e outros europeus, como o português e o francês, tentando entender como um influencia o outro e seus imbricamentos mútuos.

## RÉSUMÉ

La thèse *A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul* se propose à récupérer les productions littéraires et les noms des collaborateurs qui ont aidé, à travers la presse littéraire de la région, au développement socioculturel de Pelotas et des villes autour.

À travers une étude à propos de la vie culturelle et littéraire de Pelotas, souvent basée sur des textes diffusés dans des journaux littéraires qui ont circulé dans la ville à la fin du XIX siècle, la thèse fait une étude à propos de la presse, des maisons d'édition, des associations littéraires locales, ayant pour but de comprendre le formation du système littéraire de Pelotas, autant dans l'atuation des éditeurs, libraires et critiques que dans la production et lecture de poèmes et de romans.

Après ces investigations, la thèse recherche la relation de ce système avec d'autres modèles, tels que celui du « Partenon Literário », le brésilien et d'autres européens, comme le portugais et le français, tout en essayant de comprendre comment l'un influence l'autre et ses imbrications mutuelles.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>A INTRODUÇÃO.....</b>	10
<b>1.1</b>	<b>Partenon Literário.....</b>	10
<b>1.2</b>	<b>Tese.....</b>	14
<b>2</b>	<b>A VIDA CULTURAL E LITERÁRIA EM PELOTAS.....</b>	30
<b>2.1</b>	<b>Primeiros tempos: a vida rural.....</b>	30
<b>2.2</b>	<b>Outros tempos: a vida cultural.....</b>	33
<b>2.3</b>	<b>Vida literária.....</b>	38
2.3.1	Imprensa.....	38
2.3.2	Vultos pelotenses.....	56
2.3.3	Editoras.....	61
2.3.4	Associações literárias e políticas.....	68
2.3.5	Biblioteca Pública Pelotense.....	72
2.3.6	Ensino.....	74
<b>3</b>	<b>O PRODUTOR, O MERCADO E O CONSUMIDOR.....</b>	78
<b>3.1</b>	<b>Produção dos literatos .....</b>	78
<b>3.2</b>	<b>Atuação dos livreiros e editores.....</b>	101
<b>3.3</b>	<b>Atuação dos críticos.....</b>	104
<b>3.4</b>	<b>Leitura de livros.....</b>	110
<b>4</b>	<b>AS ANTOLOGIAS: PINDO RIO-GRANDENSE E SONORAS.....</b>	121
<b>4.1</b>	<b><i>Pindo Rio-Grandense: uma antologia criticada.....</i></b>	121
<b>4.2</b>	<b><i>Sonoras: a formação de um cânone sul-rio-grandense.....</i></b>	137
<b>5</b>	<b>O SISTEMA LITERÁRIO PELOTENSE: CONSIDERAÇÕES FINAIS....</b>	153
<b>6</b>	<b>AS REFERÊNCIAS.....</b>	169

<b>7</b>	<b>OS ANEXOS.....</b>	<b>176</b>
<b>7.1</b>	<b>Depoimento de Noêmia Echenique.....</b>	<b>176</b>
<b>7.2</b>	<b>Anúncios de livros das livrarias Americana e Universal.....</b>	<b>177</b>
<b>7.3</b>	<b>Lista de encomendas de livros pela livraria Americana.....</b>	<b>180</b>
<b>7.4</b>	<b>Seleção aleatória de alguns poemas da <i>Pindo Rio-Grandense</i>.....</b>	<b>182</b>
<b>7.5</b>	<b>Cópias xerográficas do sumário e seleção de poemas da <i>Sonoras</i>.</b>	<b>212</b>
<b>7.6</b>	<b>Normas de atualização dos textos.....</b>	<b>222</b>
	<i>Curriculum vitae</i> .....	224

## 1 A INTRODUÇÃO

### 1.1 Partenon Literário

A *Sociedade Partenon Literário* foi uma instituição de grande importância no cenário cultural gaúcho do século XIX. Composta por intelectuais de destaque, como Apolinário Porto Alegre, Aquiles Porto Alegre, Amália Figueiroa, Augusto Totta, Afonso Marques, Aurelio Verissimo de Bittencourt, Bernardo Taveira Júnior, Caldre e Fião, Damasceno Vieira, Eudoro Berlink, Hilário Ribeiro, José Benardino dos Santos, Lobo da Costa, Luciana de Abreu e Múcio Teixeira, tinha por objetivo difundir a literatura e a boa arte<sup>1</sup>. Essa sociedade influenciou escritores e leitores de outras cidades da Província que foram beber em sua fonte para produzir a literatura do Rio Grande.

Por meio da *Revista Mensal do Partenon Literário*, a agremiação divulgou suas idéias e deu início à literatura no Rio Grande do Sul. Conforme divulgavam os jornais da época, seus textos eram lidos em todo o território gaúcho, pois eram distribuídos, com a ajuda de agentes, como por exemplo, os das cidades de Rio Grande, Pelotas, São Gabriel, Cachoeira do Sul e Rio Pardo, entre outras.

A criação de uma literatura regional, bem como sua divulgação, deve-se ao *Partenon Literário* e sua *Revista Mensal* que, conforme registra Mauro Póvoas, trazia a lume o nacionalismo/regionalismo, a idealização de amor, os temas evasionistas, ou seja, o ideário romântico em que a sociedade partenonista estava inserida sem, contudo, esquecer de abordar temas como a abolição da escravatura e a defesa dos direitos das mulheres<sup>2</sup>. Além disso, abria espaço para o desenvolvimento do teatro e, nas páginas da revista, de gêneros como a crônica e a crítica.

---

<sup>1</sup> Essa relação parcial de nomes dos membros partenonistas foi extraída da obra de HESSEL, Lothar F. et alii. **O Partenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: Flama, 1976. p. 193.

<sup>2</sup> PÓVOAS, Mauro. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2005. p. 17.

Antes da atuação do grupo do *Partenon*, o Rio Grande do Sul registrou manifestações literárias esparsas. Havia autores publicando isoladamente poemas e romances, como Maria Clemência da Silveira Sampaio, Delfina Benigna da Cunha e José Antônio do Vale Caldre e Fião. Além desses, Apolinário Porto Alegre, Carlos von Koseriz, Alfredo Ferreira Rodrigues faziam circular, mais pelo registro oral do que escrito, algumas trovas e lendas. No entanto, não havia um grupo de escritores de literatura conscientes de seu papel, tampouco um conjunto de leitores.

A partir da divulgação das atividades da *Sociedade Partenon Literário*, agremiações foram sendo organizadas com os mesmos fins, assim como revistas e periódicos surgiram para divulgar o material literário que estava sendo produzido. Moysés Vellinho afirma que nenhuma sociedade tivera, até o século XIX, em qualquer centro cultural do País, a importância nem a duração do *Partenon*. É esse mesmo crítico quem acrescenta que antes da Academia Brasileira de Letras, fundada em 20 de julho de 1897, o *Partenon Literário* foi, sem dúvida, “a associação que revelou maior vitalidade no quadro geral da literatura brasileira”.<sup>3</sup> O posicionamento do crítico reforça a idéia de que a agremiação gaúcha foi a mola propulsora dos intelectuais que se iniciaram no campo da escrita, no Rio Grande do Sul.

O *Partenon* também difundiu idéias e ideais políticos. Muitos de seus integrantes lutaram intelectualmente pela abolição da escravatura e pela implantação da República. Através de poemas, peças de teatro e palestras faziam circular as propostas de trabalho em prol dos ideais políticos. As cidades gaúchas, seguindo o modelo partenonista, criaram clubes abolicionistas e republicanos, algumas vezes fomentados pelo *Partenon*, para fortalecer o movimento político. Em contrapartida, o lado político conservador criava jornais e associações para tentar, em vão, conquistar apoio para a monarquia.

Ao lado da atividade política que a maioria dos partenonistas desenvolveu, estava a veia literária contaminada pelos versos de Castro

---

<sup>3</sup> VELLINHO, Moysés. **O Partenon Literário**. Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos. Porto Alegre: PUCRS, 1957, p. 7-25.

Alves, poeta comprometido com a causa abolicionista, cujos textos espalharam-se pelo Rio Grande do Sul servindo de incentivo aos intelectuais sulinos, conforme registram as produções e epígrafes publicadas nos jornais locais. Essa temática uniu escritores e poetas locais, levando-os à exaltação da liberdade e fazendo-os se associarem ao ideal republicano, cujo objetivo também era a liberdade.

A *Sociedade Partenon Literário* desenvolvia em suas atividades os temas políticos, mas, influenciada pelos ideais do Romantismo, abordava também outros temas como o nacionalismo que abria espaço para o regionalismo; o amor não correspondido; a mulher, geralmente em pecado; a valorização da infância levando à fuga ao passado; o sofrimento, a dor, a oposição vida/morte.

Esses temas também eram discutidos publicamente em reuniões e saraus promovidos pela Sociedade, e nesse caso, recebiam o nome de teses. As preleções a respeito de problemas sociais, políticos e econômicos constituíam a oportunidade de os intelectuais mostrarem suas preocupações para com a sociedade e o vínculo que mantinham com a realidade brasileira. As teses versavam sobre assuntos, como: comportamento social (“O suicídio é ou não justificável?”, “Os fins justificam os meios?”); revoluções (“Combate do Poncho Verde”, “A invasão paraguaia da Província é ou não justificável?”); religião (“Qual é o destino do homem?”, “Crença religiosa”, “A alma é imortal?”); educação (“Decadência do ensino”, “Instrução pública”) e a mulher (“A influência da mulher sobre a civilização”, “Educação das mães de família”, “Jovita<sup>4</sup> é ou não uma heroína?”).

Os saraus literários atingiram grande importância e repercussão na época. As reuniões eram mensais e abertas para os sócios, suas famílias e convidados. Na ocasião, eram recitados poemas, lidos trechos de romances inéditos, ensaios e peças teatrais, havia apresentações de música e canto, e à tribuna eram levadas as preleções literárias. O encontro encerrava com um

---

<sup>4</sup> Jovita era uma jovem cearense que se ofereceu para lutar na Guerra do Paraguai. Seu pedido foi recusado, e a moça caiu na prostituição. Tentou regenerar-se, mas foi abandonada por todos. Teve como fim o suicídio.

baile, pois, de acordo com o sócio Carvalho Barcelos, deveria haver dança no sarau porque a palavra por si exprime dança.<sup>5</sup> Os saraus do Partenon atingiram uma importância cultural no contexto social de toda a Província, uma vez que nas cidades onde havia uma instituição voltada à literatura, às artes, à cultura, enfim, eram realizados saraus literários nos moldes dos de Porto Alegre.

Outra maneira encontrada pelos intelectuais do *Partenon* para divulgarem suas idéias foi através das aulas noturnas. Essa atividade sempre fez parte do projeto da Sociedade, segundo os registros nas atas das reuniões da diretoria. A idéia inicial era oferecer oportunidade de estudo gratuito para os sócios, mas, com o tempo, as aulas foram sendo abertas ao público, em geral, aos trabalhadores pobres que não tinham oportunidades de estudar e, na maioria das vezes eram analfabetos. No curso noturno eram ministradas as seguintes disciplinas: Corografia da Província e História, Matemáticas Elementares, por Vasco de Araújo; Escrituração Mercantil, por José de Andrade e Silva; e Gramática Portuguesa, por Apolinário Porto Alegre. Dedicavam-se também a ministrar aulas gratuitamente no curso noturno José Gonçalves de Albuquerque Júnior, José Martins de Lima e Ramiro de Araújo<sup>6</sup>.

A instrução social era apoiada pela Biblioteca da Sociedade Partenon Literário que possuía obras de filosofia, história, clássicos de todas as literaturas, poesias e prosas de vários países. O acervo da Biblioteca foi obtido inicialmente por meio de doações de seus associados e através de espetáculos promovidos com a finalidade de angariar recursos para adquirir livros. Entre os autores que constavam na lista de doações da Biblioteca estavam os nomes de Apolinário Porto Alegre, Aquiles Porto Alegre, Hilário Ribeiro, Aurélio Bittencourt, Eduardo Salomé, Nicolau Vicente Pereira e Sá Brito, que doaram suas obras em prol do projeto de leitura sustentado pelo grupo<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> V. Ata da sessão ordinária da Sociedade Partenon Literário, do dia 12 de maio de 1873.

<sup>6</sup> Conforme atas das sessões ordinárias da Sociedade Partenon Literária, de 1873.

<sup>7</sup> Idem.

O *Partenon Literário* preocupou-se também em oportunizar o acesso à leitura às pessoas que não possuíam condições financeiras para comprar livros e que tampouco eram sócias da instituição. Assim, surgiu a idéia de fundar uma biblioteca municipal a fim de resolver o problema e desenvolver a cultura<sup>8</sup>. A partir do grupo que a compunha, intelectuais de outras cidades do Rio Grande do Sul se mobilizaram em prol dos mesmos ideais e juntos deram início a uma fase relevante da história política, literária e cultural do nosso Estado.

Tendo em vista o caráter progressista e de transformações do *Partenon Literário*, bem como sua influência na formação da literatura de outras cidades do Estado, a Sociedade e suas atividades constituem grande importância para a pesquisa, pois sugerem a formação de um sistema literário, com base nas idéias expostas por Itamar Even-Zohar<sup>9</sup> em *El sistema literario, La literatura como bienes y como herramientas, Teoría del polisistema*.

### **1.1 A tese**

Partindo de teorias propostas por Itamar Even-Zohar, esta tese pretende demonstrar o que foi a vida literária da sociedade pelotense, na segunda metade do século XIX, a fim de verificar como o sistema literário de Pelotas se formou e, assim, contribuiu para a consolidação do sistema literário gaúcho. Para isso, serão tomados como fonte de análise periódicos de natureza literária e não-literária, editoras, associações literárias e a agremiações que constituem elementos da vida cultural de Pelotas, nesse século.

A história da literatura e da cultura da cidade de Pelotas está registrada, principalmente, em textos publicados nos jornais da época e em

---

<sup>8</sup> Não há registros de que o objetivo tenha se concretizado, mas certamente a idéia repercutiu em outros cantos deste pago.

<sup>9</sup> Teórico israelense que desenvolve suas atividades intelectuais na Universidade de Tel Aviv.

documentos que marcam a fundação dos órgãos de apoio à arte literária e à cultura. A análise dos textos deverá ser feita levando em conta a relação entre o conteúdo, que exprime principalmente valores e ideologias, e a forma, influenciada pelas modalidades de comunicação. É importante lembrar que a imprensa foi o principal suporte de divulgação e que, ao apoiar a arte como um meio social, produzia sobre os indivíduos um efeito prático, delimitando grupos, criando gostos, veiculando padrões estéticos e morais.

Através de pesquisas iniciais realizadas durante a transcrição dos textos literários dos jornais pelotenses<sup>10</sup>, constatou-se que a produção literária de Pelotas, no período do Império, é considerada como um momento de apogeu cultural na história da cidade. Nesse período, circularam muitos jornais literários, políticos, sociais, comerciais e noticiosos somando aproximadamente 115 títulos jornalísticos entre diários e literários apenas na segunda metade do século XIX<sup>11</sup>. Dentre os periódicos pelotenses, constituem o *corpus* desta tese: *Álbum Pelotense* (1861-1862), *O Progresso Literário* (1865), *Álbum Literário* (1874-1875), *A Idéia* (1878-1879), *A Voz do Escravo* (1881), *Tribuna Literária* (1882), *O Pervigil* (1882-1883), *Zé Povinho* (1883), *A Pena* (1884), *Ventarola* (1887-1890), *O Farrapo* (1889) e *Radical* (1890). Embora se saiba que as manifestações literárias e culturais antecedem a segunda metade daquele século, o surgimento dos jornais diários indica que a literatura do extremo Sul gaúcho teria, a partir daquele

---

<sup>10</sup> As referidas pesquisas foram realizadas a partir da minha participação como pesquisadora voluntária no projeto *Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1850 – 1889)*, no período de 2001 a 2002, sob a orientação do Prof. Dr. Rildo Cosson, na Universidade Federal de Pelotas; e de 2003 a 2004, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr. Nea Maria Setúbal de Castro, na Fundação Universidade Federal do Rio Grande. De 2005 a 2008, na PUCRS, como bolsista do CNPq, vinculada ao projeto de pesquisa *Histórias à prova do tempo: a relação Brasil-Portugal no campo da literatura. Investigação, preservação e difusão de fontes*, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Eunice Moreira, dei continuidade às pesquisas com os periódicos pelotenses.

<sup>11</sup> Conforme a lista organizada pelo Alferes Tancredo de Mello, publicada no jornal *O Pensamento*, em 7 de novembro de 1901, como homenagem ao Jubileu da Imprensa em Pelotas (1851 – 1901).

<sup>12</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **El sistema literario**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/sistm\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/sistm_s.htm). Acesso em: 27maio 2004. p. 1.

momento, um veículo de divulgação e circulação permanente de seus ideais calcados num sistema literário regional que estava em formação.

Itamar Even-Zohar entende por sistema literário “la red de relaciones hipótetizadas entre una cierta cantidad de actividades llamadas “literarias”, y consiguientemente esas actividades mismas observadas a través de esta red.”<sup>12</sup> Para corroborar essa idéia pode-se parafrasear Antonio Candido na seguinte afirmação: sem desconhecer grupos ou linhas temáticas anteriores, nem influências [...] surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer literatura.<sup>13</sup> Ambos os teóricos registram que não há literatura somente a partir de textos, mas que para haver literatura é necessário que os textos estejam inseridos num contexto social e que façam parte de um conjunto de atividades literárias. A esse conjunto de atividades literárias Even-Zohar, chama de sistema literário, incluindo nele também as representações culturais não-literárias.

Essas idéias foram apresentadas em um Encontro de Pesquisadores de Periódicos e Revistas Literários, realizado em 2001, onde foi discutido amplamente o assunto e, conforme Rildo Cosson registra em artigo publicado nos Anais do 1º ENPEL :

essas relações e atividades ganham maior clareza quando o teórico israelense define os fatores envolvidos na constituição e funcionamento de um sistema literário. Tomando de empréstimo o esquema de comunicação proposto por Roman Jakobson, Even-Zohar apresenta seis fatores: *produtor* (emissor), *consumidor* (receptor), *instituição* (contexto), *repertório* (código), *mercado* (canal) e *produto* (mensagem). O emissor não deve ser reduzido à figura clássica do escritor, porque, além de textos, no sentido tradicional de obra literária, ele é responsável pela produção de imagens, expressões e modelos de ação seja na esfera individual, seja na esfera coletiva. Também deve ser plural, pois um grupo pode atuar dentro do

---

<sup>13</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p. 24-25.

mesmo princípio de produção do sistema. Igualmente o consumidor ou consumidores deve evitar restringir-se aos leitores, até porque o consumo pode ser feito indiretamente através de fragmentos, expressões e outros produtos literários que se encontram disponíveis na cultura. Nem mesmo o consumidor direto deve ser identificado exclusivamente com o leitor, mas apenas como aquele que se encontra diretamente envolvido nas atividades literárias, podendo, nesse sentido, ser mais importante participar do espaço literário pela sua importância sócio-cultural do que propriamente pelo exercício prioritário da leitura.<sup>14</sup>

O texto de Rildo Cosson é explicitativo dos fatores acima mencionados. Assim, nesse mesmo texto, ele esclarece que:

a instituição nunca é apenas um lugar ou uma entidade, mas um conjunto de fatores envolvidos na manutenção do sistema, compreendendo desde a escola, as academias e os meios de comunicação em geral até as associações de leitores, as editoras e os próprios produtores (pelo menos quando oficializados). A instituição controla o funcionamento das atividades literárias, aceitando algumas como legítimas e recusando outras como inadequadas, determinando o que deve permanecer como herança cultural e descartando o que considera como efêmero. Por força do poder que exerce, a instituição dificilmente apresenta-se como um fator unificado e homogêneo dentro do sistema. Ao contrário, dentro da instituição há usualmente uma luta constante pelo exercício do poder por parte de grupos que almejam alcançar a posição de *establishment*.<sup>15</sup>

Seguindo sua exposição, o mesmo pesquisador afirma ainda que:

como a instituição, o mercado refere-se a todos os fatores relacionados quer com a venda e a compra de produtos, quer com a promoção do consumo literário em geral. Nessa direção, compreende não só livrarias e editoras, mas também as instituições quando essas interferem nas práticas simbólicas e/ou concretas e comércio. A adoção de um livro para leitura em sala de aula, por exemplo, faz

---

<sup>14</sup> COSSON, Rildo. O passado como memória – Literatura, jornal e cultura em Pelotas. **Anais da 2ª Jornada de Periódicos Literários**, 2, Assis: UNESP, 2001.

<sup>15</sup> Idem.

do professor e dos alunos membros do mercado ao mesmo tempo em que esses fazem parte da instituição escola.

Acima do mercado, pela ordem, o repertório, por sua vez, constitui as referências essenciais do sistema tanto para a produção quanto para o consumo dos produtos literários. De certa maneira, ele funciona como um horizonte de inserção seja do produtor, seja do consumidor. Com isso, demanda pré-conhecimento das regras e concordância geral de seu uso para que possa haver uma circulação mínima dos produtos, até porque a estrutura do repertório possui vários níveis de uso que vão desde um elemento individual até os modelos gerais que determinam a existência do produto. Também é no espaço do repertório que devem ser analisadas as relações que se estabelecem entre dois diferentes sistemas literários: a literatura traduzida e os empréstimos de temas e procedimentos.

Finalmente, o produto compreende, para além do texto enquanto obra, os vários outros tipos de textos e signos que podem ser e são executados dentro do sistema. Nesse caso, as imagens, as expressões e até mesmo os comportamentos e os modelos de realidade construídos dentro do sistema são seus produtos.<sup>16</sup>

A partir desse conceito de sistema literário, pode-se pensar a imprensa pelotense como o início da formação de um sistema literário e, por conseguinte, de uma literatura regional. Na função do produtor, tem-se na imprensa pelotense esse fator representado inicialmente pelos donos dos jornais. Esse grupo de intelectuais corresponde à atividade de formadores de opinião expressa por meio de textos veiculados na imprensa. Assim, os jornalistas, membros de associações literárias ou políticas, interessados em consolidar a literatura em Pelotas, são caracterizados como os produtores do sistema que surgia.

Suas produções – os textos, os jornais - constituem o produto, uma vez que neles está impresso o repertório desses produtores, ou seja, seus ideais republicanos, abolicionistas, que se transformam em temas literários; o interesse de informar e – sem ser ingênuo -, formar o leitor, direcionando

---

<sup>16</sup> Idem.

seu pensamento por meio da escolha das notícias e dos argumentos de autoridade utilizados para contribuir, reafirmando o pensamento do ensaísta que dizia apenas pretender, de forma neutra, informar. Outra função do produto era, através da literatura que surgia, impregnar os leitores de ideais românticos e engajá-los nos movimentos partidários.

Pelotas do século XIX não era diferente das demais cidades do País no que diz respeito ao alto índice de analfabetismo. Por essa razão, pode-se dizer que praticamente os escritores, no caso estudado, os articulistas e os jornalistas, correspondiam, ao mesmo tempo, à função de produtor e consumidor dos textos produzidos. Assim, o que ocorria na imprensa era uma troca de opiniões entre “amigos”, uma vez que os leitores/consumidores estavam entre os intelectuais que produziam os textos, e os estudantes e as mulheres que, ainda em parcela menor, também os liam.

Observando o panorama da imprensa pelotense na segunda metade do século XIX, constata-se que nesse período o sistema literário da região iniciava a caminhada rumo à formação de uma literatura e de uma cultura. Em razão disso, nota-se a dificuldade no que diz respeito ao fator mercado. Durante o período compreendido entre os anos de 1850 e 1889, em Pelotas, menos de cinco jornais tiveram longo tempo de circulação, pois a maioria deixava de circular em pouco tempo. Uma das razões para essa efemeridade pode ser encontrada no preço do jornal. De acordo com pesquisas realizadas pelo historiador Francisco das Neves Alves, com relação ao custo dos jornais comparado ao de produtos de primeira necessidade, o jornal não possuía um valor tão acessível: um quilo de carne custava 220 réis; o aluguel mensal de uma residência, 4\$000; enquanto que um exemplar de um jornal custava de 1\$000 a 4\$000.<sup>17</sup>

Apesar de o jornal ser mais barato que o livro, ainda possuía um preço muito alto, motivo que dificultava a sobrevivência dos periódicos. Na maioria das vezes, para tentar conseguir assinantes, os donos dos jornais

---

<sup>17</sup> ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (orgs.) **Imprensa e história**. Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. p. 24.

distribuíam o primeiro exemplar gratuitamente, na esperança de conquistar possíveis contribuintes. Em alguns casos, logravam o objetivo, mas por pouco tempo, pois os assinantes incorriam freqüentemente em inadimplência, e assim, o periódico deixava de existir. Francisco das Neves Alves constata que “a falta de uma base comercial foi, na maioria dos casos, o preço pago pelos jornais pequenos para manterem seu espírito de contestação.”<sup>18</sup> O mercado produtor de textos impressos sofria um grande problema que começou a resolver-se apenas com o surgimento da editora Americana, em Pelotas, e com a publicação de livros na região.

Quanto ao papel das instituições, dentro do contexto da imprensa, observa-se que as entidades político-partidárias e as literárias agiam como molas propulsoras da produção dos textos. A partir dessas agremiações, os escritores/produtores encontravam as bases e os alicerces para contextualizar e firmar suas idéias. De certa forma, as tipografias também podiam ser consideradas instituições na medida em que agiam como controladoras das atividades e idéias veiculadas. Nelas, após o expediente do jornal, os intelectuais e público interessado reunia-se para ler os jornais recebidos de outras localidades e discutir os assuntos, tal como acontecia no Gabinete de Leitura da Biblioteca Pública Pelotense. Desse modo, a instituição homogeneizava o repertório e, por conseqüência, o produto. A integração entre produtor e consumidor ocorria não apenas na cidade de Pelotas, mas também nas localidades vizinhas<sup>19</sup>, como Rio Grande.

Segundo afirma Even-Zohar, um sistema é constituído por uma “estructura abierta que consiste en varias redes de relaciones”<sup>20</sup>. Dessa forma, atinge-se a teoria de polissistema proposta e definida pelo mesmo teórico da seguinte maneira:

---

<sup>18</sup> Idem, p. 25.

<sup>19</sup> A cidade de Pelotas, localizada no extremo Sul do Estado do Rio Grande do Sul, está a 56 km da cidade do Rio Grande.

<sup>20</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoría del polisistema**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/ps-th\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/ps-th_s.htm). Acesso em: 27 maio 2004. p. 4.

un sistema múltiple, un sistema de vários sistemas con intersecciones y superposiciones mutuas, que usa diferentes opciones concurrentes, pero que funciona como un único todo estruturado, cuyos miembros son interdependientes.<sup>21</sup>

É preciso relacionar o sistema local com outros sistemas, compreendendo que o contato e as interferências entre eles são determinantes para a sua constituição e permanência.

Conforme Rildo Cosson,

a conseqüência mais imediata da teoria dos polissistemas é que com ela desaparecem as atividades consideradas como essencialmente literárias frente outras que seriam mais ou menos literárias, pois a inclusão ou não de uma atividade dentro do sistema não depende de uma essência, mas das relações que podem ser estabelecidas pelo investigador. Deixam de existir, da mesma forma, as distinções entre interno e externo, porque o sistema compreende as atividades como parte de uma rede e não isoladamente. Nesse mesmo sentido, a noção de rede de relações implica que nenhum dos fatores que constitui o sistema pode ser analisado isoladamente dos outros em sua função, nem estabelecer antecipadamente qualquer hierarquia entre os diversos fatores do sistema.<sup>22</sup>

Considerando que a história da literatura e da cultura da cidade de Pelotas está registrada, principalmente, em textos publicados nos jornais e em documentos que marcam a fundação dos órgãos de apoio à arte literária e à cultura, esta tese tem por objetivo recuperar e analisar a produção literária da região de Pelotas no período compreendido entre 1850 e 1890, possibilitando, assim, o reconhecimento e a consolidação da cultura regional.

Do conteúdo literário expresso por meio dos folhetins, contos e poemas são observados o gênero literário e a temática abordada na época,

---

<sup>21</sup> Idem, p. 3.

<sup>22</sup> COSSON, Rildo. Op. cit. nota n. 14.

revelando os ideais e as idéias vigentes na sociedade pelotense de então. Junto à apresentação desse material e à análise do seu conteúdo literário, é exposta a visão social da época em questão, bem como o percurso da sociedade e o seu relacionamento com a literatura. O propósito é analisar como funcionava a vida literária e a formação cultural da região de Pelotas em meados do século XIX.

A análise da vida literária pelotense estará pautada na inter-relação da evolução literária e do desenvolvimento social, uma vez que, conforme Itamar Even-Zohar

La cultura se considera como un conjunto de bienes valiosos, cuya posesión significa riqueza y prestigio. Este poseedor de tal conjunto puede usarlo por lo tanto para mostrar sus riquezas. Este es un procedimiento (una práctica) que puede ser adoptado tanto por un individuo como por un colectivo organizado de individuos, específicamente una entidad social.<sup>23</sup>

A afirmação de Zohar vai ao encontro do conteúdo dos textos veiculados pela imprensa pelotense do século XIX e do que os historiadores regionais registram a respeito da riqueza dos charqueadores da cidade de Pelotas. Segundo essas fontes, durante o período final do Império, Pelotas era dentre as cidades gaúchas aquela que apresentava maior desenvolvimento cultural<sup>24</sup>.

Aproveitando o progresso da sociedade no espaço urbano, por meio do aspecto verbal, jornalismo e literatura, jornalistas, escritores e intelectuais uniram suas funções durante a última metade do século XIX, a fim de desenvolver cultural e intelectualmente a sociedade que se formava. Com base na produção literária de Pelotas e a sua circulação, pode-se realizar estudos sistemáticos sobre a cultura da região e o processo de

---

<sup>23</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. *La literatura como bienes y como harramientas*. In.: VILLANUEVA, Darío. MONEGAL, Antonio & BOU, Eric (Coords.) **Sin fronteras**: Ensayos de Literatura Comparada en homenaje a Claudio Guillén. Madrid: Castalia, 1999. p. 27.

<sup>24</sup> MAGALHÃES, Mario Osório. **História e tradições da cidade de Pelotas**. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1981.

constituição de seus valores, paradigmas e práticas sociais. É possível, assim, perceber quais elementos estão envolvidos na constituição do sistema literário pelotense, pois sabe-se que, segundo afirma Even-Zohar, um sistema é constituído por uma “estructura abierta que consiste em varias redes de relaciones”<sup>25</sup>.

Em primeiro lugar, é preciso relacionar o sistema local com outros sistemas, compreendendo que o contato e as interferências entre eles são determinantes para a sua constituição e permanência. Nesse caso, um sistema pode fornecer a outro não apenas temas e referências estilísticas, mas também subsistemas inteiros. Também pode acontecer que um sistema local se estabeleça a partir de um sistema já consolidado, como é o caso da literatura brasileira em relação à literatura européia. Outra possibilidade é que um sistema funcione como intermediário entre dois outros, a exemplo dos intercruzamentos entre a literatura brasileira, a portuguesa e a francesa no século XIX. Conforme Rildo Cosson registra em artigo publicado nos Anais do 1º ENPEL:

as relações entre os sistemas literários são diversificadas e complexas. No seu conjunto, elas nos dizem que um sistema nunca funciona isoladamente e que a sua autonomia depende menos de preenchimento autóctone dos seus elementos e mais da existência de um sistema canônico que afirme uma identidade singular e própria. Em outras palavras, é a presença de um cânone construído como próprio, conforme faz a literatura brasileira em relação ao período colonial durante o romantismo, que indica a existência de um sistema literário.<sup>26</sup>

Even-Zohar argumenta que a literatura não pode ser estudada apenas a partir de um conjunto de obras-primas ou das propriedades desses textos, muito menos pode ser considerada como uma atividade à parte do conjunto da sociedade.

---

<sup>25</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. Op. cit. nota n. 20, p. 4.

<sup>26</sup> COSSON, Rildo. Op. cit. nota n. 14.

Como afirma Rildo Cosson,

a literatura da região de Pelotas parece manter laços estreitos com a literatura européia, a teoria do polissistema permite que se analise as interferências entre diferentes sistemas literários sem cair nos conceitos de influência e dependência cultural. O mesmo vale para a literatura em tradução que é abundante e de grande relevância no período, sobretudo aquela de origem francesa, que deve ser estudada como um dos sistemas do polissistema onde ela circula.

Por esse motivo, considerando-se o sistema literário como parte do polissistema cultural ficam mais claras as relações entre a literatura e outras manifestações culturais. Essas relações são particularmente importantes no sistema literário pelotense no Império porque, durante esse período, o exercício da literatura era também uma prática da vida pública, com os escritores se engajando com publicações em todas as questões da sociedade da época, seja o movimento abolicionista, seja a construção de um asilo de mendigos<sup>27</sup>.

A análise do sistema literário pelotense que está sendo proposta na tese *A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul* deverá, além de resgatar e preservar a memória cultural do passado, ampliar o horizonte para além das questões literárias, a fim de que seja possível reconhecer os artifícios utilizados para a construção da literatura e da cultura regionais.

O estudo adotará um percurso histórico-social e, de certa forma, construirá uma história literária visando conhecer a formação do sistema literário pelotense, a partir da vida literária da sociedade do século XIX. Sendo assim, conforme Barrento, se os critérios que fundamentam uma história literária se orientam pela evolução literária e pelo processo social, não é possível, ao mesmo tempo, agarrarmo-nos a uma unidade de base

---

<sup>27</sup> Idem.

autoral, como se o sujeito criador determinasse de forma automatizada o processo da evolução literária<sup>28</sup>.

Nesse caso, a pesquisa a respeito da vida literária não terá por objetivos construir biografias de autores, nem listagens de obras. No entanto, será feita uma seleção de autores e títulos por critérios funcionais segundo uma perspectiva histórico-literária, apontando como relevantes os autores e textos que remetem a problemas sociais que se transformaram em tema literário. A análise da consolidação do sistema literário pelotense no final do século XIX a partir do papel social da literatura no desenvolvimento do processo histórico não visa a um estudo sociológico da literatura em fatos políticos, sociais e ideológicos, mas à derivação do processo literário a partir de fatores históricos. Assim, será possível avaliar o envolvimento da literatura e dos escritores com a história social e, dessa forma, perceber quais autores nacionais e/ou estrangeiros tiveram maior influência sobre o sistema literário pelotense que se formava.

Analisando o envolvimento da literatura pelotense com o contexto social da época, também será possível verificar as implicações desses fatos na produção artística e literária, tais como, preferências formais adotadas por escritores, a fim de promover uma reflexão a respeito do contexto social. Nesse sentido, João Barrento afirma que partindo dos fatos essenciais da vida literária ou da atividade cultural, a história literária pode dar relevo à literatura didática e moralizante<sup>29</sup>. Esclarece, ainda, que também é possível dar ênfase ao surgimento dos meios técnicos de comunicação de massas, desde que na sua divulgação e recepção se manifestem deslocamentos do processo de comunicação social que definam o lugar ocupado pela literatura e pelos seus vários gêneros na totalidade do espectro de formas e expressão cultural<sup>30</sup>. A esse respeito, tem-se o surgimento do primeiro jornal pelotense,

---

<sup>28</sup> BARRENTO, João. **História literária** – problemas e perspectivas. 2ª ed. Lisboa: Apaginastantas, 1986. p. 115.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*.

órgão de comunicação de massa, que tinha um caráter mais político e comercial que literário e social.

Segundo João Barrento, para estudar a formação da literatura de uma sociedade, é necessário partir de uma abordagem histórico-literária do processo de evolução da literatura. Nesse sentido, a fundamentação histórico-social servirá para demonstrar qual era o papel social da literatura no desenvolvimento do processo histórico.

A presente tese tem o objetivo de analisar a consolidação da literatura da cidade de Pelotas com base na vida literária e cultural daquela sociedade, durante a última metade do século XIX, partindo da hipótese de que a produção literária pelotense contribuiu para a formação da literatura do Rio Grande do Sul. Para tanto, o trabalho tem por objetivo:

- identificar o ideário estético-ideológico predominante nas produções literárias veiculadas nos jornais pelotenses;
- destacar tópicos e fatos importantes que demonstrem como funcionava a vida literária e social na cidade de Pelotas no final do século XIX;
- contextualizar o cenário cultural e social do Estado, estabelecendo relações entre o momento histórico e as publicações locais selecionadas;
- investigar os procedimentos literários utilizados para a composição dos textos, observando se os modelos de escrita e o ideológico dos autores que compunham o sistema literário pelotense vinculavam-se à *Sociedade Partenon Literário* ou se sofriam influência direta das literaturas portuguesa e francesa.

No decorrer da pesquisa e da realização dos objetivos, serão averiguadas algumas hipóteses e respondidas determinadas questões norteadoras, que foram formuladas a partir de uma leitura preliminar de textos publicados nos jornais literários pelotenses, tais como:

- o sistema literário local se relacionava com outros sistemas, agindo como intermediário ou funcionava isoladamente?;
- o sistema literário pelotense foi estabelecido a partir do *Partenon Literário* ou de outros sistemas literários?;
- o sistema literário pelotense recebeu apenas interferências nos temas e nos modelos estilísticos ou foi totalmente fundado tendo por base outro sistema literário já consolidado, tais como o brasileiro, o português ou o francês?;
- sabendo que o sistema literário pelotense recebia interferência literária e cultural do sistema francês, é lícito afirmar que mantinha um contato maior e direto com o sistema literário português?;
- qual foi o sistema literário tido por base para a fundação da literatura pelotense?

A tese está estruturada em cinco capítulos, a saber: “A introdução”, “A vida cultural e literária em Pelotas”, “O produtor, o mercado e o consumidor”, “As antologias: *Pindo Rio-Grandense* e *Sonoras*” e “O sistema literário: considerações finais”. O primeiro refere-se à importância do grupo *Partenon Literário* para a consolidação da literatura regional. As atividades literárias desenvolvidas por essa sociedade que englobam a criação da *Revista Mensal do Partenon Literário*; as reuniões e saraus para discutirem temas políticos, literários e de ordem social; a implantação de uma biblioteca na qual funcionavam cursos noturnos. Os intelectuais responsáveis pelo *Partenon Literário* foram difundindo suas idéias fazendo, assim, com que se organizassem também no interior do Rio Grande do Sul grupos interessados em consolidar a literatura regional que se formava.

O segundo capítulo, intitulado “A vida cultural e literária em Pelotas” faz uma retrospectiva histórica, contextualizando a vida cultural e literária da cidade. Esse capítulo está dividido em três subcapítulos, a saber: “Primeiros tempos: a vida rural”, no qual está registrado o surgimento da cidade, a atividade econômica exercida como motivo para a formação da

literatura em Pelotas. O segundo subcapítulo intitula-se “Outros tempos: a vida cultural” e trata do desenvolvimento da cultura pelotense com destaque para as atividades exercidas no Teatro Sete de Abril, nos salões dos sobrados, dos clubes e da Biblioteca Pública Pelotense. O subcapítulo seguinte, “Vida literária”, apresenta seis divisões que tratam dos temas: imprensa, destacando o surgimento, o desenvolvimento e a importância da imprensa na cidade de Pelotas para a formação de um sistema literário e consolidação da literatura produzida na cidade.

Para demonstrar as atividades literárias e ideológicas realizadas pela imprensa, foram selecionados periódicos de natureza literária e não-literária, vinculados a clubes e associações literárias e político-literárias, os quais veiculavam poesias e narrativas que tematizam assuntos relacionados ao momento literário e social pelo qual o País passava.

O desenvolvimento intelectual da sociedade pelotense é apresentado através das atividades exercidas pelos “Vultos pelotenses”, nome dado a esse segundo item, o qual destaca a importância dos intelectuais Antônio José Gonçalves Chaves, Antônio Joaquim Dias, Paulo Marques de Oliveira Filho, Carlos von Koseritz, Francisco de Paula Pires, Alberto Coelho da Cunha e Guilherme Echenique, na organização da sociedade intelectual pelotense.

Outro item contempla as “Editoras” que, exerciam a função de mercado através das atividades realizadas, principalmente, por duas casas editoriais, quais sejam *Americana* e *Universal*.

A importância das agremiações que organizavam reuniões para defender e apresentar teses, nos moldes oferecidos pelo *Partenon Literário*, bem como sustentar os interesses dos intelectuais dentro do sistema literário está representada nesta tese pelo item “Associações literárias e políticas”. Assim como as associações, a “Biblioteca Pública Pelotense”, da qual trata o item seguinte, adquire a função de instituição trabalhando na intenção de formar o público leitor. Na intenção de instruir a sociedade, buscando o aperfeiçoamento social, o prédio da biblioteca foi local

importante para abrigar os projetos e atividade dos intelectuais pelotenses em prol do desenvolvimento da cidade.

O último item desse subcapítulo intitula-se “Ensino” e registra o início das atividades de cursos noturnos e aulas particulares desenvolvidas pelos intelectuais da cidade, no que se refere mais precisamente às aulas de língua estrangeira e à preocupação com a instrução feminina.

O terceiro capítulo, que se chama “O produtor, o mercado e o consumidor”, visa demonstrar, através da análise de poemas, temas e intertextos, a influência da instituição literária porto-alegrense, *Partenon Literário*, bem como das literaturas francesa, portuguesa e brasileira no desenvolvimento da literatura na cidade de Pelotas. Esse capítulo apresenta ainda as seguintes subdivisões: “Produção dos literatos”, que aborda a importância dos donos das livrarias na divulgação de obras e autores a serem lidos pela sociedade pelotense. “Atuação dos livreiros e editores” refere-se ao segundo subcapítulo e trata da dupla função dos livreiros, considerados aqui não apenas os que possuíam editoras, mas também os que trabalhavam nas tipografias e compunham a redação dos jornais. O terceiro subcapítulo intitula-se “Atuação dos críticos” e discorre sobre a atividade de alguns intelectuais pelotenses que, além de fazer a propaganda de obras literárias publicadas nas cidades e importadas de outros lugares, faziam a crítica cultural, avaliando se o conteúdo dos textos era apropriado ou não para a leitura. O último subcapítulo relaciona, conforme seu título, a “Leitura de livros”. Nele estão registradas algumas obras que eram vendidas através dos jornais, especialmente, para homens, mulheres e público em geral. Além de demonstrar que a maioria dos livros vendidos era de origem francesa.

O quarto capítulo denominado “As antologias: *Pindo Rio-Grandense e Sonoras*” subdivide-se em duas seções, que são: “*Pindo Rio-grandense: uma antologia criticada*” e “*Sonoras: a formação de um cânone sul-rio-grandense*”. Na primeira, é apresentada a crítica literária publicada por Paulo Marques a partir da antologia escrita por Paula Pires. Nela o crítico revela o seu ponto de vista a respeito da forma de seleção dos intelectuais

que formam a antologia, e comenta a respeito da atividade literária dos autores citados. Na segunda parte, é apresentada a antologia *Sonoras* como a contribuição dos intelectuais do extremo Sul do Estado para o sistema literário regional através da literatura e do sistema literário existentes na cidade de Pelotas.

O quinto capítulo da tese, “O sistema literário pelotense: considerações finais”, confirma, a partir das teorias propostas por Even-Zohar, a existência de um sistema literário pelotense que veiculava uma literatura regional produzida nos moldes do *Partenon Literário* e que, ao mesmo tempo, sofria influência dos sistemas literários francês, português e brasileiro.

O sexto capítulo traz as referências bibliográficas do trabalho. O sétimo e último é composto pelos Anexos e se subdivide em depoimento, tabelas, listas, anúncios, seleção e reprodução de poemas.

## **2 A VIDA CULTURAL E LITERÁRIA EM PELOTAS**

Conhecer a história da formação da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, é importante para a contextualização de sua vida cultural e literária, uma vez que ambos segmentos possuem relação direta com o seu passado histórico. Para tanto, farei um apanhado dos principais fatos que envolvem o surgimento e o desenvolvimento da cidade, desde a sua gênese até o final do século XIX, dividindo a história em dois espaços: rural e urbano, conforme o desenrolar dos acontecimentos.

### **2.1 Primeiros tempos: a vida rural**

A cidade de Pelotas, fundada em 1835, teve seu início no século XVIII, segundo os historiadores Mario Magalhães e Alvarino Marques. O território da atual cidade de Pelotas havia sido dividido, em fins do século XVIII, em sete estâncias. A mais antiga, por ordem cronológica de doação, foi a que recebeu o comandante do Regimento de Dragões do Rio Grande do

Sul, coronel Tomás Luís Osório, em 1758, segundo despacho de Gomes Freire de Andrade. Envolvido em denúncias, esse militar foi enforcado em Lisboa, o que levou sua viúva e filhos a venderem a Manuel Bento da Rocha, capitão-mor do Rio Grande do Sul, a primeira sesmaria de Pelotas, hoje distrito do Laranjal, em 1779<sup>31</sup>.

Distante de Pelotas, morando no Ceará, mas conhecendo a riqueza da região, sobretudo dos rebanhos de gado, o português José Pinto Martins dedicava-se a salgar a carne, transformando-a em carne de sol, mas precisou mudar-se devido à seca que abatia aquele Estado e instalou-se no extremo Sul do Brasil. Assim, fundou em 1780 uma charqueada às margens do arroio Pelotas. A prosperidade do seu estabelecimento, justificada pela localização e pelos métodos empregados, estimulou a exploração, em larga escala, da atividade saladeiril no território rio-grandense. Em pouco tempo, o modo de conservação da carne foi adotado por outros estabelecimentos, de maneira que a salgação transformou-se numa indústria<sup>32</sup> poderosa, responsável pela própria organização da estância, antes mera empresa de coleta e pilhagem de gado. Tendo as charqueadas como principal base de desenvolvimento, Pelotas cresceu no que tange à população e transformou-se na cidade que seria, durante o século XIX, uma das mais ricas e adiantadas da Província do Rio Grande do Sul.

Conforme Alvarino Marques, José Pinto Martins não foi o pioneiro da indústria rio-grandense de charque, mas teve o mérito de ter descoberto o lugar ideal para a localização dessa indústria<sup>33</sup>. Segundo o mesmo autor, as charqueadas surgiram, ainda em meados do século XVIII, na região do atual município de Palmares do Sul e, posteriormente, seguiram pelo litoral em direção ao vale dos Sinos, às margens do Guaíba e ao baixo Jacuí acompanhando o povoamento e a instalação das estâncias.

---

<sup>31</sup> Cf. MAGALHÃES, Mario Osório. **História e tradições da cidade de Pelotas**. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1981. p. 20.

<sup>32</sup> Expressão adotada pelo historiador Alvarino Marques para se referir ao trabalho que envolvia a salgação da carne bovina.

<sup>33</sup> MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Evolução das charqueadas rio-grandenses**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990. p. 24-25.

Alvarino Marques registra que o trabalho nas charqueadas era tão estafante que não constituía em atrativo para homens brancos, nem mesmo para os que não possuíam terras<sup>34</sup>. Dessa forma, os charqueadores, seguindo a estrutura escravocrata, desde a fase açucareira, colocaram os negros em trabalhos compulsórios, escravizando-os nos saladeiros a fim de obter mão-de-obra. Os escravos eram submetidos a condições brutais, não tendo inclusive horário determinado de trabalho e recebiam toda sorte de castigos e violência, caso trabalhassem ineficientemente. O terror era o maior recurso para submetê-los à atividade desempenhada. Décadas mais tarde, essa brutalidade seria tema de produções literárias e discursos políticos, proferidos contra o regime escravocrata.

No século XIX, em 1814, recentemente estabelecidas as primeiras charqueadas ao longo do rio Pelotas, do canal São Gonçalo e do arroio Santa Bárbara, quase metade da população de Pelotas era constituída por homens negros. Para um total de 3.719 habitantes, havia 1.226 escravos, pois a indústria saladeiril, ao contrário do que sucedeu nas estâncias – onde o negro entrou em pequeno número -, construiu-se à base do trabalho cativo.

Apesar do grande número de trabalhadores escravos nas charqueadas, Pelotas fundou em 1881 o Clube Abolicionista, com o objetivo de lutar pela abolição dos escravos, a exemplo dos ideais difundidos pela *Sociedade Partenon Literário*. Em 1888, o município foi declarado oficialmente liberto da escravidão, cabendo ao advogado pelotense Ferreira Vianna, conselheiro do Império, redigir e assinar o texto da Lei Áurea, em que declarava extinta a escravidão no Brasil.

Alvarino Marques esclarece que os abates das charqueadas de Pelotas, em fins do século XIX, caíram pela metade devido ao aumento da concorrência no interior da Província<sup>35</sup>, uma vez que já estava ocorrendo em outras cidades a modernização do trabalho saladeiril, através da substituição de escravos por operários livres, que recebiam salário para trabalhar, e por maquinário, melhorando a qualidade do charque e

---

<sup>34</sup> Idem, p. 28-29.

<sup>35</sup> Idem, p. 105.

aumentando o tempo de conservação. A queda na produção começou a fazer com que excedesse a mão-de-obra escrava; além disso, a manutenção do mesmo número de trabalhadores escravos, tanto nas safras como nas entressafras, encarecia a produção nas charqueadas escravocratas, frente às concorrentes platinas que contratavam operários apenas durante os seis meses de safra. Alvarino Marques comenta que o regime de trabalho escravo trouxe grandes prejuízos para as charqueadas, pois o escravo era um trabalhador que produzia menos que o empregado livre e o produto de seu trabalho era, geralmente, grosseiro e de má qualidade<sup>36</sup>. Por essas razões, os charqueadores começaram a libertar a mão-de-obra escrava.

## **2.2 Outros tempos: a vida cultural**

A partir de meados do século XIX, Pelotas começou a se desenvolver no âmbito urbano formando, então, um ambiente cultural, primeiramente marcado pelas solenidades em praça pública que, segundo Mário Osório Magalhães, não foram raras na cidade naquele período. Qualquer data ou efeméride constituía motivo para rompanes de eloquência, quando os oradores quase digladiavam-se, em duelos de retórica. Tanto os discursos eram admirados e os oradores, cultuados, quanto eram conceituados os poetas e as recitações que permaneceram durante muito tempo na tradição oral das quadrinhas compostas por Antônio José Domingues na elevação de Pelotas à categoria de cidade e também nas comemorações do 7 de setembro, que todo ano era festejado com solenidade na praça principal. Em geral, esses poemas foram impressos somente após o surgimento da imprensa, cerca de vinte anos depois. Tem-se, de outra forma, a publicação da obra *Memórias Econômico-Políticas sobre a Administração Pública do Brasil*, de Antônio José Gonçalves Chaves, em 1822, no Rio de Janeiro, antes mesmo da chegada da imprensa em Pelotas.

---

<sup>36</sup> Idem, p. 108.

Outra forma de perceber a literatura em Pelotas é através dos inventários pesquisados pelo professor Jorge de Souza Araújo, em que “depois de Rio Grande e, naturalmente, Porto Alegre, Pelotas é o município mais representativo. Essa representatividade não se manifesta em números de bibliotecas como em Rio Grande, mas, de qualquer forma, desperta interesse óbvio pela disposição pelotense à leitura”<sup>37</sup>. Ao comentar sobre a “biblioteca mais rica de Pelotas”, Jorge Araújo conclui que é “uma livraria atenta ao modelo de leituras do século”.

Essas atividades isoladas constituíram as primeiras manifestações literárias na cidade de Pelotas, registrando a formação de uma literatura antes mesmo do surgimento da imprensa, marco inicial do conjunto de atividades organizadas envolvendo a literatura, entendido pelos teóricos Antonio Candido e Itamar Even-Zohar como sistema literário.

Conforme Antonio Candido teoriza, as manifestações literárias precedem a formação e consolidação de um sistema literário, e não estão organizadas, dada a imaturidade do meio, que dificulta a formação dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras<sup>38</sup>. No entanto, o período histórico era de estruturação social e, pelo fato de ser Pelotas um abastado centro comercial e industrial, convergiam para essa cidade os interesses artísticos, culturais, sociais e políticos do antigo Rio Grande.

O núcleo das charqueadas construiu fortunas sólidas entre os pelotenses e possibilitou, além da riqueza, o ócio dos charqueadores, principalmente nos tempos da entressafra. Com o tempo desocupado e o charque vendido a altos preços nos mercados, os industrialistas vieram fixar residência na vila que se erguia próxima aos saladeiros. Em Pelotas, construíram sobrados, muitos dos quais edificadas por engenheiros europeus. Ajudaram economicamente o País, nas suas lutas internas e

---

<sup>37</sup> ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Ilhéus: UESC, 1999, p. 293.

<sup>38</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p. 24.

externas, recebendo em troca títulos nobiliárquicos. Mandaram seus filhos estudar no Rio de Janeiro, em Buenos Aires e na Europa – Portugal e França. Fizeram com que se desenvolvesse uma sociedade cheia de lazer para as coisas do espírito e para os encantos da sociabilidade.

Pelotas transformou-se no centro de tradição cultural do Rio Grande do Sul no século XIX. Pela própria natureza do trabalho desenvolvido nos saladeiros, os charqueadores puderam manter um padrão de vida em que se observa, como contrapartida da fortuna e do horror praticado nas charqueadas, o refinamento das maneiras e do espírito demonstrado na zona urbana. Aristocratas, cheios de prestígio e de riqueza, procuravam atenuar os gestos largos dos gaúchos de fronteira com as boas maneiras dos europeus. O empreendimento escravocrata das charqueadas rendeu riquezas e permitiu aos rígidos e severos rio-grandenses da região o contato com a Europa, o hábito da leitura, a freqüência aos teatros e aos salões.

Mario Osório informa que durante ao século XIX, na maioria das cidades brasileiras mais adiantadas, o salão atingiu uma importância enorme. Na formação de Pelotas pode-se dizer que isto representou, mais ou menos, o que a coxilha significou na constituição da Campanha rio-grandense: enquanto a coxilha simbolizava o espírito militar da história da Campanha, o salão representava o espírito cavalheiresco da história de Pelotas<sup>39</sup>.

Nos salões dos sobrados, eram tocadas as pavanais, as valsas, os minuetos. Surgiram os clubes - dentre todos, o mais importante foi o *Comercial* - fundado em 1881, e que foi visitado pela família imperial cinco anos após a inauguração. Os salões, assim como as sociedades que mais tarde foram fundadas, eram o cenário para os pelotenses exercitarem a rima e a retórica. Segundo Tynianov, o salão mundano representa a série social vizinha dos fenômenos lingüísticos “fato da vida social, o salão tornou-se

---

<sup>39</sup> MAGALHÃES, Mario Osório. Op. cit. nota n. 1, p. 37.

então um fato literário. Assim atribuímos formas sociais à função literária”.<sup>40</sup> Dessa maneira, vê-se o quanto a vida literária estava engajada na vida social.

As mulheres pelotenses passavam a maior parte do tempo nos sobrados, fazendo rendas e doces, estudando piano e dança e tomando lições particulares. Quando saíam, era em direção às igrejas, aos teatros, aos saraus familiares. Foi no Teatro Sete de Abril<sup>41</sup>, o mais antigo do País em funcionamento, que a sociedade pelotense desabrochou para os encantos da sociabilidade e para os mistérios da arte. Mario Osório afirma que algumas mulheres pelotenses possuíam talentos, como D. Mercedes Maciel Moreira, reconhecida como poetisa e musicista<sup>42</sup>.

Muitas companhias teatrais vindas de outros Estados brasileiros, como do Rio de Janeiro, e até mesmo, de outros países, como do Uruguai, passavam pelo porto da cidade do Rio Grande e iam apresentar-se no teatro da cidade vizinha, Pelotas. Os jornais locais anunciavam os espetáculos, entrevistavam os atores e comentavam a atuação, o figurino, o cenário e a temática apresentados. Quando os atores destacavam-se na atuação, os periódicos dedicavam-lhes uma publicação inteira, com o apoio dos leitores que escreviam cartas e versos em homenagem aos seus ídolos. Fato como esse ocorreu com Gemma Cuniberti, atriz de 9 anos de idade, Julieta dos

---

<sup>40</sup> TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. **Teoria da literatura**. Formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 115.

<sup>41</sup> O Teatro Sete de Abril surgiu a partir de uma sociedade dramática particular, a *Sociedade Cênica Teatro Sete de Abril*, com o objetivo de proporcionar às famílias pelotenses um meio de distração e, ao mesmo tempo, de divulgação da arte. Seu nome foi colocado pelos sócios da Sociedade Dramática existente na então Vila de São Francisco de Paula, atual Pelotas, que homenagearam com o nome de batismo a data em que o imperador Dom Pedro I abdicou do trono brasileiro em favor de seu filho, Pedro II, fato histórico considerado como segunda independência do Brasil. Foi inaugurado em 2 de dezembro de 1833, dia do aniversário de Dom Pedro II, ficando assim duplamente ligado à figura do Imperador. O Teatro Sete de Abril, ao longo de seus 174 anos, serviu de abrigo para diversos estilos de manifestações culturais, entre elas as apresentações de companhias de operetas e zarzuelas; companhias teatrais; concertos e recitais de música e poesia; espetáculos beneficentes de toda a espécie; palestras políticas, além do próprio cinematógrafo que desde o início do século XX caiu no gosto dos pelotenses. Recebeu em seu palco nomes como João Caetano, Itália Fausta, Procópio Ferreira e a grande cantora pelotense Zola Amaro. Ver informações no site: [www.teatrosetedeabril.com.br/memorial/memorial.htm](http://www.teatrosetedeabril.com.br/memorial/memorial.htm). Acesso em 18/10/2008.

<sup>42</sup> MAGALHÃES, Mario Osório. Op. cit. nota n. 1, p. 26.

Santos e Francisco Moreira de Vasconcelos, cujos nomes foram lembrados em edições especiais dos periódicos *Tribuna Literária* e *Arauto das Letras*, nos anos de 1881 e 1882, respectivamente.

Como incentivadores da cultura musical, destacaram-se a Filarmônica Pelotense, o Clube Beethoven, a Sociedade Recreio dos Artistas e as Bandas de Música. Também eram realizados os vesperais promovidos pela Biblioteca Pública e os concertos do professor e compositor Sá Pereira. Pelotas, no seu passado, apoiou grandes nomes de arte musical, capazes de atingir o espírito popular e a admiração de autores clássicos. Um exemplo é Zola Amaro, a primeira soprano do Brasil que alcançou a celebridade mundial. Cantou em Buenos Aires, em Veneza, em Roma, em Florença, em Haia, em Amsterdã e no *Scala* de Milão.

Outro divertimento dos pelotenses, no século XIX, segundo Mario Osório Magalhães, eram os passeios nas noites de verão em que a sociedade ia encontrar-se na então D. Pedro II onde havia, no jardim fronteiro ao Teatro Sete de Abril, um serviço de bar ao ar livre, com mesinhas redondas e bancos, e um rinquê de patinação. Nas tardes de domingo, o programa era um passeio de carro ou de bonde, indo às vezes ao Prado. As carreiras figuravam entre as diversões populares como uma festa tradicional do Rio Grande do Sul e, por volta de 1870, eram realizadas num Prado, localizado além da atual estação férrea. Mais tarde, foi fundado o *Derby Club*, no atual bairro Fragata, vindo a preceder ao Jockey Club, fundado em 1930<sup>43</sup>.

O mesmo historiador afirma ainda que, durante os passeios urbanos, os pelotenses deliciavam-se com a tradição gastronômica da cidade, que se tornou célebre graças à confecção de doces, bolos, geléias, compotas, frutas cristalizadas. Nas velhas casas senhoriais, eram preparadas sobremesas, cujas receitas eram transmitidas em segredo de geração a geração. Nas confeitarias, como a da Floriano, a da 15 de Novembro e a Dalila eram vendidos, desde então, muitos doces feitos por

---

<sup>43</sup> Idem, *ibidem*.

mãos de escravas que, em ocasião de festa, eram mandadas à Corte para garantir a produção dos doces mais tradicionais de Pelotas<sup>44</sup>.

Por ser uma cidade extremamente marcada pela presença africana, seu carnaval de rua atingiu notoriedade. No passado mais remoto, essa festa popular guardava muita reminiscência dos cantos e danças dos antigos escravos; os clubes que saíam às ruas, com seus estandartes bordados a ouro, é claro que já em parte dissimulados. Com o tempo, foram se misturando a esses traços primitivos as alegrias e os brinquedos europeus. Eram confetes, serpentinas e lança-perfumes; carros alegóricos e corsos; fantasias de Pierrô, de Colombina, de trajes típicos de todo o mundo, homens vestidos de mulher, num desafio às convenções nas ruas e nos salões dos clubes *Diamantinos*, *Brilhante*, *Congo*, *Terríveis*, *Demócritos* e o *Satélites de Momo*, entre outros.

A cultura da cidade de Pelotas manteve-se em alta até o momento da crise que abalou o município no início do século XX, tendo como ponto máximo a quebra do Banco Pelotense. Essa instituição foi fundada em 1906 e conseguiu instalar pelo Brasil sessenta e nove filiais, sendo, contudo, obrigado a fechar, em 1931, após o envolvimento em problemas políticos. O fato abalou o desenvolvimento da cidade de Pelotas, que jamais se recuperou. Da opulência restou apenas a história e a tradição do passado imponente de uma sociedade.

## **2.3 Vida literária**

### **2.3.1 Imprensa**

A imprensa pelotense, mesmo tendo começado sua atividade depois da de Porto Alegre e de Rio Grande – Pelotas foi a sexta localidade no Estado a possuir um jornal-, não demorou a se equiparar à da capital gaúcha. O surgimento da imprensa foi o primeiro passo para a formação da literatura local e, por conseqüência, do sistema literário pelotense, tendo em

---

<sup>44</sup> Idem, p. 46.

vista a organização dos fatores necessários para constituí-lo. Na cidade de Pelotas, durante o século XIX, a pequena imprensa atingiu grande desenvolvimento e manteve o propósito de moralizar a sociedade, controlando os hábitos culturais e direcionando as opiniões com relação aos assuntos políticos e econômicos.

Durante a segunda metade do século XIX, os jornais pelotenses eram numerosos e muitos deles, tiveram excelente repercussão entre os leitores. Dentre os que mais se salientaram estão: *O Pelotense* (1851-1855); *O Brado do Sul* (1855-1861), editado por Domingos José de Almeida; *Jornal do Comércio* (1870-1882) fundado por Antonio Joaquim Dias, proprietário até 1875<sup>45</sup>. Além desses, o também o *Cabrion* (1879-1889), de propriedade do português Araújo Guerra e do litógrafo francês Eduardo Chapon, que, entre abril de 1887 e janeiro de 1890, editou o semanário *A Ventarola* (1887-1890), ambos jornais ilustrados; *O Noticiador* (1854-1868) segundo jornal pelotense, *Ramilhete Rio Grandense* (1857) e o *Jornal de Pelotas* (1861), todos do alemão Carlos Koseritz; *A Pátria* (1886-1891), fundado pelo português Albino Costa, que em fevereiro de 1888 associou-se ao empreendimento Ismael Simões Lopes e que a partir de 15 de outubro de 1888 assumiu sozinho o jornal até seu desaparecimento; *Diário de Pelotas* (1868-1889), órgão do partido liberal, de propriedade de Ernesto Augusto Gernsgross; *Onze de Junho* (1868-1889), de Antonio da Silva Moncorvo Junior, que surgiu em Jaguarão, e depois de alguns anos seu proprietário transferiu-o para a cidade de Pelotas, a serviço do Partido Conservador. Desapareceu por algum tempo, voltando abolicionista e sem filiação a partido político. *A Discussão* (1881-1888), órgão abolicionista, de propriedade de Fernando Osório, Epaminondas Piratinino de Almeida, Saturnino Arruda e Marçal Escobar; *A Voz do Escravo* (1881-?), *Radical*

---

<sup>45</sup> Nesse ano, Antônio Dias vendeu o *Jornal do Comércio* a Arthur Lara Ulrich com o compromisso de não fundar na cidade de Pelotas outro jornal ou oficina tipográfica, mas contrariando as expectativas fundou o *Correio Mercantil* (1875-1915) - em que trabalhou Simões Lopes Neto -, de sua propriedade até 1892 e de seu filho, César Dias, até 1906.

(1890-?) – de Francisco Paula Pires, Carlos B. Reinault e Julio Soeiro, *O Farrapo* (1889-?) que também prestaram grandes serviços à campanha republicana; a *Opinião Pública* (1896-1960); e o *Diário Popular* desde 1890 em circulação, era de Theodoro Menezes<sup>46</sup>.

Outros jornais utilizaram nomes estranhos e pitorescos, como *Zé Povinho* (1883-?), de Francisco Rodrigues Noronha; *Cavação, Pervigil* (1882-1883), *Invisível, Bilontra, Psiu, Ferula* (1881-1882), *Micuim* (1885), *Investigação, Amolador* (1890) e *Indiscreto* (1889).

A união da imprensa com a literatura gerou o jornal literário que foi muito útil na obtenção dos objetivos intelectuais dos gaúchos e que, em pouco tempo, foi adotado pelas cidades mais desenvolvidas da Província. Em grande circulação, os jornais literários deixavam claro o seu estilo jornalístico expressos por meio dos nomes: *Progresso Literário* (1877-?), de Teodoro de Souza Garcia e João José Cezar; *Álbum Literário* (1874-1875), de Virgilino Rodrigues de Azevedo; *Arauto das Letras* (1882-1883), de Octaviano A. de Mello; *A Pena* (1884), Órgão do Clube Apolinário Porto Alegre, responsabilidade de Luiz Carlos Massot e outros; e *Tribuna Literária* (1882), de José Gomes Corrêa, entre outros.

O marco da imprensa na cidade de Pelotas foi o lançamento, em 7 de novembro de 1851, do primeiro jornal da cidade: *O Pelotense*. Esse jornal circulou até 21 de março de 1855, como um periódico comercial, político e de notícias.

*O Pelotense* manteve as seguintes seções principais: “Correspondências”; “Edital”; “Comércio”; “Folhetim”, localizado na parte inferior da primeira página e apresentando *O Corsário*, de Caldre e Fião; “Variedades e Literatura” trazia poemas, contos, comentários a respeito de alguma companhia teatral e artigos de costumes; “Anúncios”, de todos os tipos, comerciais, pessoais, etc.; “A pedido”, notícias sobre doações da sociedade, e avisos marítimos, para onde e quando saíam os vapores – as

---

<sup>46</sup> Esses dados, bem como todos os outros referentes a datas de início e fim de funcionamento de jornais e seus respectivos proprietários foram coletados pelos pesquisadores do projeto Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1850-1889) e estão disponíveis no CD-Rom elaborado pelo professor Rildo Cosson e cedido para consulta.

três últimas ocupavam sempre a última página. Além disso, incluía seções distribuídas aleatoriamente de acordo com o surgimento das notícias, tais como: “Exterior” apresentava matérias de fora da cidade, da Província e do País; “Interior” trazia artigos que versavam sobre questões referentes à cidade; “O Pelotense”, notícia com opinião; “Delegacia de polícia”, expediente da delegacia de polícia; e “Indústria”. Segundo o editorial, os artigos de literatura ou de ciências eram inseridos gratuitamente, demonstrando o interesse em veicular as letras locais e proporcionar ao leitor o acesso à informação científica<sup>47</sup>.

A edição do jornal ficava por conta de Cândido de Mello e José Antonio da Silva Chaves<sup>48</sup>. O corpo editorial do periódico *O Pelotense* era constituído por José Antônio do Valle Caldre e Fião, José Antônio da Silva Chaves, Lorenzo Torres, Cândido Augusto de Mello, Loureiro, Jacintho I. Godinho, Z, João José de Miranda Abreu, Francisco de Paula Ferreira e Tomás Campos<sup>49</sup>.

Conforme pesquisas realizadas por Ana Paula Calderan, em 1875, iniciou a publicação de outro jornal que teve papel importante e que se pretendia apenas noticioso: o *Correio Mercantil*, de propriedade do republicano e abolicionista Antonio Joaquim Dias<sup>50</sup>. O Editorial, do *Diário de Pelotas*, de 28 de abril de 1882 registra a crítica sobre Antonio Dias pelos jornais de oposição:

É impossível acompanhar o *Correio* em suas estiradas lamúrias, em seus arroubos de diário *imparcialíssimo* e

---

<sup>47</sup> Esses dados constam na pesquisa e no CD já referenciados, e no artigo de Andréa de Souza Iunes, realizado sob orientação da professora Cíntia Schwantes, intitulado *A ephoca da luz*.

<sup>48</sup> Não foi possível construir uma biografia deste último por falta de documentos e dados. Quanto a Cândido de Mello, sabe-se, através de notícias dos jornais, que era um português que chegou a Rio Grande numa companhia dramática, e depois foi para Pelotas.

<sup>49</sup> Dos colaboradores citados apenas Caldre e Fião tem biografia conhecida. Foi médico, romancista, poeta e ensaísta. Exerceu também as funções de professor e jornalista. Ficou conhecido no campo da literatura pela fundação do Partenon Literário, em 1868 e pelos folhetins *A Divina Pastora*, novela rio-grandense, e *O Corsário*, publicado no jornal *O Americano*, no Rio de Janeiro, e no próprio jornal *O Pelotense*.

<sup>50</sup> Ana Paula Calderan. **Antonio Joaquim Dias**: dados biográficos e trajetória de um imigrante e jornalista no extremo sul do Brasil no séc. XIX. 2005. 25 f. Monografia. Campus Universitário Bezerra de Menezes Faculdades Integradas Espírita, (2005).

essencialmente doutrinário; mas, no entanto, é sempre fácil demonstrar á evidencia as contínuas decepções por critério, a leviandade com que transmite notícias falsas - chegando a contradizer-se em meia dúzia de linhas.<sup>51</sup>

Dias destacou-se também por seu tino comercial, pois num momento em que novos jornais eram lançados e poucos sobreviviam, ele teve o mérito de ver seus principais jornais consolidados e com um bom público por muitos anos.

O historiador Francisco Rüdiger registra que o *Correio Mercantil* consagrou-se como “catedral de saber e evangelização moral” e que introduziu o uso do maquinário a gás na imprensa da Província, procurando dotar-se de modernos equipamentos tipográficos:

Foi uma das primeiras folhas a estabelecer serviço telegráfico regular para transmissão de notícias (1881), inclusive do Rio de Janeiro, apesar dos altos custos. Um dos poucos jornais a manter posição independente no interior do Rio Grande, tentou montar uma estrutura empresarial. Por volta de 1895, por exemplo, abrigava em suas instalações um total de 25 empregados, assim distribuídos: Administração: 3, Redação: 4; Circulação: 3; Oficinas: 15. Com base nesta organização, *O Correio Mercantil* manteve constante o crescimento de suas tiragens, que, no período de 1890-1895, passaram dos dois para os 3.500 exemplares – número significativo para a época.<sup>52</sup>

A imprensa pelotense foi se instalando e ganhando espaço à medida que cada jornal era lançado, estabelecendo-se uma rede de relações entre produtor (proprietários e colaboradores dos jornais), produto (jornal e idéias por ele transmitidas) e consumidor (público leitor ou não), conforme Even-Zohar. Seguindo em direção à construção de um sistema literário, cuja chancela era dada pela credibilidade dos intelectuais, proprietários dos

<sup>51</sup> EDITORIAL. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 28 abril 1882, n.95, p.1.

<sup>52</sup> RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.47.

periódicos, aos poucos, foram surgindo colaboradores ligados a partidos políticos, mas esses manifestavam suas idéias em textos publicados em outros jornais a fim de tentar manter o caráter imparcial dos diários noticiosos.

Pelotas também contava com periódicos políticos de tendência republicana e abolicionista. No âmbito das folhas político-partidárias, a imprensa de Pelotas contou com alguns periódicos, dentre os quais destacam-se como os de maior expressão *A Voz do Escravo*, *Radical* e *O Farrapo*.

*A Voz do Escravo*, impressa na tipografia do jornal *A Discussão*<sup>53</sup>, divulgava as idéias do órgão abolicionista. Embora a folha existisse há mais tempo veiculando as idéias do grupo, o Clube Abolicionista, entidade emancipadora, foi fundado apenas em 21 de agosto de 1881. Da diretoria faziam parte Epaminondas Piratinino de Almeida<sup>54</sup>, na função de presidente da associação; Marçal Pereira de Escobar, como vice-presidente; Antônio da Silva Moncorvo Júnior e Serafim Antônio Alves, primeiro e segundo secretários, respectivamente; Antônio Rodrigues de Souza, tesoureiro. A Associação tinha por diretores: Artur Guilherme da Costa, Hipólito Gonçalves Detroyat, Francisco de Paula Pires, Cipriano da França Mascarenhas e Luiz Felipe de Almeida, e por procurador Manoel Conceição da Silva Santos. Através de seus sócios, o clube colocava em circulação uma folha com a finalidade de “transmitir aos nossos concidadãos os gemidos, os lamentos, as queixas do nosso semelhante, que em pleno século XIX ainda se acha fora da humanidade e privado de todos os seus direitos individuais e políticos.”<sup>55</sup>

A folha apresentava as seguintes seções: “A Voz do Escravo”, com comentários em defesa da causa abolicionista, a cada número eram

---

<sup>53</sup> Esse jornal circulou em Pelotas entre os anos de 1881 e 1888. Seus responsáveis eram Fernando Osorio, Epaminondas Piratinino de Almeida e Saturnino Arruda.

<sup>54</sup> Apesar de terem sido feitas pesquisas no setor de inventários e testamentos do Arquivo Público de Porto Alegre, não foi possível obter dados a respeito das biografias desses intelectuais.

<sup>55</sup> A VOZ do escravo. **A Voz do Escravo**. Pelotas, 30 jan. 1881, n. 2, p. 1.

apresentados fatos de intelectuais do Brasil e do exterior que apoiavam a causa; “A emancipação”, com notícias a respeito de entidades emancipatórias que eram fundadas na Província e no Brasil, de como ocorreu a abolição da escravatura em outros países europeus, e cartas de estrangeiros apoiando a propaganda abolicionista no nosso país; “Transcrição”, seção que apresentava as correspondências de Joaquim Nabuco dirigida à Câmara dos Deputados de Portugal, ao *Diário de Notícias*, de Lisboa; e, “Ocorrências”, com casos de morte, maus tratos e comércio de escravos. Também eram publicados contos e poemas de forma aleatória e sem uma seção específica. Esses textos apresentavam temática escravocrata e, em geral, eram assinados por Francisco de Paula Pires e Bernardo Taveira Júnior. Este último, sendo membro da *Sociedade Partenon Literário*, representava a influência da instituição a que se vinculava, e transmitia os ideais partenonistas aos colegas professores e jornalistas por meio de suas produções que veiculavam ao lado das publicações dos intelectuais pelotenses. Assim, os colaboradores do *Partenon* incentivavam o desenvolvimento das idéias libertárias nas cidades do interior, como Pelotas, ao mesmo tempo em que davam credibilidade aos jornais locais nos quais seus textos eram publicados.

Através dos artigos veiculados em *A Voz do Escravo*, percebe-se o empenho em estimular os intelectuais da região na fundação de sociedades abolicionistas, conforme se lê no seguinte texto:

A cidade de Pelotas, uma das mais ricas do império, e sem dúvida alguma, a mais importante do Sul da Província, ainda não possui uma Sociedade Abolicionista. *A Voz do Escravo* lança a semente e espera em breve vê-la convertida em realidade.<sup>56</sup>

Os colaboradores demonstravam que mantinham contato com os grandes abolicionistas do País, como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio. Desse último apareciam, seguidamente, transcrições de textos em que

---

<sup>56</sup> SOCIEDADE Abolicionista. **A Voz do Escravo**. Pelotas, 1º mai. 1881. n. 6, p. 3.

defendia os ideais anti-escravocratas. Também eram citados autores estrangeiros que apoiavam o pensamento de libertação dos negros. Na publicação de número dez, foi transcrita a carta que Ramalho Ortigão escreveu de Lisboa ao *Jornal do Comércio* em que comentava a respeito das associações fundadas no Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira contra a Escravidão e Associação Central Emancipadora como corporações e benefícios prestados a um milhão e quinhentos mil homens que ainda são escravos na América do Sul. O escritor português afirmava que com o apoio de outras sociedades como a Inglaterra, Estados Unidos, Espanha, França conseguiram atrair a atenção para este país e a simpatia de todos os homens que na política, na ciência e na arte consagram a felicidade humana através da aliança dos espíritos e pela reconciliação das nacionalidades. Constatase, assim, que *A Voz do Escravo* tinha na divulgação dos ideais abolicionistas o seu objetivo primeiro.

Em 1889, ano da efervescência da campanha republicana, a imprensa pelotense contou com uma folha de grande força política, *O Farrapo*, que chegava para lutar bravamente pela vitória de República, pertencia à União Republicana<sup>57</sup>.

Os redatores e colaboradores de *O Farrapo* mantinham contato com os republicanos das mais diversas partes do Brasil. Em cada número, os artigos da seção “Boletim Republicano” traziam notícias a respeito de novas adesões ao Partido Republicano e de visitas que eram feitas a muitas cidades em campanha aberta para convencer mais pessoas a se filiarem ao partido. A seção trazia comentários a respeito de banquetes, festas e recepções organizadas para receber partidários de todo o País em várias cidades da Província sulina.

Outro fato importante divulgado nesse periódico foi a abertura do Partido Republicano às mulheres, entre as quais, Cândida Ramos Barros,

---

<sup>57</sup> Infelizmente, foi possível resgatar apenas seis números do jornal. Apesar de ser uma amostra pequena, pode-se perceber a força republicana da folha.

Julieta de Mello Monteiro e Revocata Heloísa de Mello<sup>58</sup>, permitindo-as, ainda que em número ínfimo, aderissem à causa.

A Sociedade União Republicana de Pelotas era uma espécie de filial, assim como havia nas demais cidades gaúchas, da União Republicana da Província. Tal afirmação pode ser comprovada pela seguinte notícia: “Em Rio Grande realizar-se-á, hoje, uma reunião para tratar da fundação da Sociedade União Republicana”<sup>59</sup>. *O Farrapo* era um dos meios pelo qual a diretoria da sociedade republicana comunicava-se com o público leitor e com os demais partidários da região.

Lê-se em vários artigos a influência exercida pelos políticos do interior do Brasil sobre os militantes pelotenses, como é o caso do discurso pronunciado pelo “eminente escritor Quintino Bocaiúva, no banquete político oferecido pelos republicanos paulistas, devido sua eleição a chefe do partido republicano brasileiro”:

Quintino Bocaiúva exprime a doutrina republicana em todas as esferas e os benefícios que pode trazer à nação. Pretende transformar a sociedade e assentá-la sobre as bases da liberdade, do direito e da justiça, sendo que a monarquia com o poder absoluto em uma só pessoa, submete as pessoas a uma escravidão moral da consciência. Espera a adesão de toda a sociedade, da mocidade para lutarem pela felicidade geral da nação.<sup>60</sup>

De igual forma, o semanário publicava os artigos críticos de Rui Barbosa, possivelmente como forma de mostrar à sociedade que a campanha republicana contava com nomes de destaque da política brasileira, assegurando, dessa forma, a seriedade e a importância do movimento, uma vez que tais políticos estavam mobilizados pela causa.

---

<sup>58</sup> As duas últimas fundaram e mantiveram, entre os anos de 1883 a 1943, o jornal *O Corimbo* que se pretendia composto por textos de leitura amena, agradável e recreativa, embora admitisse vez por outra opinar a respeito de assuntos “seriamente desagradáveis”, conforme Maria Luiza Tavares Ferreira afirma no artigo intitulado “*O Corimbo: um empreendimento feminino*”, incluído no livro *Imprensa e história no Rio Grande do Sul*, organizado pelo Prof. Dr. Francisco das Neves Alves.

<sup>59</sup> **O Farrapo**. Pelotas, 16 jun. 1889, n.7, p. 3

<sup>60</sup> BANQUETE Político. **O Farrapo**. Pelotas, 16 jun. 1889, n.7, p.4.

O ideal republicano brasileiro impregnou-se do liberalismo europeu, principalmente das idéias em voga na França. Assim, nota-se a influência dos políticos franceses no pensamento e organização dos intelectuais partidários pelotenses, conforme declara João Tolentino, em artigo publicado em *O Farrapo*:

As grandes idéias só com sangue podem escrever nas instituições.

O patriotismo selvagem de Danton, as dúvidas terríveis de Robespierre, a frouxidão de Vergniand, o fanatismo de Saint-Just encheram a França de sangue, é verdade, mas esse sangue esparzido por todo o mundo encravava idéias nas consciências de todos os povos, elevava o homem à altura do homem, assombrando o mundo com a onipotência do seu direito e com a onipotência da sua força!<sup>61</sup>

Na seqüência cronológica do desenvolvimento da imprensa pelotense, surge outro jornal político-partidários *O Radical*, uma folha publicada nos primeiros seis meses do ano de 1890<sup>62</sup>.

Contando apenas vinte e cinco números, essa folha de publicação semanal tinha por proprietários Francisco de Paula Pires, Carlos Bandeira Renault, que, por ser nomeado a cargo público em março, foi substituído por João Tolentino, e Julio Soeiro – que deixa de fazer parte da redação no segundo mês de publicação da folha. A respeito dos proprietários do *Radical* sabe-se apenas que usavam pseudônimos para assinar as publicações, pois não deixaram nem mesmo documentos de inventários ou testamentos<sup>63</sup>.

O órgão do Partido Republicano lançou o primeiro número do *Radical*, incluindo a seguinte apresentação:

Folha essencialmente política, o *Radical* defenderá sempre a causa da federação; propagará, sempre que for

<sup>61</sup> TOLENTINO, João. 14 de julho. **O Farrapo**. Pelotas, 14 julho 1889, n.11, p. 2.

<sup>62</sup> Não foram encontrados mais exemplares nas bibliotecas e acervos do Estado gaúcho.

<sup>63</sup> Infelizmente, a falta de documentação impossibilita obter mais dados sobre essas figuras. Sabe-se, tão-somente, que foram homens que atuaram fortemente na imprensa e literatura de Pelotas, como pode-se constatar pelos textos dos jornais que dirigiam.

possível, as doutrinas positivistas; será defensor da liberdade de cultos, do casamento civil e da secularização dos cemitérios, como corolários da grande naturalização. Além das notícias políticas, apresenta uma seção literária, cuidada com o maior devotamento<sup>64</sup>.

Rüdiger comenta que os partidos políticos encarregavam-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Assim, o jornalismo ganhou, com a forma político-partidária, um conceito, tornando-se meio de formação doutrinária da opinião pública.<sup>65</sup>

O jornal teve por colaboradores<sup>66</sup> os seguintes escritores e poetas que enviaram textos para a redação ou que nele tiveram seus textos publicados: Marco Antonio, Vasco Diniz, Manoel da Horta, C. Bandeira Renault, Antonio J. Ferreira de Campos, Luiz Delfino, Gavroche, Joseph Guerrin, Marylandico, Raul Falcão, Filinto, E. Calisto, João Tolentino, Armino Paraná, Bernardo Taveira Júnior, Mardecar, Antonio Pinto A. Correa, Hermínio, João Felpudo, Machado Tavares (Cervantes), J. C. Vital de Oliveira, São Pafúncio, S. Jerônimo, Dário Velloso, Cláudio de Almeida, Alcibiades Villar, Presciliana Duarte, R. M. da Silva, Cândida Abreu, Maria Vilhena, X. P., Bruno Seabra, Julia Cezar Cavalcanti, A. M., Mario, Lycio de Carvalho, Medeiros e Albuquerque, Julio Salusse, Basílio da Gama, Zero, João Domingos da Cunha<sup>67</sup>.

Os jornais político-partidários deixam claro que o produto vendido era o periódico, mas o elemento da troca simbólica era o ideal de emancipação, cuja influência veio de outras cidades do País que também conservavam o sistema escravocrata e, até mesmo, do exterior, como a França, que passava por um processo de transformação econômica, e servia de exemplo para os intelectuais brasileiros. Esses, aproveitando o momento

<sup>64</sup> EDITORIAL. **Radical**. Pelotas, 5 jan. 1890, n. 1, p. 1.

<sup>65</sup> RÜDIGER, Francisco Ricardo. Op. cit. nota n.19, p. 35-36.

<sup>66</sup> Os colaboradores eram de várias cidades, muito poucos de Pelotas.

<sup>67</sup> Alguns são nomes conhecidos apenas por terem vários textos publicados nos jornais pelotenses, outros são pseudônimos e outros permanecem no anonimato por falta de dados que possibilitem a identificação.

de apogeu cultural, utilizavam as artes como ferramenta de organização coletiva e meio pelo qual transmitiam as suas idéias de progresso econômico, político e intelectual. Os consumidores, por sua vez, adotavam o modelo de comportamento divulgado por aqueles que queriam organizar a sociedade pelotense em desenvolvimento.

Assim agia a imprensa pelotense que contou também com periódicos destinados a estimular o desenvolvimento da literatura local, veiculando poemas, contos e folhetins. Os jornais de tendência literária traziam anúncios de livros e cursos noturnos. A maioria de seus colaboradores também publicavam textos em semanários noticiosos e políticos, escrevendo em jornais dedicados à literatura, como o *Tribuna Literária*.

*Tribuna Literária* era de propriedade de José Gomes Corrêa e tinha como redatores, além do próprio Gomes Corrêa, Francisco de Paula Pires, Laranja Júnior (Filho), Albino Costa, Paulo Marques e Francisco de Paula Maiwald. O *Tribuna Literária* contava, também, com a colaboração de Alcides Lima, Damasceno Vieira, Candida Abreu, Julieta Monteiro, Dircêo<sup>68</sup> e, em meados de janeiro, integrou o grupo a poetisa Luiza Cavalcanti Filha, de apenas quatorze anos. Todos eles escreviam poemas e charadas. Havia também a colaboração esporádica de autores como Revocata Heloisa de Mello, Freitas de Guimarães e outros identificados apenas sob os pseudônimos Nemrod e Graphus, que participavam do jornal com a composição das charadas e logogrifos. O jornal também contava com a colaboração de João Batista Martins de Freitas, agente na cidade de Rio Grande.

O conto e a poesia eram os gêneros literários de maior circulação no *Tribuna Literária*. Na poesia, a forma fixa de maior destaque era o soneto. Seus temas, que estavam voltados mais para a sociedade urbana, eram predominantemente românticos, tratando de amor, exaltação à natureza

---

<sup>68</sup> Pseudônimo de uma das colaboradoras do jornal, que não foi possível identificar com precisão.

local, saudade da terra natal ou do passado, representado pela infância e pela família. Além desses, tematizavam a exaltação de figuras heróicas ou mesmo locais que tinham grande representatividade na sociedade regional; a instrução pública; e, principalmente, o comportamento feminino, como forma de manual de conduta moral, aconselhando e alertando às mulheres sobre seus deveres e atividades na sociedade pelotense. O *Tribuna Literária* trata também de política e deixa claro o seu apoio à República, através de ensaios e até mesmo de poesias contra a escravidão.

O jornal publicava os ensaios de crítica literária de Francisco de Paula Pires, nos quais o autor procurava, como afirma Carlos Baumgarten, “atestar a permanência do debate em torno da nacionalidade da literatura brasileira e sua autonomia em relação à portuguesa.”<sup>69</sup> Nessa época, a crítica literária sul-rio-grandense estava ainda na primeira fase, mas sua divulgação, pela Província do Rio Grande do Sul, crescia por meio da literatura de imprensa.

Outro jornal literário de importância na imprensa pelotense, já no final do século XIX, foi *A Pena*. Esse jornal apareceu em 1884 como órgão do Clube Apolinário Porto Alegre, tendo por responsável Luiz Carlos Massot. Além desse, formavam a comissão editorial Alfredo Ferreira Rodrigues, Guilherme Echenique, dono da editora Universal, e José Calero. O jornal também contava com outros colaboradores tais como: Francisco de Paula Pires, Bernardo Taveira Júnior, Assis Brasil, Lobo da Costa, Úrsula Lima, Álvaro Chaves, Antenor Soares.

*A Pena* tinha por programa os seguintes objetivos, publicados no primeiro número:

Apoiar os jovens iniciantes nas letras pelotenses a engajarem-se em problemas sociais relacionados à Liberdade. É um jornal de cunho emancipatório da escravidão na cidade de Pelotas, cuja venda dos

---

<sup>69</sup> BAUMGARTEN, Carlos A. **A crítica literária no Rio Grande do Sul** - do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p.73.

números formam a “caixa emancipatória” da causa abolicionista pelotense.<sup>70</sup>

A função desse periódico ia além de simplesmente informar ou divulgar literatura: era “um jornal de cunho emancipatório da escravidão na cidade de Pelotas, cuja venda dos números formam a “caixa emancipatória” da causa abolicionista pelotense.”<sup>71</sup> Dessa forma, o jornal incitava os leitores a se engajarem nas causas sociais.

Os escritores e colaboradores seguiam as idéias e os ideais difundidos pela *Sociedade Partenon Literário* que via Apolinário Porto Alegre como representante de tal intelectualidade. A exemplo dessa sociedade, que tinha por finalidade o desenvolvimento das letras no Rio Grande do Sul, fomentando as artes, a instrução pública e o debate político e cultural na Província, os escritores pelotenses desejavam, pautados por essas idéias, obter o progresso da sociedade a qual pertenciam. Para isso, promoviam atividades como saraus e palestras de instrução para o povo na Biblioteca Pública Pelotense, além de colaborar na *Revista do Partenon Literário* e participar das reuniões promovendo um intercâmbio cultural capaz de impulsionar a intelectualidade. *A Pena* foi um jornal que divulgou o ideário social abolicionista, causa essa defendida pelos sócios do clube que levava o nome de uma das figuras de destaque da literatura e da política gaúcha da época: Apolinário Porto Alegre. O cabeçalho do jornal trazia a informação de que o mesmo pertencia ao clube abolicionista Apolinário Porto Alegre. O nome do intelectual em destaque afirma a relação direta do grupo que o mantinha com o *Partenon Literário*.

Em biografia escrita por Álvaro Porto Alegre sobre Apolinário Porto Alegre há a seguinte afirmação: “Apolinário bate-se pela abolição imediata, sem indenização, alegando que com democrata, era abolicionista intransigente”.<sup>72</sup> Apolinário Porto Alegre foi o fundador do *Partenon Literário* e do Centro Abolicionista da Província. Esse Clube Abolicionista, ao qual *A Pena*

---

<sup>70</sup> PROGRAMA. **A Pena**. Pelotas, 6 jul. 1884, n. 1, p. 1.

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> PORTO ALEGRE, Álvaro. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: Thurmman, 1954. p. 30.

pertencia, era uma espécie de filial do Centro Abolicionista da Província, fundado em Porto Alegre. O jornal agia como órgão de divulgação das idéias renovadoras, por isso publicava textos que, na sua maioria, versavam a respeito da temática abolicionista, mesmo nos que se pretendiam literários, transformando o tema político em literário, visto que os escritores e jornalistas eram abolicionistas.

Regina Zilberman, em antologia organizada a partir das obras dos autores partenonistas, afirma que:

Poder-se-ia talvez atribuir à influência do Castro Alves a opção por este procedimento: seu compromisso com a causa da abolição teria encontrado eco nos rio-grandenses. Neste sentido, seria própria à poesia romântica esta fusão com o processo político<sup>73</sup>.

Regina Zilberman observa, porém, que essa fusão não era comum entre românticos nacionais em geral, mas mais especificamente entre os gaúchos, pois ela está “relacionada a todo um processo de amadurecimento político que vivia a Província neste dado momento.”<sup>74</sup> Dentre os treze jornais elencados para o *corpus* desta tese, *A Pena* demonstra, através dos textos veiculados, que pretendia desenvolver nos jovens o entusiasmo pela literatura e o interesse pelos assuntos sociais, unindo temáticas de ambos os setores.

Segundo Lothar F. Hessel, a influência das idéias partenonistas explica-se pelo fato de que:

O Partenon Literário assinala um dos momentos em que mais se aproximaram a literatura e a realidade, um dos instantes em que as letras mais se engajaram, em que as atividades literárias quase que só estiveram ao serviço de.<sup>75</sup>

<sup>73</sup> ZILBERMAN, Regina. **O Partenon Literário poesia e prosa** – Antologia. Porto Alegre: EST, 1980. p. 25.

<sup>74</sup> Idem, p. 27.

<sup>75</sup> HESSEL, Lothar F. et alii. **O Partenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: Flama, 1976. p. 193.

A afirmação de Hessel é confirmada no período estudado da formação da literatura na cidade de Pelotas. Os autores da época, preocupados com a conquista da abolição e da república, faziam campanha junto aos leitores por meio, principalmente, dos poemas como os compostos por Cândida Fortes, intitulado “Abolicionismo”, entre outros com títulos semelhantes<sup>76</sup>.

Em Pelotas, a sensibilização da sociedade e a arrecadação de fundos para libertar os escravos davam-se por meio do jornal e do teatro; em Porto Alegre, era utilizado para esse fim o teatro no qual eram apresentadas peças que comoviam o público e, com isso, conseguiam o dinheiro necessário para alforriar dezenas de negros. Assim, o grupo de intelectuais unia o trabalho pelo bem à divulgação da cultura e da arte.

A imprensa escrita da cidade de Pelotas marcou o século XIX, estando responsável pela propagação dos ideais e pela renovação do pensamento em uma sociedade em vias de se organizar, pretendendo igualmente atingir o desenvolvimento cultural daquela sociedade. O primeiro artigo do segundo número de publicação de *A Voz do Escravo* registra um comentário a respeito da importância da imprensa:

O que se apresenta aos nossos olhos diariamente são artigos ou anúncios de compra e venda de escravos, fuga de escravos, barbaridades cometidas contra os escravos, que ocupam sempre um lugar no jornalismo brasileiro, entretanto, é pelo jornalismo que se conhece do adiantamento moral de um povo. Através do jornalismo temos idéia dos outros povos e eles sobre nós, assim, por exemplo, a idéia que fazemos da Rússia e da Turquia.<sup>77</sup>

Apesar de as folhas, diárias e não-diárias, terem na sua maioria uma circulação irregular e de curta sobrevivência, eram consideradas

---

<sup>76</sup> Outros títulos recorrentes de publicações que tematizavam o fim da escravidão eram abolição, liberdade, um brado, um sonho.

<sup>77</sup> A VOZ do escravo. **A Voz do Escravo**. Pelotas, 30 jan. 1881, n. 2, p. 1.

formadoras de opinião pública, principalmente em um período em que a imprensa era o meio de comunicação mais rápido. O primeiro número da terceira série do *Álbum Literário* traz uma observação a respeito da importância da imprensa escrita: “O jornal, quaisquer que sejam as suas dimensões, é sempre a pedra de toque por onde se verifica o quilate da sociedade que o alimenta...”<sup>78</sup>

Com relação à cultura de imprensa, pode-se observar que havia uma integração forte entre os intelectuais da cidade de Pelotas e de Rio Grande, principalmente nos assuntos ligados aos valores morais, sociais e culturais da população gaúcha.

Além da revista literária *Arcádia* (1867-1870), como exemplo da aproximação das duas cidades vizinhas, Rio Grande e Pelotas, no que tange aos jornais literários, em janeiro de 1882, na cidade de Pelotas, José Gomes Correa fundou o jornal *Tribuna Literária*, contando com a colaboração de escritores como Francisco de Paula Pires, Paulo Marques, Laranja Filho, Damasceno Vieira, Cândida Abreu, Luiza Cavalcanti Filha, entre outros; e de escritores rio-grandinos, Armando S., Julieta Monteiro identificada também pelo pseudônimo Marieta, Revocata Heloisa de Mello, além do agente do jornal, João Batista Martins de Freitas, que cuidava das notícias locais e da circulação do jornal na cidade do Rio Grande.

A ligação entre a imprensa das duas cidades confirma-se também pela aceitação em Rio Grande dos jornais lançados em Pelotas, como foi o caso de *A Voz do Escravo*, que recebeu da cidade vizinha o seguinte agradecimento:

Queremos agradecer aos nossos colegas da imprensa, nesta cidade, a maneira benévola que acolheram *A Voz do Escravo*. Faremos sempre o possível para continuarmos a merecer a simpatia da imprensa

---

<sup>78</sup> AO PÚBLICO. *Álbum Literário*. Pelotas, 1<sup>o</sup> mar. 1875, n. 1, p.1.

pelotense. Da mesma forma nos pronunciamos em relação à imprensa moralizada do Rio Grande.<sup>79</sup>

A integração cultural existente entre ambas as cidades mencionadas era efetiva. Essa afirmação baseia-se na constatação de que a imprensa atuava simultaneamente nas duas cidades do extremo Sul gaúcho, durante o final do século XIX, tendo como responsáveis escritores rio-grandinos e pelotenses que colaboravam com textos literários, publicando-os em folhas de várias cidades sul-rio-grandenses e formando o sistema literário da zona Sul do Estado.

Nesse âmbito, pode-se afirmar que a imprensa pelotense possuía, no final do século XIX, tendência panfletária, pois os jornais eram utilizados em sua maioria para defender idéias sociais e apoiar a república e o abolicionismo. Os jornais literários também seguiam essa atitude de movimento partidário. Uma das razões para isso é o fato de os colaboradores dos jornais partidários e literários serem os mesmos. Não raro ocorria de um jornal deixar de circular e o mesmo grupo mantenedor lançar outro tendo como proprietário um colega menos envolvido na defesa partidária. Solução diversa para as perseguições políticas era transferir o jornal para uma cidade próxima atribuindo-lhe nome diferente ou, então, não divulgar a quem pertencia o periódico e os colaboradores assinarem os textos, na maioria das vezes, usando pseudônimos.

Apesar da dificuldade para manter os jornais, os intelectuais pelotenses, que ocupavam posições diversas na sociedade, como advogados, escrivães, médicos, professores, jornalistas, alfaiates, não desanimaram e seguiram divulgando as suas idéias de liberdade tanto política quanto culturalmente. Assim foi surgindo o hábito da escrita e da leitura nos habitantes da cidade de Pelotas e a organização social ocorrendo por meio da cultura. Segundo Even-Zohar, “el trabajo principal de la cultura [...]es la

---

<sup>79</sup> OCORRÊNCIAS. **A Voz do Escravo**. Pelotas, 30 jan. 1881, n. 2, p. 4.

organización estructural del mundo que nos rodea”<sup>80</sup>. Entretanto, para transformar a cultura em ferramenta de organização cultural, é necessário que haja pessoas capazes de manuseá-la com competência, como houve em Pelotas durante a época de seu apogeu sociocultural.

### 2.3.2 Vultos pelotenses

A opulência de Pelotas, no século XIX, atraiu visitantes estrangeiros como, por exemplo, o naturalista francês Augusto Saint-Hilaire que, em visita à localidade, em 1820, hospedou-se na sede da charqueada de Antônio José Gonçalves Chaves e surpreendeu-se pelo fato de o anfitrião falar corretamente a língua francesa e possuir excelente biblioteca. O português Antônio José Gonçalves Chaves era conhecido como um homem culto. O naturalista, na sua obra, *Viagem ao Rio Grande do Sul*, de 1820, reconhece Gonçalves Chaves como “um dos homens mais competentes da região. Um homem culto, sabendo o latim, o francês, com leituras de história natural, conversando muito bem.”<sup>81</sup>. Gonçalves Chaves também foi escritor e publicou, em 1822, no Rio de Janeiro, a obra *Memórias Econômico-Políticas sobre a Administração Pública do Brasil*, considerada por Guilhermino Cesar uma das primeiras obras genuinamente regionais do Rio Grande do Sul<sup>82</sup>.

Outro nome que obteve destaque na sociedade pelotense do século XIX foi o de Antônio Joaquim Dias que fundou em Pelotas, no ano de 1869, o *Jornal do Comércio*. Algum tempo depois, vendeu-o para Arthur Lara Ulrich, comprometendo-se em não fundar outro jornal ou oficina tipográfica naquela cidade. Em 1875, Dias rompeu a promessa e fundou o *Correio Mercantil*, um jornal republicano e abolicionista, com posições moderadas e conservadoras.

---

<sup>80</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. La literatura como bienes y como herramientas. In: VILLANUEVA, Darío, MONEGAL, Antonio, BOU, Enric. **Sin Fronteras**. Ensayos de literatura comparada en homenaje a Claudio Guillén. Madrid: Castalia, 1999. p. 28.

<sup>81</sup> MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul** – um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: UFPel, Livraria Mundial, 1993. p. 129.

<sup>82</sup> CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1980. p. 109.

Antônio Joaquim Dias ocupou o cargo de vice-presidente da entidade. Em 1879, envolveu-se em um conflito na Biblioteca, porque, pretendendo eleger-se presidente do estabelecimento, propôs, em uma reunião anterior à eleição, o nome de quarenta e cinco novos sócios, o que garantiria a ele o cargo desejado. No entanto, um grupo da diretoria, denominado “grupo dos oito”, impediu a filiação desses novos sócios e apresentou uma chapa para concorrer à eleição, derrotando Dias. O dono do jornal *Correio Mercantil* ficou pelo menos dois anos afastado das atividades da Biblioteca e quase excluiu de seu jornal notícias sobre a instituição<sup>83</sup>.

Eliane Peres<sup>84</sup> diz que esses episódios mostram as divergências entre os homens da elite pelotense, na qual a heterogeneidade da sua composição e de seus interesses está expressa nos desacordos dos quais a Biblioteca foi palco. Para essa estudiosa, a idéia de que os interesses e o progresso da cidade estavam sempre acima dos interesses pessoais e das lutas políticas nem sempre condiziam com a realidade, pois muitos estavam atrás de projeção pessoal, prestígio e satisfação de seus interesses políticos.

De acordo com o texto escrito por Ana Paula Calderan:

além de se envolver na imprensa local e na instrução pública, Antônio Joaquim Dias tomou a iniciativa de construir em Pelotas um edifício destinado a amparar a mendicidade, solicitando, através do jornal *Correio Mercantil*, que a população da cidade fizesse doações para a construção dessa obra. Foi, portanto, fundador e presidente do Asilo de Mendigos, gesto visto como de grande caridade em prol dos desfavorecidos. Como diz o próprio jornal em relação a Dias, em 11 de março de 1892: “Com a Biblioteca enriqueceu a infância e com o asilo agasalhou a indigência”. Na verdade, o asilo realmente concedeu abrigo a pessoas que esmolavam nas ruas, mas rendeu também projeção aos seus fundadores.

---

<sup>83</sup> Essas informações constam no Cd elaborado pelo grupo de pesquisadores do projeto Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1850 – 1889), e disponibilizado pelo pesquisador Rildo Cosson à professora Maria Eunice Moreira, do PPGL/PUCRS.

<sup>84</sup> PERES, Eliane Teresinha. Algumas considerações sobre a gênese dos cursos noturnos de instrução primária no Brasil. **Espaços da Escola**, Ijuí, v. 4, n. 18, p. 5-17, 1995.

Dias também era membro do Clube Abolicionista e sócio protetor da Sociedade Musical União. Destacou-se pelo pioneirismo na telefonia de Pelotas, criando um posto telefônico e colaborando, ainda, para uma série de outras melhorias na cidade, entre elas a desobstrução da Barra do São Gonçalo e a construção de estrada de ferro de Pelotas para Bagé<sup>85</sup>.

Outro cidadão pelotense que colaborou para o crescimento intelectual do município foi Francisco de Paula Pires que, por dezesseis anos, ocupou o cargo de secretário da Biblioteca Pública Pelotense. Paula Pires atuou como professor do Colégio Honra e Trabalho, foi redator de dois jornais literários e colaborou no *Tribuna Literária* e no *Arauto das Letras*. Em seus artigos, combatia a escola romântica em favor do Realismo. Tornou-se muito conceituado por ser um intelectual de intensa atividade como escritor, autor de novelas, contos, poesias e crônicas. Obteve grande influência pelo papel que exerceu na história da literatura de Pelotas, sobretudo durante a década de 1880, incentivando o gosto pela leitura e divulgando poetas e prosadores de expressão regional como os amigos Lobo da Costa e Paulo Marques.

O ficcionista e poeta Paulo Marques de Oliveira Filho destacou-se na literatura local, pois condenou veementemente a corrente metafísica, batalhando em defesa do Realismo positivista, divulgado anteriormente por Carlos von Koseritz. Os tempos do final do século XIX anunciavam a chegada da tendência realista na literatura defendida por Koseritz que se tornou, portanto, a figura mais discutida do grupo pelotense.

No final do século XIX, as idéias de Augusto Comte foram amplamente difundidas, sobretudo na Província do Rio Grande do Sul, entre os militares e a escola realista, além dos muitos intelectuais que se identificavam com a doutrina positivista. Paulo Marques publicou um artigo no jornal *Tribuna Literária*, de 1882, sob o título “Como se interpreta o

---

<sup>85</sup> Ana Paula Calderan. **Antonio Joaquim Dias**: dados biográficos e trajetória de um imigrante e jornalista no extremo sul do Brasil no séc. XIX. 2005. 25 f. Monografia. Campus Universitário Bezerra de Menezes Faculdades Integradas Espírita, (2005).

positivismo”, no qual defende o Realismo e combate o Romantismo – que, segundo ele, corrompia e excitava as consciências mais puras. Nesse mesmo ano, em crítica literária publicada no *Arauto das Letras*, louvando o amigo Paula Pires, Paulo Marques declarou-se seguidor das idéias de Comte. Dentre os seus trabalhos, provocou escândalo literário o romance *Vênus ou o Dinheiro*, publicado em folhetim pelo jornal *Onze de Junho*, entre setembro e novembro de 1881. A polêmica decorreu em função de se tratar do romance mais atrevido de todos os publicados no século XIX, em terras do Rio Grande. O enredo do romance era típico do Realismo, com a preocupação de identificar no adultério feminino os erros de uma sociedade decadente, vítima da neurose romântica. Esse tema se encontra, na época, nas produções literárias de Zola, Flaubert, Eça de Queirós e Machado de Assis. Isso demonstra que os escritores pelotenses liam e seguiam os mais renomados mestres da literatura. Apesar de Pelotas ter iniciado as suas atividades culturais um pouco mais tarde, em relação a Porto Alegre e Rio Grande, conseguiu recuperar e acompanhar o desenvolvimento literário da Província.

Na penúltima década do século XIX, a literatura ativa da cidade de Pelotas contou com a publicação paralela de escritores como Lobo da Costa e Paulo Marques - um, expoente do Romantismo; o outro, precursor do Realismo no Rio Grande do Sul. Ambos os estilos literários provocaram, cada um a seu modo, uma agitação incomum nos meios culturais da cidade, além de mostrar o momento de transformação pelo qual a mentalidade da sociedade pelotense estava passando. O final do século XIX registra a metamorfose<sup>86</sup> cultural, social e mental expressa por meio da literatura de imprensa e deixa claro a grande importância que a atividade jornalística, vinculada à literatura, teve para a organização de tal sociedade.

---

<sup>86</sup> O período de transformação literária vivido pela cidade de Pelotas foi intenso e rápido, pois quando João Simões Lopes Neto despontou, no segundo decênio do século XX, a cidade, seguindo o momento literário pelo qual passava o Rio Grande do Sul, já não apresentava mais a mesma desenvoltura intelectual representativa de uma época em que a cultura atingiu o seu apogeu em manifestações literárias.

Alberto Coelho da Cunha, sob o pseudônimo de Vítor Valpírio, autor reconhecido que atuou como colaborador nas revistas *Arcádia* e *Partenon Literário*, foi considerado, ainda no século XIX, um precursor no regionalismo literário pelotense ao retratar com fidelidade o ambiente das charqueadas - posto que conhecia bem tanto o trabalho saladeiril quanto o sofrimento dos negros: era filho do Barão de Correntes, um renomado charqueador. Este contou com a amizade do cunhado Guilherme Echenique, dono da Livraria Universal, para divulgar o seu trabalho.

Para recompor o patrimônio literário do município de Pelotas, deve-se levar em conta, ainda, o trabalho dos escritores estrangeiros que vieram para a região Sul, como Antônio José Domingues, português, e Carlos von Koseritz, alemão. Ambos foram os dois primeiros estrangeiros a publicar em Pelotas, durante a década de 1850. De acordo com Mario Osório, Antônio José Domingues veio para o Brasil aos dezesseis anos de idade. Conhecia idiomas e era apaixonado pelo latim, dedicando-se ao magistério e à poesia<sup>87</sup>, influenciou poetas rio-grandenses, tais como Delfina Benigna da Cunha e Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, colaborou na imprensa pelotense com poesias esparsas e de discursos laudatórios, que fez imprimir na tipografia *Imparcial*, compôs o poema “O suicida salvo pelo amor e pela amizade”, editado em 1858 no Rio de Janeiro.

Carlos von Koseritz nasceu na Alemanha e veio para o Brasil auxiliar nas armas contra Rosas. Em Pelotas, desertou da legião alemã em 1851, aí permanecendo até 1864, onde criou um colégio e tornou-se professor, escriturário e jornalista. Na cidade, casou-se e publicou seus primeiros livros, incursionando pelo gênero didático, pelo romance, pelo teatro e pelas traduções. Koseritz destacou-se mais no âmbito da produção literária jornalística, em que divulgou seu pensamento renovador em obras de menor vulto, ou em trabalhos de simples divulgação, ao alcance do público leitor a que se destinava. Entre os anos de 1858 e 1860, escreveu mais de dez livros e foi o responsável pelo prefácio do livro *Poesias alemãs*,

---

<sup>87</sup> MAGALHÃES, Mario Osório. Op. cit. nota n. 48, p. 265.

de Bernardo Taveira Júnior, e pela introdução das *Poesias*, livro póstumo de Clarinda da Costa Siqueira.

Antônio José Gonçalves Chaves, Antonio Joaquim Dias, Francisco de Paula Pires, Paulo Marques de Oliveira Filho, Alberto Coelho da Cunha, Guilherme Echenique, Carlos von Koseritz são exemplos de intelectuais que merecem destaque pela sua atuação no cenário formador da sociedade pelotense, no século XIX. Todos agiram ativamente em prol do progresso da cidade, quer fundando instituições de auxílio social e intelectual quer melhorando, difundindo e registrando idéias. Esses homens atuaram como produtores de conhecimento e de aspiração intelectual, não apenas no âmbito da imprensa e da literatura, mas participaram de um conjunto de atividades organizadas de diferentes formas a fim de moldar a comunidade com base em um repertório preestabelecido por outras sociedades. A inter-relação de sistemas, sejam eles literários ou não, é explicitada pela origem dos intelectuais que se envolveram na construção de Pelotas, visto que entre eles havia pessoas de outros países, como Portugal, Alemanha, França, Itália, Espanha, e de outras cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e Porto Alegre, que certamente levaram consigo os modelos, hábitos, costumes e culturas de suas regiões e os aplicaram na construção dessa nova sociedade. Suas produções literárias veiculavam na imprensa local e em alguma compilação de textos publicada pelas próprias tipografias dos jornais que agiam como instituição controladora das idéias difundidas, antes do surgimento das editoras na região.

### **2.3.3 Editoras**

Em Pelotas do século XIX, jornal e livro andavam muito próximos. Das tipografias de jornal saíram os primeiros livros cuja aprovação do público era testada por meio do folhetim publicado no rodapé dos semanários. As livrarias exerciam a função do que viria a ser as livrarias, no início do século XX, ou seja, de mercado, dentro do sistema literário que surgia, uma vez que desempenhavam o papel de vender os produtos

produzidos internamente e testar que tipos de obras seriam aceitas. Essa estratégia foi utilizada até o surgimento das editoras *Americana* e *Universal* que tiveram grande importância, pois publicavam e recebiam obras de autores nacionais e estrangeiros.

A Livraria Americana foi fundada por Pinto & Cia., em 1871. Em 1879, abriu a filial em Porto Alegre numa rua que, no século XX, foi destruída para a construção do Viaduto da Borges de Medeiros<sup>88</sup>. A Livraria Americana recebeu o primeiro prêmio na exposição Brasileira-Alemã de Porto Alegre, em 1881, pelos trabalhos editados.

A Livraria Universal<sup>89</sup>, situada à rua 15 de Novembro esquina da 7 de Setembro, em Pelotas, foi fundada em 1887, por Carlos e Guilherme Echenique que tinham por sócio o Coronel Pedro Luiz da Rocha Osorio<sup>90</sup>. Em meados da década de 90, do século XIX, a livraria transferiu as oficinas para o prédio da rua General Neto, onde mantinha a seção de atacado. Os escritórios centrais funcionavam à rua 7 de Setembro, contíguos à seção de varejo. As oficinas dividiam-se em tipografia, imprensa, douração, pautaço e encadernação. A papelaria importava muito, pois havia muitos clientes.

Nesse mesmo período, a firma foi reconstruída sendo composta, então, pelo Coronel Guilherme Echenique como comanditário e pelo Capitão Martin Echenique e Alberto Echenique passando também a sócios solidários os antigos empregados Alfredo Echenique Leite e Angelo Coppola. No século

---

<sup>88</sup> Segundo Paulo de Gouvêa, a Livraria Americana estava localizada geograficamente ao meio do que hoje é o Viaduto da Avenida Borges de Medeiros com a rua Duque de Caxias.

<sup>89</sup> No documento datado em 1933, encontrado no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, intitulado "Ação de despejo", consta que Guilherme Echenique e Haroldo de Maia Farinha, representado pelo seu filho impúbere, José Egydio de Campos Farinha, eram coproprietários do prédio ocupado pela Echenique e Cia. – Livraria Universal a qual devia 700 mil réis de aluguel por seis meses de atraso. Contudo, segundo a neta de Echenique, Noêmia Echenique de Rêgo Magalhães, não foi esse o motivo de a Livraria Universal ter deixado de funcionar, mas o diagnóstico impróprio do médico de Guilherme Echenique declarando-o cardíaco, por apresentar crises de asma. Echenique foi proibido de trabalhar e fechou a livraria, mas viveu até os 90 anos escrevendo pequenos artigos em seu escritório.

<sup>90</sup> Clodomiro C. Cariconde, em homenagem ao Centenário da independência do Brasil, publicou *O Álbum de Pelotas*, em 7 de setembro de 1922, que conta um pouco da história das livrarias pelotenses.

XX, em 1917, a Livraria Universal adquiriu o acervo da Livraria Americana com o que ainda mais dilatou o movimento de suas operações.

Anos mais tarde surgiu, ainda, a Livraria Comercial Meira e Comp. – Importação, Exportação e Telegramas, com filial em Rio Grande, à rua Marechal Floriano. Fabricava caixas de papelão, especialidade em obras de luxo encomendas dispondo dos mais atrativos correspondentes no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Buenos Aires, Montevideu, Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Estados Unidos, e trazia livros e outros artigos. Essa firma era especialista em livros em branco, cadernos, cadernetas, livros para borradores, costaneiras, copiadores de todos formato e livros para contabilidade.

Com relação à produção de livros, pode-se ressaltar que, no ramo da indústria editorial, Pelotas era um dos centros mais adiantados da Província. Nesse sentido, desenvolveu intensa atividade pioneira a Livraria Universal, editando títulos inéditos de autores nacionais e várias traduções do inglês, francês e espanhol. Mario Osório afirma que “da histórica editora da rua 15 muitos livros se espalharam pela região Sul do País, não só para o entretenimento das damas, mas para a instrução dos estudantes e para o aperfeiçoamento dos bacharéis; tiveram também a sua influência sobre a política e a vida de todo o Estado”<sup>91(sic)</sup>. Na indústria editorial, destacou-se, na mesma época, a Livraria Americana. Estas duas empresas dominaram o mercado pelotense e praticamente o rio-grandense durante o último quartel do século XIX.

As livrarias e editoras, ainda atuando como mercado, também eram responsáveis pela promoção de alguns autores em detrimento de outros controlando, de certa forma, o que era lido pelos pelotenses. Através dos anúncios publicados nos jornais, que informavam a respeito das obras produzidas, importadas e, portanto, lidas pela sociedade pelotense, percebe-se que a vida literária dessa cidade recebia interferência cultural direta das

---

<sup>91</sup> MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul** – um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: UFPel, Livraria Mundial, 1993. p. 40.

literaturas estrangeiras, principalmente, francesas e portuguesas, sem esquecer da contribuição brasileira.

Entre as obras mais lidas estavam as produções francesas de autores renomados, como por exemplo, Émile Zola, Guy de Maupassant, Catulle Mendés e Honoré de Balzac, seguidos dos portugueses Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Fialho de Almeida. Os anúncios dos romances de autores brasileiros não eram muitos, contudo, ainda se encontram notícias sobre as obras de Aluísio de Azevedo e José de Alencar. Para explicar o fato de os estrangeiros liderarem as listas de livros mais lidos podemos nos apoiar na teoria de Even-Zohar que, ao definir o fator repertório, salienta que “cuando el sistema es “joven”, su repertorio puede ser limitado, lo que da mayor disposición para usar otros sistemas disponibles (por ejemplo, otras lenguas, culturas, literaturas)”<sup>92</sup>. Essa afirmativa justifica o fato e colabora para confirmar a hipótese de que a literatura pelotense foi formada, também, com base em modelos de sistemas literários estrangeiros.

A partir dos títulos citados nos anúncios, observa-se que, com relação à literatura, os textos importados seguiam os movimentos literários: romântico, expresso por Victor Hugo; realista, representado por Zolá; e parnasiano, difundido pelo *Parnasse Littéraire*<sup>93</sup>. Quanto aos ideais, os revolucionários lideravam em número de publicação e citação em textos veiculados em Pelotas. Soma-se à influência estrangeira a contribuição de poetas, escritores e políticos brasileiros que possuíam textos transcritos para os jornais, como os de Júlio de Castilhos, ou citados em epígrafes, como costumava acontecer com Castro Alves e Fagundes Varela.

Sobre a cultura intelectual pelotense, destaca-se um considerável número de citações e referências a autores estrangeiros nos textos veiculados

---

<sup>92</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **El sistema literario**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/sistm\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/sistm_s.htm). Acesso em: 27maio 2004. p. 15.

<sup>93</sup> Antologia publicada na França desde 1866.

pelos jornais<sup>94</sup>. Os escritores de outros países participavam desse momento através de seus textos por estarem inseridos em sistemas literários já consolidados e, por isso, serviam de modelo de escrita e de horizonte de leitura. Suas produções faziam parte do repertório dos leitores e escritores pelotenses, uma vez que se apresentavam como modelos para serem aceitos, adaptados, revisados ou traduzidos.

De acordo com a pesquisa realizada pelo professor Rildo Cosson, com colaboração da professora Cíntia Schwantes e das bolsistas Daniela Cunha e Jaqueline Koschier, “a metade dos escritores estrangeiros referencializados era de nacionalidade francesa. Esse dado predomina entre os dez primeiros escritores mais citados, confirmando a forte presença da literatura francesa entre a produzida em Pelotas”<sup>95</sup>. O autor registra, ainda, que os escritores franceses eram todos contemporâneos do século XIX, enquanto que os ingleses e italianos mencionados nos textos pertencem à literatura clássica. A partir dessa informação, deduz-se que apesar de a literatura francesa ser tida por modelo, os clássicos ainda eram utilizados indicando a base cultural dos intelectuais pelotenses<sup>96</sup>.

Entre os franceses, apenas Victor Hugo é citado em epígrafe ao lado dos clássicos Shakespeare e Alighieri. Com relação aos clássicos, nota-se a ausência de Camões contrapondo com uma razoável influência de Camilo Castelo Branco e Ramalho Ortigão, ambos contemporâneos na literatura portuguesa. Tal registro aponta para a forte presença do Romantismo francês na literatura sul-rio-grandense uma vez que a França, no século XIX, obteve destaque nesse movimento cultural.

Com relação a Zola, Rildo Cosson afirma que o número elevado de referências a seu respeito deve-se à polêmica causada por sua obra, como

---

<sup>94</sup> Para chegar aos nomes dos autores, foram pesquisados os seguintes jornais literários: *A Pena* (1884), *A Idéia* (1878-1879), *Arauto das Letras* (1882-1883), *Progresso Literário* (1887-1889), *Zé Povinho* (1883), *Cabron* (1880-1881), *O Pervigil* (1882-1883) e *Tribuna Literária* (1882).

<sup>95</sup> COSSON, Rildo et al. **O horizonte de leitura dos escritores pelotenses**. CD do projeto Literatura, Jornal e cultura: autores pelotenses (1850-1889). Pelotas, 2003.

<sup>96</sup> Idem.

pode-se comprovar nos vários artigos, “principalmente no jornal *Progresso Literário*, que criticam ferozmente autores naturalistas e realistas franceses”<sup>97</sup>, como é registrado no seguinte trecho destacado pelo pesquisador:

E, ai da donzela que não se ruborize ao ler as páginas frascárias de Zola, Maupassant, Flaubert e outros pornografistas deste jaez! Porque, se assim acontecer, o marido que a receber, pode encontrar-lhe carnes frescas e nédias, mas também se lhe deparará uma estatua, sem sentimentos, sem alma, sem coração, que só servirá para desafogo de prazeres sensuais, e não para lhe iluminar o lar com os fulgores sagrados das virtudes castas e puras que devem servir de auréola às boas esposas e às boas mães de família...<sup>98</sup>

Rildo comenta que no mesmo número do periódico, encontra-se a tradução do conto de Guy de Maupassant, intitulado “Dois amigos”, feita por Bernardo Taveira Júnior, demonstrando que a tendência realista/naturalista também influenciava leitores que a apreciavam<sup>99</sup>.

Quanto à produção literária dos autores pelotenses, essa era mínima no que diz respeito à publicação de livros, sua contribuição maior está nos jornais. Alguns escritores da região editavam livros de poemas, outros traduziam obras estrangeiras e muito poucos conseguiam publicar obras maiores.

As livrarias funcionavam como uma espécie de clube literário onde os escritores reuniam-se para discutir política e literatura, entre outros assuntos. Nesse local, uns liam as produções dos outros e como o dono da livraria também editava os livros decidindo quem merecia ser publicado, essa atitude deixa evidente a função que a livraria exercia como instituição, por definir o que seria produzido e lido, e como mercado, por decidir qual autor teria sua obra editada. Foi assim que Guilherme Echenique resolveu

---

<sup>97</sup> Editorial. **Progresso Literário**. Pelotas, 19 ago. 1888, n. 8. p.1

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> COSSON, Rildo et al. Op. cit. nota n. 95.

investir na habilidade literária do amigo<sup>100</sup> que ganhou destaque e notoriedade nas letras gaúchas, preservadas até hoje.

Além das produções dos escritores franceses, os leitores pelotenses, devido à tradição literária e cultural, mantinham uma importante conexão com a literatura portuguesa. Segundo Rildo Cosson, a hegemonia dos autores portugueses surge não só em relação a outras nacionalidades, mas até sobre os autores brasileiros dentro do repertório local<sup>101</sup>. Os autores portugueses compunham o conjunto mais nítido do horizonte de leitura e produção literária dos pelotenses. De acordo com os anúncios veiculados nos jornais, as obras de autores portugueses, como Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós eram postas à venda quase simultaneamente em Pelotas e em Portugal. Além disso, autores pelotenses usavam epígrafes, dedicatórias e retomavam temas fazendo alusão a autores portugueses como também citavam seus nomes em notícias e homenagens prestadas aos escritores lusitanos, por meio dos jornais ou por celebrações como a que foi realizada em ocasião da morte de Alexandre Herculano, e noticiada pelo *Progresso Literário*, em 18 de novembro de 1877.

As livrarias e editoras faziam circular na região os mais variados títulos, gêneros, temas e autores, colaborando para o desenvolvimento do hábito da leitura e para a formação de uma literatura local. Essas casas funcionavam como academias e assumiam, dessa forma, o papel de instituição dentro do sistema literário, pois definiam os tipos de produtos – temas e estilos literários - que seriam impressos e exportados, controlando, assim, o que seria consumido pelos leitores. Os fatores do sistema literário, segundo Even-Zohar, podem se entrecruzar em um mesmo espaço permitindo que um único fator adquira, por exemplo, função de mercado e

---

<sup>100</sup> Echenique publicou a obra de Simões Lopes Neto. Em entrevista concedida para a realização deste trabalho, Noêmia Echenique de Rêgo Magalhães, neta de Guilherme Echenique, afirma que a grande importância da Livraria Universal foi apostar no talento de Simões.

<sup>101</sup> COSSON, Rildo. Sistema literário regional: a conexão portuguesa. **Anais do 1º Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros**, PUCRS, Porto Alegre, agosto de 2002.

instituição, simultaneamente, tal como ocorre com as editoras pelotenses mencionadas e com as associações e clubes da cidade.

#### **2.3.4 Associações literárias e políticas**

Pelotas contava com aproximadamente cinquenta associações e clubes<sup>102</sup>, no final do século XIX, que se dividiam em abolicionistas, republicanos, literários, artísticos e carnavalescos. As associações literárias e políticas, de que se tem notícias através dos jornais, receberam apoio da Biblioteca Pública de Pelotas e do Clube Caixeiral. Os intelectuais que faziam parte das associações literárias, em geral, também compunham as associações políticas, tanto os que ficaram conhecidos por atuarem nos periódicos da região, a exemplo de Antônio Joaquim Dias, Fernando Luiz Osório, Bibiano Francisco de Almeida, Saturnino Epaminondas de Arruda, Epaminondas Piratinino de Almeida, José Gomes Corrêa, Francisco de Paula Pires, Mathias Guimarães, Luiz Carlos Massot e Arthur Ulrich quanto os que tiveram seus nomes encobertos pelo tempo, como Arnaldo Carneiro, Fernando Pimentel, Leopoldo Rego, José Ferreira Alves Guimarães, Marçal Pereira de Escobar, Antônio da Silva Moncorvo Jr., Serafim Antônio Alves, Antônio Rodrigues de Souza, Arthur Guilherme da Costa, Hipólito Gonçalves Detroiati, Luiz Felipe de Almeida, João Anastácio Cadaval, Francisco Emílio Laquentinie, Manoel Gonçalves Detroiati, Teodoro de Souza Garcia, Maria Isabel Detroiati, Marcolina Barcellos de Almeida<sup>103</sup>.

---

<sup>102</sup> Entre essas associações e clubes mencionam-se: Clube Literário Democrata, Associação Abolicionista D. Sebastião, Centro Etiópico, Clube Emancipador, Centro Abolicionista (era dos mesmos sócios do clube Abolicionista), Grêmio dos Guarda-Livros, Caixa de Socorros Marquês de Pombal, Clube Caixeiral, Clube Demóstenes (composto por jovens estudiosos que procuravam consagrar algumas horas às palestras literárias), Grêmio dos Tipógrafos, Clube Nagô, Sociedade Recreio dos Artistas (o jornal *A Idéia*), Clube Literário Democrata, Clube Literário Apolinário Porto Alegre, Órgão Abolicionista, Órgão Republicano, Sociedade Literária Íris Brasílico.

<sup>103</sup> Apesar de terem sido feitas pesquisas no setor de inventários e testamentos do Arquivo Público de Porto Alegre, não foi possível obter dados biográficos desses intelectuais.

As associações eram criadas para sustentar os interesses dos intelectuais e adquiriram, assim como as editoras, a função de instituição, dentro do sistema literário, pois regulavam a leitura e definiam os temas mais apropriados para serem lidos e discutidos pelo público. Nas associações literárias, eram debatidos assuntos relacionados à educação, principalmente, da mulher; temas e estilos literários. As associações abolicionistas e republicanas examinavam assuntos relacionados ao fim da escravidão e da monarquia. Essas sociedades eram mantidas pelos jornais que circulavam na cidade e pelos saraus literários e dramáticos apresentados em prol da causa que defendiam.

Outra atividade promovida pelas sociedades literárias e políticas eram as reuniões para defender e apresentar teses com temas variados, como por exemplo, “Onde está a felicidade?”, “A extinção da escravatura deve ser feita de um só golpe ou por parcelas?”, “Qual o papel da mulher” e “A imortalidade da alma”. Algumas instituições discutiam seus temas nos salões da Biblioteca Pública Pelotas. A apresentação de teses constitui um modelo desenvolvido pelo grupo do *Partenon Literário* e seguido pelos intelectuais pelotenses. Além disso, tal atividade configura a função de mercado do sistema literário por sua capacidade de vender um produto que, nesse caso, são ideologias partidárias e filosóficas. Também podem assumir essa função as instituições de ensino e as bibliotecas, pois estão diretamente em contato com a formação do público leitor.

As informações mais consistentes sobre as associações literárias e políticas de Pelotas constam de investigações<sup>104</sup> realizadas pela pesquisadora Beatriz Ana Loner a partir da leitura dos periódicos pelotenses da segunda metade do século XIX. De acordo com o material selecionado nas páginas dos jornais, destacam-se três categorias de instituições: abolicionistas, culturais, comerciais e sociais.

---

<sup>104</sup> Essas informações, cedidas pela Prof<sup>a</sup> Dr. Beatriz Ana Loner, fazem parte da sua pesquisa intitulada *Trabalhadores e Literatura em Pelotas no Século XIX*, que se vincula ao projeto Literatura, Jornal e Cultura: autores pelotenses (1850-1889), da UFPel.

Nas abolicionistas, enquadram-se o Clube Emancipador, o Centro Abolicionista, o Clube Nagô, o Grêmio dos Guarda-Livros<sup>105</sup> e a Associação D. Sebastião Centro Etiópico, que representava a união de dois clubes o Sebastião e o Etiópico. Essas entidades compravam os escravos mediante permuta de bilhetes de loteria premiados, funcionando a negociação da seguinte forma: os donos de escravos compravam bilhetes da “grande loteria da Corte” e, por meio de anúncios em jornal, ofereciam os cativos, apresentando as propostas para a liberdade dos mesmos. Os presidentes dos clubes abolicionistas avaliavam a proposta e divulgavam nos jornais de igual categoria, as propostas aceitas. As pessoas que eram sorteadas levavam o prêmio em dinheiro e entregavam os negros para serem libertados.

Constata-se nessa transação, a função social da imprensa na sociedade pelotense. Jornais como *A Pátria*, *A Voz do Escravo* e *O Farrapo* quando não publicavam esse tipo de anúncio, aproveitavam o tema transpondo-o para a literatura, a fim de sensibilizar os leitores com o sofrimento dos escravos. Dessa forma, utilizavam a literatura como pretexto para colaborar com a causa abolicionista.

As instituições que se destacavam por seu interesse pelas atividades culturais, eram: a Sociedade Recreio dos Artistas – clube de baile e apresentações de cantores e orquestras; o Clube Demóstenes – composto por jovens que ensaiavam palestras literárias; e o Clube Caixeiral – que uniam os interesses das outras duas instituições, promovendo bailes, recitais, saraus, além de ministrar cursos noturnos de escrituração mercantil e idiomas para os sócios.

Com o objetivo de tratar de assuntos comerciais, em 23 de janeiro de 1881, foi organizado por vinte e sete tipógrafos, no Clube Caixeiral, o Grêmio dos Tipógrafos. A entidade recebia apoio dos periódicos *Diário de Pelotas* e do *Jornal do Comércio* e da Livraria Americana e, cinco anos depois da fundação, passou a funcionar, na casa de João José Cezar - dono do periódico *Progresso Literário* de 1865. Nesse período, a instituição passava

---

<sup>105</sup> Conforme notícias dos periódicos, essa instituição era responsável por entregar aos libertos as cartas de alforria.

por uma nova fase, segundo as notícias do *Diário de Pelotas*, estava mais organizada e, por isso, fundou a Sociedade de Socorros Mútuos a fim de “engrandecer o grêmio tipográfico” considerado uma classe “das mais úteis ao progresso”.<sup>106</sup>

De natureza social, a Caixa de Socorros Marquês de Pombal foi fundada em 23 de abril de 1882 e inaugurada em 8 de maio do mesmo ano, em homenagem ao centenário de falecimento do Marquês de Pombal. Nessa ocasião, alguns portugueses residentes em Pelotas, tiveram a idéia de fundar uma sociedade de socorros mútuos que tinha por fins principais:

- beneficiar todos os sócios em geral e muito especialmente intervir nos inúmeros casos imprevistos, legalmente provados de miséria, abandono e necessidades, dos portugueses e suas famílias;
- construir, logo que seus recursos permitissem, um asilo urbano, rural ou agrícola, no qual poderiam haver enfermarias;
- dar o direito a todo o sócio de, quando enfermo, ter uma pensão diária de mil réis, médico e remédios à custa da sociedade;
- arcar, em caso de morte, com os gastos para o enterro do sócio com a quantia de trinta a quarenta mil réis;
- destinar, quando fosse preciso, ao associado mudar de terras por motivos de saúde, a quantia de cem mil réis;
- conceder às viúvas dos sócios falecidos uma pensão de doze mil réis mensais.<sup>107</sup>

A partir dessas informações, percebe-se que era considerável o número de portugueses que vivia em Pelotas, dada a necessidade de criarem uma associação de ajuda mútua. Com relação à influência cultural, pode-se afirmar que, se havia muitos portugueses desenvolvendo atividades em vários setores da cidade, a tradição lusitana também permeava os hábitos e costumes da nova sociedade na qual eles se inseriam e, certamente, a literatura não ficou imune a essa influência.

<sup>106</sup> REUNIÃO tipográfica. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 4 jun. 1886. p. 3.

<sup>107</sup> CAIXA de Socorros Marquês de Pombal. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 8 mai. 1886, p.3.

### 2.3.5 Biblioteca Pública Pelotense

A fundação da Biblioteca Pública Pelotense deu-se em 14 de novembro de 1875, por iniciativa de um grupo de intelectuais. Segundo o artigo publicado no dia 3 de janeiro de 1875, no jornal *Correio Mercantil*, de Pelotas, coube a Antônio Joaquim Dias, fundador desse jornal, a idéia de estabelecer uma Biblioteca Pública. Em seu artigo publicado no editorial, afirmava que a criação de uma biblioteca era uma necessidade:

Não temos um bom gabinete de leitura, nem uma sociedade literária, nem uma escola onde a mocidade adulta aprenda os conhecimentos exigidos pela rigorosa civilização da atualidade. Os livros são raros e as bibliotecas particulares, resumidas, encerram apenas os volumes precisos ao exercício da profissão a que se dedicam os seus possuidores [...] as classes desprotegidas, os pobres que não podem comprar livros, ou privam-se do alimento intelectual ou limitam-se à leitura de manuais e catecismos.

Intelectuais como Antônio Dias uniram-se em prol da construção de uma biblioteca, pois acreditavam que a instrução do povo era a garantia e a base do aperfeiçoamento social. Tendo por modelo a Biblioteca Provincial, o *Partenon Literário* e o Gabinete de Leitura da cidade vizinha, Rio Grande, os membros da *Sociedade Terpsicore*<sup>108</sup> realizaram uma reunião a fim de tratar da fundação da Biblioteca Pública Pelotense.

Após inaugurada a instituição, deram início aos pedidos de doação de livros, assim como fizeram os fundadores da biblioteca do *Partenon Literário*. Segundo registro de Francisco de Paula Pires, ao estabelecimento de instrução popular foram doadas pela colônia italiana muitas obras de autores italianos, principalmente as clássicas. Além dessas, chegaram à instituição obras de Bossuet, Voltaire, Rousseau, Cervantes, Dante, Camões,

---

<sup>108</sup> Essa Sociedade tinha por objetivo promover bailes e festividades. Seus sócios eram, na maioria, os intelectuais diretamente interessados no progresso de Pelotas. Por essa razão, muitos projetos de desenvolvimento da cidade surgiram durante as conversas nas animadas reuniões da Sociedade Terpsicore, conforme registram os jornais da época.

Byron, Humboldt, Condorcet, Diderot, Victor Hugo, Alexandre Herculano, Buffon, Malte-Brunn e uma coleção de autores latinos<sup>109</sup>. O acervo contava, também, com livros científicos, filosóficos, “literatura amena e recreativa dos romances”<sup>110</sup> e uma coleção de duzentos títulos de jornais do País e cinqüenta do estrangeiro, além de cinqüenta títulos de revistas nacionais e vinte internacionais.

A Biblioteca Pública Pelotense inscreveu-se como membro do Instituto Internacional de Bibliografia, de Bruxelas, instituição que, segundo Paula Pires, tinha como escopo aperfeiçoar e unificar os métodos bibliográficos, bem como a organização da cooperação científico-internacional nos trabalhos bibliográficos, preparando um repertório bibliográfico universal e desenvolvendo as permutas entre as principais bibliotecas. Da mesma forma, mantinha contato direto, no Brasil e no mundo, com bibliotecas, associações literárias, arquivos públicos, academias de letras, institutos literários, científicos, geográficos e históricos, museus, observatórios, clubes literários, de ciências e de artes, escolas, faculdades e institutos de educação, e sociedades que estudavam as mais diversas ciências. Esse intercâmbio demonstra o interesse dos fundadores e mantenedores da biblioteca em instruir e capacitar intelectualmente a sociedade pelotense.

Além dessas atividades, a Biblioteca também era local para saraus, quermesses, exposições artísticas e festas literárias tornando-se o palco da cultura e da instrução da cidade de Pelotas, onde ocorriam os encontros dos intelectuais em prol do progresso da instrução.

A instituição tinha por sócios intelectuais da cidade, como, por exemplo, Alberto Coelho da Cunha, Antônio Joaquim Dias, Artur Lara Ulrich, Augusto J. de Siqueira Canabarro, Carlos André Laquintinie, Frederico Sattamini, José Vieira da Cunha, Saturnino Epaminondas Arruda, Visconde da Graça, entre outros. Muitos deles eram proprietários de jornais

---

<sup>109</sup> PIRES, Francisco de Paula. Notícia histórica da Biblioteca Pública Pelotense. **Anais da Biblioteca Pública Pelotense**. Pelotas: Livraria Comercial, 1905. p. 136.

<sup>110</sup> Idem.

e diretores de sociedades literárias e políticas, como por exemplo, a *Sociedade Íris Brasílico*<sup>111</sup>, que teve por presidente Paulino da Fontoura e por vice-presidente o professor Francisco de Paula Ibirapuã Ourique. Em geral esses intelectuais bebiam cultura nas águas do *Partenon Literário* e de lá traziam os modelos de cursos noturnos e temas para serem discutidos nas teses apresentadas ao público, tais como, “A luta contra tuberculose”, “O amor ao passado”, “O saneamento de Pelotas”, “A instrução e o Estado”, “A contribuição da educação física para a defesa nacional” e “A abolição da escravatura” entre outros.

### **2.3.6 Ensino**

Os intelectuais pelotenses mobilizaram-se a fim de desenvolver a educação dos jovens da cidade e criaram cursos noturnos na Biblioteca Pública Pelotense. Esses cursos tinham por objetivo possibilitar a “instrução primária para menores e adultos pobres, sem recurso.”<sup>112</sup> A inauguração dos cursos noturnos se realizou no dia 1º de fevereiro de 1877, sob o comando de João Affonso Corrêa de Almeida<sup>113</sup>, Aristides Guidony e Francisco de Paula Pires. Antes da criação dos cursos noturnos, havia escolas particulares e professores que, contratados pelas famílias abastadas, davam conta da instrução dos alunos pelotenses. Aproveitando o interesse dos professores, os cursos noturnos e gratuitos funcionaram ininterruptamente, na Biblioteca Pública Pelotense, preparando grande número de pessoas que posteriormente encontraram empregos nos mais variados cargos, até mesmo, em posição de destaque na sociedade.

---

<sup>111</sup> Essa Sociedade estava vinculada ao jornal *Progresso Literário* e tinha por modelo direto a *Sociedade do Partenon Literário*, pois alguns de seus representantes também eram membros e colaboradores da *Sociedade Íris Brasílico* como: Bernardo Taveira Júnior, Apolinário Porto Alegre, Hilário Ribeiro, Lobo da Costa, Teodoro de Miranda, Vitor Valpírio, Geraldo de Farias Correa, Frederico Sattamini e Luiza Cavalcanti.

<sup>112</sup> PIRES, Francisco de Paula. Op. cit. nota n. 72, p. 137.

<sup>113</sup> Este também possuía o *Colégio Sul-Americano José Afonso Correia de Almeida*.

Através de anúncios de jornais, percebe-se que os professores responsáveis pelas aulas dos pelotenses tinham por base os artigos publicados na *Revista Escola*, órgão do Instituto Brasileiro do Rio Grande do Sul, coordenado por Apolinário Porto Alegre e Hilário Ribeiro, além das publicações da *Escola*, revista do Rio de Janeiro, dirigida por A. E. da Costa e Duque Estrada Teixeira. Essa informação demonstra que os intelectuais pelotenses mantinham contato com os grandes centros culturais do Brasil e deles extraíam os modelos para consolidar a cultura e a educação da sua sociedade. Além disso, reforça a idéia de que os cursos noturnos da Biblioteca Pública Pelotense regulavam, assim como fazem os estabelecimentos de ensino, as escolhas de leitura dos alunos, bem como a suas opções ideológicas.

Algumas instituições sociais como o Clube Caixeiral, também ofereciam cursos noturnos, conforme divulgava o *Diário de Pelotas*:

#### CLUBE CAIXEIRAL

Esta associação, que tem prosperado de maneira a achar-se hoje solidamente constituída, resolveu abrir cursos noturnos para o ensino de escrituração mercantil, português, francês, inglês e alemão, facilitando aos seus membros o ensejo de adquirir úteis conhecimentos. Apraz-nos consignar que os esforços dessa mocidade briosa convergem sempre para as causas nobres e civilizadoras.<sup>114</sup>

O ensino de línguas estrangeiras era bastante comum. As aulas eram ministradas no Clube Caixeiral, na Biblioteca Pública Pelotense, nos colégios e sob a forma de aulas particulares nas casas dos professores Bernardo Taveira Júnior e Carlos von Koseritz.

Eram ensinados os idiomas francês, pois Pelotas naquela época acreditava-se francesa por seguir os modos e costumes daquele país; o inglês, que já dominava o comércio; o espanhol, pela proximidade dos países vizinhos; e o alemão, que possivelmente era ministrado por influência dos

---

<sup>114</sup> CAIXEIRAL, **Diário de Pelotas**. Pelotas, 2 junho 1882, p. 2

intelectuais alemães que viviam em Pelotas e, por outro lado, pelo desenvolvimento da tendência romântica na literatura, nascida das teorias alemãs. Os alunos praticavam os idiomas lendo, no original, obras importadas de autores estrangeiros, tais como: Hugo, Byron, Shakespeare, Goethe e Shopenhauer.

Os alunos, que se dedicavam aos estudos indo inclusive passar um tempo no Exterior, voltavam capacitados para fazer traduções de textos. Isso explica por que seus nomes não estão incluídos como escritores na literatura local, pois trabalhavam apenas na área da tradução, sem obter destaque. Também havia casos de intelectuais, como Pinheiro Machado e Lobo da Costa, que atuavam como tradutores e intérpretes.

A imprensa local, principalmente os jornais literários, incentivava a educação, convidando os leitores ao estudo, conforme registra o artigo “Duas palavras”<sup>115</sup>, publicado no periódico *Tribuna Literária*. O artigo expõe o objetivo do jornal dizendo que é inovador e tem o intuito de demonstrar a importância da educação literária e científica na vida das pessoas, principalmente dos jovens.

*O Invisível*, de 27 de fevereiro de 1887, de Florindo Alves de Oliveira e Comp., traz a seguinte consideração a respeito da importância do estudo:

Urge que tenhamos em vista esta proposição filosófica: um povo de analfabetos é simplesmente a aglomeração de certo número de inconscientes. Busquemos a luz! E na frase de um ilustre rio-grandense digamos: “Quanto mais perto das trevas do calvário, mais longe da luzes da razão.” As Bibliotecas são a luz – busquemos a luz.

No intuito de defender a educação, intelectuais ligados à imprensa local realizavam visitas às instituições de ensino, conforme registra o jornal *Arauto das Letras*, em artigo intitulado “Colégio Amor ao Estudo” em que

---

<sup>115</sup> DUAS Palavras. **Tribuna Literária**. Pelotas, 1 jan. 1882. n. 1, p.1.

relata uma visita feita pela redação do jornal ao estabelecimento dirigido pelo colaborador Cipriano Porto Alegre. O texto elogia a ordem e o capricho do estabelecimento, além da capacitação e experiência de seus professores. A visita tinha por objetivo fazer propaganda do local e da atividade nele desenvolvida.

O final do século XIX despertou a discussão da importância da educação, não só para os homens, mas também para as mulheres. Assim, elas deixaram de ter somente aulas de piano, francês, bordado, etiqueta e prendas domésticas para se dedicarem igualmente ao estudo das ciências.

Surgiam nos jornais argumentos favoráveis e contrários, ainda que em número menor, à idéia, conforme o artigo veiculado pelo *Tribuna Literária*, intitulado “A educação da mulher”<sup>116</sup> que afirma tratar-se de uma visão revolucionária para a época: a de que a emancipação da mulher seria um tipo de “atestado de progresso”. Essa proposta mostra que a mulher deve pensar, julgar, comparar, analisar as coisas para poder influenciar de forma positiva e sem preconceitos na educação dos filhos. No mesmo ano, França Júnior publicou um artigo<sup>117</sup>, no jornal *Arauto das Letras*, defendendo a importância da mulher na família e na sociedade e que, por isso, era necessário fundar uma escola para ela. Ainda no mesmo número, encontra-se um ensaio de André Rebouças<sup>118</sup> afirmando que a mulher é degradada e desprezada em alguns países onde reinam a ignorância e a miséria e que a prosperidade, o progresso e a felicidade das nações dependem da educação, da instrução e da elevação social da mulher; e outro, de G. Bellegarde<sup>119</sup> concluindo que educando a mulher, “o anjo do lar”, haverá um preparo para as gerações futuras.

---

<sup>116</sup> Artigo veiculado em 8 de janeiro de 1882, na cidade de Pelotas.

<sup>117</sup> FRANÇA JÚNIOR. Educação da mulher. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 6 ago. 1882. n. 1, p.2.

<sup>118</sup> REBOUÇAS, André. Elevai a mulher! **Arauto das Letras**. Rio Grande, 6 ago. 1882. n. 1, p.2.

<sup>119</sup> G. BELLEGARDE. Lugar à mulher! **Arauto das Letras**. Rio Grande, 6 ago. 1882. n. 1, p.2.

O interesse pela educação da mulher é mais uma idéia difundida pela *Sociedade Partenon Literário* e adotada pelos intelectuais pelotenses, demonstrando que ambos os sistemas culturais e literários estavam interligados. Podemos afirmar, ainda, que a literatura de Pelotas, desde o momento da sua formação, através da imprensa, teve por base principal as diretrizes do *Partenon Literário*, no que tange à organização das atividades culturais e literárias desenvolvidas ao longo da segunda metade do século XIX.

### **3 O PRODUTOR, O MERCADO E O CONSUMIDOR**

#### **3.1 Produção dos literatos**

A relação entre os escritores pelotenses e o grupo do *Partenon Literário* torna-se pública por meio dos textos expressos nos jornais que circularam na cidade de Pelotas. Através de contos e poemas, artigos e notícias percebe-se a influência do pensamento partenonista conduzindo as idéias defendidas na Atenas do Sul, como Pelotas era chamada. No entanto, deve-se lembrar que as propostas apresentadas pelos integrantes da *Sociedade do Partenon Literário* vêm de outros sistemas literários como o brasileiro, representado por escritores paulistas, cariocas e baianos, e por sistemas literários estrangeiros, como os da França e de Portugal.

As epígrafes de literatos brasileiros e estrangeiros encontradas nos textos, publicados nos jornais pelotenses, são indícios de que autores eram lidos e admirados pela sociedade leitora que se formava. Do universo brasileiro, Castro Alves, Fagundes Varela, Augusto dos Anjos e Silvio Romero são citados com freqüência e há textos em que se percebe a influência de escritores, como Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo. Alguns estrangeiros, como Victor Hugo e Camões, são mencionados como sugestão temática para poemas e contos, tendo seus nomes lembrados sob forma de argumento de autoridade.

A fim de entender a importância e os modos de manifestação do diálogo entre sistemas literários diversos, na formação do sistema literário pelotense, é importante lembrar que, conforme sugere Antonio Candido, reconheça-se a distinção entre *manifestação literária e literatura*. Por literatura, o teórico entende como sistema de obras, ligadas por certos fatores comuns que permitem reconhecer os traços dominantes em cada fase a partir de suas características internas (língua, temas, imagens), e de alguns elementos de natureza social e psíquica que, ao se organizarem literariamente, manifestam-se historicamente e transformam a literatura, concedendo-lhe aspecto orgânico.<sup>120</sup> Os elementos configuradores do sistema literário apontados como o conjunto “autor, obra e público” dão lugar a um tipo de comunicação, a literatura, que surge como sistema simbólico. Quando a atividade dos escritores de um determinado período se integra ao sistema, ocorre outro fator decisivo: a formação da continuidade literária, da tradição, ou seja, a transmissão de algo entre os homens, constituindo padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento. Sem a tradição, não há literatura como fenômeno da civilização<sup>121</sup>.

O crítico afirma que essa organização, que culmina com a tradição, não é encontrada em fases iniciais de uma dada cultura, em razão da incipiência do meio, que dificulta a formação de grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras. Entretanto, tais fatos não impedem o surgimento de obras de valor - seja por inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Não representam, porém, um sistema, coerente e organizado, em que autor, obra e público, integrados, buscam a tradição literária.

Pode-se também pensar na teoria do polissistema, elaborada por Itamar Even-Zohar, proposição similar à de Candido, quando tenta explicar as influências recebidas de autores de outras regiões nacionais ou estrangeiras. O teórico israelense define o polissistema como um

---

<sup>120</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura como sistema. In:\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000. 1v. p.23.

<sup>121</sup> idem, p. 24.

sistema múltiple, un sistema de varios sistemas con intersecciones y superposiciones mutuas, que usa diferentes opciones concurrentes, pero que funciona como un único todo estructurado, cuyos miembros son interdependientes.<sup>122</sup>

Unindo o pensamento do crítico literário brasileiro ao do teórico israelense, pode-se afirmar que a literatura pelotense se consolidava com base na tríade autor-obra-público, já configurando um sistema literário, conforme sugere Antonio Candido. No entanto, seguindo o pensamento de Zohar, há outros sistemas literários que se sobrepõem mutuamente na construção do sistema literário da cidade de Pelotas. Nesse caso, a teoria do polissistema serve para mostrar que é possível a confluência de vários modelos literários em um mesmo espaço.

A consolidação da literatura pelotense teve por repertório os poemas de Castro Alves e Fagundes Varela por razões simples de explicar: a literatura propriamente dita surgiu, naquela cidade, veiculada em jornais que, na sua maioria, eram políticos ou tinham algum engajamento com as campanhas abolicionista e republicana que tomavam conta do pensamento daquela sociedade. Tendo por modelo os intelectuais do *Partenon Literário*, que divulgavam as obras desses poetas brasileiros e igualmente engajados no movimento político, começam a ser publicados, em pequenos espaços nos jornais, poemas como este:

*São eles – os dois gigantes*  
no século dos pigmeus.  
São eles – que a majestade arrancam  
das mãos de Deus.  
Este concentra na frente mais astros –  
que o horizonte, mais luz – do que o sol lançou!...  
Aquele – na destra alçada  
Traz segura a sua espada:  
- Cometa, que aos céus roubou!...

---

<sup>122</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoría del polisistema**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/ps-th\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/ps-th_s.htm). Acesso em: 27 maio 2004.

Essa composição poética, intitulada “As duas ilhas”, foi inspirada por uma obra em verso com o mesmo nome escrito por Victor Hugo. Castro Alves, em sua obra, homenageou Victor Hugo e Napoleão Bonaparte, afirmando que “são eles os dois gigantes no século dos pigmeus”. O poema serviu de inspiração para o pelotense Lucio Teixeira escrever a sua longa composição em verso, “Os fantasmas do porvir”<sup>123</sup>, contextualizando a homenagem ao momento sociocultural pelo qual passava o Rio Grande do Sul.

No poema de Lúcio Teixeira, dá-se o encontro entre os fantasmas Castro Alves e Bento Gonçalves. Cada um a seu turno argumenta por que teve uma existência importante. O fantasma do talento, representando Castro Alves, afirma:

Eu fui poeta. E meus hinos  
 Ecoam pelas nações,  
 Voando para o futuro  
 Como aves de inspirações  
 Desci do solar dos nobres,  
 Fui à choupana dos pobres  
 Abrir-lhes meu coração;  
 Escarneci das grandezas  
 E zombei das realezas  
 Que esmagam a multidão!  
 .....  
 Eu fui poeta. E meu nome  
 -Entre palmas e lauréis -  
 É o hino de vitória  
 Dos modernos menestréis.  
 Cantando os gênios e os bravos,  
 Num poema - dos *Escravos*  
*Os grilhões espedacei*  
 E dos séculos nos uivos  
 Com Dante, Byron e Goethe,  
 Às idades me arrojéi.

---

<sup>123</sup> TEIXEIRA, Lúcio. Os fantasmas do porvir. **A Pena**. Pelotas, 20 set 1884. ano I, n. 12, p.2.

O autor exalta a importância de Castro Alves tanto no que diz respeito à divulgação de idéias libertárias, uma vez que seus hinos “ecoam pelas nações voando para o futuro” após ter zombado das “realezas que esmagam a multidão”, como no que se refere ao destaque cultural e literário, pois se encontra em igual valor intelectual ombreando com Dante, Byron e Goethe.

Por sua vez, o fantasma da bravura, que representa Bento Gonçalves, declara:

Eu fui guerreiro. E meus feitos  
 Engrandecem meu país:  
 Fui o sonho – dos valentes,  
 O pesadelo – dos vis!  
 .....  
 Eu fui guerreiro. E meu gládio,  
 Em prol da Revolução,  
 Era um rio – sacudido  
 Pelo pulso de Sansão!  
 Garibaldi – o meu soldado –  
 Quando eu passava, abumbrado,  
 Se descobria cortês;  
 E os homens de toda parte  
 Chamavam-me o Bonaparte  
 Do mundo do Genovês!

*Eu fui guerreiro. E meu sangue*  
 Por meus irmãos adormece  
 Filho altaneiro do Pampa,  
 Sonhei... despertei ... cutedi<sup>(sic)</sup>!

Em “Os fantasmas do porvir”, além da influência de estilo literário marcada, pelo poeta brasileiro, a existência da recepção dos modelos artísticos e políticos franceses, representados por Victor Hugo e Napoleão Bonaparte. Por meio dos nomes que surgem na composição poética de Lúcio Teixeira, vê-se que os pelotenses, em contato com os intelectuais do *Partenon Literário*, que aprovavam e sugeriam tais leituras e idéias, seguiam os pensamentos franceses. Essa afirmação se confirma ao final da estrofe mencionada, em que o eu-lírico conclui:

E nisso, a Pena e a Espada,  
 Uma noutra entrelaçada,  
 Fundiram-se – num clarão!  
 E o velho – Bento Gonçalves,  
 Com o moço – Castro Alves,  
 Sumiu-se pela amplidão.

A palavra “pena”, nesse verso, não significa apenas o objeto com que Victor Hugo e Castro Alves compunham seus poemas, ou ainda, a literatura. Esse vocábulo também fazia alusão ao jornal *A Pena*, mantido pelo Clube Apolinário Porto Alegre, órgão ligado ao *Partenon Literário*, que se colocava à disposição para divulgar idéias e ideais franco-brasileiros.

Em outra composição poética veiculada igualmente por *A Pena*, tem-se a confirmação de que a cultura francesa era divulgada como sendo um modelo a ser seguido. Os versos eram assinados por “Um abolicionista” que expressa:

*MOTE*

*Impossível – não é francês*  
 Parar – não é brasileiro

GLOSA

A heróica França de vez  
 aboliu a escravidão  
 entoando esta canção;  
 impossível – não é francês.

Em pouco mais de um mês  
 o Rio Grande hospitaleiro,  
 valente, invicto guerreiro  
 fará sua redenção  
 avante – povo leão  
 Parar – não é brasileiro.<sup>124</sup>

---

<sup>124</sup> Um abolicionista. Poema. **A Pena**. Pelotas, 14 set. 1884. ano I, n. 11, p. 2.

Esse poema anônimo encerra a idéia de formação de identidade pautada em um modelo de bravura. Com relação a essa afirmação, pode-se fazer uso da definição que Even-Zohar estipula em *Literatura como bienes y como herramientas*. Para esse teórico, quando uma comunidade adota modelos, textos, comportamentos e outros elementos que ajudam a compor o seu sistema cultural, ela está adquirindo bens que “llegan a ennoblecer y consolidar el sentimiento de identidad y bienestar de grandes colectivos. Además, la posesión de tales bienes se presenta [...] como un signo de comunidade y riqueza compartida”.<sup>125</sup>

Nesse caso, apesar de os escritores pelotenses acreditarem que estavam copiando estilos literários, políticos e culturais europeus estavam, na verdade, criando o seu próprio modelo social. Ocorre que, enquanto se esforçavam por imitar, acabavam por criar um novo enunciado, pois as condições sociais correspondiam a outro momento nacional diferente do da Europa. Com isso, percebe-se que para a construção de um discurso público e objetivo é necessário haver uma desconstrução do modelo e, até mesmo, do que está sendo criado. Assim, a idéia é criada-destruída-reatada até chegar à finalização.

Essa proposta já era defendida por Bernardo Taveira Júnior, membro do *Partenon Literário*, que, no final do século XIX, escreveu um artigo, intitulado “Reflexões sobre a literatura rio-grandense”, convidando os escritores gaúchos a “inspirarem-se nas belezas da riquíssima natureza com que dotou-nos o Criador” e “fugir o mais possível de imitar a literatura de estranhos”. A fim de defender o seu posicionamento, o escritor argumentou:

um povo que é livre por suas instituições, deve sê-lo também pelo pensamento. Nada há que o autorize a mendigar a estranhos o colorido para as suas imagens e

---

<sup>125</sup> EVEN-ZOHAR. Itamar. La literatura como bienes y como herramientas. In.: VILLANUEVA, Darío. MONEGAL, Antonio & BOU, Eric (Coords.) **Sin fronteras**: Ensayos de Literatura Comparada en homenaje a Claudio Guillén. Madrid: Castalia, 1999. p. 27-36.

descrições, a beleza e o perfume para suas flores, o arrojo e elevação para os seus tropos e figuras.<sup>126</sup>

Seguindo essa opinião, encontram-se textos de autores pelotenses que apresentam aproximação temática com obras de Gonçalves Dias. Tal é o caso do poema “Pátria, liberdade e Deus”<sup>127</sup>, de Gomes Corrêa dedicado a Albino Costa. Composto por nove décimas, aborda o tema do exílio:

Cada vez que o sol nascente  
 enche de luz a amplidão,  
 eu me lembro tristemente  
 de meu formoso torrão;  
 E vejo então se medito,  
 numa dobra do infinito  
 envolto meu pátrio lar  
 e de meu peito saudoso  
 vai um suspiro queixoso  
 pelas ondas se espriar;

A primeira estrofe retrata a tristeza do eu-lírico que está longe da terra natal. No entanto, ao desenvolver a leitura do poema lembrando que Gomes Corrêa é um português que veio para Pelotas, entende-se que não é um gaúcho plagiando o tema de Gonçalves Dias, mas um português imitando a composição brasileira. Essa constatação evidencia-se no final da segunda estrofe e durante a terceira estrofe em que o poeta menciona a Batalha de Aljubarrota<sup>128</sup> para incentivar seu país a lutar pela liberdade republicana e pelo progresso:

Aceita meu canto rude  
 que é sincero e leal,  
 .....  
 Embora em tosca linguagem,

<sup>126</sup> TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. Reflexões sobre a literatura rio-grandense. In: ZILBERMAN, Regina et alii. **O Partenon Literário**: poesia e prosa. Antologia. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1980.p. 146.

<sup>127</sup> GOMES CORRÊA. Pátria, liberdade e Deus. **A Idéia**. Pelotas, 23 fev. 1879. p.4.

<sup>128</sup> Na seção “Colaboração” do jornal *Pervigil*, de 13 de agosto de 1882, foi publicado um texto que descreve a Batalha de Aljubarrota como um fato histórico de destaque para os portugueses na África. Na publicação é narrado como essa batalha interferiu na cultura de Portugal.

vem render-te vassalagem  
meu coração português.

Português!...vai longe o tempo  
em que os havia leais  
em que foi baldado intento  
o algemá-los jamais  
que o digam Aljubarrota,  
e a épica Restauração...  
Essas parcelas ingentes,  
como os astros – refulgentes!  
tão grandes como a amplidão!

Segundo Artur Vaz, o Romantismo - tanto português, como brasileiro - usou e abusou de poemas com o enfoque do exílio, e seu maior ícone é “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias que, composto em 1843 e publicado em livro em 1846, tem sido alvo de intertextualidade, de um ponto de vista seja brasileiro, seja português.<sup>129</sup> Muitos autores fizeram uso do poema de Gonçalves Dias ou simplesmente do tema do exílio para demonstrar o amor pela sua terra natal.

Artur Vaz, em sua pesquisa sobre os intertextos da “Canção do exílio”, registra que o português João de Lemos publicou o poema “Lua de Londres”, em 1875 e obteve uma grande popularidade, tornando-se um dos marcos do Romantismo português. O poema de Gomes Corrêa foi publicado apenas dois anos após o de João de Lemos. Esse fato aponta para a possibilidade de o autor português, que residia em Pelotas, haver estilizado o recente poema do seu conterrâneo para obter destaque.

Com relação à produção poética de Gomes Corrêa, canto de um português à sua terra natal, circulou em Pelotas no momento em que a sociedade brasileira estava em luta pela vitória republicana. Com isso, uma leitura possível da obra seria que o poeta, enquanto relembra os feitos e fala para Portugal, também deixa nas entrelinhas o incentivo ao Brasil para

---

<sup>129</sup> VAZ, Artur Emílio Alarcon. “Canção do exílio” e seus intertextos portugueses no século XIX. **Anais do I Seminário Nacional de História da Literatura**. Rio Grande: FURG, 2005.

seguir forte e bravo como o país lusitano, uma vez que os versos eram lidos em um Estado brasileiro.

O jornal *A Idéia* publicou em novembro de 1878 o poema em prosa de A. Farias, intitulado “Recordações de minha terra” no qual o eu-lírico nomeia explicitamente a terra natal e a situação de impossibilidade de voltar a ela. Além disso, demonstra a necessidade de afirmação do país como um lugar maravilhoso que se dá, principalmente, pela descrição detalhada ao narrar, com saudade, as belezas da terra de origem:

Eu recordo hoje, com saudade profunda, as serenas tardes de outono de 1872, em que, sentado na margem solitária do rio da minha terra natal, à sombra melancólica dos salgueiros via cair e empalidecer as folhas, e pensava com tristeza e com uma melancolia profunda na minha terra futura.

E, hoje o que me resta de tudo isso? Recordações do passado e lembranças da minha terra natal.

Em lugar da palmeira, que se tornou símbolo da brasilidade no poema de Gonçalves Dias, o autor português usa o salgueiro, espécie típica da sua terra natal. No entanto, não desqualifica a terra em que se encontra, apenas declara a saudade que sente do seu país e do tempo passado que viveu lá. Observa-se, também, que o eu-lírico não deseja voltar para o seu país de origem, simplesmente sente tristeza de não poder regressar ao passado.

O tema do exílio foi cantado também pelo português Almeida Garrett, cujos versos surgem como epígrafe ao poema de Gomes Corrêa: “(...)Terra de minha pátria/abre-me o seio na morte ao menos.” Neste caso, percebe-se a aproximação temática também com a literatura portuguesa que representa outro sistema literário influente para a produção cultural pelotense.

A semelhança entre os poemas publicados ocorre pelo viés da idealização - em grau maior ou menor - da terra natal por um eu-lírico que se encontra exilado ou afastado, demonstrando, conforme observa o

professor Artur Vaz, a oposição entre o presente numa terra "estrangeira" e o passado glorioso na terra natal, em um tom nacionalista predominante durante a escola romântica e grande parte do século XIX. Apesar das diferentes nacionalidades dos autores que trabalharam o tema do exílio, afirma-se que todos mantêm o mesmo objetivo: defender a terra natal durante seu "exílio" em terra estrangeira de um ponto de vista extremamente idealizador.

Avançando na leitura do poema *Pátria, liberdade e Deus* encontra-se referência ao ideal libertário propagado pela França. Os primeiros versos da quarta estrofe fazem lembrar, através da palavra "condor", os poetas Victor Hugo e Castro Alves, conforme segue:

Mas se outrora elevaste  
tão alto como o condor,  
se o mundo avassalaste  
com teu saber e valor:

.....

O condor simboliza a transformação do antigo em moderno, das idéias decadentes em pensamentos de renovação. Essa imagem está diretamente relacionada ao conceito de liberdade política. No século XIX, tanto o condoreirismo quanto o exílio eram palavras que aludiam à situação política e ideológica. Muitos poetas brasileiros inspiraram-se na literatura francesa para cantar a liberdade. Assim também procedeu Gomes Corrêa. A sexta estrofe do poema, lembra a Revolução Francesa, através da alusão ao hino da França:

Ó pátria minha, desperta  
desse letargo maldito!  
aos filhos teus brada – alerta!  
do progresso ao doce grito!  
deixa que a luz da verdade  
que se chama liberdade,  
sê a fofa realeza;  
surge a aurora deslumbrante,  
da república radiante!

### Aos hinos da Marselhesa!

O poeta português radicado em Pelotas, provavelmente, bebeu na fonte poética de Múcio Teixeira, membro do *Partenon Literário*, que publicou em 1877, no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, o poema *Away*. Versando sobre a liberdade, este poeta demonstra a influência francesa ao declarar que as modernas teorias iriam enterrar “à luz da vida nova/o fúnebre caixão de Monarquias!...” e que “Le monde marche, Pelletan murmura”. O fecho de ouro fica por conta dos últimos versos: “Avante, povo! Ao som da Marselhesa/A púrpura queimai da realeza”.<sup>130</sup> Com isso, vê-se que a literatura francesa influenciava até mesmo os portugueses que escreviam no Brasil.

Dentre os anúncios de textos de franceses lidos, destacam-se no jornal *Pervigil*, de 23 de julho de 1882, os pensamentos de Balzac e Madame de Girardan, dispostos na coluna na seguinte ordem:

#### PENSAMENTOS

Diz Balzac:

“Um homem não deve casar-se sem ter estudado anatomia e dissecado pelo menos uma mulher.”

---

Ouçam este pedacinho:

“Em cem homens, encontram-se dois com espírito; em cem mulheres, apenas encontrar-se-há uma sem ele.”

Isto diz uma mulher – Mme. de Girardin.

A seção “Pensamentos” era comum nos jornais e faz juz ao título, uma vez que expressam o pensamento de autores, em geral, franceses, a respeito de assuntos cotidianos, como demonstram os excertos. Eram comuns as publicações dos pensamentos serem dispostas na forma de diálogo, passando a idéia de que os autores estavam apresentando o seu ponto de vista que, na maioria das vezes, eram divergentes. No caso exposto, Balzac defende uma visão de mundo masculina, para um homem que

---

<sup>130</sup> TEIXEIRA, Múcio. *Away*. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 2 dez. 1877. p.1.

trabalha com a sensibilidade das palavras, respeito de como entender uma mulher. Já a autora apresenta um pensamento voltado ao mundo feminino, afirmando que a maioria dos homens não tem “espírito”, o que fica comprovado pelo pensamento do autor, expresso anteriormente. A partir da apresentação das opiniões de autores de sexos e idéias opostas, mas de igual nacionalidade, cabe ao público leitor o dever de escolher de que lado ficar.

Um dos poetas franceses mais citados em textos e epígrafes foi Victor Hugo, devido ao seu envolvimento político e a força literária que sua obra alcançou. Hugo foi um dos intensos propagadores da liberdade política, tendo suas obras lidas, traduzidas e divulgadas nos periódicos pelotenses.

No tocante à literatura estrangeira universal, os periódicos publicavam textos, pensamentos, traduções, contos, e poemas de autores estrangeiros e de escritores locais versando a respeito da sua produção intelectual e literária, como o poema de José Barbosa Gonçalves<sup>131</sup>, em que trata da importância da divulgação das idéias registradas na literatura universal, conforme se lê:

Nas ondas frementes  
 Que os séculos agitam,  
 Das nuvens trevosas  
 - Num céu verde-azul,  
 Surgiu um gigante  
 Com luz tão brilhante  
 - Que febricitante –  
 Corre cá pra o sul.

Então impelido  
 Pra arena do gênio,  
 O – *away* – de Byron  
 Se fez gladiador...  
 .....  
 - Caminha – gigante,  
 Que a fama de Dante  
 Morrer – um instante

---

<sup>131</sup> Foi um dos fundadores do Clube Literário Democrata e também do jornal *A Idéia*, para o qual colaborou sob o pseudônimo de Gontran de Castelneau.

Só pode – pra os vis!  
 .....  
 Avante!...ó mancebos  
 Da santa cruzada...  
 Tão cheios de ardor  
 Para a grande epopéia...

- O livro é a glória,  
 Que lavra na história  
 Um nome: - vitória!  
 Hosanas! Ó! – Idéia!

A estrofe inicial do poema é uma alusão ao início de *Os Lusíadas*, de Camões, e às caravelas que chegaram ao Brasil na época do seu descobrimento. No entanto, o nome desse autor português não é mencionado, deixando para o leitor perceber a presença camoniana no poema.

A explicação para esse fato pode estar no argumento de que, na época, segundo os textos veiculados nos jornais, a literatura portuguesa e os modelos portugueses estavam sendo deixados de lado e, por isso, não era aconselhável dar crédito, nem mesmo à literatura clássica de Portugal. Para driblar a norma e mostrar que a literatura portuguesa tinha sua importância e também influenciava o Sul, José Gonçalves resolveu citar sem mencionar, pois, segundo Apolinário Porto Alegre, “em Portugal tudo é estacionário, porque ele vive de tradição; no Brasil tudo caminha, é impetuoso, porque ele vive de esperança, o futuro é seu norte.”<sup>132</sup> Essa afirmação, vinda do *Partenon Literário*, deixa clara a idéia de que a literatura portuguesa não era aceita por todos os escritores da região, portanto, o autor pelotense usou um artifício no seu poema, porque assim não haveria cometido delito aos olhos dos colegas intelectuais que defendiam as idéias francesas, a exemplo dos partenonistas, uma vez que o fato poderia passar despercebido.

Nas estrofes seguintes, o autor menciona Byron e Dante, fazendo lembrar a importância da literatura inglesa e italiana. Com relação ao inglês

---

<sup>132</sup> PORTO ALEGRE, Apolinário. José de Alencar. Estudo biográfico. In: ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O Partenon**

Byron, José Gonçalves lembra a composição poética “Away”, cujo título também foi utilizado pelo poeta partenonista Múcio Teixeira em seus versos publicados em 1877, no *Jornal do Comércio*, um ano antes da publicação da obra de José Gonçalves. Sendo assim, o escritor engloba na literatura clássica e essencial para a formação de uma literatura também o *Partenon Literário* representado por esse poeta.

Os escritores brasileiros, como por exemplo, José de Alencar, também influenciaram a literatura em Pelotas e eram lembrados nas homenagens dos autores pelotenses. Em 3 de julho de 1884, o jornal *A Pena* publicou o poema “A canção do Ceará” em que o poeta Valentim Magalhães homenageia o escritor cearense, através da alusão à liberdade do povo representado em suas obras:

.....  
 Pelas campinas floridas  
 verdes, grandes como mar,  
 nas rudes, alegres lidas,  
 desse povo a trabalhar.

Já não se escuta o vergalho  
 nem o grito dos feitores,  
 já não mais: trabalho  
 de escravos para os senhores!

Nem mais serões, nem mais cintos  
 nem chicotes a estalar!  
 homens, fortes, satisfeitos...  
 e mais livres que o mar!...

Apenas, em desagravo  
 da antiga ferocidade,  
 lembram-se as dores do escravo  
 nas festas da liberdade...

Vinde, ó gente estrangeira,  
 podeis sem temor entrar!...  
 são livres, hospitaleiros  
 estas terras de Alencar.

Onze anos antes, Apolinário Porto Alegre, membro da *Sociedade Partenon Literário*, homenageou o escritor cearense através de um estudo biográfico, publicado na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Alencar era considerado um símbolo de nacionalidade e, por esse motivo, era lembrado seguidamente.

Apolinário Porto Alegre considerou que as obras de Alencar “constituirão uma cadeia, por cujos elos poder-se-à estudar a nacionalidade brasílica desde a formação primitiva até as múltiplas transformações que tocam aos nossos dias”, e acrescentou, ainda que o escritor cearense soube, em suas obras, “devassar os segredos do coração humano, as delicadezas de sentimento”<sup>133</sup>. Em razão dessa habilidade com as palavras, Alencar alcançou a projeção de modelo literário para os escritores gaúchos que adaptaram a idéia de nacionalismo para trabalhar o regionalismo literário, criando os seus próprios símbolos e representando o povo gaúcho com seus costumes.

Ainda no estudo biográfico a respeito de José de Alencar, Apolinário tece comentários acerca de Joaquim Manuel de Macedo. Com relação ao escritor, comenta que está entre os nomes que figuram na bela galeria de nomes proeminentes das letras brasileiras, ao lado de Gonçalves Dias, Magalhães, Norberto de Souza, Álvares de Azevedo, Araújo Porto Alegre, Pereira da Silva, Varela, Machado de Assis, Castro Alves, etc.<sup>134</sup>

Certamente essa foi a razão de os pelotenses renderem homenagem ao escritor de *A Moreninha*, com comentários, transcrições e poemas como o de Áureo, publicado no jornal *A Idéia*, em 17 de novembro de 1878, o qual faz alusão ao trecho da obra de Macedo. O título do poema e do romance é igual, reforçando a idéia de que o primeiro foi escrito baseado no segundo, conforme percebe-se:

---

<sup>133</sup> Idem, p. 98.

<sup>134</sup> Idem, p. 101.

## MORENINHA

Em que cismas, moreninha,  
Nesse alvacento jardim?  
Deixa o encanto das flores;  
Lembra-te às vezes de mim;

Embora os lírios formosos  
Mirem-te a face gentil,  
O meu amor, que é perene  
Dó de inundar-te o perfil!

Como a estrela cintilante,  
Recorda um sonho infantil,  
O teu olhar de crença;  
Abre o meu peito ao porvir!

Se Deus formou-te provida  
De afetos que não tem fim,  
Desdobra os elos da sorte,  
Mas deixa algum para mim!

Tem pena do pobre mártir,  
Das flores do teu jardim,  
Aceita os versos do bardo  
Lembra-te às vezes de mim!

O romance de Joaquim Manuel de Macedo tematiza a história de um rapaz, Augusto, que aposta com amigos que não se apaixonaria por ninguém, caso contrário teria que escrever um romance. Como ele perde a aposta, escreve o romance sobre seu amor pela irmã do seu colega, Carolina, a quem chama de Moreninha. Augusto, quando criança, jurou amar eternamente uma menina cujo nome ignorava. Em razão desse juramento, tornou-se inconstante em seus amores, até que conheceu Carolina, pela qual se apaixonou e perseguiu. Quando ficaram noivos, ela revelou ser a sua amada de infância.

O poema pelotense desenvolve um enredo semelhante, pois o eu lírico, repetidas vezes, faz afirmações remetendo ao amor duradouro iniciado na infância, como nos versos em que declara: Lembra-te às vezes de mim;/ O meu amor, que é perene/ Recorda um sonho infantil,/ De

afetos que não tem fim. É inegável que as duas produções apresentam o mesmo tema: a fidelidade a um amor de infância. A obra resgata sentimentos como honra, fidelidade e amor que são valores puros, honestos e genuínos presentes na alma do ser humano.

A aproximação temática presente no poema demonstra que os pelotenses, sob a recomendação do *Partenon Literário*, consideravam Macedo um escritor-modelo que deveria ser lido, reproduzido e imitado. Na obra comentada, o escritor trabalha com os sentimentos de honra e fidelidade que também podem ser transpostos à Pátria e, no caso de Pelotas, à região do extremo Sul do Estado.

Os intelectuais pelotenses buscavam reafirmar o idealismo, presente na tendência romântica, colocando-se contrários ao Realismo que apontava no movimento literário. O poema “As duas musas”<sup>135</sup>, de Cory, é um exemplo dessa defesa. Nele, o autor compara o idealismo e o realismo a duas mulheres, cujas características são totalmente opostas. A musa do realismo é apresentada com características de uma bruxa, conforme o poema:

[...]é barregã envolta em trajes velhos,  
 Gastando a mocidade em torno aos menestréis.  
 Já tem a pele ruga, tem chagas nos artelhos,  
 E as faces macilentas da baba dos bordeis!  
 Os lábios ébrios, roxos a boca desdentada,  
 Semelha um caos medonho, um antro – negro fundo;  
 Olhar febril e tétrico na órbita cavada,  
 espádua negra, ossuda, cabelo curto e imundo!  
 As unhas são compridas, mas grossas e tarjadas[...]

Já a musa do idealismo, segundo o poeta, possui as seguintes características:

[...]é moça e bela, habita nos arminhos,  
 nas pétalas perfumadas de rosa ou camélia  
 escuta o manso idílio dos rouxinóis nos ninhos  
 seus sonhos são mais brandos que o delirar de Ofélia!

---

<sup>135</sup> CORY. As duas musas. **A Idéia**. Pelotas 12 jan. 1879. p. 3.

Como Friné ou Vênus na languidez do banho  
 assim a vi sem véus, em sonhos delirantes;  
 trazia um coro de anjos – de estrelas um rebanho...  
 .....

Esta visão formosa, e esta gentil menina  
 que arroja o corações o céu num paroxismo,  
 é a musa *Idealista*, essa visão divina!...  
 - a outra – musa hedionda é o novo *Realismo*.

A partir desse poema, percebe-se que a literatura que circulava e se formava em Pelotas ainda possuía grande influência da tendência literária romântica, negando as transformações de estilo oriundas do Realismo que já surgia no centro do País. A *Ventarola* critica pejorativamente o autor do artigo “Critério Literário” publicado pelo jornal *Progresso Literário*, que discorre sobre a diferença entre o Romantismo e o Realismo. O autor do artigo chama a escola realista de pornográfica, dizendo que esta se afasta do romantismo por ferir a verdade do que é real<sup>136</sup>. A *Ventarola* comenta a ambigüidade do discurso do crítico, já que numa hora distingue totalmente as escolas; enquanto noutra, cita que o Realismo é a segunda fase do Romantismo. Devido a isso, o colunista questiona a intelectualidade do crítico, e também, sua resistência às evoluções literárias.

Os intelectuais pelotenses aplicavam à literatura de Pelotas o que estava de acordo com o seu momento histórico e como seu contexto cultural, deixando para mais tarde o envolvimento com o Realismo literário, advindo do modelo europeu.

Com relação a esse pensamento, Silvio Romero afirmava algo parecido:

Todo e qualquer problema histórico e literário há de ter no Brasil duas faces principais: uma geral e outra particular, uma influenciada pelo momento europeu e outra pelo meio nacional, uma que deve atender ao que

---

<sup>136</sup> **A Ventarola**. Pelotas, 26 ago.1888. p. 2.

vai pelo grande mundo e outra que deve verificar o que pode ser aplicado em nosso país.<sup>137</sup>

As idéias de Silvio Romero eram propagadas no Rio Grande do Sul por Koseritz<sup>138</sup>, que atuava na imprensa e na cultura de Pelotas e fazia parte da *Sociedade Partenon Literário*.

Alguns jornais pelotenses colaboravam na divulgação das idéias propostas por Silvio Romero. *A Pena*, em 29 de setembro de 1884, publicou o poema “Em face do céu” - canção do trabalho -, no qual Romero tematiza o progresso, nos primeiros versos em que afirma:

*Brotam ervas nestes trilhos*  
 Onde vejo inda os filhos  
 Dos prantos que já chorei...  
 Também no peito brotaram  
 Novas dores, despontaram  
 Pesares, que nem contei...  
 .....

O tema “progresso” era trabalhado por vários escritores pelotenses em todos os setores a que se referiam, fosse na cultura e literatura, fosse em política e sociedade. Muitos dos intelectuais pautavam-se em literatos renomados como Silvio Romero cuja voz atribuía lugares aos ditos dos outros, emprestando-lhes credibilidade, ou não, a partir do espaço que lhes era dedicado nas suas páginas. Seu texto constituía, assim, um dispositivo estratégico que, ao mesmo tempo que se remetia ao real, disciplinava os novos escritores, dando-lhes uma ordem e um sentido que não aconteceria de outra maneira.

Além da presença de intelectuais como Romero, para influenciar o sistema literário pelotense que se formava, Pelotas também considerava

---

<sup>137</sup> ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980. p. 4.

<sup>138</sup> A ação de Carlos von Koseritz, na divulgação das idéias científicas e evolucionistas no Rio Grande do Sul, foi muito importante. Suas atividades de crítica ao teologismo e à metafísica foram inspiradas no exemplo vindo da *Escola do Recife*, em Pernambuco, liderada por Tobias Barreto, na qual Silvio Romero teve papel fundamental.

nomes de destaque do Rio Grande do Sul, como o do partenonista Hilário Ribeiro. O educador teve grande influência nas letras pelotenses, conforme afirma o artigo publicado no jornal *Tribuna Literária*, em 12 de fevereiro de 1882, que aborda a chegada de Hilário Ribeiro, “um dos mais distintos literatos do Rio Grande do Sul, que tem enriquecido as letras pátrias com suas obras.”

Hilário Ribeiro também foi homenageado pelo jornal *Pervigil*, de 12 de julho de 1882, na seção “Sons e Tons”, por defender a manifestação do ensino científico e moderno às crianças do Rio Grande do Sul. Os artigos indicam o quanto esse educador destacava-se por seus trabalhos intelectuais e, por isso, era admirado e tido por exemplo.

Outro intelectual que visitou Pelotas e virou notícia na cidade foi Assis Brasil, anunciado em primeira página pelo *A Idéia*:

o conhecido vate rio-grandense, que anda de passeio pela campanha e em sua passagem por esta cidade em fevereiro do ano próximo, dará uma conferência pública nos salões da Biblioteca Pública Pelotense. Desde já antevemos mais uma folha de louro, para ornamento da coroa que enriquece sua frente. A Biblioteca aproveita a ocasião e pede aos habitantes desta caridosa cidade prendas e donativos para o bazar cujo produto final deve reverter para a continuação da construção de seu edifício.<sup>139</sup>

Pelotas também recebia a visita de escritores estrangeiros conforme anuncia o mesmo número do jornal: “Acha-se há dias no seio de nossa sociedade, o ilustre escritor português, autor de *Reação e Liberdade*, Gaspar da Silva. A redação da *Idéia* cumprimenta-o e põe à disposição as colunas deste jornal.”

Além das leituras, visitas e palestras de intelectuais importantes para a consolidação da literatura e da cultura na cidade de Pelotas, outra forma de contato com as idéias que predominavam na época ocorria por

---

<sup>139</sup> Editorial. **A Idéia**. Pelotas, 22 dezembro 1878. p. 1.

meio da correspondência que os jornais mantinham com diferentes estados do Brasil e do exterior, conforme registram em seus expedientes. Através de agradecimentos pelo recebimento de jornais de várias cidades e de notícias das mais variadas regiões mensura-se o alcance que os jornais possuíam. Por exemplo, tem-se anúncios como os publicados na coluna “Artes e Letras”, do jornal *Progresso Literário*, de 11 de fevereiro de 1877, que se refere a:

- transcrição da *Gazeta do Rio de Janeiro* sobre um jornal francês, redigido por Mr. de Chantelon;
- folha o *Guarani*, de partidos militantes, em Uruguaiana;
- o jornal o *Português*, que cuida dos interesses dos portugueses na província da Bahia;
- aparição de 13.356 obras literárias na Alemanha, mais de 840 que no ano anterior;
- fundação da associação dos *Estudantes do 2º ano de Jurídico*, em São Paulo;
- surgimento da *Tribuna*, órgão político, na Bahia;
- criação do periódico *Incentivo*, pelo Sr. Dr. João Florêncio Gomes, diretor do colégio São José, na Bahia;
- publicação do jornal *Moderação*, em Piauí;
- publicação desse mês: os números 5 e 6 do 2º ano da *Revista*, no Rio de Janeiro, editada pelo Sr. Serafim José Alves;

Pelos anúncios, vê-se que as informações transitavam por uma rede de relações. A troca de notícias acontecia por meio dos jornais que chegavam a toda a nação e atingia todas as regiões. Quando havia um amigo ou conhecido em outra cidade ou País, essa pessoa passava as informações de lá para cá e vice-versa. No entanto, era muito comum que a relação com as diversas regiões ocorresse mais pelo interesse político-econômico, como os ideais abolicionistas e republicanos, por exemplo, do que pelo interesse cultural, pelo menos no Rio Grande do Sul.

A literatura que se desenvolvia em Pelotas estava engajada na transformação político-social e para esse caminho apontam a recepção e a produção literária daquela cidade na segunda metade do século XIX. Isso

explica por que os autores brasileiros e estrangeiros que produziam textos com o temário político tinham maior preferência entre o público leitor. Considerando que os leitores eram, na sua maioria, os próprios escritores, não fica difícil entender porque a sua produção era semelhante aos textos consumidos. Conforme Regina Zilberman destaca, o escritor não é o homem separado da máquina social, mas a representa, organizando mesmo suas aspirações por meio de recurso poético.”<sup>140</sup>

A produção, nessa etapa, se mostrava pequena, resultando da atividade quase marginal de escritores esparsos. Como não possuíam papel social definido, podendo ser também sacerdotes, juristas ou administradores, a difusão de suas obras efetuava-se de modo precário, com intenções imediatistas. As produções confundiam-se com a atividade prática dos autores: sermões, relatórios, polêmicas.

No que se refere ao consumo ou à circulação das obras, a precariedade do processo pode ser explicada pelo fato de que apenas os pequenos grupos letrados, presentes aos serviços religiosos, aos saraus literários ou às sessões jurídicas, poderiam ter acesso a essa produção. Mesmo as obras exclusivamente escritas não se afastavam das intenções pragmáticas, pois se caracterizavam como crônicas de viagem, literatura de informação ou de divulgação. Concorre também para limitar a difusão das obras o fato de que elas eram, geralmente, editadas em Portugal, o que dificultava sobremaneira sua circulação entre leitores pouco privilegiados que formavam o público no Brasil.

Ainda que fosse pouca a produção de textos na cidade de Pelotas na segunda metade do século XIX, constata-se assim a influência do *Partenon Literário* e de modelos literários de outros estados do Brasil e de sistemas literários europeus, seja através de aspectos formais, como epígrafes, citações, intertextos, seja por meio de suas temáticas.

---

<sup>140</sup> ZILBERMAN, Regina. O Partenon Literário: Literatura e discurso político. In: \_\_\_\_\_ et alii. **O Partenon Literário**: poesia e prosa. Antologia. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1980.p.40.

### 3.2 Atuação dos livreiros e editores

Segundo os anúncios dos jornais, publicados em Pelotas, na segunda metade do século XIX, a cidade contava apenas com duas livrarias: a Americana e a Universal que, além de vender livros, proporcionavam um ambiente de socialização entre os freqüentadores.

Das duas livrarias, o nome que obteve maior destaque no mercado editorial literário do extremo Sul rio-grandense foi o de Guilherme Echenique, um dos donos da Livraria Universal. A função do editor compreendia também a de ser crítico literário local, uma vez que era ele quem escolhia os livros que seriam publicados, encomendados e vendidos no seu estabelecimento. No entanto, os autores tinham a opção de mandarem imprimir seus livros em tipografias de jornais ou em outras cidades do País ou do Exterior. Isso ficava a cargo do poder aquisitivo do escritor e da finalidade do que publicava, pois muitas antologias, por exemplo, não foram impressas pelas editoras locais.

Echenique ocupava cargo político e militar. Isso reafirma que a regulamentação da literatura pelotense dava-se por parte de intelectuais politicamente engajados. A situação pelotense diferia do que ocorria no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde a literatura recebia incentivo de professores e escritores que apoiavam as letras pela educação e pela arte. Em Pelotas, o apoio à cultura em geral era oriundo das charqueadas e da exploração escravocrata, semelhante ao que assevera Roberto Zular com relação ao surgimento da escrita no Brasil, ocorrendo pela marca das iniciais do dono no escravo. No Peru, Cornejo Polar registra que a escrita nasceu pela dominação e pela violência<sup>141</sup>. O surgimento e o desenvolvimento das letras em Pelotas seguiu um caminho similar ao do resto do País e de outros povos latino-americanos, sendo financiado pela elite do charque.

Diferente dos estados do Norte do País, onde o comércio de livros ocorria tanto por livreiros que se ocupavam exclusivamente dos impressos

---

<sup>141</sup> ZULAR, Roberto; PINO, Claudia Amigo. **Escrever sobre escrever**. Uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 31.

como por estabelecimentos que se dedicavam à venda de diversos artigos, reservando um espaço ao mercado de livros<sup>142</sup>, Pelotas comercializava seus livros somente por meio das editoras/livrarias<sup>143</sup> e dos jornais, conforme se lê em anúncio publicado no jornal *A Idéia*:

Vai entrar no prelo um livro de costumes desta província: *Urros de Monstro*, romance escrito por Nuno Rangel. Acha-se aberta a assinatura no escritório da redação deste jornal e na Biblioteca Pública Pelotense. Preço de cada volume: 2\$000.<sup>144</sup>

Esse é um dos raros exemplos de autores locais coletados nos anúncios das livrarias Americana e Universal publicados nos jornais pelotenses. A presença de gaúchos é rara, restringindo-se à oferta apenas do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues e, até mesmo, do *Hino ao Estado do Rio Grande do Sul*, poesia e música de Fernando Luiz Osorio. Esses registros marcam, pelo menos nos periódicos que fazem parte do *corpus* desta tese, a ausência de oferta de livros de autores membros do *Partenon Literário*.

A maioria dos livros à venda são de autores portugueses e franceses, como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Zola e Maupassant, vendidos no idioma original, e de textos franceses traduzidos por portugueses, como *A honra de artista*, de O. Feuillet, traduzido por Pinheiro Chagas. Os tradutores eram explicitados nos anúncios como argumento de autoridade, dando credibilidade ao texto anunciado.

Outros nomes considerados menores, como Georges Ohnet, Ponson de Tergail, Victor Cherboulrier, Adolfo d'Ennery e Y. F. Elslander, todos autores de romances vendidos pela livraria Americana, são parte importante da consolidação da literatura regional, influenciando a produção de outros

---

<sup>142</sup> Essa informação está registrada no artigo intitulado **A atuação dos livreiros e a circulação de romances em Fortaleza no século XIX**, escrito pela mestranda em Teoria e História Literária, Rozângela de Arruda Silva, publicado no site da UNICAMP.

<sup>143</sup> Ver, em anexo, a listagem dos livros anunciados pelas livrarias Universal e Americana.

<sup>144</sup> Lembretes. **A Idéia**. Pelotas, 15 dez. 1878. n. 7, ano I, p. 4.

textos em Pelotas, pois “textos ignorados ou superficialmente examinados às vezes têm parte preponderante nesse jogo [literário].”<sup>145</sup>

Embora representando o papel de divulgadores da literatura local, os editores acabavam por restringir a leitura da sociedade, uma vez que indicavam apenas o que consideravam apropriado. Segundo Even-Zohar, “un mercado restringido limita naturalmente las posibilidades de la literatura de desarrollarse como actividade sócio-cultural. De ese modo, hacer que el mercado florezca está en el interés mismo del sistema literario”.<sup>146</sup>

Corroborando a idéia do teórico, surge a constatação de que os escritores agiam no mercado editorial, pois geralmente tinham relação direta com os editores e com os tipógrafos, isso quando não eram eles mesmos os donos dos jornais onde os livros eram editados e divulgados. Além disso, esses homens desenvolviam a tarefa de críticos de suas próprias obras literárias, ratificando a importância que Zohar atribui ao papel da literatura para uma sociedade que, por um lado “sirve para proporcionar modelos de explicación del mundo, de la realidad y por outro, funciona para proporcionar modelos de actuación”.<sup>147</sup> Para o teórico, os textos literários propõem modelos de comportamento em casos particulares e de organização da vida.

No sentido de organização literária, encontram-se, no final do século XIX em Pelotas, várias antologias e coletâneas organizadas por Francisco de Paula Pires<sup>148</sup>. Com diferentes funções, umas beneficentes e outras para o simples fim de ordenação e registro, as antologias como, por

---

<sup>145</sup> ABREU, Márcia. **O caminho do livro**. Campinas: Mercado de Letras/ALB; São Paulo FAPESP, 2003. p. 137.

<sup>146</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **El sistema literario**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/sistm\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/sistm_s.htm). Acesso em: 27 maio 2004. p. 14.

<sup>147</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. La literatura como bienes y como herramientas. In: VILLANUEVA, Darío, MONEGAL, Antonio, BOU, Enric. **Sin fronteras**. Ensayos de literatura comparada em homenaje a Claudio Guillén. Madrid: Castalia, 1999. p. 26.

<sup>148</sup> *Pindo Rio-Grandense*, antologia de autores rio-grandenses, Pelotas, 188?; *Cáritas*, antologia poética, organizada em benefício de Lobo da Costa, Pelotas, 1887; *Rimas*, versos, Rio Grande, Livraria Americana, 1888; *Sonoras*, antologia de poetas brasileiros, Pelotas, Livraria Universal, 1891.

exemplo, o *Pindo Rio-grandense* arrolavam nomes de destaque na sociedade gaúcha, incluindo os importantes membros do *Partenon Literário*.

Os escritores locais que tinham seus nomes registrados nas coletâneas eram os que divulgavam ideais políticos libertários, lutavam pela instrução social e pelo desenvolvimento literário, cultural e social da cidade de Pelotas. Os autores de outras localidades brasileiras, tanto de Porto Alegre, quanto do centro do País, representavam a influência desse pensamento para o grupo de intelectuais da região. Sendo assim, agiam como modelo de atuação social, fornecendo ferramentas para que os cidadãos pudessem compreender o contexto social e apoiar a necessidade de desenvolvimento.

### **3.3 Atuação dos críticos**

A crítica literária foi, durante muito tempo, principalmente nos séculos XVIII e XIX, vista como aliada dos poderes políticos, econômicos e, por conseguinte, sociais, pois fazia a apreciação dos textos literários a partir de tais óticas.

Com a ascensão da burguesia, no século XVIII, a literatura adquiriu o papel de orientadora, ajudando a consolidar a sociedade que se formava através de normas políticas, religiosas e de comportamento moral, expressas nas obras literárias que favoreciam o movimento de emancipação do Estado absolutista, instigando os poucos leitores, à aquisição do amor-próprio e da liberdade. Para tanto, eram utilizados os periódicos, que foram elementos fundamentais para influenciar a sociedade, favorecendo a formação da opinião pública.

Estando a literatura voltada para a consolidação de uma sociedade, a crítica não podia agir diferentemente. Acompanhando o caminho das obras literárias, tornou-se não uma crítica literária, mas cultural, uma vez que estava diretamente ligada à reflexão moral, cultural e religiosa. Nesse contexto, o crítico adquiriu, a partir de um pacto social com seus leitores, a função de porta-voz que vigia as relações sociais, guardião e instrutor do

gosto público, um informante que possibilita ao público estabelecer uma uniformidade imaginária mais profunda consigo e, portanto, com a sociedade. Tornando-se aliada do texto social esquece, porém, dos métodos especializados que a crítica deveria utilizar para interpretar as obras literárias.

De todo o modo, essa preocupação com a consolidação social constitui na verdade uma função política e, de certa forma, econômica, pois o crítico já não mais escrevia pela literatura e pelo intelecto, mas pelo dinheiro. A força mercantil determinava o destino dos produtos literários e tanto o escritor quanto o crítico eram escravos do sistema capitalista, se eles não seguissem produzindo de acordo com as exigências do mercado, não sobreviveriam.

Através dos jornais, os escritores e os críticos mantinham o contato com toda a espécie de público leitor, instruindo-o e explicando as complexidades da transformação econômica, social e religiosa, assim ajudando-o a refletir. O leitor passava a ser moldado através do dogmatismo intelectual do crítico.

Conforme Carlos Baumgarten, o século XIX era de luta pela independência política, social, cultural<sup>149</sup>. Dessa forma, os críticos que estavam iniciando a circulação de ensaios no Rio Grande do Sul queriam eleger a originalidade como condição indispensável para consolidação de uma expressão literária nacional e autônoma. Partindo dessa idéia, estabeleceram objetivos para a atividade crítica. São eles: adaptação da literatura à natureza brasileira, afastamento dos modelos literários europeus, tematização dos aspectos referentes à realidade sociopolítica brasileira e a produção de uma literatura que fosse expressão do clima e dos costumes brasileiros.

Paula Pires publicou um ensaio no qual trata da permanência do debate em torno da nacionalidade da literatura brasileira e sua autonomia em relação à portuguesa, atestando que o fato de nossa cultura estar

---

<sup>149</sup> BAUMGARTEN, Carlos A. **A crítica literária no Rio Grande do Sul** - do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.p.73.

pautada nas bases lingüísticas de Portugal não configura uma prova eficaz de que a nossa literatura não possa ser considerada autóctone. Para comprovar a nossa originalidade ele afirma:

Quem, como nós, possui o *Guarani*, *As Minas de Prata*, *Alfarrábios*, *Garatujas*, *Lucíola*, *Senhora*, *Iracema*, *Confederação dos Tamoios*, poesias de Gonçalves Dias e tantas outras obras, puramente brasileiras; quem como nós, possui escritores como Rio Grande, Macedo, Porto Alegre, Silvio Romero, Tobias Barreto, etc., etc., não pode deixar de ter uma literatura, senão, esplêndida, ao menos que prove exuberantemente sua existência. [...] Para nós está reservado o mais risonho porvir: esta terra das maravilhas, rica pelas suas minas, pela opulência das suas florestas pela uberdade de seu solo, há de ser rica também em produzir filhos que atestem toda a sua grandeza.”<sup>150</sup>

Nos ensaios de crítica literária, Francisco de Paula Pires procurava, como afirma Carlos Baumgarten, “atestar a permanência do debate em torno da nacionalidade da literatura brasileira e sua autonomia em relação à portuguesa.”<sup>151</sup> Nessa época, a crítica literária sul-rio-grandense estava ainda na primeira fase, mas a sua divulgação, pela Província do Rio Grande do Sul, estava crescendo por meio da literatura de imprensa.

O português José Gomes Corrêa, que vivia em Pelotas, também escreveu alguns ensaios de crítica direcionados à literatura propriamente dita. O mais importante foi intitulado “O Comércio e as letras”, no qual o autor propõe a reação contra o capitalismo que rege as análises críticas, pois nessa época, como já foi exposto anteriormente, o papel da crítica é guiado não pela arte literária em si, mas pelas relações sociais. Dessa forma, a função da crítica desvia-se do literário como arte, voltando-se a uma ideologia dogmática que visa à educação moralizante da sociedade pelotense que está em processo de consolidação.

---

<sup>150</sup> PIRES, Paula. A literatura nacional. **Tribuna Literária**. Pelotas, 29 jan. 1882. n. 5, p.3.

<sup>151</sup> BAUMGARTEN, Carlos A. Op. cit. nota n. 30, p. 73.

Gomes Corrêa quer a independência da crítica em relação à sociedade, que envolve diretamente a política e a economia, e a aceitação pública da crítica e da literatura voltadas apenas para a cultura. Em um de seus artigos, ele ataca os comerciantes dizendo que,

Entre muitos prejuízos até hoje alimentados pelos rotineirismo absurdo na vida comercial, destaca-se um que, primando pelas irrisórias teorias em que se baseia, é, não obstante, sustentado com afeição pela teimosia dos comerciantes em geral, ainda mesmo por aqueles que mais de perto acompanham as evoluções sociais, fatalmente predispostas a desenvolver e equilibrar o aperfeiçoamento em todas as classes.

Referimo-nos à maneira por que entre nós é encarado no comércio aquele de seus membros que, dotado de uma inteligência esclarecida, procura amadurecer-lhe os frutos expondo-os à benéfica luz da publicidade.

Ai daqueles que, tendo empregado suas horas desocupadas em traçar no papel os seus pensamentos, comete o arrojo de dá-los à publicidade com a sua assinatura!

O que assim proceder, embora em seus escritos revele muito critério e talento, não mais será considerado por seus colegas como um negociante sensato.

E, mais pronunciadamente se manifesta este grave prejuízo se o cultor das letras for um simples empregado. [...] será sempre de grande utilidade para quem escreve, entregar suas produções à publicidade, porque, lidas por todos, sejam depuradas no cadinho da análise criteriosa e profícua.<sup>152</sup>

Esse ensaio confirma a busca incessante da crítica por um espaço que seja só seu, no qual ela possa agir de forma independente. Historicamente sabe-se que, mais tarde, somou-se à idéia expressa por Gomes Corrêa a necessidade de a crítica possuir uma teoria própria em que estivessem estabelecidos os métodos de análise que facilitariam a interpretação das obras através de uma ótica literária, voltando-se para a

---

<sup>152</sup> GOMES CORRÊA. O comércio e as letras. **Tribuna Literária**. Pelotas, 2 abr. 1882. n. 14. Editorial. p. 1.

cultura da sociedade e não mais para os problemas sócio-econômicos e políticos.

A partir dessa autonomia, tanto a crítica literária quanto a literatura em si poderiam estabelecer as relações intradisciplinares que lhes fossem mais importantes, a fim de atingir a pluralidade de significados contidos nos textos.

Com base na apreciação dos textos literários do jornal *Tribuna Literária* e dos ensaios críticos mais significativos, é possível constatar, já no final do século XIX, mesmo sendo o período do surgimento da crítica literária sul-rio-grandense, que alguns críticos e escritores, apesar de diretamente relacionados com a sociedade, deram início, talvez sem ter muita consciência da dimensão das suas reivindicações, ao que foi afirmado, mais de um século depois, pelo historiador Lloyd Kramer: “A literatura sugere formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativa para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência.”<sup>153</sup>

Partindo dessa afirmação, observa-se que a prática da crítica, realizada na época pelo jornal *Tribuna Literária*, admitia apenas a sua visão sociológica Gomes Corrêa, porém, ao reagir a favor das produções literárias que tivessem por objetivo a arte pela arte, desligando-se do sentido comercial, abria caminho à plurisignificação dos textos literários. Com isso, expressando o desejo de uma crítica literária que não constitua um sistema fechado, estanque e isolado das outras áreas de conhecimento. Adquirindo, portanto, a função de libertar os possíveis sentidos por meio dos seus métodos específicos.

Os intelectuais avaliavam a qualidade dos textos publicados e também a capacidade dos autores das produções literárias. O jornal *A Ventarola* publicou a crítica intitulada “Pelo ar...” a qual registra o posicionamento do autor frente “aos literatos que se julgam apreciadores

---

<sup>153</sup> KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hyden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lyn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.131-173.

literários”. Referindo-se à organização de seus textos e sua sintaxe “mal apresentada”, o autor comenta que observa as “rabiscadelas” em prosa e verso, a qual mais falha inspiração e senso comum.<sup>154</sup>

O jornal *A Ventarola* comenta, ainda, sobre o escritor fluminense Alfredo Pujol, que fez uma crítica à obra *A carne*, de Julio Ribeiro, muito aclamada na corte. A crítica de Pujol foi, na verdade, uma contra-resposta à crítica do pelotense Germano Hasslocher, que declarou que o livro não tem grande valor literário<sup>155</sup>.

Outra crítica veiculada no periódico foi sobre a “mania” de versejar que tomou conta da população intelectual de Pelotas<sup>156</sup>. Nessa publicação, o autor compara “a aluvião de poetas” à praga de ratos que de trinta em trinta anos assolava a cidade. O próprio colunista diz que, contagiado pela febre do Parnaso, arrisca uns versos consagrados aos “*poetas da enchente*”,

Deu-se o caso da câmara no cenário:  
Um deputado irroga acre censura  
À vergonha e pífia formatura  
De Francisco Manoel Joaquim Macário.

– É mero charlatão! receituário  
Formulado por ele, em vez de cura,  
Vai ao doente abrir a sepultura,  
Pois não sabe se quer o silabário!

– Sou e sempre serei conservador,  
Replica o *doutorado*, dando um murro  
No bom senso – em artigo esmagador.

– Há muito tempo a petulância surro,  
O deputado torna e diz: - senhor,  
O burro em toda parte é sempre burro.”

Em tom irônico e sarcástico, o crítico registra a sua opinião a respeito da falta de qualificação literária dos escritores pelotenses que tinham a pretensão de publicar textos e fazer parte de antologias locais.

<sup>154</sup> Pelo ar... **A Ventarola**. Pelotas, 8 abr. 1888, p. 6.

<sup>155</sup> **A ventarola**. Pelotas, 21 out. 1888.p.2.

<sup>156</sup> **A ventarola**. Pelotas, 16 dez. 1888.p. 2

Crítica também, por meio de metáforas, os leitores que mal sabem ler, mas não sabem apreciar se tem valor do que lêem.

### 3.4 Leitura de livros

Desde 1850, os jornais pelotenses começaram a se interessar por divulgar literatura. Com *O Pelotense*, tiveram início os primeiros anúncios de livros um tanto quanto discretos como este: “A *Salamandra*, vende-se este interessante romance nesta tipografia.”<sup>157</sup>

Nesse período e durante a década de 60, do século XIX, a propaganda dos romances era feita primeiramente com a publicação de capítulos sob a forma de folhetins, ao final da primeira página dos periódicos. *O Corsário*, de Caldre e Fião, foi publicado dessa forma nas páginas de *O Pelotense*, em 1852. Em alguns casos, os capítulos eram impressos seguindo a paginação que a obra adotaria após ser recortada do jornal e montada no formato de livro. Sendo assim, os leitores só poderiam lê-la, depois de terminar a coleção dos capítulos, do contrário, a leitura ficaria ininteligível.

*O Álbum Pelotense*, que circulou entre os anos de 1861 e 1862, utilizava outra forma de propaganda para os livros. Publicava traduções de alguns capítulos de livros e, se os leitores tivessem interesse, então, as obras eram encomendadas. Era uma forma inteligente de instigar a leitura e não perder dinheiro, além de observar quais autores possuíam maior trânsito entre o público leitor<sup>158</sup>.

Os capítulos eram publicados na ordem em que estavam nos livros, conforme percebe-se no anúncio do nono número do *Álbum Pelotense*: “O texto intitulado *Fernando* ou *História de um jovem espanhol* é traduzido por A.M.C.B. e está no capítulo IX (A PARTIDA) – “O dia da ansiedade.”<sup>159</sup> Em outro número, quase um ano depois, o formato do jornal é alterado e as

<sup>157</sup> Anúncios. **O Pelotense**. Pelotas, 19 mai. 1852. ano II, n. 83, p. 4.

<sup>158</sup> Ver na seção Anexos a lista de encomendas de livros.

<sup>159</sup> Romances e novelas. **Álbum Pelotense**. Pelotas, 8 dez. 1868, ano I, n. 9, p. 4.

traduções, que fechavam o conteúdo do dia, passam a assumir maior importância, sendo publicadas em primeira página, como: “*A estrangeira*, obra traduzida por A. V. de C. e Sousa: livro terceiro.”

Além de capítulos de obras, os jornais também veiculavam contos e ensaios de autores para que começassem a ser conhecidos pelo público local. Assim, surgiam textos como o intitulado *Uma anedota*, de J. A. de Macedo, e conta a história de uma representação teatral do poeta Magrisso<sup>160</sup>.

A apresentação de novos autores também era feita através do exercício da tradução. Alguns intelectuais da época traduziam textos que caíam no gosto dos leitores e, a partir do reconhecimento, começavam a publicar suas poesias, contos, artigos, ocupando espaços nos jornais, como: B. T. Júnior, Pinheiro Chaves, Francisco de Paula Pires, entre outros.

Até o início dos anos 70, do século XIX, os livros eram vendidos apenas sob encomenda, nas tipografias dos jornais. Com a inauguração da Livraria e Editora Americana, essa atividade adquiriu um novo modelo e os anúncios de livros começaram a ficar mais elaborados, ocupando as páginas centrais dos periódicos, inclusive dos não-literários, como o *Correio Mercantil*. Um anúncio publicado nesse periódico, em 15 de março de 1878, oferece:

*Dicionário português*, de Antônio Moraes (7<sup>a</sup> edição) - Acabam de chegar os fascículos 8, 9 e 10.

Novos romances - Acabamos de receber as seguintes obras de recreio, modernas e escritas num estilo delicado, que vendemos a 1\$000 o volume:

*Os abutres de Paris* - Produção de Chardoll, traduzido por Alfredo Sarmiento.

*Os descendentes de Lovelace*. Produção de Alexandre Dumas Filho, traduzido por Guimarães Fonseca.

*As castelãs de Nesle* - Produção de Molé-Gentil-Home, traduzido por Guimarães Fonseca.<sup>161</sup>

<sup>160</sup> Freqüentar o teatro em Pelotas, no século XIX, era uma atividade comum para a elite, sendo assim, o autor que estava sendo introduzido nos hábitos literários já agradaria pelo tema tratado.

<sup>161</sup> Avisos. **Correio Mercantil**. Pelotas, 15 mar. 1878, p.3.

Esse anúncio demonstra que os livros lidos eram estrangeiros e traduzidos para, provavelmente, acostumar os leitores à literatura européia. Nas décadas seguintes, os anúncios já contavam com vários títulos, indicando que os autores estrangeiros haviam conquistado o mercado livreiro de Pelotas, conforme registram os jornais da época:

Anúncios Livraria Americana:

*A alma de Pedro* - de Georges Ohnet.

*Os dramas de Paris: rocamble* - Ponson du Tergail, trad. de Alfredo Sarmiento.

*A donzela de Belleville* - de Paulo de Kock, trad. de P. Chagas (encontra-se também todas as obras de Paulo de Kock).

*Pequeno Larousse* - dicionário completo ilustrado.<sup>162</sup>

Além dos anúncios de vendas de livros, os jornais também informavam as obras adquiridas pela Biblioteca Pública de Pelotas, conforme consta em *A Pátria*, em 9 de dezembro de 1890:

Biblioteca Pública - Relação das obras adquiridas:

-Vitor Hugo - *Odes et Ballades* - 1 v.

-idem - *Les contemplations* - 1 dito.

-Lamartine - *Lectures por tous* - 1 dito.

-idem - *Premières meditations poétiques* - 1 dito.

-idem - *La chute d'un ange* (episódio) - 1 dito.

-idem - *Harmonies poétiques et religieuses* - 1 dito.

-idem - *Recueils poétiques* - 1 dito.

-idem - *Nouvelles meditations portiques* - 1 dito.

-Jules Claretie - *Monsieur le ministre* - 1 dito.

-J. Delille - *L'Eneide traduit en vers français* - 2 ditos.

-C. de Abreu- *Primaveras* - 1 dito.

-Th. Ribeiro - *D. Jayme* - 1 dito.

-A. F. de Castilho - *Escavações poéticas* - 1 dito.

-A. Azevedo - *A casa de pensão* - 1 dito.

<sup>162</sup> Anúncios. **A Pátria**. Pelotas, 1 nov. 1890, ano VII, n. 250, p. 4

- José Fothergill - *Made or marred ande one of three*- 1 dito.
- Jacob - *Le fils notaire* -1 dito.
- X. Montepin - *O testamento vermelho* - 5 ditos.
- A d'Ennery - *A mártir* - 2 ditos.
- Fialho de Almeida - *Lisboa galante* - 1 dito.
- Catule Mendés - *Grand Maquet* - 1 dito.
- idem - *Le confessional* - 1 dito.
- Georges Ohnet - *Le âme de Pierre* - 1 dito.
- Armand Silvestre - *Aventures Grassouillettes* - 1 dito.

Da listagem apresentada pelo periódico, percebe-se que a maioria dos textos é de literatura francesa, publicados no original, o que vem a confirmar a idéia anterior de que os leitores da região consumiam literatura da França. O acervo da Biblioteca de Pelotas abastecia-se também de doações, seguindo o exemplo do *Partenon Literário* que arrecadava obras para o sua biblioteca, conforme os registros da ata número onze, de 22 de abril de 1872:

Foram oferecidas ao *Partenon* as seguintes obras: *Les filles de feu*; *Une philosofhe sous les tois*; *Contes et nouvelles*; *les angalis chez eux*; *Contes*, por Alfred Musset; *Le vieillard amoureux*; *Le conscrit*; *Scenes de la vie flamande*; *Agathe et Cicile*; *Contes bizarres*; *La bohème galante*, oferecido por Bernardino José de Castilhos; *Le roman d'une femme*, de A. Dumas Filho; *Lições de geografia*, de Gottier; *André el savoyano*, de Paulo de Kock.<sup>163</sup>

Constata-se, assim, que a literatura produzida em Pelotas sofria influência tanto do *Partenon Literário* quanto da literatura européia. No entanto, os intelectuais gaúchos, conforme afirma Roberto Zular, copiavam somente a forma, pois a essência era local. Não há como reproduzir o contexto daquele País em outro lugar, por isso não havia cópia e, sim, imitação.<sup>164</sup>

---

<sup>163</sup> ATAS das sessões do Partenon Literário – 1872. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano IV, I e II trimestres, n. 13-14, p. 215, 1924.

<sup>164</sup> ZULAR, Roberto; PINO, Claudia Amigo. Op. cit. Nota n. 22, p. 46.

Koseritz, no manifesto de lançamento de seu jornal *Echo do Ultramar*, editado em Porto Alegre, em 1876, apresenta o seguinte argumento na nota de abertura dessa publicação:

muitas vezes fomos levados a refletir no fato de que a grande maioria dos nossos compatriotas [estão completamente] isolados do movimento literário e científico das outras nações, [mostrando-se] indiferentes pelo que neste sentido vai aparecendo entre nós, ainda que em modesta escala.

A partir dessa idéia, o intelectual afirma ainda no mesmo texto que surgia, então, a tentativa de fundar um jornal semanal que:

a par da análise das novidades literárias, se dedicasse à reprodução, por meio de elaboradas e conscienciosas traduções originais daqueles trabalhos que modernamente tem avultado na Inglaterra, Alemanha, França, Itália, etc., [tendo como objetivo] vulgarizar entre nós as idéias dominantes daqueles cultíssimos países [no sentido de buscar apresentar] aos espíritos de nossos patrícios os tesouros inexauríveis das literaturas européias.

Koseritz deixa claro que seu intuito era contribuir para a criação, no Rio Grande do Sul, de “um genuíno gosto literário em lugar da exclusiva imitação de autores franceses, que hoje impera entre nós”.

Dessa forma, constata-se que tanto nos anúncios de vendas de livros quanto nos registros de livros da Biblioteca Pública Pelotense<sup>165</sup>, os autores estrangeiros constituía maioria e os poucos brasileiros que figuravam nessas listas eram: Castro Alves, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, José de Alencar, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo, todos seguidores da tendência literária romântica e de seus ideais de transformação; os membros do *Partenon Literário*, e alguns escritores e poetas locais.

---

<sup>165</sup> A Biblioteca Pública Pelotense passou a ter um catálogo organizado de livros apenas em 1940.

Silvio Romero, amigo de Koseritz, membro da *Sociedade do Partenon Literário* e intelectual influente na cidade de Pelotas, defendia que “a grandeza futura do Brasil virá do desenvolvimento autônomo de suas províncias, hoje estados. Os bons impulsos originais que neles aparecerem devem ser secundados, aplaudidos.”<sup>166</sup> Tal incentivo esclarece a presença em maior número de autores locais nas listas de literatura de consumo em detrimento dos de outros Estados do País. Portanto, compunham a listagem de divulgação apenas os escritores que influenciavam o pensamento sociocultural da cidade de Pelotas.

Outro assunto relacionado ao consumo de livros diz respeito às leituras indicadas ou selecionadas que os jornais determinavam como “leitura para mulheres”, “leituras para homens” e “leituras para todos”. Maria de Moraes afirma que no século XIX recomendava-se a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem-sucedidos. De acordo com a autora, para a sociedade daquela época, “oferecendo-se a uma leitura plural, o texto tornara-se uma arma perigosa nas mãos das incautas leitoras que necessitam, segundo se julga, de uma interpretação de profissionais socialmente autorizados.”<sup>167</sup>

Martin Lyons, ao comentar a respeito das leitoras francesas, do final do século XIX, assegura que a feminização do público leitor de romances parecia confirmar os preconceitos dominantes sobre o papel da mulher e sua inteligência.<sup>168</sup> Os romances eram leituras recomendadas para as mulheres por trazerem, em meio ao enredo, os códigos morais vigentes na época. Assim, o romance passava de diversão à instrução do comportamento feminino.

---

<sup>166</sup> ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.p. 42.

<sup>167</sup> MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XX. História de mulheres e práticas de leitura. **Cadernos CEDES**. Campinas: UNICAMP, 1998, ano.19, n. 45, p.83.

<sup>168</sup> LYONS, Martin. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. p.171.

O jornal *A Pátria* tinha o cuidado de dividir os anúncios de livros em Biblioteca reservada e Biblioteca encomendada. Na primeira, eram listados os livros indicados para homens e mulheres, com as devidas ressalvas, como estes publicados nos números 53, 60, 102, 121 e 244, respectivamente:

Biblioteca Reservada

Leitura só para homens  
Contos em prosa por Rabelais  
Na Livraria Universal

La Mode de Style

Revista Ilustrada de Modas Parisiense  
Publica-se em Paris às quintas-feiras.  
Redatora Condessa de Vêrissey  
Na Livraria Americana

O Mundo Elegante

Mensageiro semanal ilustrado de modas, elegância e bom tom.  
Dedicado às senhoras brasileiras e portuguesas.  
Publicado em Paris  
Na Livraria Universal

*O Sonho* - É este o título do novo romance em que trabalha Emilio Zola, que destina este livro à leitura de meninas.<sup>169</sup>

*Almanaque das Senhoras* - Para 1888

Ilustrado com o retrato e biografia do grande poeta português João de Deus.  
Colaborado por escritores portugueses e brasileiros sob a direção de Guiomar Torrezão. Na Livraria Americana.

Os anúncios não deixavam dúvidas com relação à proibição do conteúdo das obras, conforme registros:

*O Germinal* - A Livraria Universal recebeu um novo romance do notável escritor Emilio Zola. Esta obra versa sobre os costumes dos mineiros franceses. Em

---

<sup>169</sup> A leitura dessa obra era tão recomendada às meninas que o jornal decidiu publicá-la em formato de folhetim a partir do número 202.

linguagem realista o distinto literato descreve com primorosa elegância e beleza a vida e hábitos da classe social que mais sofre e mais serviços presta à humanidade, fornecendo-lhe os elementos principais do progresso.

Não aconselhamos a leitura do *Germinal* às virgens ingênuas, em vista do positivismo com que Zola desenvolve todas as cenas de seus romances; porém qualquer outra pessoa pode ler e instruir-se, compreendendo o enredo moral que com tanta habilidade e observação o fértil escritor o abrilhanta.<sup>170</sup>

Nesse período, a cidade de Pelotas era cenário de discussões das idéias republicanas, abolicionistas, positivistas e evolucionistas divulgadas, sobretudo pelos periódicos nos quais mulheres, como Julieta Monteiro, Revocata de Mello, Cândida Fortes, Luiza Cavalcanti, Cândida Isolina de Abreu, Honorina Torres e Antonieta Cezar Dias, seguindo o exemplo das partenonistas Luciana de Abreu e Amália Figueiroa de Mello registravam seus pensamentos. Suas publicações demonstram que nem toda a ala feminina era composta por donzelas ingênuas com pouca inteligência, ao contrário, as autoras, estimuladas por alguns intelectuais<sup>171</sup>, incentivavam as leitoras pelotenses a mudarem o seu comportamento, conforme o artigo de Luiza Cavalcanti publicado no jornal *Correio Mercantil*, em 29 de abril de 1886:

o jovem Brasil almeja projeta progredir, elevar-se à amplitude das cultas potências européias, o que não conseguirá enquanto não se compenetrar da absoluta necessidade de instruir a mulher, esta importante parte da dualidade humana[...]

Estude donzela, despreze os bailes, os vãos saraus, onde imperceptivelmente desprende suas asas cândidas, dedique-se ao cultivo do intelecto, que a coadjugada pela soberba intuição que lhe deu a natureza, exhibir-se-á condignamente nas cenas da vida.

<sup>170</sup> Gazetilha. **A Pátria**. Pelotas, 16 mar. 1888. n. 62, p. 4.

<sup>171</sup> Gomes Corrêa, França Júnior, Joaquim de Mello, entre outros publicavam artigos nos diversos jornais de Pelotas defendendo a instrução pública feminina.

O exercício da leitura pública estava relacionado diretamente com a instrução e educação da sociedade de um modo geral. O tipo de leitura consumida acarretava preocupação no sentido de idéias que se originariam a partir do conteúdo de algumas obras, pois os intelectuais responsáveis pelo controle das obras lidas pelos pelotenses mostravam-se com opiniões divididas no que dizia respeito a instruir ou não a mulher.

Na Europa as mulheres, na grande maioria, apesar de não serem as únicas consumidoras de romances, eram o público alvo dos editores de ficção romântica e popular. No Brasil, acontecia o mesmo, já que era moda seguir os costumes franceses. As leitoras tinham interesse nos romances que tratavam da vida interior e faziam parte da esfera privada à qual eram relegadas.

Segundo Mauger, para que os efeitos práticos esperados pelos prescribentes de todas as ordens possam se exercer é necessário que os textos destinados a convencer, a edificar, a dirigir, encontrem leitores dispostos a ser persuadidos, convencidos e guiados.<sup>172</sup> Assim, vê-se o quanto é diferente a leitura do romance, destinado mais exclusivamente às mulheres que, de acordo com Lyons, era a antítese da literatura prática e instrutiva, exigia pouco do leitor, pertencia ao domínio da imaginação e sua razão de ser era divertir pessoas com tempo sobrando; da leitura do jornal, com reportagens sobre eventos públicos que pertenciam geralmente ao domínio masculino.

Para tirar o foco dessa discussão, jornais, como *A Pátria*, mantinham a coluna “Biblioteca Reservada”, onde publicava, uma relação de livros intitulada “Leitura para todos”, na qual consta títulos como os mencionados no número 235:

*A Penélope normanda*, por Af. Karr  
*As asas de Ícaro*, por Charles Bernard  
O Juramento de Madalena  
*As Castelãs de Nesle*, por Molé

---

<sup>172</sup> MAUGER, Gérard et alii. **Histoires de lecteurs**. Paris: Nathan, 1999, p. 415.

*Um carnaval de Paris*, por Méry  
*A Condessa de Talmay*, por Xavier de Montepim  
*A morta-viva*, por Xavier de Montepim  
*Os voluntários de 92*, por E. Gaboriau  
*Os dramas da vida*, por Montepim  
*As mulheres infernais*, por Iolie  
*O poeta da rainha*, por C. Robert  
*O Doutor Parreira*, por Sandeau  
*A Eva*, por Mery  
*Irmão e Marido*, de Droineau  
*O Homem da meia noite*, de Arnault  
*Ilha de fogo*, de A. Dumas  
 Na Livraria Universal

A segunda coluna de anúncios de leituras elencava os títulos encomendados pelos leitores. Dentre as obras de interesse dos leitores, estavam contos, romances, poemas e obras de história sobre a Espanha e Portugal de autores europeus.<sup>173</sup> O jornal alertava que os pedidos deveriam ser “dirigidos com a importância para a Livraria Americana”, deixando claro que os títulos vendidos não eram, assim, recomendados; do contrário, haveria outros exemplares dos mesmos títulos à disposição para quem se interessasse por eles.

Percebe-se, com isso, que as obras encomendadas não equivalem às obras compradas/consumidas e indicadas, mas apresentam parte das possibilidades abertas ao consumidor/leitor. Acredita-se que, por serem comerciantes, os livreiros estavam atentos ao lucro, apostando em obras que ofereciam lucro para seus estabelecimentos.

Para os consumidores, ler, ter livros e também ostentá-los, isto é, ser e parecer constituía uma necessidade sentida pelos intelectuais da época, uma vez que os livros nas estantes demonstravam o *status* do leitor, através das assinaturas de seus autores.

Nesses casos, a idéia de biblioteca e de leitores está associada apenas a panteão. Pouco a pouco, os livros e as bibliotecas emergiram então como um farol e uma promessa que garantia o surgimento de associações

---

<sup>173</sup> Ver, em Anexos, relação de encomenda de livros feita pela Livraria Americana.

literárias, como um espaço onde eram guardados e consolidados os bens materiais, simbólicos e espirituais da região pelotense.

Segundo Even-Zohar, a literatura pode ser utilizada como ferramenta, adquirindo duas funções: entender o mundo e atuar no mundo. A primeira, de acordo com o teórico, é pertinente nos textos mais antigos da civilização os quais ajudam a explicar a criação do mundo, a função do amor, a imortalidade do ser humano, etc. Os livros que possuem essa função “postulan la casualidad, la regularidad y la simplicidad de gran parte de los hechos conocidos y de las cuestiones cotidianas, así como de las no cotidianas”<sup>174</sup>. Livros dessa natureza classificam-se como modelos explicativos. A Segunda função diz respeito aos livros que servem de modelo para atuação no mundo, conforme o teórico conceitua:

La gente que lee o escucha (o mira) estos textos no sólo recibe de ellos concepciones e imágenes coherentes de la realidad, sino que puede extraer de ellos instrucciones prácticas para su comportamiento cotidiano. (...) Así, los textos proponen no sólo cómo comportarse en casos particulares, sino cómo organizarse la vida. (...) En resumen, se trata de un repertorio bastante restringido de modelos para su ejecución.<sup>175</sup>

Nesse sentido, os livros, além de ferramentas culturais, são vistos como bens, segundo esclarece Zohar, os quais considerados valiosos pelos leitores atingem a função de modelos para a vida. Dessa forma, a literatura representa ao mesmo tempo um bem e uma ferramenta cultural.

De acordo com Maria Beatriz Nizza Silva, ao observar os catálogos dos livreiros, entende-se que as consultas às obras dispostas nas livrarias e à circulação de livros e revistas “nos abrem o leque de ofertas a partir do qual as preferências individuais podiam selecionar os livros”<sup>176</sup>, ou seja, é

---

<sup>174</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. La literatura como bienes y como harramientas. In.: VILLANUEVA, Darío. MONEGAL, Antonio & BOU, Eric (Coords.) **Sin fronteras: Ensayos de Literatura Comparada en homenaje a Claudio Guillén**. Madrid: Castalia, 1999. p. 32.

<sup>175</sup> Idem, ibidem.

<sup>176</sup> SILVA, Maria Beatriz Nizza da. História da leitura luso-brasileira: balanços e perspectivas. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp/Campinas: Mercado das Letras, 2000.p. 154.

apenas uma amostra do que liam os pelotenses, na segunda metade do século XIX.

#### 4 AS ANTOLOGIAS: PINDO RIO-GRANDENSE E SONORAS

##### 4.1 *Pindo Rio-Grandense*: uma antologia criticada

“Por hoje passo a ocupar-me de um livro ainda inédito, firmado por Francisco de Paula Pires, e intitulado *Pindo*<sup>177</sup> *Rio-Grandense*”. Essa frase abre a série de críticas literárias, intitulada “Cartas fluminenses”, assinada por Paulo Marques e publicadas no jornal rio-grandino *Arauto das Letras*<sup>178</sup>.

A palavra “inédito” deixa um rastro de dúvida quanto à publicação da obra. Possivelmente, esse livro não tenha sido publicado, permanecendo somente no projeto de Paula Pires. Se publicado, a obra não foi guardada por nenhuma das diversas bibliotecas pesquisadas<sup>179</sup>. Guilhermino César também afirma que “Em 1882, [Paula Pires] anunciava a antologia *Pindo Rio-Grandense*, que não sabemos se chegou a ser publicada.”<sup>180</sup> Por esse motivo, a análise do texto será pautada pela crítica literária publicada em periódico por Paulo Marques a respeito da coletânea. Para análise dos autores citados, serão utilizados alguns poemas coletados em jornais e livros publicados no século XIX, dando uma idéia do que poderia ter sido essa coletânea. A intenção de remontar parcialmente a *Pindo Rio-Grandense* permite avaliar as obras e os escritores gaúchos considerados de destaque para a época.

Na crítica sobre a antologia, Paulo Marques garante que, apesar de declarar-se amigo íntimo do escritor, não se deixará “cegar pela amizade e

---

<sup>177</sup> O vocábulo Pindo faz referência ao Monte Pindo, nome dado a uma cordilheira na Grécia. Relacionando-o à antologia, pode-se dizer que alude idéia de o ponto mais alto ou de destaque.

<sup>178</sup> Esse jornal também circulou na cidade de Pelotas, entre os anos de 1882-1883, e contou com colaboradores desta cidade.

<sup>179</sup> Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande, RS), Biblioteca Pública de Pelotas (Pelotas, RS), Biblioteca do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS), Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, RJ), Biblioteca Municipal de Lisboa (Portugal) e em sebos de várias cidades deste Estado.

<sup>180</sup> CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1980. p. 292.

fará o papel de crítico ou, pelo menos de apreciador.”<sup>181</sup> Tal afirmação corrobora a idéia de que os textos críticos se limitavam a notificar a publicação de livros e que as opiniões eram emitidas conforme a simpatia pessoal existente entre o crítico e o autor.

Outra função da crítica na metade do século XIX era a de ser aliada dos poderes políticos, econômicos e, por conseguinte, sociais, quando apreciava os textos literários a partir de dessas perspectivas. A literatura desempenhava o papel de orientadora, ajudando a consolidar a sociedade em formação, emitindo normas políticas, religiosas e de comportamento moral, expressas nas obras literárias para favorecer o ideário romântico.

Com a literatura voltada à consolidação de uma sociedade, a crítica não podia agir diferente das obras literárias; portanto, não houve uma crítica literária, mas social. Essa afirmação pode ser comprovada através das idéias registradas por Paulo Marques, quando se referiu à importância que possuíam alguns autores citados na antologia e a necessidade que o povo sul-rio-grandense tinha de lê-los, uma vez que “são verdadeiros filhos do trabalho que nobilita; do estudo que engrandece; do talento que orgulha, vivifica, eternisa”.<sup>182</sup>

À continuidade, o crítico citou os seguintes versos anônimos de um poeta francês: “L’humanité ne peut périr: / En vain l’on coit qu’elle chancelle, / Erreur! Elle se renouvelle / Pour un glorieux avenir.”. Utilizou o poema da literatura francesa como argumento de autoridade para reforçar o ponto de vista que defendia a respeito de que se no Brasil todos soubessem interpretar “a nobre missão do altruísmo inato, certamente não constituiríamos um povo beócio, tartufo, esqualidamente preconceituoso e atoleimado. Para essa maior parte, o progresso das idéias, a emancipação do espírito e a verdade pratica das ciências exatas, é um fato sem nenhuma importância”.<sup>183</sup>

---

<sup>181</sup> MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Pelotas, 3 dez. 1882. n. 17, p. 2.

<sup>182</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>183</sup> Idem, *ibidem*.

Com essa afirmação, Paulo Marques procurava chamar a atenção dos escritores a fim de manterem claro a importância que tinham como formadores de opinião pública e que, por isso, deviam sustentar o compromisso de desenvolver atividades voltadas à educação social. A partir desse comentário, o autor elencou os escritores que compõem a antologia de Paula Pires, e fez uma apreciação geral dos nomes escolhidos.

Alguns nomes são recorrentes no periodismo literário de Pelotas, tais como Alberto Cunha, Wenceslau Escobar, Lecour de Menezes, João José Cezar, Frederico Sattamini, J. Ourique, G. F. Corrêa, Lobo da Costa, Félix da Cunha, Menezes Paredes, Antônio José Domingues, Moriwald Costa, Borges de Soveral, Pedro Antônio Miranda, Duarte Nunes, Eduardo Machado, Paulino Fontoura, Glodomiro Paredes, Pedro Bernardino de Moura, Colimério Leite, A. Chaves, Julieta de M. Monteiro, Revocata Heloísa de Mello, Cândida I. Abreu, Clarinda Siqueira, Delfina Benigna da Cunha e Anna Ely.

Outros nomes – dentre eles, alguns que atuaram em Pelotas – são conhecidos por figurarem como membros do *Partenon Literário*, como Alcides Lima, Assis Brasil, Hilário Ribeiro, Apolinário Porto Alegre, Arthur Rocha, Apeles Porto Alegre, J. Arnizaut Furtado, Múcio Teixeira, Carlos Ferreira, Bernardo Taveira Júnior, Damasceno Vieira, Augusto Totta, Santos Souza, Teodoro de Miranda, Francisco Cunha, Paulino Fontoura, Rita Barem de Mello, Luciana de Abreu, Revocata Figueiroa de Mello e Amália Figueiroa.

Outros, por enquanto, mantêm-se no anonimato, como Aristides Arruda, Antônio Macedo, Wenceslau Escobar, Antônio Rodrigues de Souza, Miguel Meirelles, Manuel Francisco de Bem, Paulino Fontoura, Favilla Nunes, Luiz de Araújo, Lourenço Domingues, A. Chaves, Seixas Júnior e Amélia de A. Souza. Há nomes – hoje reconhecidos – que ainda não haviam se firmado na literatura sul-rio-grandense, como Fontoura Xavier, que haveria de publicar seu *Opalas* somente dois anos após essa crítica, em 1884.

A respeito da seleção de autores Paulo Marques fez a seguinte apreciação:

Li com suficiente calma todos os trabalhos dos diversos autores, colecionados pelo Sr. Paula Pires, e muito admirado fiquei, quando entre escritores de fôlego, de verdadeiro mérito, tive de ler outros nomes, que nada significam, nada traduzem como literatos, verdadeiras mediocridades [...] É para lastimar que isso aconteça, e que a par de Bernardo Taveira Júnior, A. Furtado, H. Ribeiro, A. Brasil e outros, apareçam alguns insuportáveis [...] conhecidos no mundo das vulgaridades literárias.<sup>184</sup>

Após lançar mão de versos franceses como argumento para suas idéias, o crítico valorizou a inclusão de autores do *Partenon Literário* na antologia, mas demonstrou contrariedade ao perceber a presença de autores menores ou de qualidade literária duvidosa. Paulo Marques asseverou que, no Brasil, os escritores não eram valorizados e denunciava que para alcançar o reconhecimento, a maneira mais fácil é “quando a par de seus manuscritos, rolem notas do tesouro, essa mágica chave que abre a doirada porta que conduz aos salões da popularidade e do renome, sem a menor dificuldade”.<sup>185</sup> Assim, deixava implícita a crítica de que alguns escritores de menor ou nenhum valor literário figuravam na antologia apenas pelo fato de disporem de poder econômico. Por isso, sugere a Paula Pires que:

antes de publicar o seu livro ampute-lhe esses fanhosos parasitas que em vez de acreditar a Pátria, vão ao contrário subordiná-la à galhofa!

Para mim, esses melros não passam de uma horda de *Hicsos* literários. Rua com eles! Aponte-lhes o caminho das bibliotecas! Que vão aprender primeiro! ... tudo se conquista por meio do trabalho!<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>185</sup> MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Pelotas, 10 de dezembro de 1882. n. 18, p. 2.

<sup>186</sup> <sup>10</sup> MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Pelotas, 24 de dezembro de 1882. n. 19, p. 2.

Na opinião do crítico, o escritor, para obter destaque, deveria estudar, ter conhecimento a respeito do assunto que está tratando e responsabilidade de formar a opinião pública. No entanto, alguns escritores seguiam outra forma para sobreviver das letras e alcançar notoriedade: subjugavam-se aos detentores do poder político que pagavam para ter seus nomes e pensamentos expressos nas obras a fim de dogmatizar os leitores.

A esse respeito, Pierre Bourdieu comenta que alguns escritores viviam em sistema de trocas e que os efeitos da dominação estrutural eram percebidos também através da imprensa. Dessa forma, havia diretores de jornais, freqüentadores assíduos dos salões, íntimos dos dirigentes políticos, que ninguém ousava desafiar e que faziam circular seus jornais em todas as camadas sociais do povo à burguesia, dos gabinetes ministeriais à corte.<sup>187</sup>

Em Pelotas, pelo menos com relação aos periódicos, percebe-se que o sistema de trocas não era forte, uma vez que a maioria dos jornais não manteve a publicação por muito tempo devido a falta de recursos financeiros para a continuidade da impressão. Mais um argumento para ausência da troca de favores é o fato de que, em geral, os periódicos veiculavam idéias absorvidas do modelo partenonista, brasileiro e de alguns outros países estrangeiros os quais eram aprovados e citados também por escritores sul-rio-grandenses e nacionais. Dessa maneira, não havia necessidade de autoridades políticas ou literárias comprarem espaço para veicular suas idéias, pois os intelectuais que atuavam na imprensa pelotense estavam de acordo com a divulgação ideológica.

Essa afirmação se comprova a partir da análise da temática literária de alguns poetas selecionados para a antologia, como por exemplo, Borges de Soveral que, ao compor uma ode em homenagem a Castro Alves, explicitou o seu apoio à tendência literária romântica e às temáticas abordadas pelo poeta condoreiro em seus poemas. Assim, o autor sulino,

---

<sup>187</sup> BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 76.

inspirado no poeta romântico, reunia em seus versos elementos do cotidiano que, devido à sensibilidade, viraram poesia, conforme buscou expressar:

E vibra as cordas sonoras  
 Desse instrumento ideal:  
 Canta a luz, canta as auroras  
 A mulher, o bosque o vale;  
 Nas harmonias canoras,  
 De um concerto divinal.  
 .....  
 Sente mais... mais se embriaga ...  
 Mais lhe pulsa o coração ...  
 Fita o mar que a terra alaga,  
 Enxerga Deus na amplidão;  
 Sente a fé que o peito afaga,  
 Nutre mais – uma ilusão!  
 .....  
 Agora, desvenda ao fundo,  
 Um quadro de maldição:  
 Vaga, além... do mar profundo,  
 Um navio, na amplidão,  
 Que traz do porão no fundo,  
 A mancha da escravidão!<sup>188</sup>

Publicando seu poema em periódicos, Borges de Soveral induzia os intelectuais da região e o público leitor, em geral, não apenas a adquirir o hábito de ler poemas de qualidade literária, como também observar o quanto a leitura é importante para o progresso da sociedade, conforme registram os versos:

Vê, no livro – o “audaz guerreiro”  
 Sempre pronto para lutar;  
 Sonha, então – o mundo inteiro  
 A vencer e a conquistar;  
 E manda a Pátria primeiro,  
 Por sobre livros marchar!

A convicção da necessidade do estudo para atingir o progresso também está presente na crítica literária de Paulo Marques o qual afirmou

---

<sup>188</sup> BORGES DE SOVERAL. Castro Alves. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

que “o estudo é o nobre, o sublime pão do espírito”.<sup>189</sup> A segunda metade do século XIX foi para a cidade de Pelotas um período de incentivo à leitura e ao desenvolvimento intelectual e cultural. Os interessados pelo progresso da sociedade buscavam várias maneiras de induzir os cidadãos a estudar, fosse por meio das publicações que veiculavam na imprensa e que abordavam essa temática, fosse pela oferta de cursos noturnos gratuitos, pois estavam convictos de que a cidade apenas atingiria um futuro promissor, se a população despertasse para os novos conceitos culturais, políticos e científicos.

Em conferência realizada na Biblioteca Pública Pelotense<sup>190</sup>, o advogado Felipe Saboia Bandeira de Mello asseverou que o Rio Grande do Sul precisava investir no ensino das “primeiras letras” a exemplo dos países da Europa que estavam erradicando o analfabetismo e, com isso, atingindo o progresso. A fim de reafirmar o seu ponto de vista, Saboia usou o seguinte argumento: “Entre os grandes propugnadores da generosa e salutar idéia, que formariam legião, a humanidade agradecida lembra com veneração os nomes de Victor Hugo, de Emílio de Girardin e de Jules Simon.”<sup>191</sup> Esses escritores franceses, na sociedade em que atuavam, foram incentivadores do desenvolvimento intelectual e os resultados do seu empreendimento social serviram de modelo para outros países. Por isso, Saboia afirmava que era necessário imitá-los no que “devem ser imitados” a fim de que a sociedade atinja a superioridade.

Igualmente engajado no propósito de renovação das idéias, mas abordando outro assunto, encontrava-se Frederico Sattamini, intelectual bastante participativo nas atividades literárias e culturais da cidade de

---

<sup>189</sup> MARQUES, Paulo. Op. cit. nota n. 5, p. 2.

<sup>190</sup> Não foi possível localizar com exatidão o ano do evento, pois essa conferência, que data de 24 de junho, aparece transcrita apenas nos *Anais da Biblioteca Pública Pelotense*, de 1905, que registra a história da fundação da biblioteca, em 14 de novembro de 1875, envolvendo a formação da diretoria, a ata de fundação e as conferências realizadas.

<sup>191</sup> MELLO, Felipe Saboia Bandeira de Mello. A instrução primária obrigatória. Conferência realizada pelo advogado, a 25 de junho. In: **Anais da Biblioteca Pública Pelotense**. Pelotas: Livraria Comercial, 1905. p. 35.

Pelotas. Em seu poema intitulado “Águas passadas, bem calculadas”<sup>192</sup>, o poeta chamou a atenção do leitor para a responsabilidade política. O autor fez uso da literatura para demonstrar sua preocupação com o futuro da Província e, conseqüentemente, do povo deste Estado nacional.

Seguidor do modelo ideológico e literário partenonista, Sattamini defendeu, em um longo poema de vinte e duas quadras, o governo liberal em detrimento do conservador. De acordo com seus versos, os conservadores perturbavam a ordem pública e representavam o atraso da Província:

Passando ao exame dos títulos,  
 Dos conservadores presentes,  
 Três foram impugnados  
 Por não estarem correntes

.....

Houve grande retumbam  
 No lado conservador,  
 Proferindo o abandono,  
 Das cadeiras com furor.  
 E assim já debandados  
 Se foram... assim... sem mais...  
 Deixando o campo livre  
 A todos os liberais.

.....

Levantou-se a celeuma  
 Entre os conservadores;  
 Mas o presidente acalmou  
 Esses pungentes furores.

.....

Debalde conservadores,  
 Parecendo em conflito,  
 Davam expansão à língua,  
 Com frases que eu omito.

Enquanto que os liberais adquiriam a conotação do progresso, da resolução dos problemas sociais, da ordem em concordância com a monarquia brasileira, conforme registrou:

---

<sup>192</sup> SATTAMINI, Frederico. Águas passadas, bem calculadas. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 8 jun. 1877, p. 2.

A obra dos liberais  
 Já foi bem aplaudida,  
 Por estar já bem firmada  
 A sanção tão merecida!

.....  
 A província está contente  
 Por se ver bem amparada,  
 Com leis, que bem confirmam  
 A deputação ilustrada!

.....  
 A glória dos liberais,  
 Retumba com eco ingente!  
 Dele se espera a memória  
 Do seu todo, bem potente!

Nele, o povo bem espera  
 Medidas de salvação,  
 Quando subir ao poder  
 Desta briosa nação!

.....  
 Com a vinda do monarca,  
 Deve haver melhoramento  
 Neste caos que nos persegue  
 Na vida, tanto tormento!

.....  
 Dum monarca tão sabido  
 Nele o povo bem espera,  
 Por ser um vulto de glória  
 Que neste Brasil impera!

Desse tão sábio monarca  
 Só se espera o bom porvir;  
 Sepultando esse caos,  
 Para a glória bem surgir!

Os dois primeiros versos de cada estrofe explicitam a defesa em prol do partido liberal e do governo de D. Pedro II. No poema, Sattamini referia-se ao monarca como salvação para o País e para a Província, pois a sua presença representava o “melhoramento” esperado. Historiadores, como Reuven Faingold, afirmam que o início da modernização do Brasil data do

reinado de D. Pedro II por ser ele um homem culto<sup>193</sup> preocupado com o progresso intelectual, cultural e socioeconômico do País. Com relação ao grau de intelectualidade do rei, a historiadora e pesquisadora da USP Maria Luíza Tucci Carneiro afirma que “ele sempre se mostrou multicultural e multidisciplinar, dominando várias áreas do conhecimentos.”<sup>194</sup> Essas informações esclarecem a importância do apoio manifestado pelo poeta sul-rio-grandense ao governo Imperial e justificam a temática do poema.

Outro poeta que tematizou o progresso sociocultural através do desenvolvimento do intelecto foi Fontoura Xavier cujo nome várias vezes figurou nos periódicos pelotenses. Em 1882, foi publicado no *Tribuna Literária*, o poema “Lux et tenebra” no qual foi feita uma crítica veemente à conduta dos representantes da igreja católica que, naquela século, ainda exerciam poder sobre a conduta moral sociedade.

Seguindo o mesmo caminho de autores do *Partenon Literário*, como Damasceno Vieira, por exemplo, Fontoura Xavier demonstrava que não se opunha aos ensinamentos cristãos, mas à falta de caridade cristã. Em seus versos, o narrador poético comenta que certo dia decidiu assistir a uma missa e, enquanto o padre fazia a pregação, via passar pela porta da catedral mendigos pedindo pão, cães aleijados, crianças órfãs e abandonadas, fiéis ricos e vaidosos pelo poder do dinheiro que possuíam humilhando os pedintes ao entrar na igreja, e prostitutas perdidas na miséria da luxúria. Ao concluir a descrição, o narrador poético afirma que:

No entanto, entre o latim de um homem mercenário,  
Lá junto ao altar-mor da velha catedral,  
Ouvia-se o fremito do luxo tumultuário,

---

<sup>193</sup> De acordo com Reuven Faingold, historiador e curador da exposição “Luzes do Império: D. Pedro II e o Mundo Judáico”, organizada pela Casa de Cultura de Israel e pelo Sesc São Paulo, em 2008, o cotidiano do imperador sempre foi preenchido por estudos, especialmente línguas. Num trecho de seu Diário, de 1861, D. Pedro relata seu dia-a-dia. De manhã, estudos de grego e hebraico. Às dez, almoço. Das doze às quatorze, exame de negócios. Às sextas-feiras, o imperador assistia às lições de alemão das filhas. Às terças, estudava *Os Lusíadas*. Quartas, latim com as filhas. Nas noites, sânscrito, grego, chinês, árabe e hebraico.

<sup>194</sup> CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. O evento Luzes do império. **Revista E** – Exposição Imperador Multicultural. Disponível em: [www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas\\_link-home.cfm/Edição\\_Id=66&breadcrumb=2&tipo=3](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link-home.cfm/Edição_Id=66&breadcrumb=2&tipo=3). Acesso em: 20 novembro de 2008.

O riso de entremez do lábio do forascário,  
A voz do Bebial.

E aquele que chamou-se o pai dos pequeninos  
E Deus da humanidade, o pálido Jesus,  
Enquanto entregue à fome andavam os meninos  
Estava no esplendor dos ouropeus divinos  
Pregado numa cruz.

Se é certo que ainda existe a tua divindade,  
Ó Cristo! dá de mão aos mandos de *mastai*  
Transforma numa escola o templo da vaidade!  
E já que queres ser o Deus da humanidade,  
Sê também o pai!<sup>195</sup>

Ao criticar os representantes da Igreja Católica que não punham em prática o que ensinavam, Fontoura Xavier alertava a sociedade para a transformação moral que se fazia necessária. A renovação de atitudes no meio social, religioso, político e cultural seria conseqüência da modificação do pensamento das pessoas que ocorreria após adquirirem uma visão crítica. Esse era o motivo de os intelectuais da época estarem trabalhando em prol da educação, focando seus interesses no desenvolvimento da leitura.

A partir da amostra temática e de estilos literários e da recorrência da produção literária da maioria dos nomes inclusos na seleção da antologia poética de Paula Pires, em periódicos do extremo Sul, considera-se que os demais autores, se não seguiam a temática metaliterária, política e religiosa, versavam sobre assuntos característicos da tendência romântica, como o amor, a mulher e a natureza. Conforme se percebe, a *Pindo Rio-Grandense* reuniu em suas páginas autores que através de suas obras defendiam a idéia de progresso social.

Ao observar a relação de escritores conhecidos que compõem a antologia, constata-se que muitos deles, ou eram membros da *Sociedade Partenon Literário* ou seguiam os modelos literários e ideológicos difundidos

---

<sup>195</sup> F. X. Lux et tenebra. **Tribuna Literária**. Pelotas, n.17, 23 abr. 1882, Seção Poética p.4.

por essa instituição e pelos sistemas literários brasileiro e francês os quais influenciaram sobremaneira o processo de produção intelectual dos autores considerados adequados para a leitura e, por isso, contemplados na antologia.

Com relação à qualidade literária e ideológica de alguns escritores cujos nomes formam a coletânea, Paulo Marques por meio da crítica salientou que a *Pindo Rio-Grandense* era um livro de suma importância para os leitores comprovincianos devido à qualidade dos textos e à adequação dos temas abordados. O crítico, ao argumentar o seu posicionamento a respeito do livro, acrescentou que:

Paula Paula Pires compreendeu que sua Pátria, seu berço natal, eram também a Pátria e o berço de um sem número de talentos que andavam às quedas pelas trevas densas do desconhecido e naturalmente num momento de arroubo patriótico disse consigo: Não!... É necessário que o mundo os conheça!<sup>196</sup>

Segundo o texto de Paulo Marques, a sociedade deveria conhecer as idéias desses literatos valorizados na antologia por serem intelectuais que defendiam a transformação social. A esse respeito há um registro na crítica em que o autor afirmava que o período pelo qual a sociedade passava era de “crítica, de anarquia mental e moral”<sup>197</sup>.

Segundo Guilhermino Cesar, os ensaios críticos produzidos por Damasceno Vieira e Carlos von Koseritz divulgavam o Positivismo de Comte, responsável por despertar no Rio Grande do Sul a consciência crítica em um bom número de escritores e poetas que se tornaram partidários do progresso no fim do século XIX.<sup>198</sup> Paulo Marques mencionava a doutrina positivista ao expor sua opinião a respeito da escolha de alguns nomes de escritores locais apresentados por Paula Pires, afirmando “Aperto sinceramente as mãos do

---

<sup>196</sup> MARQUES, Paulo. Op. cit. nota n. 9. p. 2.

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>197</sup> CESAR, Guilhermino. **História da Literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 343.

<sup>198</sup> Idem.

meu ilustre amigo e comprovinciano. Até aí provou que é um argumentador sincero da mais bela de todas as doutrinas positivistas.<sup>199</sup>

Augusto Luiz, colaborador da *Revista Mensal do Partenon Literário* em 1874, foi um dos precursores do Positivismo, seguindo o ideário proposto por Comte e defendendo, igualmente, a teoria evolucionista de Darwin que, baseado no filósofo de Montpellier, atacava a metafísica e o misticismo. A mesma convicção filosófica foi seguida e defendida por Paulo Marques, ao apreciar o conteúdo dos poemas da antologia a qual criticava, uma vez que escreveu as seguintes frases:

O grande filósofo de Montpellier descobrindo a eminente lei dos três estados, veio provar sistematicamente uma eminente verdade, que a pratica felizmente no-la indica a cada passo.

A literatura, a filosofia e as ciências, assim como tudo que a natureza pertence, se tem submetido, se submete e se submeterá a essa lei.<sup>200</sup>

O fato de a literatura submeter-se à lei da evolução tem relação direta com os temas sociais os quais eram transpostos para os textos como prova de que os interesses dos intelectuais estavam mudando e que a tendência literária não tardaria a modificar-se também. Percebe-se, assim, que o momento cultural era de transformação, pois ainda que a maioria das publicações poéticas e narrativas mantivessem o estilo Romântico, os intelectuais estavam se voltando para os problemas imediatos da sociedade e isso era repassado para as produções literárias por meio da abordagem das temáticas sociais. Mais uma vez constata-se a incisiva influência do *Partenon Literário* sobre o pensamento crítico dos intelectuais que atuavam no sistema literário pelotense os quais difundiam pelo Estado a renovação ideológica.

A literatura, passou a aliar-se aos estudos históricos e sociológicos, contando com os avanços destes ao longo da segunda metade do século XIX.

---

<sup>199</sup> MARQUES, Paulo. Op. cit. nota n. 4, p.3.

<sup>200</sup> MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 7 jan. 1883, n.2, p.3.

Dessa forma, a crítica valia-se da História e da Sociologia para utilizar um novo conceito de literatura. Essa idéia foi defendida por Paulo Marques e está expressa no seu texto crítico quando afirmava que:

a literatura moderna, aquela que por si só, é capaz de reconstruir os costumes, pela maneira franca e leal com que se apresenta, estudando, comparando e tirando conseqüências, não conseguiu ainda ser convenientemente interpretada.

Estudar a sociedade, penetrar no mais íntimo de seus órgãos, é certamente tarefa muito precária. Para conseguir esse fim, é mister haver primitivamente estudado o homem debaixo de todos os pontos de vista que ele se possa apresentar.

A escola chamada realista e que outros com mais convicção denominam – naturalista, é sem contestação alguma, a mais brilhante fase a que tem atingido o espírito humano.

Infelizmente, literatos há que, sem conhecerem as bases sobre que repousa tão majestoso templo, produzem livros asnáticos, sem nenhum cunho de filosofia, e que sem dúvida outra coisa não fazem senão desacreditar a nova escola.<sup>201</sup>

Novamente retomava a crítica a respeito de alguns autores que integraram a antologia e que ainda não produziam textos de tendência realista. Paulo Marques era um escritor que se declarava realista e que teve seu livro rejeitado pela sociedade. Segundo o autor, a rejeição ao livro se deu “porque apresentei à sociedade a sua fotografia real, tal qual ela é.”<sup>202</sup> Ao aproveitar o espaço de publicação da crítica sobre a antologia escrita pelo amigo, Paulo Marques aproveitou para fazer a réplica à crítica do próprio livro e reafirmar a sua postura de escritor pertencente à “escola nascente” e definir-se como um homem a frente do seu tempo.

Para os pesquisadores atuais, essa declaração demonstra que, nos fins do século XIX, Pelotas iniciava a transposição de uma tendência literária à outra, favorecendo, ainda que de modo isolado, a discordância de idéias

---

<sup>201</sup> MARQUES, Paulo. Op. cit. nota n. 22, p. 2.

<sup>202</sup> Idem, *ibidem*.

entre alguns intelectuais. A partir dessa informação, pode-se perceber que a crítica de Paulo Marques aos escritores que compõem a antologia, possuía uma forte carga subjetiva que fazia com que ele aprovasse apenas a produção daqueles intelectuais com os quais concordava ideológica e literariamente, aproveitando a ocasião para fazer um discurso filosófico e científico em defesa das suas idéias, afirmando que:

A arte porém como tudo, está sujeita à lei fatal de evolução; e nesse período de evolucionismo progressivo, ela como que se vai adaptando necessariamente ao meio em que se vai desenvolvendo, para o que, claro é, vai tomando também uma nova forma, um visível, ainda que lento aperfeiçoamento.

É certo que os gostos e as opiniões divergem a seu modo; contudo, não é isso elemento capaz de impedir a marcha do progresso, que é uma lei tão certa quanto natural.

As letras como as ciências não são mais do que continuidades de si mesmas, e é nesse fato justamente que está o grande ponto do contato que as liga solidariamente.

É a relatividade que mostra a natural e mútua dependência que entre elas existe.

A escola realista é o prolongamento da escola romântica, debaixo de outra forma, como a romântica é seguimento da escola clássica, sob outro aspecto diferente.

A verdade é esta, e esta há de ser sempre.<sup>203</sup>

Paulo Marques concluiu a crítica ao *Pindo Rio-Grandense* afirmando que, ainda que façam parte do livro “verdadeiras mediocridades [...] extraídas essas excrescências de sua obra, ela vai preencher um utilíssimo fim às letras e à sociedade.”<sup>204</sup> E registrou, nas linhas finais duas sugestões: uma direcionada a todos os autores cujas produções foram compiladas por Paula Pires os quais “devem olvidar preconceitos, para entrarem em pleno estado positivo”; outra, especialmente ao escritor partenonista Bernardo Taveira Júnior a quem afirmou:

---

<sup>203</sup> MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p.3.

<sup>204</sup> MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 7 jan. 1883, n. 1, p.3.

O Sr. não tem razão alguma para continuar a marcar passo em terreno tão fastidioso, pois reconheço em si, um talento cientificamente cultivado, capaz de entrar nos mais graves problemas sociológicos, com a facilidade de um indivíduo que entra em sua própria casa às escuras[...] Nestes casos, estão muitos outros literatos rio-grandenses.<sup>205</sup>

A leitura geral da crítica ao *Pindo Rio-Grandense* deixa perceber que havia a intenção de introduzir de um novo conceito literário, como representativo da realidade social e que, a favor dessa idéia encontravam-se na coletânea alguns nomes que poderiam representar o início dessa transformação. Contudo, ainda havia autores – até mesmo de renome na Província e membros da sociedade literária, que mais influenciou as letras sulinas -, que se mantinham por mais tempo produzindo obras com características de tendência literária Romântica.

Segundo Tania Franco Carvalhal, ao lado do contínuo interesse em assuntos discutidos pela escola romântica, partindo de uma nova ótica, como os assuntos referentes à sociedade em geral, o ambiente cultural seguiu desenvolvendo-se com o predomínio da influência francesa, da valorização dos elementos regionais e das emanações vindas do centro do País.<sup>206</sup> Essa afirmação demonstra que não havia uma homogeneidade absoluta de pensamento no final do século XIX e que os modelos literários, culturais e sociopolíticos estavam mudando, influenciando e sendo influenciados por outros do próprio País e do exterior.

Os movimentos filosóficos e de divulgação ideária, existentes em profusão no final do século XIX, não se resumiam às escalas regionais e nacionais, mas abrangiam linhas de contato e interfaces em diversas direções, estabelecendo relações em escalas transnacionais. Frente a esta questão, cabe observar que se o trio analítico cientificismo/positivismo

---

<sup>205</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>206</sup> CARVALHAL, Tania Franco. **O crítico à sombra da estante**: levantamento e análise da obra de Augusto Meyer. Porto Alegre: Globo, 1976, p. 9.

assumiu características específicas no Rio Grande do Sul, como se sabe, esta referencialidade regional não pode ser tomada como ponto de partida analítico, mas precisa, antes, ser considerada como o momento confluyente de um longo processo de reconfigurações teórico-políticas em escopo bastante mais expandido. Nas interfaces do contexto, incluem-se, sem dúvida, articulações e trocas culturais com diversas regiões brasileiras, bem como internacionais - positivismo português e modismo cultural francês.

Essas articulações e trocas são entendidas por Even-Zohar como polissistema que é formado por vários fatores de origens diferentes que influem sobre um mesmo ponto, nesse caso: a formação da literatura pelotense. O teórico afirma que o polissistema existe devido a uma multiplicidade de intersecção, gerando uma estrutura mais complexa, mas esclarece: “para que un sistema funcione, no es necesario postular su uniformidad.”<sup>207</sup> Dessa forma, pode-se então afirmar que Pelotas possuía um sistema literário formado por um polissistema cuja base era uma literatura moldada a partir dos ideais difundidos pelo *Partenon Literário*, da busca pelo localismo vinda do ideal de nacionalismo brasileiro, da tradição cultural portuguesas e dos modelos de revolução dos ideais franceses.

#### **4.2 Sonoras: a formação de um cânone sul-rio-grandense**

A antologia literária *Sonoras*, publicada em 1891 pela editora Universal de Pelotas, reunia em suas páginas poemas dispersos de autores do extremo Sul e foi apoiada por nomes do *Partenon Literário* e da literatura brasileira, como Machado de Assis, Olavo Bilac e Raimundo Correa<sup>208</sup>, os quais também tiveram poemas publicados na obra. Seus nomes valorizaram a antologia que deixava nas entrelinhas a idéia de que naquele compêndio reuniam-se os melhores trabalhos literários, uma vez que os escritores sul-

---

<sup>207</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoría del polisistema**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/ps-th\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/ps-th_s.htm). Acesso em: 27 maio 2004. p. 4.

rio-grandenses ombreavam com os mais importantes intelectuais do Estado e do País.

Trata-se de um projeto organizado por Francisco de Paula Pires com a ajuda de Carlos Bandeira Renault e Antonio J. Ferreira de Campos, os quais convidaram a participar colegas e amigos que publicavam nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. A antologia traz, numa espécie de prefácio intitulado “Ao Leitor”, o argumento para a realização de tal projeto assinado pelos compiladores:

Dois motivos nos levaram a organizar este livro: o primeiro, sermos úteis à Biblioteca Pública Pelotense; o segundo, juntarmos em um volume essas belas composições que andavam dispersas por grande número de jornais e que, com trabalho e paciência, compilamos. Exceção feita das nossas, podemos dizer que este volume contém poesias de merecimento real, bastando o nome dos seus ilustres autores para garantia da boa aceitação que ele certamente encontrará por parte do público.

Pelotas, 1 de setembro de 1891

O soneto intitulado “As bibliotecas”, da poetisa Julieta de Mello Monteiro, dá início à obra. Nesse poema, oferecido a A. J. Ferreira de Campos, a autora enalteceu a função das bibliotecas, chamando-as de “templos benditos, sagrados”, e encerrou o texto homenageando também os idealizadores da *Sonoras*, que trabalharam em prol da Biblioteca Pública Pelotense, através dos seguintes versos:

Nenhum monumento tem tanta valia!  
Hosanas àqueles que lutam buscando  
Erguê-la à altura do sol que irradia.

---

<sup>208</sup> Com relação aos poemas destes autores não há informações no que se refere ao ineditismo dos textos, tampouco se tem a notícia de se textos foram enviados por eles ou transcritos com ou sem autorização dos escritores.

Enquanto o soneto de Julieta abre a antologia, o poema da sua irmã, Revocata Heloisa de Mello, intitulado “Este livro”, fecha a coletânea fazendo uma apreciação do que foi compilado:

Este escrínio de pedras preciosas  
Trabalhos de um labor aprimorado,  
A recender o aroma delicado  
De um ramallete de nevadas rosas;

Este cofre de gemas valiosas  
Que a benfazejas mãos é destinado,  
Para colher o óbolo consagrado  
Ao templo das idéias luminosas;

Não parece guardar tanta riqueza,  
Encerrar talismãs, jóias e flores,  
Tesouros de magia e de beleza;

Tem a fechá-lo tosca, sem louvores,  
Verdadeiro objeto de pobreza,  
Feia chave, sem arte e sem valores.

Ao mesmo tempo em que Revocata valorizava o trabalho dos outros escritores, chamava a atenção do leitor para a sua própria obra fazendo uso de uma falsa modéstia. Esse não foi o único poema da escritora que fez parte da antologia, por isso os versos da segunda estrofe também se referem a poemas de sua autoria, uma vez que disse não ser de grande qualidade apenas o que encerra o livro.

Muitos foram os intelectuais que tiveram seus nomes registrados na coletânea. Alguns desses são nomes recorrentes no periodismo literário pelotense, como Julieta de Mello Monteiro, Paulo Marques, Lobo da Costa, Cândida Abreu, Narcisa Amália, X., Carlos Bandeira Renault, Francisco de Paula Pires, A. J. Ferreira de Campos, Alfredo Ferreira Rodrigues, Cândida Fortes, Medeiros e Albuquerque, Bernardo Taveira Júnior, Damasceno Vieira, Assis Brasil, Aquiles Porto Alegre, Múcio Teixeira, Alarico Ribeiro, Mário de Artagão, Artur Lobo, Praxedes da Costa, Mathias Guimarães, Fontoura Xavier, Luiz Osório, Adelino Fontoura, Luiza Cavalcanti

Guimarães, Soares Júnior, Albino Costa, J. Tolentino, Revocata Heloisa de Mello, Canarim Júnior e Alarico Ribeiro.

Alguns adquiriram expressão nacional, como por exemplo, Artur Azevedo, Afonso Celso Júnior, Luiz Nóbrega, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Machado de Assis, José Bonifácio, Olavo Bilac, Luiz Murat, Raimundo Correa e Tobias Barreto.

Outros autores tiveram menor reconhecimento, como Ângelo Souza, Rui de Castro, Manoel César, J. E. Teixeira de Souza, Edístio Martins, Ezequiel Ramos, Van-Dick, Maria Clara Vilhena da Cunha, Antônio Marques, Isidoro Martins Júnior, Albino Alves Filho, Isaías de Oliveira, Urbano Duarte, Erasmo de Mello, Filinto de Almeida, Baptista Nunes, Canto e Mello, Henrique Trindade, Febrônio de Brito, Alberto Souza, Adelina Teixeira Mendes, Maria Emília Vieira Caldas, Rosa de Liabar, Julia Cortinez, Guimarães Passos, Presciliana Duarte, Manoel Baptista Pereira, Albertina Paraíso, Carmem Freire (Baroneza de Managuape), Silvio de Almeida, José Raulino, Perpétua do Vale, Francelino Marques, Costa Cruz, Zalina Rolim, Henrique de Casaes, Antenor Soares, Hipólito da Silva e M. Baptista Pereira.

*Sonoras* constitui uma antologia literária que permite demonstrar como se formava a rede de conexões regional que se realizava graças à profusa sociabilidade por meio dos jornais que serviram de inspiração para a preparação do livro. Pode-se dizer que o livro – publicado por partes a partir da década de 80 do século XIX – centralizou o anseio de consolidação de um repertório de autores e de uma biblioteca regionais.

Compor um livro que possa mostrar aos outros Estados do País o patrimônio de uma cultura em pleno desenvolvimento era, sem dúvida, o desejo dos intelectuais daquela época. Por isso, muitos escritores, poetas e, até mesmo, políticos aspiravam registrar seu nome nessa antologia de “diversos autores nacionais”, pois fazer parte de uma antologia era imprescindível para existir como escritor.

Anos antes de Paula Pires começar a publicar as antologias, os jornais locais, literários ou não, divulgavam os nomes dos escritores e poetas por meio de biografias veiculadas semanalmente. Procedimento idêntico

adotava a *Revista Mensal do Partenon Literário* para divulgar os seus literatos.

Wendell Harris lembra que o trabalho do compilador, que reúne textos de publicações periódicas, trata de preservar e aumentar o cânone acessível, ao disponibilizar textos que estavam esquecidos.<sup>209</sup> O antologista, ao considerar o que vale a pena preservar, está processando uma seleção e começa já a entrar no terreno do cânone seletivo.

Harris examina os critérios utilizados no momento de perfilar os cânones seletivos e as funções que regem as suas escolhas. Segundo o teórico, para melhor compreender e aceitar o cânone, deve-se estudar a sua utilidade. Uma primeira função seria proporcionar exemplos e prover com modelos e ideais os leitores e os novos escritores; outras funções, semelhantes à anterior, seriam a transmissão da herança do pensamento e a criação de marcos de referência comuns. Por outro lado, o cânone auxilia na legitimação de certas teorias, além de ajudar na sistematização do papel histórico da literatura.

Bloom lembra que o cânone tem a função de resguardar para as novas gerações o passado literário, constituindo-se numa arte da memória, e deve, ainda, lembrar e orientar as leituras de uma vida<sup>210</sup>. Ao contrário do que Bloom defende, as antologias pelotenses do século XIX eram formadas a partir de um cânone que tinha por objetivo atender a padrões de medida estética, medida moral, social, política e ideológica. Além disso, a antologia de Paula Pires era constituída por autores vivos o que muda, de certa forma, a perspectiva de análise.

O cânone de autores contemporâneos da época não estaria resguardando o passado literário, mas reafirmando o estilo estético e temático da literatura produzida e servindo de modelo para influenciar novos escritores locais. Assim, estavam agindo conforme a teoria de Harris na intenção de legitimar a atividade literária que se consolidava.

---

<sup>209</sup> HARRIS, Wandell V. La canonicidad. In: SULLÁ, Enric. (Org.). **El canon literario**. Madrid: Arcos/Libros, 1998. p. 48.

<sup>210</sup> BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. In: \_\_\_\_\_. **O cânone ocidental**. Os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. p. 23-47.

A partir do que afirma Harold Bloom, nota-se que para ser admitida a entrada de um membro no cânone do sistema literário pelotense, era necessário convencer o leitor de que o espaço estava aberto e que o novo autor tinha tanto talento quanto os escritores renomados do Brasil e do Exterior. Para que a aceitação se efetivasse, os candidatos a entrar na “lista dos melhores” precisavam contar com o apoio de intelectuais que tinham o seu valor reconhecido pelo público leitor.

Os poemas dos membros do *Partenon Literário* e de autores brasileiros consagrados serviam como um argumento de autoridade, dando a entender que, assim como os partenonistas, escritores de outros Estados, que representavam o Brasil no Exterior, também apoiavam a iniciativa dos autores do extremo Sul do País.

A partir dos poemas veiculados na *Sonoras* percebe-se que estes seguiam as características propostas pelo *Partenon Literário*, mantendo-se dentro da tendência romântica, ainda que apresentando algumas exceções parnasianas representadas por sonetos de autores pelotenses e por autores, como: Raimundo Correa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac e de Fontoura Xavier.

Uma leitura dos textos que constituem a antologia *Sonoras* permite o agrupamento dos seguintes temas: 1. Amor, dor; 2. Natureza, índio, regionalismo; 3. Mulher, sonho, lembrança; 4. Religião, morte, vida, destino; 5. Saudade e passado; 7. Figuras históricas; 8. Sociedade e liberdade; 9. Positivismo. A antologia foi composta por 174 poemas<sup>210</sup>, destes destacam-se os de tendência literária romântica; os que defendem o pensamento libertário e o positivismo; os que versam sobre o nacionalismo e indianismo; e o que demonstra o interesse dos intelectuais do extremo Sul por uma literatura que servisse de incentivo para as futuras gerações.

---

<sup>210</sup> Em anexo, está o sumário da antologia e alguns poemas que foram possíveis de ser fotografados.

Como exemplo de poema de tendência romântica, sobressai-se “Trenos”, de Cândida Abreu, no qual a autora cantou em tom melancólico a dor da morte e afirmou que a poesia existia para expressar tristezas, conforme registrava nos últimos versos:

Carpe, ó! lira, esta saudade,  
 Que me punge sem cessar,  
 Esta mágoa, esta tristura,  
 Que embalde tento ocultar.  
 .....  
 Não peçam cantos à lira  
 Que nasceu para gemer;  
 A quem constante é a tristeza,  
 Momentâneo é o prazer.

A tristeza do poema é expressa pelo negativismo que as palavras escolhidas transmitem, tais como: saudade, mágoa, tristura, gemer, tristeza. O lamento surge desde o título, uma vez que treno significa canto plangente, elegia. A presença da morte percorre o poema, desde o início, conforme os versos:

O céu azul desta vida,  
 Sombria nuvem toldou;  
 Da ventura as lindas flores,  
 O vendaval açoitou!  
  
 E a lira jaz moribunda  
 Banhada dos prantos meus...  
 Não sucumbas, doce amiga,  
 Ai! cobra alento por Deus!

A imagem da sombra e do vendaval culminando na lira moribunda traduz a destruição pela qual passa a alma do eu-lírico. O céu azul e as lindas flores representam a imagem de uma natureza primaveril em plena vitalidade. Imagina-se que a pessoa morta é uma jovem escritora e que, provavelmente, fizesse parte do círculo de relação da autora.

Outro poema que trata de dor, morte e de sentimentos pessoais é “Três lágrimas”, de Lobo da Costa<sup>211</sup>. Nele, o poeta expressou uma dor disfarçada, pois tenta transferir a dor para a mulher que o abandonou para casar-se com outro. Em forma de soneto, o eu-lírico lembra os três momentos em que viu a amada chorar:

Eras bem pequena então...  
 Tua lágrima primeira...  
 Deixaste rolar, trigueira,  
 Bem sobre o meu coração.  
 Quando apertando-me a mão,  
 Na despedida, eu me lembro,  
 Inclinas, com assombro,  
 Ébria a fronte de paixão.

Depois no templo ... há que visse,  
 De teu noivado infelice  
 Uma lágrima no véu...

Foi a última na terra...  
 Que a outra... tua alma encerra  
 Para chorá-la no céu!

Neste poema, a idéia da morte é dúbia, pois pode representar tanto o castigo por ter abandonado o antigo amor para casar-se com outro, cometendo uma traição; ou pode ser uma espécie de liberdade, já que o pensamento byronista dominante na época indicava que, em geral, as pessoas que morriam por amor eram libertas do sofrimento pela morte. Segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva, é possível afirmar que o amor, para os românticos, constituía “uma entidade dotada de uma atividade que tende para o infinito [...] numa busca incessante do absoluto, embora este permaneça sempre como alvo inatingível<sup>212</sup>”. A provável impossibilidade de

---

<sup>211</sup> Na antologia, raros são os poemas de Lobo da Costa que não tratam da sua dor pela perda da mulher amada.

<sup>212</sup> AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 1968. p. 427.

atingir o amor absoluto causa a dor e o sofrimento e, de acordo com o eu-lírico de “Três lágrimas”, causa também a morte.

Seguindo o caminho da dor de amor, de forma um pouco diferente, surge na antologia o conhecido poema “Na tasca”, do poeta Raimundo Correa. A idéia transmitida pelo eu-lírico também é o sofrimento por um amor não-correspondido, mas o final não é a morte e, sim, a degradação do homem que, sem suportar a situação, recorre à embriaguez. A decadência do homem é descrita apenas pelo aspecto do ambiente em que ele se encontra, conforme lê-se nos versos:

Dentro, na esconsa mesa onde fervia  
 Fulvo enxame de moscas sussurrantes  
 Num raio escasso e trêmulo do dia  
 Espanejando as asas faiscantes.  
 Vi-o; bêbado estava e, inebriantes  
 E capitosos vinhos mais bebia,  
 Em tédio, como os fartos ruminantes  
 A boca larga e estúpida movia.

A imagem das moscas ao redor do homem, que também pode representar o fim do relacionamento, o tédio e a comparação do bêbado com um animal, torna evidente a queda moral do protagonista do poema percebida pelo eu-lírico. O eu-poético age como se fosse um narrador, um *flâneur*, que observa a cena e conta ao leitor o que se passa com aquele homem no interior da tasca. Nem o homem nem o eu-lírico revelam sentimentos, no entanto, os últimos versos, essenciais para que se possa entender a temática do poema, registram:

E vi seu dedo, aos poucos, lentamente  
 No vinho esparsa que ensopava a mesa  
 Ir escrevendo um nome de mulher.

Raimundo Correa trabalhou nesse poema a interioridade dos sentimentos. A dor muda é sentida apenas pelo homem que se embriagava para esquecer a dor e a mulher. Nas entrelinhas, fica a idéia de que o

homem devia sofrer e podia até fugir da realidade, mas não procurar na morte uma saída. Para esse autor integrar a antologia de melhores autores brasileiros, organizada por pelotenses, significava que suas obras eram lidas e suas idéias, apoiadas e seguidas por eles. Isso demonstra que o modelo de literatura aprovada por Pelotas não era rigidamente o de tendência Romântica. Como a literatura daquela sociedade estava em formação, os intelectuais envolvidos na escolha de modelos mantinham-se atualizados com relação às mudanças literárias que ocorriam em outros Estados no Brasil.

Essa constatação pode ser comprovada pela inclusão de Machado de Assis na antologia. Com o soneto “Mundo interior”, o escritor tematizou a busca pelo entendimento dos próprios sentimentos. A idéia fica explícita nos últimos versos, em que o eu-lírico declara:

E, contudo, se fecho os olhos, e mergulho  
Dentro de mim, vejo à luz de outro sol, outro abismo  
Em que um mundo mais vasto, armado de outro  
orgulho,

Rola a vida imortal e o eterno cataclismo,  
E, como o outro, guarda em seu âmbito enorme,  
Um segredo que atrai, que desafia, - e dorme.

Percebe-se que a leitura desse soneto não propõe dor ou sofrimento, como era o gosto dos Românticos, mas convida o leitor a descobrir os seus próprios segredos, escondidos dentro de si mesmo. Na *Sonoras* foram publicados outros poemas que seguiam essa linha de pensamento, como o “Pássaro misterioso”, de Artur Lobo, em que o eu-poético declara sonhar com uma ave desconhecida e, apenas no fim do poema, descobre ser seu coração que se sente livre e canta enquanto o corpo dorme.

O autor trabalhou em seu poema o onírico, conforme registrava nos primeiros e últimos versos do poema:

durmo e desperto muita vez sonhando,  
 mistificado pela fantasia...  
 - que estrofe é esta que ainda está cantando  
 na minha alcova tácita e sombria?

.....  
 volvo de novo à triste escuridão;  
 durmo... e de novo eis-me outra vez sonhando:  
 - e ouço surpreso o próprio coração  
 como um desperto pássaro cantando.

De certa forma, ainda que a temática seja o sonho, a liberdade e a alegria que o eu-lírico sente dependem da evasão da realidade para o mundo dos sonhos. Sendo assim, o tema fuga, independente de como é abordado, continuava fazendo parte das composições poéticas da época, demonstrando um desejo de transformação da realidade.

Na *Sonoras* há um soneto de Damasceno Vieira intitulado, “Ao púlpito”, no qual o eu-poético faz uma crítica severa à Igreja. Chamando a atenção do leitor para a fé raciocinada, o poeta acusava a Igreja de tentar impor a boa moral aos fiéis através do medo e de falsas verdades, e acrescentou nos últimos versos:

Se queres ver dedicações ativas,  
 É mister que com luzes positivas  
 À verdade, à razão só te consagres.

Cita do Cristo o sublimado o exemplo,  
 Sábios artistas do moderno templo,  
 Mas, por pudor, não cites os milagres!

Pela leitura do último verso, percebe-se uma inclinação às idéias científicas de que se os milagres não podem ser comprovados, logo, não constituem verdades, motivo porque não deveriam ser utilizados como argumento de fé. Além disso, o segundo verso da quarta estrofe deixa claro o posicionamento positivista ao afirmar que “é mister que com luzes positivas” a razão propicie a compreensão da boa conduta moral e religiosa. Os

positivistas e cientificistas não negavam a Deus, apenas não aceitavam a fé cega, que não procurava o entendimento das normas ditadas pela Igreja.

Seguindo os passos de Damasceno Vieira, Francisco de Paula Pires publicou na antologia vários poemas de sua autoria no mesmo tom do anterior. O poema “Aos pés do Cristo” confirma a visão positivista adotada por um representante da literatura pelotense. Nesse soneto, tão crítico quanto o de Damasceno, o eu-lírico faz uma oração a Jesus, a quem confia a sua existência, pedindo:

Senhor Cristo, meu Deus, pai dos pequenos,  
Ajudai-me a levar esta existência;  
Desejo nesta vida ter ao menos  
Paz, ventura, prazer e paciência;

Venha de vós, Jesus, toda a clemência;  
Quero morrer contricta nos serenos  
Preceitos da cristã benevolência,  
Tenha embora de vida anos de menos.

E, ao final, de forma crítica declara não acreditar no poder da Igreja, usando como argumento os seguintes versos:

E a razão bradou a tal pedinte;  
Trabalha, irmã, trabalha ativamente  
Embora o fado teu cruel se pinte.

Feliz jamais a igreja fez a gente,  
Apenas torna seu contribuinte  
O pobre Zé Povinho inconsciente.

A referência ao “Zé Povinho”, nome de um jornal literário que defendia os ideais políticos e lutava por uma sociedade melhor, estende-se também em amparo aos fiéis que sem esclarecimento eram, segundo o eu-poético, explorados pela Igreja sem receber nada em troca. A ajuda vinha do Cristo que não cobrava nada por isso, tal é a idéia defendida pelo poema. Percebe-se, então, o interesse em alertar o público que não acreditasse em

tudo o que via e ouvia, mas que raciocinasse a respeito da ação mais coerente, antes de seguir inconscientemente uma idéia.

Os positivistas também defendiam e estavam diretamente ligados aos interesses libertários. Para comprovar essa idéia, destaca-se o poema “Saudades do escravo”, de José Bonifácio, figura que, assim como Silva Jardim, foi homenageado em outros poemas que compõem a antologia por sua influência ao ideário político sul-rio-grandense. A composição poética assemelha-se aos poemas de Castro Alves no que diz respeito à temática anti-escravagista e ao estilo. A obra em verso corresponde ao lamento do negro que, feito escravo, sonhava em voltar para a sua terra natal, ainda que morto. O eu-lírico argumenta que mesmo sendo escravo, não perdeu a liberdade, conforme os últimos versos do poema:

Escravo – não, ainda vivo,  
Inda espero a morte ali;  
Sou livre, embora cativo,  
Sou livre, inda não morri!  
Meu coração bate ainda  
Nesse bater que não finda;  
Sou homem, Deus o dirá!  
Deste corpo desgraçado  
Meu espírito soltado  
Não partiu – ficou-me lá!

A defesa pela liberdade efetiva dos negros era uma das bandeiras dos intelectuais sul-rio-grandenses, por esse motivo, liam e homenageavam os autores das lutas abolicionistas.

De igual maneira foi tratado o tema indianismo que, ligado ao nacionalismo, também foi classificado para compor a antologia. O poema “Berço indígena”, de Alberto de Oliveira, canta a dor de uma mãe cabocla que chora a perda de um filho pequeno. A mãe cabocla é a representação da mistura de raças, e apenas pelo título é possível saber que a criança é um pequeno índio, pois em nenhum momento isso é declarado em versos. Para identificá-la são utilizados os vocábulos “leve berço”, “pequeno esquife” e

“alma pequenina”. A ausência do vocábulo índio representa a própria morte da raça.

A princípio o título do poema não remete à morte da criança, mas à vida. Entretanto, essa imagem é desfeita na primeira estrofe, em que o eu-lírico declara:

Entre duas palmeiras se embalança  
O leve berço, em que, sem vida, agora,  
Jaz o corpo da mísera criança.

O berço indígena, pode ser interpretado como a terra natal dos índios, neste caso o próprio Estado sulino, uma vez que leva e traz a lembrança do fim de uma vida que mal começara. Essa vida que não teve chance de se desenvolver remete às tribos indígenas que foram dizimadas, dando espaço aos portugueses e espanhóis que colonizaram a região do extremo Sul do país.

Outro poema que tematiza a região sul é o anônimo “Gaturamo”. O título significa ave canora típica do Rio Grande do Sul. Essa composição poética descreve a natureza regional, conforme registra o eu-lírico, nas seguintes estrofes:

Passarinho, que os hinos saudosos  
Desencantavas **nas abas do monte**<sup>213</sup> –  
Donde houveste esses ais amorosos?  
Donde houveste? – do céu? do **horizonte**?

Quem te deu, oh! formosa avizinha,  
Essas pérolas de pranto sentido?  
- Foi das **matas** a **brisa mansinha**?  
- Os aromas do **bosque florido**?  
  
- Foi **à sombra da tarde** a folhinha  
Que estremece... farfalha... e caiu?  
- Foi o **eco do vale**, a **fontinha**,  
Que murmura...soluça... e fugiu?...

---

<sup>213</sup> Grifo meu.

Eu não sei; em teus curtos instantes  
 Os mistérios da vida resumes...  
 Ai! tu choras nos puros descantes,  
 Da **floresta** bebendo os perfumes!

.....

E ao **lunar deste berço** da luz,  
 Quando o mundo dormir sossegado.  
 - Ergue o canto que as almas seduz!  
 No perfume da dor levantado!

As palavras em negrito destacam a paisagem tematizada pelo poeta que chamam a atenção para a natureza regional. O eu-lírico assemelha-se à ave que apenas entoava hinos saudosos e, após andar pelo Rio Grande do Sul, inspirado pelas paisagens naturais começou a compor versos de amor. “O luar deste berço da luz” remete não somente à paisagem local, mas à época iluminista em que eclodia as idéias científicas e positivistas, retificando as mudanças pelas quais estava passando a literatura sul-riograndense. Mudanças essas que oportunizavam a formação de uma literatura como a pelotense, sob uma visão moderna para o momento histórico.

Somando-se a essa afirmação, tem-se o poema “À mocidade”, de Revocata Heloísa de Mello que, em forma de convite, encerra a idéia de incentivo às futuras gerações para que aproveitassem o “século de luz” e desenvolvessem o desejo de transformação da sociedade. Dividido em três estrofes, apresenta a distribuição dos versos semelhante aos passos dados numa caminhada, em que a pessoa coloca um pé após o outro, conforme observa-se:

Vinde pois à grande luta  
 Oh! Mocidade que exulta,  
 Banhando o século de luz!  
 Vinde armar as vossas tendas  
 Nas gentis, formosas sendas,  
 Que ao futuro nos conduz.

Dai curso às nobres idéias,  
 Levando-as como epopéias

Às modernas gerações;  
 Fazei nascer para os povos  
 Nas ciências mundos novos,  
 Traduzindo evoluções.

Lavando a nódoa nefanda,  
 Horrível, negra, execranda,  
 Do despotismo cruel,  
 Sede a borda andar, pujante  
 Que avança firme, possante,  
 Livre de escudo ou broquel!

A marcação rítmica do poema assemelha-se à do poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias. Uma marcha da “mocidade” que com “nobres idéias” utilizaria a ciência para, “livre de escudo ou broquel”, “traduzir evoluções”.

Nesse poema, Revocata de Mello declarava que a literatura em consolidação naquele momento tinha por interesse primeiro divulgar as grandes idéias que surgiam. Outra constatação a partir do seu poema é a de que os intelectuais que se uniram para formar um sistema literário local mantinham o olhar no futuro, visando mais do que o seu sucesso como escritor, mas encetar um caminho no qual novos escritores da região pudessem trilhar.

Em vários poemas e artigos dos jornais pelotenses, percebe-se que os mentores intelectuais da literatura de Pelotas lutavam para obter um destaque em âmbito até mesmo nacional na intenção de deixar o caminho pronto para os jovens que tomariam seus lugares na história da cidade. As antologias organizadas por Paula Pires são a prova concreta de que aqueles homens do século XIX, percebiam que era somente através da educação que a sociedade poderia evoluir.

Em razão disso, preocupavam-se em desenvolver um sistema literário próprio no qual pudessem contar com instituições que educassem os cidadãos, ensinando-os a ler e a compreender a vida a partir das obras indicadas e que soubesse avaliar um repertório de idéias adequado ao projeto de desenvolvimento da sociedade; e com um mercado, que divulgasse

as boas obras literárias e culturais, locais ou não, e, ao mesmo tempo, servisse de elo entre a instituição, auxiliando-a na obtenção do repertório; o consumidor, indicando a melhor obra; e o produtor, ajudando-o a publicar e divulgar o seu produto. Certamente, os homens e mulheres cultos da época não pensavam no conceito de sistema literário, mas tinham em mente um projeto de divulgação dos seus ideais e, juntos, organizaram o que, um século e meio depois, chama-se de sistema.

Constata-se que eles eram ao mesmo tempo produtores e consumidores, instituição e mercado, produto e repertório, artistas e críticos, literatos e historiadores. Ainda assim, representando todos os papéis ao mesmo tempo conseguiram criar e desenvolver o projeto de uma literatura própria e reconhecida no país e no exterior.

## **5 O SISTEMA LITERÁRIO PELOTENSE: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A caminhada rumo ao desenvolvimento cultural de Pelotas, cidade abastada economicamente, começou pelas viagens que os filhos dos charqueadores e estancieiros faziam à Europa em busca de cultura. Ao atravessar o Atlântico, de volta, traziam nas malas o conhecimento materializado sob a forma de livros e objetos de arte e de uso diário; e, na mente, idéias novas e úteis para uma sociedade que estava em processo de estruturação. De acordo com Itamar Even-Zohar, a cultura serve como um conjunto de bens e ferramentas que organiza a sociedade, tanto coletiva quanto individualmente<sup>214</sup>. Com relação a esse posicionamento, Ann Swidler também afirma que a cultura é um repertório ou uma “caixa de ferramentas”, de hábitos, habilidades e padrões mediante a qual os detentores constroem “estratégias de ação”<sup>215</sup>.

---

<sup>214</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. La literatura como bienes y como herramientas. In: VILLANUEVA, Darío, MONEGAL, Antonio, BOU, Enric. **Sin fronteras**. Ensayos de literatura comparada em homenaje a Claudio Guillén. Madrid: Castalia, 1999. p. 28.

<sup>215</sup> SWIDLER, Ann. Culture in action: symbols and strategies. **American Sociological Review** 51, abril 1986. p. 273. Trad. Itamar Even-Zohar.

Sendo assim, a primeira atitude na intenção de propagar os novos hábitos e valores foi a criação da imprensa, em 1851. A partir dessa iniciativa, começava a surgir um esboço de literatura que, mais tarde, definiria o sistema literário e social de Pelotas. Segundo Siegfried J. Schmidt, a definição de literatura como “sistema social” deve-se ao fato de os textos literários estarem relacionados ao contexto social, não sendo compreendidos como obras autônomas. Dessa forma, a construção da história literária orienta-se pelo conjunto agente-texto-contexto<sup>216</sup>. Zohar confirma esse posicionamento afirmando que os textos são fruto do contexto, por isso, possuem relação direta com a vida social. Então, a literatura passa a ser vista como “una red, un complejo de actividades”<sup>217</sup>.

A rede de relações a que Zohar se refere foi, aos poucos, sendo construída no contexto pelotense a partir da vida cultural organizada pelos intelectuais de destaque da cidade. Esses mantinham contato direto com membros do *Partenon Literário* e com escritores de outros Estados brasileiros, além dos do Exterior como, Portugal e França, primeiramente por interesses políticos advindos das causas abolicionista e republicana, posteriormente, por encontrarem na literatura o melhor meio de divulgação das suas idéias.

O *Partenon Literário* foi sem dúvida o grupo que mais influência exerceu sobre a formação do sistema literário pelotense. Através dessa sociedade, surgiram associações políticas e literárias na cidade de Pelotas, além da publicação de vários jornais que divulgavam as decisões tomadas nas reuniões que ocorriam nos clubes e nas tipografias. Nessas instituições, os donos dos periódicos, que também eram editores e escritores, de alguma forma engajados politicamente, possuindo ou não cargo público, reuniam-se após o expediente para ler as notícias vindas de outras regiões do País e do Exterior, e adotar modelos literários e culturais para a cidade de Pelotas. A partir da leitura das teorias propostas por Even-Zohar, pode-se afirmar que

---

<sup>216</sup> SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heindrun Krieger (Org.). **Histórias de literatura: as novas teorias alemãs**. São Paulo: Ática, 1996. p. 101-132.

<sup>217</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. Op. cit. nota n. 1, p. 29.

para esses intelectuais adotarem modelos era necessário lançar mão de um repertório inovador que assumisse o lugar do antigo. No entanto, a transferência deveria ser gradual para que o modelo primário fosse, aos poucos, sendo incorporado ao secundário. Essa era a função da instituição: aprovar modelos, transpor idéias e tendências e controlar a literatura emergente.

A presença de imigrantes na formação da literatura pelotense também favoreceu a transformação de modelos culturais e literários além de promover a relação com outros sistemas literários, como por exemplo, o português. Daquele país participavam ativamente na organização social, cultural e literária, intelectuais como: Antônio Joaquim Dias, Albino Costa e Gomes Corrêa.

Mauro Nicola Póvoas declara que, entre os portugueses imigrados para o Rio Grande do Sul,

muitos estabeleceram-se no eixo Rio Grande-Pelotas, aclimatando-se ao Estado sulino e logo se agrupando em clubes literários, sem deixar de, na nova terra, estampar suas produções literárias – em jornais, revistas e às vezes inclusive em livros próprios –, nas quais cantam desde as saudades da terra lusitana até as belezas da pátria que os acolheu<sup>218</sup>

Essa situação política proporciona a participação de representantes do sistema literário português na formação da literatura pelotense, pois, vindo para a região Sul, os imigrantes trouxeram a sua cultura européia e o modo de pensar a literatura. Ainda assim, Pelotas sofria também a influência francesa daqueles que iam ao país da moda e de lá traziam as novas tendências sócio-político-culturais e literárias. No final do século XIX, o vocábulo francês, principalmente para o extremo Sul do Estado, era sinônimo de bom gosto e elegância. Os modelos de atividades intelectuais e

---

<sup>218</sup> PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura:** periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. 2005. 322f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [2005]. p. 25.

de comportamentos e gostos advindos da França obtinham maior destaque porque representavam a novidade, o moderno.

Percebe-se, então, que confluíam naquele momento dois sistemas literários utilizados como base para a formação e consolidação da literatura pelotense, o português e o francês. No entanto, o sistema literário brasileiro também foi representativo, uma vez que figuras importantes da literatura influíram sobre os intelectuais que trabalhavam na estruturação literária da cidade onde viviam, ajudando-os a pensar em uma literatura própria da região, sem cópias.

A partir das idéias difundidas por intelectuais como Silvio Romero, trazidas para o Sul por Carlos von Koseritz, e pelos literatos que tinham suas obras lidas pelo público sul-rio-grandense, a literatura brasileira serviu de modelo à estruturação cultural que estava sendo proposta. Assim, tem-se na formação do sistema literário pelotense a marca de três sistemas literários: português, vindo pela tradição cultural; francês, adquirido pelo intercâmbio literário e cultural; e brasileiro, ao qual a cultura da cidade se integrava.

Esses modelos não eram apenas seguidos pelos intelectuais e literatos de Pelotas, mas principalmente, pelos membros do grupo do *Partenon Literário* os quais mantinham uma rede de contatos com outros estados do País, e com outros países. Os sistemas literários se entrecruzavam por meio dos imigrantes que se mudavam para o Sul e desenvolviam atividades intelectuais; dos livros que eram exportados e importados; e pelos jornais os quais representavam para a época uma fonte de informação, de propaganda e de crítica literária. As críticas a respeito das obras literárias e culturais chegavam de toda a parte o que demonstra que havia escritores em outras cidades e países que sabiam o que ocorria em Pelotas e sentiam-se à vontade para opinar a respeito das produções.

Os jornais também serviam para controlar o hábito de leitura do público, indicando as obras mais adequadas para cada sexo e idade. Em geral, quem organizava a lista eram os redatores dos jornais que também

escreviam para periódicos locais, tentavam publicar seus textos compilados e fazer parte das antologias locais.

Embora os próprios autores locais tivessem a consciência de que suas produções literárias não possuíam um valor estético, insistiam em formar um cânone da região a fim de influenciar as futuras gerações a escrever e melhorar a qualidade das obras culturais produzidas na localidade do extremo Sul rio-grandense. De acordo com Rita Schmidt, “perguntas acerca da relevância estética de um objeto de estudo marginalizado têm por intenção primeira proteger certos aspectos da cultura (entre os quais as obras literárias) da contaminação por textos rotulados como “de segunda” ou “bárbaros”<sup>219</sup>.

Para os pelotenses do século XIX, a história era outra: não importava a qualidade, mas que eram lidos e que estavam organizando uma literatura. O critério estético era deixado para ser avaliado pelas gerações vindouras, que já encontrariam um sistema literário consolidado em funcionamento e, então, poderiam preocupar-se com essas questões. A intenção de criar um cânone local pautava-se na idéia de somar à literatura vinda da França e de Portugal suas próprias obras a fim de provar que em Pelotas também havia escritores.

Segundo Zohar, “un sistema funciona mejor con un canon que sin él. Parece que un canon estático es condición primaria para que un sistema sea reconocido como actividad distinta en la cultura”<sup>220</sup>. Por esse motivo, os produtores desejavam ser reconhecidos, aceitos e terem seus textos considerados manifestação de um certo modelo literário e ideológico.

Os escritores pelotenses esquecidos nas prateleiras empoeiradas, mesmo os que não obtiveram destaque nacional e/ou internacional e que publicavam textos sem grande valor estético, são importantes para que se possa buscar novos caminhos, traçar novos rumos e, conforme afirma Rita

---

<sup>219</sup> SCHMIDT, Rita Terezinha. Pensar (d)as margens: estará o cânone em estado de sítio? In: CONGRESSO DA ABRALIC, 5, 1996, Rio de Janeiro. **Anais do Congresso da ABRALIC**, 5, Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997. p. 287-291.

<sup>220</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoría del polisistema**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/ps-th\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/ps-th_s.htm). Acesso em: 27 maio 2004.

Schmidt, questionar o consenso de que a história da história da literatura do século XIX já foi contada<sup>221</sup>. Esses nomes da literatura local, ocultos atualmente, tiveram grande importância para a formação do sistema literário pelotense e, no tempo presente, possibilitam repensar a noção de cultura da cidade em que se inseriam e também do Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, através das produções textuais desses escritores e intelectuais negligenciados pelo tempo comprova-se que a região do extremo Sul possuía uma identidade cultural múltipla cujo pensamento volta-se para a transformação e o desenvolvimento social.

De acordo com o proposto por João Barrento, focando a atenção no indivíduo e no seu texto, constrói-se uma nova história da literatura que não se baseia apenas no grupo literário ou no modelo estético, mas em tudo o que forma a literatura. A partir dos registros de Walter Benjamin, Barrento defende que a nova história da literatura deve procurar priorizar o subjetivo<sup>222</sup>. O particular, no caso da literatura de Pelotas, fez a diferença, pois através da subjetividade de cada autor, poeta e intelectual o sistema literário foi tomando forma, uma vez que eles atuavam concomitantemente em todos os fatores desse sistema.

Em se tratando de sistematização, os pelotenses perceberam que era necessário acostumar os leitores ao repertório oferecido para que o produto fosse consumido. Dessa forma, foram retirados do cotidiano os temas recorrentes para as obras literárias: política, tematizando causas sociais, como abolicionismo; nacionalismo e regionalismo, representados pelo interesse em exaltar as qualidades da terra natal, o Rio Grande do Sul; moral, apresentada sob a forma de temas, como amor desiludido e comportamento feminino; e progresso intelectual, que estava na ordem do

---

<sup>221</sup> SCHMIDT, Rita Terezinha. Op. cit. nota n. 6, p. 288.

<sup>222</sup> BARRENTO, João. O regresso de Clio? Situação e aporias da história literária. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **História literária**: Problemas e perspectivas. Lisboa: Apáginastantas, 1986. p. 9-33.

dia, voltado tanto para homens quanto para mulheres. A recorrência a esses elementos constituía o elo entre produtores e consumidores, aqueles precisavam deter a atenção destes, tratando de assuntos que interessassem a ambos.

Os intelectuais pelotenses também tinham a função de organizar antologias e fazer a defesa ou a acusação de textos que eram publicados pelas editoras e veiculados pelos jornais locais. Eram eles quem assumiam a posição de críticos literários e de historiadores da literatura, pois os leitores não aprendiam apenas nas leituras dos livros, mas também a partir dos julgamentos que escutavam e das discussões sobre o que liam. Esse era o papel dos críticos que ensinavam o público quem eram os melhores escritores locais a serem lidos e determinava o cânone de acordo com a sua visão e interesse.

As duas antologias contempladas nesta tese dão conta de momentos literários diferentes. Apenas dez anos separam a organização de uma e outra, no entanto, o *Pindo Rio-Grandense* apresenta uma seleção de autores um pouco diversa da coletânea *Sonoras*. Para a primeira antologia, Paula Pires selecionou autores que publicavam na região de Pelotas e outros que atuavam no *Partenon Literário*. Em geral, eram produtores de textos ainda de tendência Romântica os quais apresentavam, além das temáticas características do estilo literário que seguiam a intenção de despertar no leitor o interesse pelo estudo e pelo progresso das idéias.

O título dado à antologia faz lembrar outros nomes gregos utilizados na época para se referir à literatura e à cultura, como Partenon, templo grego onde se reuniam os deuses, que evoca os 'gênios' do Partenon – grego ou literário; e Atenas, deusa grega da guerra e da sabedoria cujo nome identifica a cidade mais importante da Grécia. O enaltecimento a esse país deve-se ao fato de estar lá a origem da literatura.

Ao organizar a segunda antologia, juntamente com outros dois intelectuais, Paula Pires acrescentou autores representantes da literatura nacional, como por exemplo, Machado de Assis, Olavo Bilac e Raimundo Correa. A confluência de tendências literárias expressa na *Sonoras*

significava o que o próprio nome alude, a produção harmoniosa de vários sons, de diferentes acordes, unidos pelo mesmo objetivo: fazer soar os versos da literatura regional e mostrar que ela estava sendo valorizada e apoiada por literatos de valor nacional. O século XX chegaria em dez anos e os autores da coletânea interessavam-se pelo futuro da literatura regional que se formou na cidade de Pelotas na segunda metade do século que findava, afirmando essa idéia nos poemas compilados.

Na antologia anterior, preocupavam-se em formar um pensamento crítico nos leitores; nessa, em manterem vivas as idéias difundidas. Contudo, para que esse projeto alcançasse êxito eram necessários três elementos que, segundo Antonio Candido, são de natureza social e psíquica, e que se manifestam historicamente fazendo da literatura aspecto orgânico: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; e um mecanismo transmissor (em geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros<sup>223</sup>. O crítico afirma que unindo esses três elementos obtém-se

Um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo, como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade.<sup>224</sup>

Para que o produto fosse oferecido ao consumidor, os produtores precisavam de um mercado. Este, primeiramente, funcionou através das tipografias que publicavam os jornais; depois, consolidado pelas editoras, responsáveis por transformar os textos em livros, fazer a propaganda nos anúncios de jornais e distribuí-los para o público e para as instituições que aprovariam ou não a leitura.

---

<sup>223</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Iv. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 2000. p. 17-18.

<sup>224</sup> Idem, p. 18.

As instituições literárias eram o ponto chave desse sistema, pois eram elas quem escolhiam os escritores locais que fariam ou não sucesso entre os leitores. Formado por associações literárias, bibliotecas, escolas, tipografias e editoras, o fator instituição decidia quem e o que deveria ser lido. Deve-se lembrar que faziam parte das instituições intelectuais, professores, escritores, donos de jornais, redatores e editores que também faziam mover os outros fatores do sistema literário. Sendo assim, a relação de compadrio, denunciada por Paulo Marques nas suas “Cartas Fluminenses”<sup>225</sup> estendia-se ao setor literário-cultural, pois se sobressaíam os escritores que possuíam amigos em destaque social, pertencentes à *Sociedade do Partenon Literário* ou a grupos literários do centro do País. Também era comum os escritores encomendarem críticas literárias favoráveis a suas obras a amigos que viviam no Exterior, para depois publicá-las nos jornais locais a fim de fazerem propaganda.

Dessa maneira, estruturava-se o sistema literário da cidade de Pelotas, de acordo com o que sugere Even-Zohar ao definir um sistema:

Así, un CONSUMIDOR puede “consumir” un PRODUCTO producido por un PRODUCTOR, pero para que se genere el “producto” (el “texto”, por ejemplo), debe existir un REPERTORIO común, cuya posibilidad de uso está determinada por una cierta INSTITUICIÓN. Debe existir un MERCADO en que este bien pueda transmitirse<sup>226</sup>.

A existência de um sistema literário organizado, no final do século XIX, evidencia que a literatura de Pelotas não foi algo que simplesmente surgiu em meados daquele século, mas foi planejada. A necessidade de desenvolver a cultura local fez com que os intelectuais da cidade se

---

<sup>225</sup> O literato no Brasil só tem valor [...] quando a par de seus manuscritos, rolem notas do tesouro, essa mágica chave que abre a dourada porta que conduz aos salões da popularidade e do renome sem a menor dificuldade. MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Pelotas, 10 dez. 1882. n. 18, p. 2.

<sup>226</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **El sistema literario**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/sistm\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/sistm_s.htm). Acesso em: 27maio 2004. p. 1.

mobilizassem em torno de mais uma causa, aproveitando o ensejo da luta por questões políticas.

Essa característica faz parte da identidade cultural do Rio Grande do Sul e está gravada na memória cultural dos sul-rio-grandenses. Paulo Medeiros esclarece o conceito de memória cultural registrando que

memória cultural seria o que permite a um determinado grupo social identificar-se como tal e a um indivíduo identificar-se como pertencendo a um determinado grupo. (...) Se atentarmos naquilo que cada nação comemora como sendo digno de especial memória poderemos fazer uma lista conveniente de vários elementos constitutivos da memória cultural dessa nação, que são assim passados de geração em geração.<sup>227</sup>

A partir desse posicionamento conclui-se que a memória cultural, apesar de ser formada por diversos elementos, pode ser ajustada conforme a necessidade dos grupos em adotar uma característica e conservar outra. Ao ampliar a visão de literatura regional representativa de uma sociedade, reinterpreta os eventos do passado, abrindo horizontes para novas perspectivas culturais. Esse fato confirma o quão importante são a literatura e a cultura para o desenvolvimento intelectual de uma sociedade.

As práticas de leitura e escrita dos pelotenses, durante o século XIX, reveladas pelos anúncios das editoras e livrarias auxiliaram na construção da memória cultural. Elas apontam para a constatação de que os hábitos culturais e literários de Pelotas foram transmitidos por intelectuais locais que privilegiavam um escritor em detrimento de outro. A exemplo disso, destaca-se o poeta português Antônio José Domingues que, radicado em Pelotas e lecionando idiomas, influenciou poetas locais com seus versos de tom camoniano. Entretanto, muitos foram os leitores que se aproximaram

---

<sup>227</sup> MEDEIROS, Paulo de. Sombras: memória cultural, história literária e identidade nacional. MOREIRA, Maria Eunice (Org.). História da literatura em questão. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 7-14, set. 2004.

da literatura Romântica francesa a fim de melhor apreciarem as obras e acabaram por receber estímulos para comporem versos ou narrativas.

A preponderância dos modelos literários brasileiros e europeus concorreram para que escritores do extremo Sul desenvolvessem a prática da leitura e da escrita. Geralmente, todas as publicações em periódicos locais lhes pertenciam, e seus livros eram veiculados em folhetim ou em excertos nos jornais para, posteriormente serem editados pela Universal ou pela Americana. A leitura de textos de autores menores contribuía para que se formasse o hábito da leitura e, a partir disso, o leitor se acostumava a ler obras de autores nacionais, como Castro Alves, Fagundes Varela, Luiz Murat e Machado de Assis; e internacionais, como Victor Hugo, Zola, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, entre outros.

Em lugar de pretender estudar o modo como a mensagem recepcionada pelo produtor a partir da leitura dos autores acima mencionados, é decodificada e reconstruída pelo consumidor, seja ele autor ou simples leitor, importa antes concentrar atenção no próprio produto – objeto resultante da atividade cultural. Entendido como elemento integrante e elo entre o produtor e o consumidor, o produto responde pela articulação com diversos fatores sociais e culturais que constituem o desenvolvimento da literatura da região.

O livro, como produto, registrou as inter-relações dos diversos sistemas literários que influenciaram a formação da cultura da cidade de Pelotas em determinado momento histórico. Por meio das obras produzidas na região, constata-se a constituição de um sistema a partir de sistemas que, segundo a teoria estabelecida por Itamar Even-Zohar, inclui desde os textos canônicos aos paraliterários num espaço dinâmico onde o texto pode ser o portador de ruptura e instaurador de novos modelos ou pode limitar-se a assegurar a continuidade de valores estabelecidos e institucionalizados.

O produto existente na cidade de Pelotas reelaborou, no final do século XIX, os modelos absorvidos dos sistemas literários europeus e brasileiros, ajudando a construir um sistema literário próprio pelotense. Nele

eram tematizados assuntos do interesse da sociedade local, contextualizados ao momento histórico pelo qual os leitores passavam.

Os temas abordados por meio dos textos veiculados nos jornais e publicados pelas editoras e tipografias sob a forma de livros, bem como os discutidos, por ocasião das apresentações das teses, na Biblioteca Pública Pelotense e nas associações e clubes literários são conjuntos de bens e ferramentas, conforme Even-Zohar, que demonstram a configuração de um sistema literário local. A peculiaridade salienta-se pelo fato de os intelectuais direcionarem a temática vinda de outros sistemas literários às necessidades sociopolíticas e culturais da sociedade para a qual produziam. Nesse contexto, o produtor ao consumir o repertório vindo de outros sistemas, constrói a sua própria imagem e, conseqüentemente, representa o seu próprio enunciado, reorganizando os componentes textuais de forma a adaptar a sua experiência de leitor e à sua cultura e política locais.

O horizonte de leituras estrangeiras dos intelectuais pelotenses diferenciava-se, em parte, das importações realizadas por leitores de outras cidades da região, como por exemplo, Rio Grande. Ao cotejar os textos importados por ambas as cidades no mesmo período, constatou-se que não possuíam os mesmos interesses com relação ao repertório lido. Embora houvesse entre as duas cidades o livre trânsito dos textos publicados tanto numa quanto noutra, bem como dos escritores e jornalistas que atuavam nos dois municípios, Pelotas recebia por meio da importação uma quantidade maior de obras vindas da França enquanto que a cidade do Rio Grande importava mais livros portugueses.

Ao comparar os anúncios veiculados pelos jornais pelotenses com o catálogo do gabinete de leitura da Biblioteca Rio-Grandense, constatou-se que as obras e autores franceses lidos em Pelotas não constam na lista de obras consumidas na cidade vizinha. Essa diversidade de consumo de repertório estrangeiro pode ser considerado um fator que ajuda a diferenciar o sistema literário pelotense dos demais que atuavam na mesma época. Embora houvesse a influência dos sistemas literários francês, português, brasileiro e sul-rio-grandense, as atividades que constituíam o sistema

literário pelotense ocorriam de forma peculiar, uma vez que a recepção do repertório e a manipulação dos textos dependia dos fenômenos culturais, históricos e sociais que integram o sistema literário de Pelotas no polissistema literário e cultural do Rio Grande do Sul.

Conforme sustenta Even-Zohar, “o próprio polissistema é heterogêneo, o que sugere a coexistência de vários subsistemas (literários ou outros) potencialmente divergentes entre si e, por isso mesmo, com cânones ou núcleos e periferias próprias e igualmente diferentes entre si.”<sup>228</sup> Todo esse processo é, segundo Even-Zohar, pertinente para a reflexão sobre a literatura uma vez que será também através de obras estrangeiras que novos modelos literários podem ser estabelecidos e que um novo repertório reelabora-se incessantemente.

A resposta para a mudança do repertório pauta-se na necessidade de controlar o centro do sistema cultural, por isso, a sociedade intelectual deve preocupar-se com os produtos que disponibiliza para o consumo do público. A seleção de um conjunto de obras com determinadas características acaba por definir o comportamento cultural do restante da sociedade a qual o sistema literário pertence. A comprovação dessa assertiva, no estudo da consolidação da literatura em Pelotas e da formação do sistema literário na mesma cidade, dá-se pelo alto consumo de produtos culturais europeus indicados pelos sistemas literários brasileiro e sul-rio-grandense.

O repertório vindo dos sistemas literários que influenciavam a literatura em Pelotas não eram utilizados como forma de imitação literária e cultural. Nesse sentido, a questão da dissociação da equivalência e da igualdade de sistemas literários fundamenta-se no fato de, muitas vezes, não ser possível uma coincidência total entre o sistema literário pelotense e os outros sistemas que o influenciaram, uma vez que o produto não é um corpo

---

<sup>228</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoría del polisistema**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/ps-th\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/ps-th_s.htm). Acesso em: 27 maio 2004. p. 11.

inerte, mas é em si mesmo uma estrutura potencialmente viva, isto é, que adquire vida e dinâmica através da contextualização das acepções de cada sociedade. Dessa forma, ocorre o surgimento de novos elementos da sociedade baseados na cultura, como um resultado da operação dinâmica do repertório e do cânone que começavam a se consolidar.

A união desses fatores contribui, de certa forma, para caracterizar o sistema literário da sociedade pelotense, no final do século XIX, na qual a utilização criteriosa de certos recursos culturais, em detrimento de outros, individualiza comportamentos sociais através de marcas do discurso literário. Esse aspecto tem relação direta com o ato da leitura dos textos produzidos pelos modelos literários e culturais realizado pelo leitor/autor que, confrontando-se com a impossibilidade de imitar na sua globalidade, recorre ao poder de manipulação do texto-fonte. Conforme as idéias defendidas por Even-Zohar, entende-se que o conceito de manipulação trata de transferências entre sistemas culturais, em que o jogo retórico poderá funcionar diferentemente dentro de cada um deles.

Nessa perspectiva, o produtor adquire uma certa consciência de que cada produto é uma interpretação de mundo que inicia em uma dada realidade social da qual faz parte. Surge daí a necessidade de considerar a importância da teorização produzida no âmbito dos estudos de recepção por Wolfgang Iser, na qual o teórico defende a relação intrínseca entre o ato de ler e o ato interpretativo. Considerando que não é possível dissociar um do outro, o produtor não deve limitar o seu trabalho a uma mera transposição de produtos de sistemas diferentes, mas pautar por ampliá-los ao ponto de inseri-los no contexto sociocultural.

A partir das teorias desenvolvidas por Even-Zohar, e após uma reflexão sobre os pressupostos analisados, conclui-se que o produto não ocupa necessariamente a mesma posição no sistema literário que se forma tal como ocupava no sistema original, ainda que os diferentes sistemas estejam organizados segundo parâmetros similares de tendências literárias, culturais, ideológicas e políticas. Verifica-se, então, uma manipulação que se desenvolve no sistema literário e de igual maneira no polissistema literário,

através da consideração de que esse recurso pode ser utilizado no confronto texto/sistema. O polissistema está sujeito a constantes mudanças que o tornam intrinsecamente dinâmico.

Com base nessa idéia, percebe-se que a adaptação de modelos literários de um sistema a outro desencadeia fundamentalmente processos de manipulação dos textos, deslocando o foco de atenção para a recepção desses textos. No caso da formação do sistema literário de Pelotas, os textos originados de outros sistemas literários tiveram sua importância acentuada através dos ensaios publicados nos periódicos por intelectuais que objetivavam avaliar a qualidade das obras e publicar interpretações contextualizadas à sociedade local, indicando ou não a leitura.

A partir da interpretação dos leitores/autores a temática e a abordagem dos textos eram adaptadas em função de um conjunto de parâmetros heterogêneos entre si, tais como, os culturais e históricos, que integram o sistema literário no polissistema cultural a que também pertence. Considerada dessa forma, a utilização dos modelos literários torna-se uma forma de manipulação do texto de origem por parte do produtor, podendo este proporcionar a introdução de novos conceitos, idéias, instrumentos de trabalho e formas literárias no sistema literário que se formava.

Desse modo, a literatura assume um papel fundamental pela introdução de determinadas obras numa cultura que se consolida. Pelo fato de a literatura não ser estática, embora apresente conceitos não exatamente coincidentes correlacionados de cada sistema, os produtos que se originam dela implicam em circunstâncias culturais que os situam histórica e socialmente. Os modelos literários e culturais obedecem a postulados de adaptabilidade relativos à literatura e à cultura da sociedade a qual serão úteis, embora observe-se que, devido ao fato de o sistema literário comportar vários subsistemas não de todo coincidentes e, até potencialmente divergentes, conforme esclarecem as teorias de Even-Zohar, o seu funcionamento no sistema que se forma é também heterogêneo e depende da posição central ou periférica que vier a ocupar.

Esses argumentos formam um conjunto de razões que permitem aos modelos literários e culturais de outros sistemas serem considerados uma manipulação do produto/texto original que os adapta no âmbito de uma determinada cultura. Produtor, mercado, instituição e consumidor buscam apropriar-se dos modelos literários dos quais recebem influência para manipular os textos, originando um produto novo adequado ao meio sociocultural ao qual será apresentado, equacionando as diferenças estéticas e culturais.

As reflexões desenvolvidas a partir da teoria dos polissistemas podem ainda suscitar a problematização do papel da cultura de outros sistemas como intervenção no sistema literário que a recebe. Para resolver essa questão, recorre-se mais uma vez à manipulação literária e cultural que deve pautar-se pela contextualização social. Apoiada na base cultural da sociedade e tendo como pano de fundo o macrossistema cultural, no âmbito da teoria dos polissistemas – a elaboração de um novo produto se efetua. A partir de um macrossistema que se orienta em direção ao microssistema surgem, então, os produtos do sistema literário que se forma.

Essa perspectiva define o produto como uma entidade dinâmica que carrega em si a expressão verbalizada da ideologia do produtor, reconhecido primeiramente como consumidor/leitor que irá manipular todo o conjunto de elementos literários e culturais, no sentido de re-orientar a recepção em direção a uma outra cultura, a um outro público. Nesse caso, o produtor funciona, então, como elemento de transferência, catalizador, simultaneamente receptor e reemissor do produto original e da própria cultura.

O princípio do polissistema literário fundamenta-se igualmente nas tensões internas entre sistemas primários e secundários, segundo a teorização sistêmica desenvolvida por Even-Zohar. Assim, os elementos primários são os inovadores, os que introduzem no polissistema literário uma dinâmica de alterações consubstanciada em elementos ideológicos e temáticos. Essa dinâmica também é responsável pelo processo de transculturação que se baseia em tensões internas e constantes no âmbito

do polissistema literário. Já o produtor, ao realizar o seu trabalho, enquanto elemento e agente do sistema literário, encontra-se envolvido por fatores vários que condicionam a sua posição como ideologia.

Pode-se sintetizar a tarefa do produtor no objetivo de produzir e no tipo de produto que origina. No primeiro aspecto, o produtor apresenta um texto - autor, cultura, mentalidade – inédito, tendo como objetivo produzir outro efeito sobre o público que pode ser alertar, educar, culturalizar, através da manifestação e explicitação da distância cultural que o texto em questão apresenta relativamente ao seu novo contexto de recepção. Sobre o outro aspecto, o produtor adapta o material retirado do modelo e, com base na possibilidade de transculturação, o torna perceptível ao público a que se destina a obra. Como exemplos dessas afirmações, tem-se nos jornais pelotenses a veiculação de traduções de textos e as indicações, publicadas sob a forma de anúncios, de revistas de moda e comportamento as quais deveriam ser lidas como manual de bons hábitos e maneiras.

A partir da observação do papel do produtor, percebe-se que esse fator desenvolve uma atividade central no sistema literário, uma vez que ele é o responsável pela inclusão de um produto diferente oriundo de outro sistema literário que entra no sistema literário em formação da cidade de Pelotas.

## 6 AS REFERÊNCIAS

**A Pena.** Pelotas, 6 jul. 1884, ano, I, n. 1, p. 1.

**A Ventarola.** Pelotas, 26 ago.1888, p. 2.

**A Ventarola.** Pelotas, 21 out. 1888, p.2.

**A Ventarola.** Pelotas, 16 dez. 1888, p. 2

A Voz do escravo. **A Voz do Escravo.** Pelotas, 30 jan. 1881, n. 2, p. 1.

ABREU, Márcia. **O caminho do livro.** Campinas: Mercado de Letras/ALB; São Paulo: FAPESP, 2003.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura.** Coimbra: Almedina, 1968.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.) **Imprensa e história**. Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

**Anais da Biblioteca Pública Pelotense**. Pelotas: Livraria Comercial, 1905.

Anúncios. **A Pátria**. Pelotas, 1º nov. 1890, ano VII, n. 250, p. 4.

Anúncios. **O Pelotense**. Pelotas, 19 maio 1852. ano II, n. 83, p. 4.

Ao Público. **Álbum Literário**. Pelotas, 1º mar. 1875, n. 1, p.1.

Atas das sessões do Partenon Literário – 1872. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ano IV, I e II trimestres, n. 13-14, 1924.

Avisos. **Correio Mercantil**. Pelotas, 15 mar. 1878, p.3.

Banquete Político. **O Farrapo**. Pelotas, 16 jun. 1889, n.7 , p.4.

BARRENTO, João. **História literária** – problemas e perspectivas. 2ª ed. Lisboa: Apaginastantas, 1986.

BAUMGARTEN, Carlos A. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868-1880**. Porto Alegre: EST, 1982.

\_\_\_\_\_. **A crítica literária no Rio Grande do Sul** – do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

BELLEGARDE, G. Lugar à mulher! **Arauto das Letras**. Rio Grande, 6 ago. 1882.

BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. In: \_\_\_\_\_. **O cânone ocidental**. Os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BORGES DE SOVERAL. Castro Alves. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 1.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Caixeiral. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 2 jun. 1882, p. 2.

CALDERAN, Ana Paula **Antonio Joaquim Dias**: dados biográficos e trajetória de um imigrante e jornalista no extremo sul do Brasil no séc. XIX.

2005. 25 f. Monografia. Campus Universitário Bezerra de Menezes Faculdades Integradas Espírita, (2005).

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 1v. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

CARICONDE, Clodomiro C. **Álbum de Pelotas**. Centenário da Independência do Brasil – 7 de Setembro de 1922.

CARVALHAL, Tania Franco. **O crítico à sombra da estante**: levantamento e análise da obra de Augusto Meyer. Porto Alegre: Globo, 1976.

CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1980.

CHARTIER, Roger. **¿Qué es un autor?** Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna. Tradução de Mauro Armiño. Madrid: Alianza, 1994.

CORY. As duas musas. **A Idéia**. Pelotas 12 jan. 1879. p. 3.

COSSON, Rildo. O passado como memória – Literatura, jornal e cultura em Pelotas. **Anais da Jornada de Periódicos Literários**, 2, Assis: UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. et al. **O horizonte de leitura dos escritores pelotenses**. CD do projeto Literatura, Jornal e cultura: autores pelotenses (1850-1889). Pelotas, 2003.

\_\_\_\_\_. Sistema literário regional: a conexão portuguesa. **Anais do 1º Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros**. Porto Alegre: PUCRS, agosto de 2002.

Editorial. **A Idéia**. Pelotas, 22 dez. 1878. p. 1.

Editorial. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 28 abr. 1882, n.95 , p.1.

Editorial. **Progresso Literário**. Pelotas, 19 ago. 1888, n. 8. p.1.

Editorial. **Radical**. Pelotas, 5 jan. 1890, n. 1, p. 1.

ERICKSEN, Nestor. **O 60º aniversário da imprensa rio-grandense**. Porto Alegre: Sulina, 1977.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **El sistema literario**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/sistm\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/sistm_s.htm). Acesso em: 27maio 2004.

\_\_\_\_\_. La literatura como bienes y como herramientas. In: VILLANUEVA, Darío, MONEGAL, Antonio, BOU, Enric. **Sin fronteras**. Ensayos de literatura comparada en homenaje a Claudio Guillén. Madrid: Castalia, 1999.

\_\_\_\_\_. **Teoría del polisistema**. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Disponível em: [http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps\\_esp/ps-th\\_s.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/ps_esp/ps-th_s.htm). Acesso em: 27 maio 2004.

F. X. Lux et tenebra. **Tribuna Literária**. Pelotas, 23 abr. 1882, p.4.

FRANÇA Júnior. Educação da mulher. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 06 ago. 1882.

Gazetilha. **A Pátria**. Pelotas, 16 mar. 1888. n. 62, p. 4.

GOMES CORRÊA. Pátria, liberdade e Deus. **A Idéia**. Pelotas, 23 fev. 1879. p.4.

\_\_\_\_\_. O comércio e as letras. **Tribuna Literária**. Pelotas, 2 abr. 1882. n. 14. Editorial. p. 1.

HARRIS, Wandell V. La canonicidad. In: SULLÁ, Enric. (Org.). **El canon literário**. Madrid: Arcos/Libros, 1998.

HESSEL, Lothar F. et al. **O Partenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: Flama, 1976.

KRAMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Lembretes. **A Idéia**. Pelotas, 15 dez. 1878. n. 7, ano I, p. 4.

LYONS, Martin. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História e tradições da cidade de Pelotas**. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1981.

\_\_\_\_\_. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul** – um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: UFPel, Livraria Mundial, 1993.

MÁRMOL, Amalia de José. Sueños y dilemas de la generación romántica. Lecturas, lectores y lectoras entre 1830 y 1840. In: BATTICUORE, Graciela. **La mujer romántica**. Lectoras, escritores y autoras en la Argentina (1830-1870). Buenos Aires: Edhasa, 2005.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Evolução das charqueadas rio-grandenses**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

MARQUES, Paulo. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p.3.

\_\_\_\_\_. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 7 jan. 1883, n.2, p.3.

\_\_\_\_\_. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p.3; **Arauto das Letras**. Rio Grande, 1 jan. 1883, n.1, p.3.

\_\_\_\_\_. Cartas fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 3 dez. 1882, n. 17, p.3; **Arauto das Letras**. Rio Grande, 7 jan. 1883, n.2, p.3.

\_\_\_\_\_. Cartas Fluminenses. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 24 dez. 1882, n. 20, p. 3.

MAUGER, Gérard et alii. **Histoires de lecteurs**. Paris: Nathan, 1999.

MEDEIROS, Paulo de. Sombras: memória cultural, história literária e identidade nacional. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.) História da literatura em questão. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 7-14, set. 2004.

MELLO, Felipe Saboia Bandeira de Mello. A instrução primária obrigatória. Conferência realizada pelo advogado, a 25 de junho. In: **Anais da Biblioteca Pública Pelotense**. Pelotas: Livraria Comercial, 1905.

MELLO, Revocata Figueiroa [Americana]. O botão de rosa. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1, Folhetim, p. 1.

\_\_\_\_\_. O botão de rosa. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 13 ago. 1882, n. 2, Folhetim, p. 1.

\_\_\_\_\_. O botão de rosa. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 20 ago. 1882, n. 3, Folhetim, p. 1.

\_\_\_\_\_. O botão de rosa. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 27 ago. 1882, n. 4, Folhetim, p. 1.

\_\_\_\_\_. O botão de rosa. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 3 set. 1882, n. 5, Folhetim, p. 1.

\_\_\_\_\_. O botão de rosa. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 10 set. 1882, n. 6, Folhetim, p. 1 .

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XX. In: ABRAMOWICZ, Anete (Org.) História de mulheres e práticas de leitura. **Cadernos CEDES**. Campinas: UNICAMP, 1998, ano.19, n. 45.

**O Farrapo**. Pelotas, 16 de jun. de 1889, n.7, p. 3

Ocorrências. **A Voz do Escravo**. Pelotas, 30 jan. 1881, n. 2, p. 4.

PAULA PIRES, Francisco de; RENAULT, Carlos; FERREIRA de CAMPOS, ANTONIO J. (Orgs.) **Sonoras**. Antologia de poetas brasileiros. Pelotas: Liv. Universal, 1891.

Pelo ar... **A Ventarola**. Pelotas, 8 abr. 1888, p. 6.

PERES, Eliane Teresinha. Algumas considerações sobre a gênese dos cursos noturnos de instrução primária no Brasil. **Espaços da Escola**. Ijuí, v. 4, n. 18, p. 5-17, 1995.

PIRES, Paula. A literatura nacional. **Tribuna Literária**. Pelotas, 29 jan. 1882. n. 5, p. 3.

PORTO ALEGRE, Álvaro. **Apolinário Porto Alegre**. Porto Alegre: Thurmann, 1954.

PORTO ALEGRE, Apolinário. José de Alencar. Estudo biográfico. In: ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O Partenon Literário**: poesia e prosa. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia /Instituto Cultural Português, 1980.

PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura**: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. 2005. 322f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [2005].

REBOUÇAS, André. Elevai a mulher! **Arauto das Letras**. Rio Grande, 6 ago. 1882. p. 2.

ROMANCES e novelas. **Álbum Pelotense**. Pelotas, 8 dez. 1868, ano I, n. 9, p. 4.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SATTAMINI, Frederico. Águas passadas, bem calculadas. Diário de Pelotas. Pelotas, 8 jun. 1877.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Pensar (d)as margens: estará o cânone em estado de sítio? In: CONGRESSO DA ABRALIC, 5, 1996, Rio de Janeiro. **Anais do Congresso da ABRALIC**, 5. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heindrun Krieger (Org.). **Histórias de literatura**: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. História da leitura luso-brasileira: balanços e perspectivas. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp/Campinas: Mercado das Letras, 2000.

Sociedade Abolicionista. **A Voz do Escravo**. Pelotas, 1º maio 1881. n. 6, p. 3.

SWIDLER, Ann. Culture in action: symbols and strategies. **American Sociological Review**, 51, abril 1986.

TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. Reflexões sobre a Literatura rio-grandense. In: ZILBERMAN, Regina et al. **O Partenon Literário**: poesia e prosa. Antologia. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1980.

TEIXEIRA, Múcio. Away. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 2 de dez. de 1877. p.1.

TEIXEIRA, Lucio. Os fantasmas do porvir. **A Pena**. Pelotas, 20 set 1884. ano I, n. 12, p.2.

TOLENTINO, João. 14 de julho. **O Farrapo**. Pelotas, 14 jul. 1889, n.11, p. 2.

TYNIA NOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. **Teoria da literatura**. Formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1973.

Um Abolicionista. Poema. **A Pena**. Pelotas, 14 set. 1884. ano I, n. 11, p. 2.

VAZ, Artur Emílio Alarcon. "Canção do exílio" e seus intertextos portugueses no século XIX. **Anais do I Seminário Nacional de História da Literatura**. Rio Grande: FURG, 2005.

VELLINHO, Moysés. O Partenon Literário. **Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos**. Porto Alegre: PUCRS, 1957.

ZILBERMAN, Regina. **O Partenon Literário**: poesia e prosa – Antologia. Porto Alegre: EST, 1980.

ZULAR, Roberto; PINO, Claudia Amigo. **Escrever sobre escrever**. Uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

## **7 OS ANEXOS**

### **7.1 Depoimento de Noêmia Echenique**

Em entrevista por telefone concedida a mim em 15 de agosto de 2007, Noêmia Echenique do Rêgo Magalhães, neta do dono da Livraria Universal, fez as seguintes afirmações:

“O motivo de a Livraria Universal ter deixado de funcionar foi o diagnóstico impróprio do médico de Guilherme Echenique declarando-o cardíaco, por apresentar crises de asma. Echenique foi proibido de trabalhar e fechou a livraria, mas viveu até os 90 anos escrevendo artigos em seu escritório.

Noêmia afirmou, ainda, que a grande importância da Livraria Universal foi apostar no talento de Simões Lopes Neto.”

Em nova entrevista, no dia 24 de outubro de 2008, Noêmia Echenique acrescentou outras considerações a respeito do avô. Sob a forma de manuscrito, o qual transcrevo conforme documento em anexo, deixou registrado o seguinte:

“Echenique viveu até os 90 anos desempenhando-se da contabilidade da estância que recebera por intermédio de sua mulher, dona

Silvana Belchior da Cunha, filha do Barão de Correntes, Felisberto Ignacio da Cunha, possuidor de amplas terras no município de Arroio Grande, hoje Pedro Osório. Mantinha também vasta correspondência com vultos políticos e literários da época, sendo fervente republicano e castilhistas, sempre interessado no progresso de nosso estado e de nossa cidade.”

## **7.2 Anúncios de livros das livrarias Americana e Universal\* (1851-1889)**

*A alma de Pedro*, de Georges Ohnet;

*Os dramas de Paris: rocambole*, de Ponson du Tergail, trad. de Alfredo Sarmiento;

*Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1891* - org. por Alfredo F. Rodrigues;

*As farpas* (9º volume), de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão;

*A donzela de Belleville*, de Paulo de Kock, trad. de P. Chagas (encontra-se também todas as obras de Paulo de Kock);

*Pequeno Larousse* - dicionário completo ilustrado;

*Hino ao Estado do Rio Grande do Sul* - poesia e música de Fernando Luiz Osório;

*O cortiço*, de Aluísio Azevedo;

*La bête humaine*, de Émile Zola;

*La vie errante*, de Guy de Maupassant;

*L’homme de génie*, de Cesare Lombroso;

*Le roman d’un brave homme*, de Edmond Abont;

*Le roman d’une Honnette femme*, de Victor Cherboulie;

*A bruxa do Monte Cordova*, de Camilo Castelo Branco;

*Estrelas funestas*, de Camilo Castelo Branco;

*O santo da montanha*, de Camilo Castelo Branco;

---

\*Essa listagem foi organizada a partir dos anúncios publicados nos jornais que fazem parte do *corpus* desta tese.

*Cenas da foz*, de Camilo Castelo Branco;  
*O bem e o mal*, de Camilo Castelo Branco;  
*Lágrimas abençoadas*, de Camilo Castelo Branco;  
*Um homem de brios*, de Camilo Castelo Branco;  
*A filha do Dr. Negro*, de Camilo Castelo Branco;  
*Memórias de Guilherme do Amaral*, de Camilo Castelo Branco;  
*A queda de um anjo*, de Camilo Castelo Branco;  
*Memórias do cárcere*, de Camilo Castelo Branco;  
*Onde está a felicidade*, de Camilo Castelo Branco;  
*Lucíola*, de José de Alencar;  
*Daqui a cem anos*, obra socialista trad. por Pinheiro Chagas;  
*A fome - Cenas da Seca do Ceará*, de Rodolfo Teófilo;  
*Os mistérios da igreja*, de Léo Taxil e Karl Milo, trad. por Gomes Leal;  
*Linda de Chamounix*, de Adolpho d'Ennery, trad. por Cunha e Sá;  
*Vinte anos de vida literária*, de A. Pimentel;  
*A jóia do vice-rei*, de Pinheiro Chagas;  
*Honra de artista*, de O. Feuillet, trad. por Pinheiro Chagas;  
*Aventuras de um polaco*, de V. Cherbuliez, trad. por Maria Amália Vaz de Carvalho;  
*As noites da virgem*, de V. Palhares;  
*Os meus amores*, de Trindade Coelho;  
*Contos modernos*, de Nunes de Azevedo;  
*Lágrimas do coração*, de Sylvio Dinarte-Escragnoille Taunay;  
*Derradeiro amor*, de G. Ohnet, trad. por Germano Hasslocher.

### **Anúncios da Livraria Universal**

*La comtesse de santènes*, de Ch. Corbino ;  
*Le petit margemont*, de Kobert de Bonnières ;  
*Le larrons*, de Hugues le Roux ;  
*Rage Charnelle*, de Y. F. Elslander ;  
*Notre Coeur*, de Guy de Maupassant ;

*La belle préfète*, de Jean Dalvy ;  
*L'éducation d'un prince*, de Gyp ;  
*La Fante l'Abbé mouret*, de Émile Zola ;  
*Amor de tête*, de Abel Hermant ;  
*La clé d'argent*, de Phillibert Audebrand ;  
*Louise de Vauvert*, de Henri de Bornier ;  
*Marguerite d'Angis*, de Henri Conti ;  
*Strass et diamants*, de Léon de Tinseau ;  
*Papa la Yertu*, de René Maizeroy ;  
*La cigarette*, de Jules Claretie ;  
*Le roi en exil*, de Alphonse Daudet ;  
*Madame platonique*, de Paul Lhereux ;  
*A marcha do ódio*, de Guerra Junqueiro;  
*Os gatos*, de Fialho de Almeida;  
*Dois contos*, de Hawbkorne, trad. por João das Chagas;  
*Estalagem vermelha*, de Honoré de Balzac, trad. por Jayme Felinto;  
*O duplo assassinato da rua Morgue*, de Edgar Allan Poe;  
*O elixir da longa vida*, de Honoré de Balzac, trad. por Jayme Felinto;  
*Crimes célebres: um casamento por conveniência; ?*  
*O braço vingador; ?*  
*Degolo, Os cabelos de Marieta, As almas do outro mundo*, de Carmem Sylvia;  
*O Mulato*, de Aluísio Azevedo;  
*Toutes les deux*, de Albert Delpet ;  
*Fleur de jade*, de Lydie Paschkoff ;  
*Jacques et Jacqueline*, de Julien Turique ;  
*La borgnotte*, de Montagne e Gallet ;  
*Fils d'Emigne*, de Ernest Daudet ;  
*Le confessionnal*, de Catulle Mendés ;  
*Un coeur de femme*, de Paul Bourget ;  
*L'ame de Pierre*, de G. Ohnete ;  
*Cortes a madame*, de Jacques Normand ;

*Histoire d'amour*, de Paul Dérouléde ;  
*Les coulisses d'un cloître*, de Jean Thomaz ;  
*La vierge de la Madeleine*, de Charles Merouvel ;  
*La danse ou theatre*, de Berthe Bernay ;  
*Chère adorée*, de Adolpho Belot ;  
*La femme d'Affaires*, de Debut de Laforesi ;  
*Le fils du Plongeur*, de Fortuné Boisgobey ;  
*Sébastien Roch*, de Octave Mirbeau ;  
*Mensonges*, de Paul Bourget ;  
*L'unutele Beaulé*, de Guy de Maupassant ;  
*Honneur d'artiste*, de Octave Feuillet ;  
*A filha do regicida*; de Camilo Castelo Branco  
*O Regicida*; de Camilo Castelo Branco  
*Vinte horas de liteira*; de Camilo Castelo Branco  
*Estrelas propicias*; de Camilo Castelo Branco  
*Anos de prosa*; de Camilo Castelo Branco  
*O sangue*; de Camilo Castelo Branco  
*Os brilhantes do brasileiro*; de Camilo Castelo Branco  
*Mistérios de Fafe*; de Camilo Castelo Branco  
*A Mulher fatal*; de Camilo Castelo Branco  
*O Esqueleto*; de Camilo Castelo Branco  
*O Senhor de paço de Nucães*; de Camilo Castelo Branco  
*O bem e o mal*; de Camilo Castelo Branco  
*A enjeitada*; de Camilo Castelo Branco

### **7.3 Lista de encomendas de livros pela Livraria Americana**

*A Penélope Normanda*, por Alphonse Karr  
*As azas de Ícaro*, por Charles de Bernard  
*O Doutor Parreira*, por Jules Sandeau  
*O poeta da rainha*, por Clemence Robert  
*Romance de uma Duquesa*, por Arsenio Houssaye

*Portugal de cabeleira*, por Alberto Pimentel  
*História resumida de Espanha desde a ocupação dos cartagineses até a atualidade*, por Carlos Lisboa  
*A caçada aos milhões*, por E. Gaboriau  
*O manequim*, por H. Escofler  
*A pérola de ouro*, por S. H. Berthonel  
*O castelo de Montsabrey*, por Julio Sandeau  
*Chiffarde, a pecadora*, por Eugenio Clarette  
*O crime da rua Marlot*, por René Ponto-Jest  
*Os Voluntários de 92*, por Emilio Gaboriau  
*O marquez de la Seiglière*, tradução de Pinheiro Chagas  
*Os prazeres do rei*, por Pierre Zacone  
*Na Província*, romance de costumes, por J. Nunes Gonçalves  
*Prosas alegres*, por Leite Bastos; precedidas de uma apreciação literária por Julio Cesar Machado e Gervásio Lobato  
*O desmoronar do Império*, por Emilio Gaboriau  
*A morta-viva*, por Xavier de Montepin  
*Branços, pretos e mulatos*, por Gonlarecourt  
*A condessa de Talmay*, por Xavier de Montépin  
*Irmão e marido*, por Gustave Droineau  
*As castelãs de Nesle*, por Molé-Gentilhome  
*As mil e uma noites parisienses*, por Arsênio Houssaye  
*Heróis e mártires*, por Teodoro Guerreiro  
*As mulheres infernais*, por Charles Juliet  
*Os abutres de Paris*, por Chardall  
*O capitão Paulo*, por A. Dumas  
*O senhor de Barba Azul*, por Paul Sáunière  
*Os sete beijos de Buckingham*, por Gonzáles & Molére  
*Os dramas da vida*, por Xavier Montépin  
*Eva*, por Mery  
*O casal das giestas*, por F. Soulié  
*O homem da meia-noite*, por Étienne Enault e Luiz Ludicis

*Os descendentes de Lovelace*, por A Achard  
*O carnaval de Paris*, por Mery  
*As noites do Boulevard*, por Pierre Zacone  
*Dramas do tribunal da justiça*, por Pierre Zaccone  
*A ilha do Fogo*, por A Dumas  
*Os cárceres na Bastilha*, por A Gondrecourt  
*O juramento de Madalena*, per Charles Deslys  
*O artigo 47*, por Adolfo Bellot  
*Uma senhora Ilustre*, narrativa, por M. de Bulhões  
*Contos e perfis militares*, por Vicente Gonçalves Pereira. *As Possessões Portuguesas, seu passado, seu presente, seu futuro*, com um projeto para o engrandecimento da África, por Antônio Maria Campos Júnior

#### **7.4 Seleção aleatória alguns de poemas da Pindo Rio-Grandense**

##### Epigrama<sup>230</sup>

Iracundo, loquaz, e virulento,  
 Um certo corifeu da oposição  
 Na tribuna, nos círculos, nas praças,  
 Os manes invocava de Catão.

Mais firme s'inculando que o granito,  
 Inflexível... enfim não digo tudo;  
 Um ministro lhe acena, o homem corre,  
 Estende, fecha a mão, e fica mudo.

A. J. Domingues

##### Filosofia<sup>231</sup> À minha irmã Revocata

<sup>230</sup> DOMINGUES, A. J. Epigrama. **A Discussão**. Pelotas, 19 jun. 1882, p. 2.

<sup>231</sup> FIGUEIRÔA, Amália. Filosofia. À minha irmã Revocata. **Progresso Literário**. Pelotas, 25 mar. 1877, p. 4.

*Volvi o olhar então para o passado ; só  
 havia ali um oásis – a Infância.  
 Da infância evoquei  
 Apenas uma recordação – Deus.  
 E foi pelo vago ascetismo que esse  
 Nome desperta que eu internei-me  
 Pelas imensas regiões da duvida.*

Silvio

Nessa imensa miragem de horizontes,  
 Além aonde esvai-se a humana essência,  
 Foi lá, que arremessei da idéia as asas  
 Anelando em meu êxtase o impossível,  
 Ai, quisera esperar, adajar sempre  
 Até repouso eterno em luz tornar-me!  
 Era assim que anelava a vida e a morte  
 Nos delírios gentis da juventude,  
 Quando a insônia infantil falou-me amores  
 Meu ser insone pressentiu o vácuo!...  
 O rubente oriente da alvorada  
 Saudei como a cigarra em sons festivos,  
 E levou-me a esperança ao desengano  
 Qual o lírio levado à tempestade!  
 Se a fé sublime me enraizasse na alma  
 Bem sei que salmos castos desferira  
 Era o fértil terreno, agreste hoje  
 A recender em flor ao sol de estio!  
 Chorei com louco pranto de saudade  
 A derradeira crença derrancada  
 Qual a rola que geme no deserto,  
 Uni o meu cantar rouco e sentido  
 A' estridula orquestra do universo;  
 Encontrei a magia desse arcano:  
 - Melódica a chorar, ou dissonante,  
 No seu riso de escárnio, ou vã blasfêmia,  
 O acaso regia a orquestra imensa  
 Sempre e sempre imutável no destino!  
 Aqui gemia o escravo agonizante  
 No labutar da vida sem repouso;  
 Além a liberdade um hino flébil  
 Em estéril sonhar soltava as auras!  
 E o vagido infantil era o prelúdio  
 Da derradeira lagrima do homem.  
 Perpassar, perpassar! ... sempre o esterismo  
 Da sombra a conquistar tredo e sombrio;  
 Em éter retomando a eternidade...

E no torvo silencio após esperanças,  
 Em mim ouvi a voz da consciência;  
 Como a aura que passa após o raio  
 Reerguendo a plantinha emurchecida:  
 Em mim senti a sã filosofia  
 Murmurando-me assim – A caridade!

Amália Figueiroa

Sombras que fogem<sup>232</sup>  
 À Elisabete

Nas horas tristonhas, pensando a teu lado,  
 Esqueço o infortúnio que faz-me chorar,  
 E sinto minha alma num rútilo espaço,  
 Em nuvens rosadas, serenas voar.

Eu sinto enviar-se qual sombra que passa,  
 Da minha tristeza tão hórrido véu...  
 E vejo, contemplo em místico arroubo,  
 A luz esplendente de um límpido céu!

O pranto em meus olhos ardente não brilha,  
 Que a dor dos espinhos não sinto no seio,  
 E o sangue que, frio, nas veias descansa,  
 Se aquece, se agita num fervido anseio.

Esqueço, deslembro que sou desgraçada,  
 Que a vida medonha só lega-me o fel!  
 Não dói-me o passado, não cuido o futuro;  
 Só vejo o presente num lindo painel.

Porém esses sonhos, só tenho a teu lado,  
 Nos breves momentos que passo a cismar  
 E sinto minha alma num rútilo espaço,  
 Em nuvens rosadas, serena voar.

Ana Ely

Soneto<sup>233</sup>

Com o nascer da vida começou as dores,

<sup>232</sup> ELY, Ana. Sombras que fogem. **Álbum Literário**. Pelotas, 12 abr. 1875, p. 3.

<sup>233</sup> PORTO ALEGRE, Apolinário. Soneto. **Arcádia**. Jornal ilustrado, histórico e biográfico. Rio Grande, 1868, p. 25.

E de entorno dos anos aglomeram cardos!  
E bem raso se torna a perfumar de nardos  
Vivificantes bálsamos de belas flores

De torturas constantes ferinos dardos  
No coração se cravam e nos dão palores:  
Porém... Quem mais padece? Quem mais perde as dores,  
Neste mundo de lágrimas que os tristes bardos?  
Poeta, deixa a barca nos parcéis correr  
Deixa... naufrague embora! O que nos vale a vida!  
Sem um sorriso de amor, e sem amor colher?

Nada... Arrastá-la sempre em ascética lida!  
Oh antes nunca vira o arrebol nascer!  
E mil vezes a morte que a descansar convida!

Apolinário Porto Alegre

Chiquinha<sup>234</sup>  
Idéias soltas ao luar  
I

Não há dois meses, que a imagem de uma dessas meninas românticas e pensativas passando-me pelos olhos, veio encher-me o coração de largos sonhos e concepções irrealizáveis...

Tem *ela* os olhos negros, a boquinha de cravo, e nas faces o expressivo palor de açucenas.

O primeiro dia em que vi, ela vestia luto.

Era triste, inda que encantadora no seu modo melancólico e no seu fortuito sorriso.

Estudá-la foi a minha primeira intenção; daí o rigoroso, o imprescindível dever de admirá-la.

E com efeito, Chiquinha é um desses tipos de rara beleza, uma dessas criações de Corregio que só se admiram.

II

Seu pisar é tão macio, como o veludoso saltitar da corruíra por entre os frutos cor de ouro da uvaia.

Dir-se-ia uma sombra, leve, vaporosa e momentânea, que agita o sono dos trovadores e é por eles descrita em notas apaixonadas e meigas.

Além disso, tem o seu falar também, como que a sinfonia dulcíssima da flauta tangida á noite em distância, ou o rumor cadencioso de uma aragem perdida no alto da montanha, fugindo ao céu por entre as espumas fantásticas do luar e as flores do arvoredado deserto.

---

<sup>234</sup> ROCHA, Artur. Chiquinha. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 19 jan. 1876, p. 2.

Tal eu a imagino, quando arrebatado a um mundo desconhecido, pelas teclas ligeiras de seu piano, entristeço na contemplação de uma idéia que jamais realizarei, um sonho que voará como todos, com as azas da ficção...

## III

Um sonho!

E eis por que meus olhos que outrora a procuravam com empenho, ansiosos por seguir o ultimo raio dos seus, distraem-se minuto por minuto sem contemplá-la...

E eis por que...

Basta!

Chiquinha não saberá jamais qual a origem desta melancolia que pouco a pouco me definha; nem seus olhos poderão verter uma lagrima de compaixão e saudade, pelo infortúnio de que foi causa involuntária.

Quando, porém, volverem-se os tempos; quando a rosa branca dos mortos cair sobre a tampa do meu sepulcro, e vier o anjo do silencio prantear com os orvalhos da noite o sudário do meu martírio, talvez que minha alma acordada pelos sons de seu piano, volte de novo a ouvi-la e beber os perfumes que se entornam de seus lábios pequeninos e doces como o fruto de araçá.

Então...

## IV

Então...

Ai pálida virgem dos olhos negros, sombra constante de minhas noites perdidas, dedilha em horas caladas em que a saudade vem selar os corações que amam, em teu piano...nessa harpa que fala, que suspira e chora...os versos que resvalam de minha alma, neste momento em que te recordo com lágrimas:

Choras? É noite. A viração murmura  
Dando-te o aroma dos jasmims do sul.  
Ouvem, falena doidejante e pura,  
Dormir nas sombras de meu ninho azul!

Por teus suspiros velarei cantando  
Bem como o pombo nos sertões de além...  
Quando tu rires eu rirei sonhando,  
Quando chorais – chorarei também.

É noite. Sabes? As visões da aurora  
Apenas dormem nos coxins dos céus.  
Vem ser da noite a magestal Senhora,  
Vem, doce aragem dos jardins de Deus!

*Choras? É tarde! A madrugada e asinha...*  
Dúbia enlanguece a viração do sul.  
Restam-me os prantos que chorei, Chiquinha,

Sobre as neblinas desta noite azul!

V

Minha alma é o pássaro da noite, pomba agoureira que só se apraz aos açulos do cipreste, quando o vento roça o céu de uma noite sem dia!

E tu, filha do céu, em cujo peito estala a corda melodiosa do amor e da esperança; tu que te agitas no mar da vida como pérola cintilando ao sol de uma madrugada feliz, não podes, e nem deves esfriar as grinaldas que te circundam a fronte, no gelo crestador das minha ilusões perdidas.

Embora!

VI

Vou pensar em ti...

A noite foge rápida, desmaiam as estrelas, o vento sacode as folhas cheirosas da laranjeira...

É quase dia.

Ah! Porque não são eternas as noites de janeiro!

Noites de amor, vós saís as sensitivas do coração; vos retraís esquivas ao contacto da mão seráfica que vos abre o livro do nosso amor.

O pesadelo<sup>235</sup>

“E belo assim: temido e soberano;  
não encontrar jamais um só pode no mundo,  
que me quebre a vontade ao grande cetro ufano!

“A quem no alto está que importa que no fundo  
arrastem-se os reptis? Que importa que rugindo  
ergam-se os vagalhões no pélagos iracundo?

“Babel não tocará jamais o céu infinito,  
o soberbo leão feroz, grave e possante,  
da matilha sorri, que perto vem latindo!

Assim pensara o rei, na alcova deslumbrante,  
e um sorriso feliz nos lábios lhe brincava...  
mas, de repente ergue-se...e, longe, mui distante

Sentiu que algum rumor profundo se agitava;  
crispou-se-lhe o cabelo, ergueu ambas as mãos...  
e do fundo da história outro que se arrojava  
aquele grito estranho: - AS ARMAS, CIDADÃOS!

Assis Brasil

<sup>235</sup> BRASIL, Assis. O pesadelo. **A Pena**. Pelotas, 6 de julho 1884, p.4.

A criança na família<sup>236</sup>

Não há nada no círculo da família  
 Que espalhe uma alegria mais suave  
 Que a loura criancinha.  
 Querem todos pegar um brando enlevo;  
 Encher de mil carícias, de mil festas,  
 A débil criaturinha.  
 Da árvore da vida no rebento  
 Que mimo! Que esperança tão fagueira!  
 Que perfumada aurora!  
 Há nos olhos da criança um atrativo,  
 Um tão meigo condão que a todos move,  
  
 E a todos enamora.

Dela em torno se agrupa o velho e o moço,  
 Aplaudem-lhe o sorriso da inocência,  
 Com ela riem todos;  
 E os pais, que em si não cabem de contentes,  
 O indizível extremo da ternura

Exprimem de mil modos.

Desterram-se aflições, agros cuidados,  
 Quando ela os seus bracinhos nos estende  
 Com graça e gentileza;  
 E a cada som, embora intraduzível,  
 Que ela solta a sorrir, olhando em torno,  
 Desterra-se a tristeza.

Tudo nela é celeste, tudo é belo,  
 Porque tudo se anima na família  
 Quando surge a criança.  
 Novo raio de vida, eis nela assumo,  
 Novos laços de amor se perpetuarão  
 Ao sol da nova esperança.

Qual flor que não exala grata essência,  
 Qual o hino de amor que não se expande,  
 Com a alma e poesia  
 Semelha, assim a casa sem criança,  
 Pois nesta da família é que consiste  
 A mais doce alegria.

---

<sup>236</sup> TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. A criança na família. **A Idéia**. Pelotas, 15 dez 1878, p. 4.

Bernardo Taveira Júnior

Castro Alves<sup>237</sup>

Ele nasce: O gosto cresce

Por tudo quanto é – sentir ...  
Adora a estrela que desce  
E o tronco que vai subir;  
Ouve o canto, escuta a prece,  
Rende cultos ao porvir!

Gosta do prado e dos montes,  
Do silêncio e do rumor ...  
Ama o cisne sobre as fontes,  
A borboleta na flor ...  
E bebe nos horizontes,  
Do sol o vivo calor.

É poeta! ... Tem no peito  
Um desejo de cantar ...  
E sonha – um macio leito,  
Um Deus, um padre, um altar ...  
E um cortinado desfeito ...  
E um seio branco a pular!

E depois, pelo futuro  
Quanto ponto negro vê!  
Imagina um céu escuro,  
Angústias longas prevê ...  
E, nesse penar tão duro,  
Canta, sofre, chora e crê.  
Isto é sina! Ser poeta  
É ser – crente e ser – ateu,  
E ser – um instante – atleta,  
Sem nunca tocar a meta  
Do vasto destino seu!

Assim é! Ei-lo, prostrado,  
Pedindo crença a mulher;  
Ora: crente, ora, pisado

---

<sup>237</sup> BORGES DE SOVERAL. Castro Alves. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 24 dez. 1882, p. 1.

Por um capricho qualquer;  
Ora amando, ou sendo amado,  
Ora, a rir; ora, a sofrer! ...

E vibra as cordas sonoras  
Desse instrumento ideal:  
Canta a luz, canta as auroras  
A mulher, o bosque o vale;  
Nas harmonias canoras,  
De um concerto divinal.

Sente mais ... mais se embriaga ...  
Mais lhe pulsa o coração ...  
Ficta o mar que a terra alaga,  
Enxerga Deus na amplidão;  
Sente a fé que o peito afaga,  
Nutre mais – uma ilusão!

Canta ainda, a selva airosa  
O deserto, a sombra, a luz;  
A cascata marulhosa;  
O murmúrio dos bambus;  
E da rolinha medrosa,  
Os novos filhinhos nus!

Vê, no livro – o “audaz guerreiro”  
Sempre pronto para lutar;  
Sonha, então – o mundo inteiro  
A vencer e a conquistar;  
E manda a pátria primeiro,  
Por sobre livros manchar!

Agora, desvenda ao fundo,  
Um quadro de maldição:  
Vaga, além... do mar profundo,  
Um navio, na amplidão,  
Que traz do porão no fundo,  
A mancha da escravidão!

Brada aos céus! E quer possante,  
Do estro nas convulsões,  
Partir... quebrar arrogante,  
Candeias, ferros, grilhões,  
Dando ao verso retumbante,  
- Punhados de maldições! ...



Com um anjo a sorrir,  
Erguendo - me um trono - o trono do lar!

Perguntas, que sonho aos risos da aurora  
Se a alma ainda chora - se tenho prazer...  
- Meus sonhos de agora exprimem bonança.  
Sim, tenho esperança!  
Porém o passado não passo esquecer.

Cândida Abreu

O retrato<sup>239</sup>  
1878

É ele o meu tesouro ... Áurea relíquia  
Que eu guardo junto ao leito onde adormeço,  
Cada vez que me deito vou de manso  
Dizer lhe uma oração! ... Nunca me esqueço!

Não admira isto; eu tenho na alma  
Por tudo o que é sublime – um grande culto;  
É por isso que adoro este retrato  
Como um tesouro misterioso, oculto.

Agora mesmo que um pesar profundo  
Na escura selva de meu peito passa,  
Ele olha para mim, e de seus olhos  
Rompem auroras de infinita graça!  
São onze da manhã. Do sol fogueiro  
Entra-me um raio pela alcova a dentro  
E vem beijar-me as flores de uma jarras  
Sobre uma mesa colocada ao centro.

Reina uma paz feliz. A natureza  
Traja uma roupa deslumbrante, nova,  
E uma azulada mosca esvoaçando  
Faz-me um zumbido estranho pela alcova.

Sinto o que quer que é que me arrebatava  
Por esse vasto azul da imensidade ...  
Um vago estremecer de nostalgia,  
Um pungir de tristeza e de saudade ...

---

<sup>239</sup> FERREIRA, Carlos. O retrato – 1878. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 21 jan. 1883, p. 1.

No entanto *ela* envolvendo-me nos brilhos  
 Da aquele olhar que reproduz auroras,  
 Põe-me no coração notas suavíssimas  
 De umas cantigas festivas, sonoras.

Ergue-se o meu espírito altaneiro  
 Num doce enleio de poesia, e tanta  
 Que em seu retrato eu chego a ver, ó Cristo,  
 As deslumbrantes formas de uma santa! ...

Então fitando aquele vulto esplendido  
 - Centelha do ideal de Veroneso-  
 Subo as escadas de uns desejos místicos,  
 Acendo as velas do meu estro ... e rezo! ...

Carlos Ferreira

#### Queda de um anjo<sup>240</sup>

*Ceci est infame... ceci est indigne.*  
 V. Hugo

Era noite.

Os ventos rugiam desencadeados, semelhando o galopar infrene de titânicos corcéis, e como este iam derribando os obstáculos que encontravam em sua passagem.

E após o ribombar aterrador do rouco trovão, surgiam mil serpentes de fogo a revolver-se no dorso das nuvens.

- Oh! como eu amo essas noites esplêndidas! Quem me dera poder gozá-las lá no alto mar... ver o velho marujo com a fronte tostada pelos sóis, lutar, praguejar e arcar braço a braço com fúria das ondas que com horrído estrepito vão despedaçar-se contra o frágil lenho ali lançado pelos homens.

A vida do mar... a vida do perigo, oh! assim pudesse eu gozá-la!

A luta dos elementos será para outros um quadro assustador, tremendo; para mim é um espetáculo grandioso, sublime, que se assemelha ao que vai por esta alma!

Por toda a parte reinava profundo silêncio, apenas interrompido pelo sibilar do vento ou pelo estrondo do trovão.

Ninguém se animaria por certo com tal noite a sair à rua, e só na taverna velavam vários moços, todo pálidos, com os cabelos em desalinho e o rosto marcado por fundas olheiras.

Estavam todos embriagados, bem o demonstravam as garrafas vazias, tombadas sobre a mesa.

---

<sup>240</sup> LEITE, Colimério. Queda de um anjo. **Progresso Literário**. Pelotas, 22 abr. 1877, p. 4.

Com eles estavam varias raparigas, algumas bem lindas, todas com as almas corrompidas, como a mortalha do corpo há muito atirado à vala.

Tão depressa proferiam o nome de Deus como a maia obscena imprecação.

Entre aquelas criaturas, verdadeira negação de tudo quanto é pudor e moralidade, está um jovem de loura cabeleira.

Em seu belo rosto ainda transparece um resto de inocência infantil.

Bem claro se vê o quanto lhe é penosa e triste a vereda que ora enceta.

Não o condenemos.

Alma de criança, sem coragem bastante para lutar contra os revezes da sorte, lança-se á embriaguez, crendo nela encontrar o esquecimento, quando as mais das vezes vai reviver as magoas que o pungem.

É o jovem dos cabelos louros o herói da festa e por isso a ele se dirigem todas as atenções.

Escutemos:

- Então, querido Hamleto, em que meditas?... Eia! deixa-te de cisma! Vês? Estas pobres raparigas sentem-se já bem enfasiadas da nossa companhia, e juro-te, pela alma ao grande Fábulas, que se isto continua assim, não demoram elas em bater as mimosas azas em busca de melhores companheiros.

- Suponho que o menino tem saudades da mamã!... disse uma cortesã. E' bem provável que a pobre velhinha esteja a estas horas a orar pelo inocente filhinho, que julga perdido pela cidade.

- Ou recrutado para a marinha... disse outra.

E todas riam-se como se na realidade houvesse espirito nos seus dizeres.

- Silêncio, moças; nada de graças com entes para nós sempre sagrados!

- Oh! oh! o grande Máximo a pregar moral (creio que é como se diz); ele, o mais depravado dos nossos bons confrades!... E' para pasmarmos!

- Sim, sou o mais depravado de vós todos, e desafio á prova aquele que acreditar o contrario! Sou o mais depravado, é verdade, mas ainda conservo bem no fundo do coração um sentimento, o único nobre e puro – o santo amor filial. Oh! minha pobre mãe!...

- Este Máximo, depois de ébrio, ninguém o pode aturar com as suas jeremiadas!

- Tens razão, Amadeu; não é oportuno o lugar nem a ocasião para falar nestas coisas. Vamos, toca a folgar! Raparigas, nada de tristezas. Liberdade completa! Tomem conta do Elpídio e mostrem-lhe que a verdadeira felicidade é aquela que se goza ao lado de mulheres como vós, para quem tão fácil é conceder um beijo como atirar uma moeda de cobre ao mendigo que lhes bate á porta. – Olá! taverneiro,

traze-nos conhaque e charutos, e que ninguém venha interromper o nosso festim!

- Bravo! Bravo! Assim te quero ouvir discorrer!

- Mão, mão, *condessinha*; vais-te inclinando muito para o lado de Máximo.... olha que fico enciumado.

- Deveras, Amadeu! Pois quero ver isso.

E lançou-se ao pescoço de Máximo dando-lhe mil beijos.

- Olha lá, rapariga; assim amarrotas-me o peito da camisa. Que maçada!...

- Aqui está o conhaque, meus senhores, e também os charutos.

- Muito bem, pode mandar-se mudar que ninguém o precisa aqui.

- Mas, pelo chifres de Satanás! diz alguma coisa, Elpídio! Parece que vieste para aqui com a mesma disposição de quem vai para um velório!

- E o que queres que te diga, Máximo?

- Ora é boa! o que dizem todos que aqui se acham. Amabilidades a estas pequenas que tão ternos olhares te lançam á furto; louvores ao vinho que já começa a fazer-nos ver os objetos sob diferentes formas; e, finalmente, diz lá o que te aprouver.

- Máximo tem muita razão, Elpídio; estás fazendo uma tristíssima figura. Quem há que posso, no meio de alegres convivas como nós, conservar esse todo taciturno a não ser algum desses Cartões engravatados a quem por aí chamam moralistas. Moralistas não sei se o são, mas advirto-te que se como tal vieste a esta festa, fizeste mal, porque dos pobres pecadores que aqui se acham nenhum resultado tirarás com tuas prédicas e bons exemplos! E' mais fácil arrancar a *pieuvre* ao corpo a que se apega, do que afastar qualquer de nós da vida folgazã que passamos e que os tais Catões chamam – *vida devassa*. Deixa-los falar: - o homem enoja-se das misérias do mundo e delas quer fugir, tem apenas dois alvires a tomar: o suicídio e a embriaguez. A escolha não e difícil; opina-se sempre pela embriaguez que mata, pelo beijo lascivo destas Marcos que envenena, e finalmente esquece-se tudo que cheira a exigências sociais!

- Tens razão, Amadeu; sou um louco: Quem no mundo tantos martírios sofreu, nenhum pesar deve guardar ao deixá-lo com seus risos mentidos e suas lagrimas hipócritas, com seu carinho de amigo e suas pérfidas traições, misto ignóbil de tudo que de mão pôde o gênio maldito de satanás insuflar no espírito humano! Eia, bebamos! bebamos até que perdida de todo a razão, adormeçamos tranqüilos nos braços destas belas odaliscas.

Um estrepitoso *hurrah* correspondeu às palavras do moço.

Elpídio já não era o mesmo de há pouco: suas feições tinham mudado completamente. Seus olhos lançavam chispas de fogo e seu rosto mostrava-se rubro como a flor da romã.

Era o álcool que começava a produzir seu costumado efeito.

Escutemos; ele vai falar.

Colimério L. de Faria Pinto

Avante!<sup>241</sup>

À Província do Rio Grande do Sul

Qual a Pucela de Orleans valente  
 Combatendo em favor da liberdade,  
 Tu, num decênio de revolta ingente,  
 Mostraste a mais gentil heroicidade!

E quando o Paraguai em luta ardente  
 Quis impor-nos despótica vontade  
 Das tropas aliadas foste à frente;  
 Salvaste do país a integridade  
 Mãe fecunda de heróis! Por entre louros  
 Revelas as riquíssimas tesouros  
 Do amor e da coragem varonil!

Marcha, Rio Grande, ao retumbar de bravos,  
 Ao som de contos redimindo escravos,  
 Dando glórias excelsas ao Brasil!

Damasceno Vieira

Ao Partenon<sup>242</sup>

Não cansa o lutador! Os anos passam,  
 E de pé na estacada do progresso  
 Alteia o Partenon bandeira ingente,  
 Sorrindo ás multidões!  
 Sem ter apoio dos erários nobres,  
 Sem dar prestígios à soberba estulta.  
 Sem ir nas praças mendigar alentos,  
 Sem curvar-se a mandões!

Exulta e passa derramando em ondas  
 Toda a riqueza de sua alma heróica,  
 E apontando o caminho do futuro  
 Aos filhos do Brasil!  
 Ele, o vidente das idéias nobres,

---

<sup>241</sup> DAMASCENO VIEIRA. Avante. **A Pena**. Pelotas, 28 set. 1884, p. 4.

<sup>242</sup> VIEIRA, Damasceno. Ao Partenon. **Progresso Literário**. Pelotas, 8 abr. 1877, p. 4.

Quer a pátria, pelas letras cultas,  
Entre os mais povos levantar ousada  
A fronte senhoril!

Aqui, sobre esta plaga americana  
Queimada pelo fogo das batalhas,  
Que conta mil combates por vitórias  
Esplêndidas de luz;  
Aqui, depondo o gládio das pelejas,  
Eleva o Partenon bem alto a pátria  
Instruindo seus filhos nas ciências  
Que lhes derrama a flux!

No silêncio da noite, abrindo as portas  
De seu templo sagrado aos mendicantes  
Das luzes do saber, ele sorrindo  
Dissipa a escuridão!  
Apóstolo das turbas desvalidas  
Que arrastam-se na treva da ignorância,  
Sem vãs ostentações estende a todos  
A protetora mão!

É ele, o lutador que aqui se ostenta  
Na plêiade brilhante de mancebos  
Que, de pé na estacada do progresso,  
Encara as multidões!  
Sem ter apoio dos erários nobres,  
Sem dar prestígios á soberba estulta,  
Sem ir nas praças mendigar alentos,  
Sem curvar-se a mandões!

Damasceno Vieira

À memória de José de Alencar<sup>243</sup>

Era um gênio! Não vergado pela caducidade sobre o pó do passado que lhe borrija o sudário, mas altaneiro e gentil como a palmeira de Abissínia; viçoso e frondente como um cedro novo do Líbano, recostado aos velhos troncos dessas atalaias dos séculos; em gênio embalado pelas nossas brisas, rico de inspirações como esta natureza virgem que lhe tecera um berço, fulgente como o seu céu de crisólitos.

Félix X. da Cunha

---

<sup>243</sup> CUNHA, Felix da. À memória de José de Alencar. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 19 jan. 1878, p. 2.

Lux et tenebra<sup>244</sup>

Eu nunca dei ouvido à voz do campanário  
 Chamando a cenobita às catedrais da cruz;  
 Mas ontem quis ouvir à lenda do calvário,  
 Narrada por um santo e velho missionário,  
 Em honra de Jesus.

Do antigo templo à porta a lívida miséria  
 Erguia para o ar a descarnada mão,  
 Com aspecto teatral duma expressão funérea,  
 Mostrando no olhar as chagas da matéria,  
 A mendigar o pão.

Os macilentos cães tristonhos, com (ilegível)  
 Em frente descansando àqueles aleijões,  
 Pareciam dizer, assim contemplativos,  
 Que lhe moviam na alma os apetites vivos  
 Aquelas podridões.

Criancinhas sem cor, esfarrapadas, nuas  
 Que vão do berço ao catre imundo do hospital  
 Dormiam com as mães no macadame das ruas  
 Enquanto iam sofrendo as deletérias peias  
 Da fome bestial.

E os nobres charlatães dumas grotescas lendas,  
 Por entre os empurrões do bando dos fiéis,  
 Passavam com o peito ornado de comendas  
 Em frente aquelas vis e trágicas legendas,  
 Pesados como os reis.

E as Vênus sensuais, nevrálgicas, franzinas,  
 Ao verem na miséria o seu nefando fim,  
 Com a graça natural às damas libertinas,  
 Volviam febrilmente as faces purpurinas  
 Manchadas de carmim.

No entanto, entre o latim de um homem mercenário,  
 Lá junto ao altar-mor da velha catedral,

---

<sup>244</sup> F. X. Lux et tenebra. **Tribuna Literária**. Pelotas, 23 abr. 1882, p.04.

Ouvia-se o fremir do luxo tumultuário,  
 O riso de entremes do lábio do forascário<sup>(sic)</sup>,  
 A voz do Bebial.

E aquele que chamou-se o pai dos pequeninos  
 E Deus da humanidade, o pálido Jesus,  
 Enquanto entregue á fome andavam os meninos  
 Estava no esplendor dos europeus divinos  
 Pregado numa cruz.

Se é certo que ainda existe a tua divindade,  
 O' Cristo! dá de mão aos mandos de *Mastai*  
 Transforma numa escola o templo da vaidade!  
 E já que queres ser o Deus da humanidade,  
 Sê também o pai!

F. X.

Águas passadas, bem calculadas<sup>245</sup>

Passando ao exame dos títulos,  
 Dos conservadores presentes,  
 Três foram impugnados  
 Por não estarem correntes

Por isso levantou-se a grita,  
 Que os pôs bem confundidos,  
 Por verem que três lugares  
 Estavam de todo perdidos.

Houve grande retumbam  
 No lado conservador,  
 Proferindo o abandono,  
 Das cadeiras com furor.

E assim já debandados  
 Se foram... assim... sem mais...  
 Deixando o campo livre  
 A todos os liberais.

Foi aberta a Assembléia  
 Pelo vice presidente,

---

<sup>245</sup> SATTAMINI, Frederico. Águas passadas, bem calculadas. **Diário de Pelotas**. Pelotas, 8 jun. 1877, p. 2.

Que lhe deu força moral  
Conservando a providente!

Levantou-se a celeuma  
Entre os conservadores;  
Mas o presidente acalmou  
Esses pungentes furores.

Tudo foi bem discutido  
Na assembléia provincial,  
Para ser assim vencido  
Do maior o menor mal.

Debalde conservadores,  
Parecendo em conflito,  
Davam expansão à língua,  
Com frases que eu omito.

Ficando despersuadidos  
Por verem que da miada  
Mui poucos se pronunciaram,  
Em favor da matinada.

A obra dos liberais  
Já foi bem aplaudida,  
Por estar já bem firmada  
A sanção tão merecida!

A província está contente  
Por se ver bem amparada,  
Com leis, que bem confirmam  
A deputação ilustrada!

Agora um toque a mais,  
Para não se perder tempo:  
Não fique já no olvido,  
Reformas com bom assento.

Falo da assembléia geral,  
Que pouco tem conseguido  
Na melhora das finanças,  
Do tesouro esmorecido!

A moral, já no governo,  
Não inspira confiança;  
Deixem o lugar a outros,

Para termos esperança.

A gloria dos liberais,  
Retumba com eco ingente!  
Dele se espera a memória  
Do seu todo, bem potente!

Nele, o povo bem espera  
Medidas de salvação,  
Quando subir ao poder  
Desta briosa nação!

Nesse cancro roedor,  
Nas entranhas do tesouro,  
Operem bem esse mal,  
Que causa tanto desdouro!

Com a vinda do monarca,  
Deve haver melhoramento  
Neste caos que nos persegue  
Na vida, tanto tormento!

Haja constância até lá;  
Sofrendo com paciência,  
Esse mal, já tão corrupto,  
Devido a improvidência!

Dum monarca tão sabido  
Nele o povo bem espera,  
Por ser um vulto de glória  
Que neste Brasil impera!

Desse tão sábio monarca  
Só se espera o bom porvir;  
Sepultando esse caos,  
Para a glória bem surgir!

Dá lastima ver o Brasil,  
Um borrão na sua história!  
Depois de ter auferido  
Um brasão de tanta glória!

F.S.

A filha do vício<sup>246</sup>  
Esboços realistas

Desventurada flor! Quando teu vulto airoso  
Fragrante e juvenil perpassa junto a mim,  
Um sentimento vago, infindo, doloroso,  
Me punge amargamente ao ver-te bela assim.

É que eu conheço o mundo! O mundo miserável  
Que há de colocar - te, ó flor de místico vergel!  
As pétalas de tua alma, angélica, inefável,  
Ele as desfolhará estúpido cruel.

Desventurada flor! Em quanto moça e bela,  
Dos homens só terás afetos sensuais...  
Que importe sejas casta, ó cândida donzela!  
Se te geraste, flor, nos podres tremendais?

E tu hás de sofrer!... No entanto as *Julietas*  
Rirão prostituindo a honra, o lar, o amor,  
Na podridão moral de suas almas pretas  
Chafurdando do bem a deslumbrante flor!...

O mundo há de perder-te! - à meretriz das salas  
Um culto votará... pra ti baldões...  
- Mas quando ele arrancar-te essas virginais galas,  
Estrela - faz - te um cancro e dá-lhe podridões!

Gomes Corrêa

Na chácara<sup>247</sup>  
Ao talentoso preceptor Cipriano Porto Alegre

Iaiá faz renda, assentada  
Junto do irmão que medita  
Fitando alguém que na estrada  
Vem cantando a *chimarrita*:

A prima, moça bonita  
De trança negra anelada,  
Procura atar uma fita  
Numa camélia encarnada:

<sup>246</sup> CORRÊA, Gomes. A filha do vício - Esboços realistas - **Tribuna Literária**. Pelotas, 1º jan. 1882, p.4.

<sup>247</sup> MONTEIRO, Julieta de M. Na chácara. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 7 jun. 1883, p. 1.

U<sup>248</sup>m quero-quero ligeiro,  
 Colhe formigas contente  
 Num verdejante canteiro;

Além na grama virente,  
 Dorme tranqüilo um rafeiro  
 Aos pés de um moço tenente.

Julieta de M. Monteiro

Barcarola<sup>248</sup>

À mais simpática das jovens poetisas do Rio Grande  
 À Revocata Heloisa de Mello

Voguemos cismadora! a todo a pano a barca ...  
 Os astros por santielmos – a lua por farol;  
 Por timoneiro o – amor – a pomba nívea d'arca,  
 No futuro o – Ararat -, teus olhos – o meu sol!

A densa madrugada que além palpita ainda,  
 Sopra alegre franjando a espuma áurea a cair...  
 O lago como um berço, - e a criatura linda  
 Sonhando a flor das águas o dia que há de vir.

Nasce da flor de um beijo a – violeta escura -,  
 Uma saudade, - um sonho que o mundo não traduz!  
 A noite em torno a nós... além ainda a ventura,  
 Porém o céu contente banhado de luz.

E quando de Veneza no parque distendido  
 A flauta *lazzaroni* decanta o alvo luar;  
 E nas *vitrinas* batem as setas de Cupido...  
 Veneza é um Paraíso! Passemos a cantar!

Passemos... nossa gôndola resvala sonolenta  
 Bordada a fria esteira das pérolas dos céus...  
 Por hinos – os suspiros da vaga que rebenta,  
 Medrosa, ora travessa – rasgando os brumios véus!

Veneza!... Ó! quem pudera a lácida cabeça  
 Ali pender ditosa no travesseiro mol,

---

<sup>248</sup> LOBO DA COSTA. Barcarola. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 5 nov. 1882, p. 2.

Ouvindo os sons formosos da pálida condessa,  
A bela Guiccioli, a – noiva áurea do sol!

Depois... sobre o sereno das esquecidas plagas,  
Ir em busca das gotas que o menestrel chorou;  
Prantos que o céu recolhe, prantos que vão nas vagas  
Que só os compreende quem já um dia amou.

Passemos por Veneza... passemos junto à praça...  
Que a noite beija o lago, as rosas, o verão...  
Os remos que nos levam – são asas duma garça  
Que voa, e que palpita nos ventos da ilusão.

Mas, quando o Lazzaroni tremer sobre a calçada  
Da macilenta orgia no lúbrico festim...  
- Anjo do amor e lágrimas – fuja a cilada!  
Mas, ah! se eu lá perder-me...  
    Recorda-te de mim!

Lobo da Costa

#### Luz de amor<sup>249</sup>

Quando a alma ardente na manhã da vida,  
Toda inocência, toda fé, sem dor;  
Acorda em sonhos da puerícia vida,  
Em todo o belo vê pureza e amor.

Ao doce engano se abandona inteira  
Ante o envoltório da moral visão,  
Paira nas azas da ilusão fagueira,  
Crê, ama, espera, quase sempre em vão.

Assim da infância despertando ansiosa  
Da luz e gozo que a sonhar visou,  
Somente em peito de mulher formosa  
Minha alma o lume dum amor buscou.

E errou, ludibrio de cruéis enganos,  
Por um mundo ignoto, com penoso afã,  
No lento curso de meus anos longos  
Sem ver um lume, sem achar irmã.

Eis gasta e lassa de anelar nas trevas,  
Perdeu as crenças, olvidou a cruz,

---

<sup>249</sup> BEM, M.F. de. Luz de amor. **Álbum Literário**. Pelotas, 22 mar. 1875, p. 2.

E em ti, Natália, que ao Senhor te elevas,  
Achou conforto, redenção e luz.

Quando me encantas! Nem eu sei dizê-lo...  
És do impalpável singular primor!...  
Sem linda seres, te fez Deus modelo  
De mimo e graças, de virtude e amor.

Se a formosura, glória vã da terra,  
Escassa brilha nos encantos teus,  
Que importa, arcanjo, se a tua alma encerra  
Dons que no mundo glorificam Deus!

Tu realizas meu desejo intenso,  
Meus belos sonhos de vital manhã,  
És na alma ardente, nesse afeto imenso,  
Luz de minha alma, verdadeira irmã.

M. F. de Bem

### Semper<sup>250</sup>

Eu vejo-te Marina  
De púrpura banhada,  
Lá – quando a madrugada  
Sorri-se entre a colina;

E à tarde quando o sol  
Descamba no ocidente,  
Tu passas – transparente –  
Nas nuvens do arrebol.

De noite, se na lua  
Teu rosto não flutua,  
Então hei procurar-te;

E após, na minha rede  
Pendente da parede,  
Querida !... vou achar-te !

Moriwald Costa.

---

<sup>250</sup> COSTA, Moriwald. Semper. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 27 ago. 1882, p. 4.

O canto do monarca<sup>251</sup>

Eu sou o moço gaúcho,  
valente como os mais guapas  
filho e neto de Farrapos,  
republicano no mais!  
Com o meu poncho de pala  
e laço e bola nas tentas,  
vou mais ligeiro que os ventos  
por sangas e barrancos.

O rei, montado no trono,  
tendo os ministros consigo,  
não se compara comigo!  
no dorso do meu bagual  
si ele é rei – eu sou monarca,  
se ele tem cetro dourado,  
tenho o relho prateado  
e a cancha do meu punhal!

Por Deus e por minha vida,  
tenho uma vontade ardente  
que inda outra vez rebente,  
aqui – a revolução.  
mostrarei à baianada,  
que treme, a morder cartucho,  
pra quando presta o Gaúcho  
num pingo de opinião!...

De vez em quando aparece  
um ardor que se arrisca,  
E na assembléia se prisca  
para a banda popular...  
mas sempre encontra quem logo  
comece a pele guiá-lo,  
arme-lhe certo pialo  
e faça o bagual sentar!...

Lá no Rio de Janeiro,  
um jornalista de fama  
deixava tudo na lama...  
barbaridade! – gritou!...  
mas encolheu as orelhas  
e deu-se por afrontado  
num capão dum consulado

---

<sup>251</sup> TEIXEIRA, Múcio. O canto do monarca. **A Pena**. Pelotas, 14 set. 1884, p. 4.

onde se aquerenciou.

Uepuche, mano! parece  
que os sentimentos rodarão!...  
as crenças se encurralaram...  
e o povo – murcha o garrão!  
estropeado e maceta,  
empaca o patriotismo,  
e anda no passo o cinismo  
por toda a povoação.

Eu que sou moço largado,  
valente com os mais guapos,  
filho e neto dos farrapos,  
republicano no mais  
hei de correr a rebenque  
os reinos sem valia,  
que, para picardia,  
são filhos de nossos país!...

Múcio Teixeira

O botão de rosa<sup>252</sup>  
Romance por Americana

“À beleza deste feiticeiro Boudoir, só faltava a alvura puríssima deste perfumoso botão de rosa . que mão de poeta aqui veio depor; sim de poeta, pois qual outro homem ousaria transpor os umbrais deste augusto recinto ?

Agora resta-nos saber a quem pertence esta significativa flor, se é destinada à morena Adalgisa ou à loura Helena.

Adalgisa a melancólica, é sem dúvida a Melpomene deste parnaso; mas Helena a prazenteira, é sem contradição a amiga do amor, a musa do lirismo, a formosa Erato.

O poeta ama-me, será pois o botão de rosa uma das flores da nova coroa de sua caprichosa musa.

Assim falava Helena travesso diabinho de dezessete anos à sua querida prima mimosa menina que a ouvia muda e sombria.

Mais velha que sua prima apenas dois anos, Adalgisa órfã e afilhada de seus tios os pais de Helena, ali vivia e reinava como soberana; querida ou direi, idolatrada por todos, e principalmente por seu primo o Dr. Álvaro, que curvava-se ao capricho de Adalgisa até... até quase beijar a alfombra por onde deslizavam seus pesinhos.

---

<sup>252</sup> MELLO, Revocata Figueiroa [Americana]. O botão de rosa. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 6 ago. 1882, n. 1

Neste momento as moças voltavam de um passeio.

Adalgisa deixara-se cair sobre uma Ottomane, e melancólica como sempre, cismava com os olhos fixos sobre o tapete.

Helena de pé com uma das suas mãozinhas firmada sobre um Console, havia ficado distraída por alguns instantes, mas súbito, seu olhar foi cair sobre um botão de rosa branca, que se achava sobre um Etagères, entre uma infinidade de maravilhas do mais apurado gosto.

Então a moça leve como uma falena, buscara a flor, e como dissemos, interrogava seu espirito e interrogava à sua prima, sobre o estranho achado.

“Essa flor é minha disse afinal Adalgisa, tenho certeza que me pertence, pois que me foi prometida no ultimo baile.

“Mas eu sonhei que era noiva e a rosa branca significa casamento.

“Embora, a flor é minha não prescindo dela.

“Pois eu também não cedo tornou a galhofeira moça, contudo, experimentemos, talvez que com subtileza possamos alcançar a desejada explicação.

Então tomando uma nesga de papel, escreveu.

“Seja mais explícito. Ama a tragédia, ou a poesia lírica? “ E deixando esta interrogação no mesmo lugar em que achara a flor, tomou o braço á sua prima e a levou para a sala...

Revocata Figueroa de Mello

#### Devaneios<sup>253</sup>

Voguemos sim ao palpitar das cismas,  
Soltas as velas ao soprar do Sul,  
Vamos em busca de almejado porto  
Sob horizontes de perene azul;

Das fantasias aos gentis relentos  
Entrelacemos os suspiros meus;  
Solta os cantares menestrel saudoso  
Enquanto a crença nos aponta os céus;

Eia, escutemos o quebrar das vagas  
Dentre as espumas de arrendado véu,  
E o som queixoso de longínqua flauta  
Envolto às vozes do alaúde teu.

Além doirando do porvir os serros  
Vê como aurora despertando vem;  
Em breve aos raios de outro sol mais belo  
Nossas esperanças brilharam também!

Revocata H. de Mello

---

<sup>253</sup> MELLO, Revocata H. de. Devaneios. **Arauto das Letras**. Rio Grande, 13 ago. 1882, p. 4.

Pedro Maria<sup>254</sup>

*Não importa! A Liberdade  
É como se a hidra, o Ateneu:  
Se no chão rola sem forças  
Mais forte do que o chão se ergueu.  
Castro Alves*

Sangue! Sangue de irmão de rubro tinge  
A bandeira que Deus ao mundo impôs:  
De crepe a Liberdade a fronte cinge,  
E dum filho maldiz o fero algoz.

Não morre a Liberdade inda que tombe  
Ao punhal homicida um nosso irmão,  
Ah! Porque pode surgir desta hecatombe  
Mais sagrada e mais bela a redenção!

Não morre a Liberdade... ave do espaço,  
Das grimpas do infinito ela surgiu,  
E aos povos oprimidos, - santo laço -  
A um aceno de Deus, todos uniu.

Não morre a Liberdade, porque a crença  
De sofrer mais se apura no crisol...  
E um dia surgirá ativa, imensa  
Ao povo a iluminar qual novo sol.

A traição, o punhal, o bacamarte,  
Se derriba um herói, - a crença não!  
Do povo no sofrer santo do estandarte  
A terra a lhe mostrar da promessa.

Civismo, ilustração e mocidade  
O gume dum punhal ao chão pendeu,  
Pela crença que tinha - a liberdade,  
Nobre mártir na luta emudeceu!

Obreiros do porvir, uma homenagem  
Vinde à campa depor dum nobre irmão,  
Que da morte rolar fez na voragem  
De maldito sicário a férrea mão.

---

<sup>254</sup> SANTOS SOUZA. Pedro Maria. **Progresso Literário**. Pelotas, 11 mar. 1877, p. 4.

Vinde, vinde ajoelhar junto a este túmulo,  
 Desta terra beijar o frio pó...  
 Que deste agonizar inda por cúmulo  
 Dos livres o estandarte é envolto em dó  
 Estrela que tombou, além da leiva,  
 Quando ao povo mostravas nova era,  
 Teu sangue servirá de augusta seiva  
 Ao laurel que cingir o livre espera.

Valente lidador, dobraste o colo  
 Abraçado á bandeira liberal!  
 Cumpriste teu dever – teu pátrio solo  
 Vem de luto assistir teu funeral!

Santos Souza

Vem<sup>255</sup>

Meiga crisálida da solidão infinda  
 Oh! Flor tão linda, nos paus nascida,  
 Miragem santa – que adorei sonhando,  
 Silfo vagando nas amplidões da vida.

Escuta!...é noite, de rosais as brisas  
 As águas lisas, vão beijar – do lago  
 E se a cada beijo – uma flor desmaia  
 A brisa ensaia – perenal afago.

Escuta!...a lua sobre o céu fulgura  
 Pousa a natura num dossel feliz,  
 dormem as aves nos ramais incultos  
 brincam estultos os pirilampos vis.

Oh! Vem comigo – repousar n'alfombra  
 Do til à sombra – no espaldar das flores,  
 Que as brandas auras te trarão perfumes  
 E os vastos nomes, sonharão amores.

Oh! Já que o mundo dormitou cansado,  
 Anjo adorado que sonhado vais  
 -Deixa o letargo que te inunda o seio  
 Vem sem receio me calar os ais!...

Seixas Júnior

---

<sup>255</sup> SEIXAS JÚNIOR. Vem. **A Idéia**. Pelotas, 10 nov. 1878, p. 4

Alaúde<sup>256</sup>

As glórias mais louças do meu futuro,  
 As doidas fantasias silenciosas  
 Que à mente borbulhavam-me tão belas,  
 Deixaste-me entrever com teu sorriso  
 Em ondas de esperança e de ventura.

Atravessei as salas suntuosas  
 De esplendores moldadas, e fui, sabes,  
 Admirar-te as graças peregrinas,  
 Beber o doce orvalho que teus lábios  
 Estilavam,- de amor e de volúpia.

Minhas gratas ilusões esmorecidas  
 Ao choque do simum, pálidas, mortas,  
 Vi-as depois à cauda negligente  
 Do teu vestido ornar, tristes, sombrias  
 Desprezadas por ti, secas, mirradas.

Com gesto festival, curti no peito  
 A insânia transfundida em lentas mágoas,  
 Que do ciúme tenaz, partindo, vieram  
 As flores estivais da minha aurora  
 Trocar pelos espinhos que me pungem.

Fiquei triste a mirar a branca nuvem  
 Das minhas esperanças que fugiam  
 Desmaiando na penumbra do horizonte  
 Desta nova existência atribulada,  
 Sem alentos, sequer, que me confortem.  
 Pois bem. No alaúde lutulento  
 Deixa-me, só, chorar as amarguras  
 Que tiveram no amor o seu começo  
 E findarão na campa: eu te perdô  
 Até dos meus extremos esquecida.

Mas recebe neste canto derradeiro,  
 O último, talvez, que te consagro,  
 Que verte um coração despedaçado.  
 Em sua última hora. Adeus, meu anjo!

Teodoro de Miranda

---

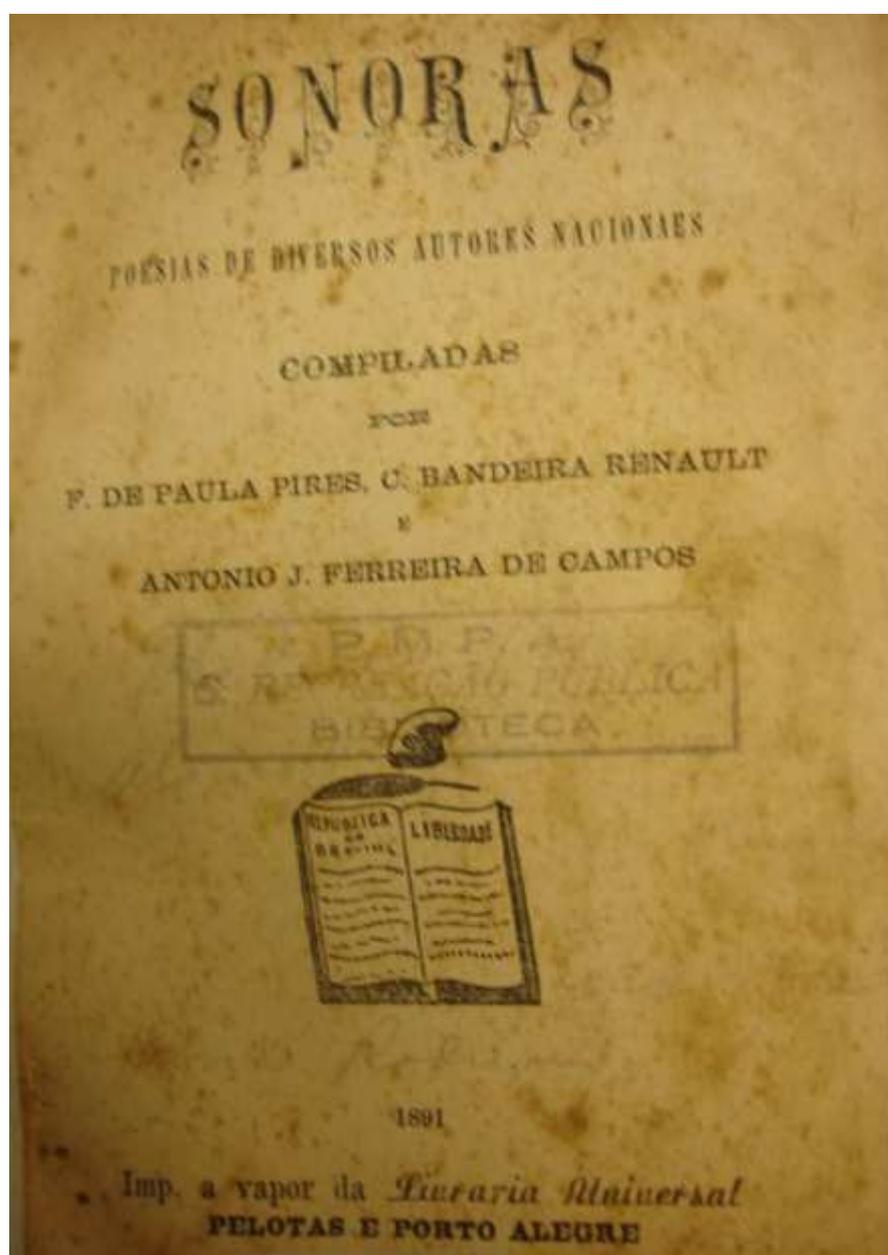
<sup>256</sup> MIRANDA, Teodoro de. Alaúde. **Progresso Literário**. Pelotas, 4 fev. de 1877, p.4.

## 7.5 Cópias xerográficas do sumário e seleção de poemas da Sonoras

INDICE			
+ + +			
	Pag.		Pag.
DEDICATORIA . . . . .	3	Adens . . . . .	40
Ao LEITOR . . . . .	5	Devaneio . . . . .	42
As Bibliothecas . . . . .	7	Margarida . . . . .	44
A Musa . . . . .	8	Versos de um suicida . . . . .	45
Pelotas . . . . .	11	Ten tempo . . . . .	47
Threnos . . . . .	13	Sandalo . . . . .	48
Decadencia . . . . .	14	Auras do céu . . . . .	50
Violeta morta . . . . .	16	Profanação . . . . .	53
Gaturamo . . . . .	17	Insecticídio . . . . .	54
A Liberdade . . . . .	19	Sandale . . . . .	56
Cogitemos . . . . .	21	Lembranças . . . . .	57
A ti . . . . .	22	Ser moço (C. B. Renault) . . . . .	60
Na pagina de uma folhinha block . . . . .	24	Botando . . . . .	63
Resposta a mesma . . . . .	25	No banho . . . . .	65
Saudades do escravo . . . . .	26	A consciencia . . . . .	67
Primavera . . . . .	28	Colombo . . . . .	69
Noivo morto . . . . .	29	Meia noite . . . . .	71
O avô . . . . .	31	Amor filial . . . . .	72
A beira mar . . . . .	33	O Belle . . . . .	73
Mundo interior . . . . .	36	Dir intima . . . . .	76
Supplica . . . . .	37	Harmonia . . . . .	77
Chrono campestre . . . . .	39	Recordações . . . . .	79

Soneto (José Bonifácio) . . . . .	81	Chilros . . . . .	143
Dois infinitos . . . . .	82	A mocidade do Congresso . . . . .	143
Ser moço (F. P. Pires) . . . . .	83	Portuguez . . . . .	144
Separação . . . . .	86	Minha esperanza . . . . .	145
A Venus de Whashington . . . . .	88	Synthese . . . . .	147
Verdade . . . . .	90	Passado e presente . . . . .	149
Sub-umbra . . . . .	91	A mocidade . . . . .	150
Meio dia . . . . .	92	Aurora . . . . .	151
Da alma lyrica . . . . .	94	Deus . . . . .	152
Aquarella . . . . .	96	Alina . . . . .	153
O ninho . . . . .	97	A uma feia Marília . . . . .	154
José Bonifácio . . . . .	98	Enlevo . . . . .	155
Pagina de um dia . . . . .	99	A Grecia . . . . .	156
Minha filha . . . . .	100	Prefacio de um livro . . . . .	157
A America . . . . .	102	Alvorada . . . . .	158
Rachel . . . . .	107	Poder das lagrimas . . . . .	159
Encanto da morte . . . . .	108	Quem é ? . . . . .	160
A curia . . . . .	109	Vinte de Setembro . . . . .	161
Painel . . . . .	110	Saudades da patria . . . . .	163
O peadello . . . . .	111	A Primavera . . . . .	165
E que tal ? . . . . .	112	Mãe . . . . .	167
Casamento do bardo . . . . .	113	Serenata . . . . .	168
Aos pés de Christo . . . . .	116	Destino . . . . .	170
Deixa . . . . .	117	Plenilunio . . . . .	171
Quando ella passa . . . . .	118	A engeitada . . . . .	172
Soneto (José Bonifácio) . . . . .	119	Versos antigos . . . . .	173
Na Thebaida . . . . .	120	Folha de um livro inedito . . . . .	174
Quero e não quero . . . . .	121	A Silva Jardim . . . . .	176
Silva Jardim . . . . .	122	Mãe . . . . .	177
Anjo enfermo . . . . .	123	Na tasca . . . . .	178
O rei da criação . . . . .	124	Homenagem a J. F. Vieira . . . . .	179
Ao pulpito . . . . .	125	Não sei . . . . .	181
Gratidão . . . . .	126	No confissionario . . . . .	183
O meu corsel . . . . .	131	A poesia . . . . .	184
A lagrima . . . . .	133	Paysagem morta . . . . .	186
Aura da tarde . . . . .	134	Soneto (Arthur Azevedo) . . . . .	187
Liberdade (F. P. Pires) . . . . .	135	O coração e a razão . . . . .	188
Novo templo . . . . .	136	A poesia . . . . .	189
A Portugal . . . . .	137	Sandasa . . . . .	190
Dulce . . . . .	139	Dentro do sol . . . . .	191
A mulher . . . . .	141	Canção da Iberia . . . . .	192
A partida . . . . .	142		193

	226		228
A EURENÇA . . . . .	196	Versos Sombrios . . . . .	230
Em Vasco . . . . .	197	VITA NUOVA . . . . .	232
Seiva e Sol . . . . .	198	TRISTEZA . . . . .	233
Desalento . . . . .	199	LUX ET TENEBRA . . . . .	234
Dois Roubos . . . . .	200	A Sombra de LAMARCA . . . . .	236
Tonta ! . . . . .	201	Pomba Imigrante . . . . .	237
O Condenado . . . . .	202	A FÉ . . . . .	238
A CARTA . . . . .	203	A GLORIA . . . . .	239
HARMONIA DE LAMARCA . . . . .	204	MURMURIOS DE SERTÃO . . . . .	241
DEUS . . . . .	206	VERDADEIRA NOBREZA . . . . .	242
PHANTASIA . . . . .	207	O CREPE . . . . .	244
SONETO . . . . .	208	D'APRÉS NATURE . . . . .	246
MORTA . . . . .	209	PASSADO MISTERIOSO . . . . .	247
FICTICIO GOZO . . . . .	210	A MAIS FELIZ . . . . .	249
O MENIGO . . . . .	211	OS DE HOJEM . . . . .	253
O AMANHECER . . . . .	214	TRES LAGRIMAS . . . . .	254
No Campo . . . . .	216	INVERNO . . . . .	255
PATRIA, JUIZ ! . . . . .	219	BERÇO INDIGENA . . . . .	257
VITA NUOVA . . . . .	219	ESTO LIVRO . . . . .	257
Nô feito . . . . .	218		
Perdão . . . . .	219		
EM PAUL M. J. J. . . . .	220		
SONETO . . . . .	222		
ASSIM MINHA ALMA . . . . .	223		
Nô ERMO . . . . .	224		
O MAIOR POETA . . . . .	225		
CONFIANTE . . . . .	226		
A CAMPESINA . . . . .	227		



## AO LEITOR

Dous motivos nos levaram a organizar este livro: o primeiro, sermos uteis á **Bibliotheca Publica Pelotense**; o segundo, juntarmos em um volume essas bellas composições que andavam dispersas por grande numero de jornaes e que, com trabalho e paciencia, compilamos.

Excepção feita das nossas, podemos dizer que este volume contem poesias de merecimento real, bastando o nome dos seus illustres autores para garantia da boa aceitação que elle certamente encontrará por parte do publico.

Pelotas, 1 de setembro de 1891.

*Os compiladores*

## ESTE LIVRO



Este escrínio de pedras preciosas  
Trabalhos de um labor aprimorado,  
A rescender o aroma delicado  
De um ramalhete de nevadas rosas ;

Este cofre de gemmas valiosas  
Que a bemfazejas mãos é destinado,  
Para colher o obulo consagrado  
Ao templo das idéas luminosas ;

Não parece guardar tanta riqueza,  
Encerrar talismans, joias e flores,  
Thesouros de magia e de belleza ;

Tem a fechal-o tosca, sem lavoires,  
Verdadeiro objecto de pobreza,  
Feia chave, sem arte, sem valores.

Rio Grande — 91.

*Revocata H. de Mello.*

## BERÇO INDIGENA



Entre duas palmeiras se embança  
O leve berço em que, sem vida, agora,  
Jaz o corpo da misera creança.

A mãe cabocla, do nascer da aurora  
À noite, desolada ao pé lhe vela,  
Cobre-o das flores da lianda, e chora.

Sobre elle o sassafráz verte a singella  
Fragrancia, e os pesquiás sobre elle, ao vento,  
A copa inclinam, murmura, amarella.

Por entre os tinhorões sôa o lamento  
Do rio, como uma oração sentida ;  
Esplende o sol no claro firmamento

## VIOLETA MORTA

A Raymundo Correia



Vejo-te sempre, pallida violeta,  
 Entre versos queridos sepultada,  
 Como entre rosas, livida, gelada  
 Aquella meiga e lyrial Julieta!

Jaz hoje o *immorredoiro* amor do poeta. . .  
 Lenta ao longe, extinguiu-se a voz amada. . .  
 E ainda aspiro-te a essencia delicada  
 Com que perfumas a canção dilecta! . . .

— Ave, que reconquista a liberdade,  
 Leva a sombra dos ferros na tristeza  
 Da voz, com que sauda a soledade. . .

Eu gozo esta cruel felicidade!  
 — E's a sombra, flôr morta e sem belleza,  
 Da dôr, que encarcerou-me a mocidade!

Rezende, 24 de Maio de 1886.

Narciza Amalia

## GATURAMO



Passarinho, que os hymnos saudosos  
 Descantavas nas abas do monte —  
 D'onde houveste esses ais amorosos ?  
 D'onde houveste ? — do céu ? do horisonte ?

Quem te deu, ó formosa avesinha,  
 Essas per'las de pranto sentido ?  
 — Foi das matas a brisa mansinha ?  
 — Os aromas do bosque florido ?

— Foi á sombra da tarde a folhinha  
 Que estremece. . . farfalha. . . e cahiu ?  
 — Foi o echo do val, a fontinha,  
 Que murmura. . . soluça. . . e fugiu ? . . .

Eu não sei ; em teus curtos instantes  
 Os mysterios da vida resumes. . .  
 Ai ! tu choras nos puros descantes,  
 Da floresta bebendo os perfumes !

E's poeta, és poeta, bem sabes  
 Quanta dôr esta sina contem ;  
 Emmudece, infeliz não acabes —  
 Entender-te esse canto. . . ninguem !

E's poeta, só vives um dia,  
Vais morrendo entre notas de amor !  
Sobre as azas de ténue harmonia  
Busca um tum'lo no calix da flor !

E ao luar deste berço da luz,  
Quando o mundo dormir socegado.  
— Ergue o canto que as almas seduz  
No perfume da dor levantado !

S. Paulo

## THRENOS



O céu azul desta vida,  
Sombria nuvem toldou;  
Da ventura as lindas flores,  
O vendaval açoutou!

E a lyra jáz moribunda  
Banhada dos prantos meus. . .  
Não succumbas, doce amiga,  
Ai! cobra alento, por Deus!

Immensa dor deu-te a vida,  
Porque sonhaste o prazer?  
Ah! só carpir é teu fado,  
Só triste pranto verter! . . .

Carpe, ó lyra, esta sandade,  
Que me punge sem cessar,  
Esta magna, esta tristura,  
Que embalde tento occultar.

. . . . .  
Não peçam cantos á lyra  
Que nasceu para gemer;  
A quem constante é a tristeza,  
Momentaneo é o prazer.

*Candida Abreu*

## COGITEMOS. . .

*Ao tenente coronel Anacleto da C. Barcellos*



Na longa vastidão do mundo terreo-aquoso  
Só brilha e tem valor a luz auri-fulgente  
Do aurífero metal de quem, inconsciente,  
Por caprichos da sorte, o tem para seu gozo. . .

A' mingoa morré o pobre honrado e virtuoso,  
Emquanto o rico alvar, austêro e prepotente,  
Na candida virtude enterra o voráz dente,  
Perverso, sensual, vilão, incestuoso!

Dispam dos ouropéis a crapulagem nobre,  
Procedam-lhe depois na vida uma devassa,  
Para que vista seja a podridão que encobre;

Quanta *miseria* então veremos que se passa;  
— Não no honrado lar que alberga o homem pobre  
Nem no seio também da pobre população. . .

Pelotas

*F. de Paula Pires.*

## 7.6 Normas de atualização dos textos

A coletânea organizada e constante desta tese tem em vista resgatar o que poderia ter sido a produção poética da antologia *Pindo Rio-grandense* e registrar as notícias e dados de associações políticas e literárias de Pelotas do século XIX.

Os textos presentes na coletânea e transcritos - assim como as citações desses textos e de qualquer outros, como editoriais, anúncios, artigos e contos, ao longo do trabalho - passaram por uma atualização ortográfica. Houve a preocupação em se manter fiel o mais possível aos textos-fonte. Os critérios seguidos na atualização dos textos, conferindo uniformidade ao material coligido, são explicitados a seguir:

### 1) Ortografia:

- ortografia: atualiza-se a ortografia em todos os textos, tendo em vista as normas vigentes, tomando como referência o *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*<sup>31</sup>. Por exemplo: (illuminar > iluminar; litterário > literário).
- acentuação: atualiza-se conforme as regras vigentes (dôres > dores; áqueles > aqueles; Antonio > Antônio; Candida > Cândida); o sobrenome Mello mantém-se grafado como no original, com duplo ele (*ll*), para diferenciar do sobrenome Melo; nomes estrangeiros, mantêm-se (Victor > Víctor);
- abreviaturas: foram excluídas dos textos as seguintes abreviaturas (Exma., Sr., Sra., SS., D. e Dr.);
- pontuação: mantêm-se como no original;
- maiúsculas: em geral, colocam-se maiúsculas após reticências
- minúsculas: convertem-se para letra inicial minúscula as palavras que na época eram grafadas com maiúsculas, como os meses do anos (Janeiro > janeiro);
- erros tipográficos evidentes: corrigem-se;

---

<sup>31</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- nomes próprios: nomes em português, corrigem-se ou uniformizam-se (Appollinario > Apolinário; Theodoro > Teodoro;
- apóstrofos: corrigem-se formas como *d'essas*, *d'um*, *n'um*, *d'outra*, *d'elle* etc., que ficam sem o sinal: *dessas*, *dum*, *num*, *doutra*, *dele*; corrigem-se nos sobrenomes (d'Almeida > de Almeida; d'Ávila > de Ávila);
- estrangeirismos: mantêm-se conforme original;
- interjeição *oh!*: troca-se pela interjeição *ó*.

## 2) Normas editoriais:

- estrofação e paragrafação: mantêm-se conforme o original;
- palavras ou trechos grifados em itálico ou negrito: mantêm-se conforme o original;
- trechos e expressões em línguas estrangeiras: mantêm-se conforme o original, em itálico;
- epígrafes não foram conferidas com os textos originais, mantendo-se conforme aparecem nos jornais.

**Jaqueline Rosa da Cunha**  
Curriculum Vitae

Março/2009

# Jaqueline Rosa da Cunha

Curriculum Vitae

---

## Dados Pessoais

**Nome** Jaqueline Rosa da Cunha  
**Nome em citações bibliográficas** CUNHA, J. R.  
**Sexo** feminino  
**Filiação** Luiz Paulo Rodrigues da Cunha e Seni Rosa da Cunha  
**Nascimento** 08/05/1977 - Rio Grande/RS - Brasil  
**Carteira de Identidade** 3055231603 ssp - RS - 31/10/1990  
**CPF** 91578213053

**Endereço residencial** Av. Presidente Vargas, 445 Bl. 2A apto: 108  
Parque - Rio Grande  
96212-100, RS - Brasil  
Telefone: 53 81143008

**Endereço profissional** Universidade Federal do Rio Grande, ILA  
Avenida Itália, km 8 - Campus Carreiros  
Carreiros - Rio Grande  
96201-900, RS - Brasil  
Telefone: 53 32336621

URL da home page: <http://www.ila.furg.br>

## Endereço eletrônico

e-mail para contato : [jaqueline.cunha@ibest.com.br](mailto:jaqueline.cunha@ibest.com.br)  
e-mail alternativo : [jlinerc@yahoo.com.br](mailto:jlinerc@yahoo.com.br)

---

## Formação Acadêmica/Titulação

- 2005 - 2009** Doutorado em Letras.  
Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil  
Título: A formação do sistema literário da cidade de Pelotas e sua contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul, Ano de obtenção: 2009  
Orientador: Profa. Dr. Maria Eunice Moreira  
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
*Palavras-chave: História da Literatura, Literatura e Cultura Sul-Rio-Grandense*  
*Áreas do conhecimento : Teoria Literária*  
*Setores de atividade : Educação*
- 2002 - 2004** Mestrado em História da Literatura.  
Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, Brasil  
Título: Arauto das Letras (1882-1883): uma amostra da expressão literária da região sul rio-grandense, Ano de obtenção: 2004  
Orientador: Profª. Drª. Nea Maria Setúbal de Castro.  
*Palavras-chave: pesquisa em jornal literário*  
*Áreas do conhecimento : História da Literatura Brasileira*  
*Setores de atividade : Educação*
- 2001 - 2002** Especialização em Literatura Brasileira Contemporânea.  
Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, Brasil  
Título: A Crítica Literária e o Jornal "Tribuna Litteraria"  
Orientador: Rildo José Mota Cosson
- 1997 - 2000** Graduação em Letras Português Espanhol.

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, Brasil

---

### Formação complementar

- 2000 - 2000** Extensão universitária em O regional e o urbano na literatura do Rio Grande. Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, Brasil  
*Palavras-chave: Literatura e Cultura Sul-Rio-Grandense*
- 2005 - 2005** Curso de curta duração em Concepção de literatura em "de la littérature". Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil  
*Palavras-chave: narrativa, literatura francesa, sistema literário*
- 2005 - 2005** Curso de curta duração em Seminário de Redação do Vestibular. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil  
*Palavras-chave: produção textual*
- 2006 - 2006** Curso de curta duração em Criação Literária. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
- 2006 - 2006** Curso de curta duração em Curso Textualidades Contemporâneas. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
- 2006 - 2006** Curso de curta duração em Historiografia literária. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil  
*Palavras-chave: Teoria da Literatura*
- 2007 - 2007** Curso de curta duração em Contar e encantar é só começar - II Curso de capac. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil  
*Palavras-chave: contação de história*
- 2007 - 2007** Curso de curta duração em Figuras da Ficção. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
- 2007 - 2007** Curso de curta duração em Por uma teoria da formação do leitor. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
- 2008 - 2008** Curso de curta duração em Ler na biblioteca, ler na escola, ler na sociedade. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
- 2008 - 2008** Curso de curta duração em Criação literária e criação institucional. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil  
*Palavras-chave: Literatura, criação literária, teoria literária, literatura brasileira*

---

### Atuação profissional

#### 1. Universidade Federal do Rio Grande - FURG

---

##### Vínculo institucional

- 2008 - 2008** Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Integral
- 2008 - Atual** Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor contratado , Carga horária: 40, Regime: Integral  
Outras informações:

Desenvolvo atividades na área de Língua Espanhola

<b>2007 - 2007</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2006 - 2006</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2005 - 2005</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2004 - 2004</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2003 - 2003</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2002 - 2002</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2002 - 2003</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2000 - 2000</b>	Vínculo: Bolsista , Enquadramento funcional: professora de Literatura Brasileira , Carga horária: 20, Regime: Parcial

---

#### Atividades

<b>2009 - 2010</b>	Projetos de pesquisa, ILA <i>Participação em projetos: As publicações em língua espanhola nos periódicos pelotenses do século XIX</i>
--------------------	--

## 2. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

---

#### Vínculo institucional

<b>2005 - 2009</b>	Vínculo: Livre , Enquadramento funcional: Bolsista de doutorado, Regime: Dedicação Exclusiva Outras informações: Atividade de pesquisa no projeto "Jornal, literatura e cultura: autores pelotenses (1850-1899)
--------------------	---

---

#### Atividades

<b>05/2001 - Atual</b>	Projetos de pesquisa, Diretoria de Unidades de Pesquisa, Grupo de pesquisa
------------------------	--

## 3. Faculdade Atlântico Sul de Pelotas - ATLANTICOSUL/PEL

---

#### Vínculo institucional

<b>2007 - 2007</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 12, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2007 - 2007</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 10, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2007 - 2007</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva
<b>2006 - 2006</b>	Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicação Exclusiva

**2005 - 2005** Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva

#### 4. Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul - PUCRS

---

##### Vínculo institucional

**2005 - 2009** Vínculo: Bolsista , Enquadramento funcional: bolsista de doutorado , Carga horária: 12, Regime: Parcial

---

##### Atividades

**03/2006 - Atual** Projetos de pesquisa, FALE  
*Participação em projetos:  
 Histórias à prova do tempo: a relação Brasil-Portugal no campo da lietratura. Investigação, preservação e difusão de fontes.O projeto visa ao estudo das relações literárias entre Portugal e Brasil na perspectiva de reconstrução da memória comum, fund*

#### 5. Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

---

##### Vínculo institucional

**2004 - 2004** Vínculo: professo contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva  
**2002 - 2002** Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: corretor de redação , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva

#### 6. Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

---

##### Vínculo institucional

**2004 - 2005** Vínculo: Professor , Enquadramento funcional: Auxiliar , Carga horária: 40, Regime: Integral

---

##### Atividades

**10/2004 - 04/2005** Pós-graduação, Especialização em Arquitetura e Urbanismo  
*Disciplinas Ministradas:  
 Metodologia científica , Língua Portuguesa*

**10/2004 - 04/2005** Graduação, Lingüística  
*Disciplinas Ministradas:  
 práticas de ensino , metodologia cinetífica , Lingüística aplicada*

#### 7. Business English - BE

---

### Vínculo institucional

**2002 - 2003** Vínculo: professor contratado , Enquadramento funcional: professora , Carga horária: 20, Regime: Parcial  
Outras informações:  
Desenvolvi atividades na área de Língua Espanhola, ministrando aulas e fazendo traduções

## 8. Personal Michigan - CPPV

### Vínculo institucional

**2004 - 2004** Vínculo: Professora , Enquadramento funcional: Professora , Carga horária: 20, Regime: Parcial

### Atividades

**05/2004 - Atual** Ensino médio  
Especificação:  
Literatura

## 9. Curso de Redação - CR

### Vínculo institucional

**2006 - 2007** Vínculo: Professora contratada , Enquadramento funcional: Professora de Língua Espanhola , Carga horária: 20, Regime: Parcial  
Outras informações:  
Ministrei aulas de Língua Espanhola, especificamente, leitura e interpretação de textos em Língua Espanhola para o Ensino Médio

### Projetos

**2009 - 2010** As publicações em língua espanhola nos periódicos pelotenses do século XIX  
Descrição: O projeto visa ao estudo das produções em língua espanhola veiculadas na cidade brasileira do extremo sul do País. A intenção é investigar se os países de fronteira tiveram ou não influência na construção da cultura e, conseqüentemente, da literatura da cidade de Pelotas. Esse projeto não prevê ajuda financeira de nenhum órgão, ainda que esteja sendo desenvolvido no curso de letras da FURG.  
Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa  
Alunos envolvidos: Graduação (1);  
Integrantes: Jaqueline Rosa da Cunha (Responsável);  
Financiador(es):

**2006 - 2008** Histórias à prova do tempo: a relação Brasil-Portugal no campo da literatura. Investigação, preservação e difusão de fontes. O projeto visa ao estudo das relações literárias entre Portugal e Brasil na perspectiva de reconstrução da memória comum, fund  
Descrição: O projeto visa ao estudo das relações literárias entre Portugal e Brasil na perspectiva de reconstrução da memória comum, fundada na recuperação da história dos

intercâmbios culturais e literários, entre os dois países. Com esse intuito, direciona-se para: a) recuperação, preservação e divulgação de documentação primária referente às literaturas brasileira e portuguesa; b) leitura, interpretação e difusão das fontes levantadas

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (0); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (2);

Integrantes: Jaqueline Rosa da Cunha Maria Eunice Moreira (Responsável); Angela Maria da Silva; Pedro Mandagará Ribeiro

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, Gabinete de Relações Internacionais da Ciência e do Ensino Superior-GRICES

### Áreas de atuação

1. Literatura Brasileira
2. Línguas Estrangeiras Modernas
3. Língua Portuguesa
4. História da Literatura Brasileira
5. Literatura do Rio Grande do Sul
6. Teoria Literária

### Idiomas

<b>Espanhol</b>	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem
<b>Francês</b>	Compreende Bem , Fala Pouco, Escreve Pouco, Lê Razoavelmente
<b>Português</b>	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

### Produção em C, T & A

### Produção bibliográfica

#### Artigos completos publicados em periódicos

1. CUNHA, J. R.

O Parnaso Brasileiro organizado por Januário da Cunha Barbosa (1836) e João Manuel Pereira da Silva (1843-1848). Cadernos Literários (FURG). , v.10, p.27 - 34, 2005.

*Palavras-chave: História da Literatura*

*Áreas do conhecimento : História da Literatura Brasileira*

*Setores de atividade : Educação*

2. CUNHA, J. R.

O que é isso companheiro? Romance - Reportagem – Memória: um gênero ou um estilo?. Cadernos literários. , v.8, p.39 - 44, 2003.

*Palavras-chave: Fernando Gabeira*

*Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Contemporânea*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso*

3. CUNHA, J. R.

El concerto de "Concierto Barroco". *Artexto.*, v.12, p.31 - 34, 2001.

*Palavras-chave: intertextualidade, Carpentier, José Martí*

*Áreas do conhecimento: Literaturas Estrangeiras Modernas*

*Referências adicionais: Brasil/Espanhol. Meio de divulgação: Impresso*

### Capítulos de livros publicados

1. CUNHA, J. R.

O jornal *Arauto das Letras* (1882-1883) na imprensa literária gaúcha In: *Literatura em revista* (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e Minas Gerais.1 ed.Minas Gerais/ Rio Grande : FURG/ Belo Horizonte Faculdades de Letras, 2005, v.1, p. 10-230.

*Palavras-chave: pesquisa em jornal literário*

*Áreas do conhecimento: História da Literatura Brasileira, Literatura do Rio Grande do Sul*

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso*

### Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. CUNHA, J. R.

A formação prática do leitor In: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, 2008, Porto Alegre.

**Anais do Congresso Internacional de Leitura e Infantil e Juvenil.** POрто Alegre: Edipucrs, 2008.

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital*

2. CUNHA, J. R.

A presença de Cyro Martins no caderno de Sábado In: XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXIV Seminário de Critica do rio Grande do Sul, 2007, Porto Alegre.

**Anias do XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXIV Seminário de Critica do rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

*Referências adicionais: Brasil/Português.*

3. CUNHA, J. R.

Leitura e escrita nas obras ficcionais In: VII Seminário Internacional de História da Literatura: Novos olhares, múltiplas perspectivas, 2007, Porto Alegre.

**Anais do VII Seminário Internacional de História da Literatura: Novos olhares, múltiplas perspectivas.** Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

*Referências adicionais: Brasil/Português.*

4. CUNHA, J. R.

O sistema literário representado na obra In: III Seminário Nacional de História da Literatura, 2007, Rio Grande.

**Anais do III Seminário Nacional de História da Literatura.** Rio Grande: FURG, 2007.

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários*

5. CUNHA, J. R.

A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM INDÍGENA COMO ESTERIÓTIPO DA NAÇÃO BRASILEIRA In: VI Semana de Letras, 2006, Porto Alegre.

**Anais da VI Semana de Letras.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital*

6. CUNHA, J. R.

A representação das correntes literárias românticas através do jornal rio-grandino "Arauto das Letras" In: 2º ENAPEL- Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, 2006, Porto Alegre.

**Anais do 2º ENAPEL- Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros.** Porto Alegre: EDIPCRS, 2006.

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital*

7. CUNHA, J. R.

Considerações a respeito do Parnaso Brasileiro In: V Semana de Letras, 2005, Porto Alegre.

**Anais da V Semana de Letras.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

*Referências adicionais : Brasil/Português.*

8. CUNHA, J. R.

Os documentos da História e da Literatura In: VI Seminário Internacional de História da Literatura, 2005, Porto Alegre.

**Anais do VI Seminário Internacional de História da Literatura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital*

9. CUNHA, J. R.

Uma análise da obra O que é isso companheiro? a partir da História da Leitura In: V Seminário Internacional de História da Literatura, 2003, Porto Alegre.

**no prelo.** , 2003.

*Palavras-chave: Fernando Gabeira*

*Áreas do conhecimento : Contemporânea,Literatura Brasileira*

*Setores de atividade : Educação, Educação superior*

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro*

*No prelo*

10. CUNHA, J. R.

A representação cultural da sociedade pelotense no Jornal Tribuna Litteraria – 1882 In: ENPEL – Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 2002, Porto Alegre.

**Periódicos literários.** , 2002.

*Palavras-chave: pesquisa em jornal literário*

*Áreas do conhecimento : Literatura do Rio Grande do Sul*

*Setores de atividade : Educação superior*

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro*

*O trabalho foi publicado em CD-Rom*

11. CUNHA, J. R.

A representação da sociedade pelotense através do jornal "Tribuna Literária" In: I Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, 2002, Porto Alegre.

**Anais do I Encontro de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital*

12. CUNHA, J. R.

El concerto de "Concierto Barroco" In: I Colóquio de Letras - Língua e Literatura: Os caminhos das Letras, 2000, Rio Grande.

**Revista Artextos.** Rio Grande: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2000. v.12.

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso*

## **Apresentação de Trabalho**

1. CUNHA, J. R.

**A crítica literária dos jornais que circularam em Pelotas no século XIX,** 2008. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

*Palavras-chave: Literatrua e Cultura Sul-Rio-Grandense, pesquisa em jornal literário*

*Áreas do conhecimento : Literatura do Rio Grande do Sul*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: XXVI Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul;*

*Inst.promotora/financiadora: FALE*

2. CUNHA, J. R.

**A prática da formação de leitores,** 2008. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

*Palavras-chave: leitura, metodologia de ensino*

*Áreas do conhecimento : Letras*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português; Local: FALE; Cidade: Porto Alegre; Evento: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil; Inst.promotora/financiadora: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

3. CUNHA, J. R.

**O comércio de livros através dos jornais pelotenses do século XIX**, 2008. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Palavras-chave: Literatura e Cultura Sul-Rio-Grandense, sistema literário*

*Áreas do conhecimento: Literatura do Rio Grande do Sul*

*Setores de atividade: Educação*

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: FURG; Cidade: Rio Grande; Evento: III ENAPEL - Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros; Inst.promotora/financiadora: ILA*

4. CUNHA, J. R.

**1968 em verso e prosa**, 2008. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Palavras-chave: Literatura, poesia marginal*

*Áreas do conhecimento: Letras, Contemporânea, História*

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: FURG; Cidade: Rio Grande; Evento: Semana Acadêmica de História - 1968 40 anos; Inst.promotora/financiadora: ICHI*

5. CUNHA, J. R.

**A Presença de Cyro Martins no Caderno de Sábado**, 2007. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXIV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul; Inst.promotora/financiadora: PUCRS*

6. CUNHA, J. R.

**Leitura e escrita nas obras ficcionais**, 2007. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: VII Seminário Internacional de História da Literatura: novos olhares, múltiplas perspectivas; Inst.promotora/financiadora: PUCRS*

7. CUNHA, J. R.

**O sistema literário representado na obra "A conquista", de Coelho Neto**, 2007. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português; Local: Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Cidade: Rio Grande; Evento: III Seminário Nacional de História da Literatura; Inst.promotora/financiadora: Departamento de Letras e Artes*

8. CUNHA, J. R.

**A representação das correntes literárias românticas através da imprensa rio-grandina**, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português; Local: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cidade: Porto Alegre; Evento: 2º ENAPEL - Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários; Inst.promotora/financiadora: Faculdade de Letras*

9. CUNHA, J. R.

**A representação do índio na Literatura Brasileira: de Gândavo a Callado**, 2006. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários; Local: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cidade: Porto Alegre; Evento: VI Semana de Letras; Inst.promotora/financiadora: Faculdade de Letras*

10. CUNHA, J. R.

**Considerações a respeito do Parnaso Brasileiro**, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português; Local: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cidade: Porto Alegre; Evento: V Semana de Letras; Inst.promotora/financiadora: Faculdade de Letras*

11. CUNHA, J. R.

**Os documentos da História e da Literatura**, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português; Local: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cidade: Porto Alegre; Evento: VI Seminário Internacional de História da Literatura; Inst.promotora/financiadora: Faculdade de Letras*

12. CUNHA, J. R.

**A simbologia e o duplo na relação sócio-política do casal de "Um copo de cólera"**, 2003. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais: Brasil/Português; Local: Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Cidade: Rio Grande; Evento: I Semana Acadêmica de Letras; Inst.promotora/financiadora: Departamento de Letras e Artes*

13. CUNHA, J. R.

**Temas abordados na seção poética veiculada na jornal pelotense "Tribuna Literária"**, 2003. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Cidade: Rio Grande; Evento: I Seminário Nacional de História da Literatura; Inst.promotora/financiadora: Departamento de Letras e Artes*

14. CUNHA, J. R.

**Uma análise da obra "O que é isso companheiro?" a partir da História da Leitura, 2003.** (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cidade: Porto Alegre; Evento: V Seminário Internacional de História da Literatura; Inst.promotora/financiadora: Faculdade de Letras*

15. CUNHA, J. R.

**A representação cultural da sociedade pelotense no jornal Tribuna Literária, 2002.** (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Cidade: Porto Alegre; Evento: I Encontro de Pesquisadores de Periódicos Literários Brasileiros; Inst.promotora/financiadora: Faculdade de Letras*

16. CUNHA, J. R.

**El concerto de "Concierto Barroco", 2000.** (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Cidade: Rio Grande; Evento: I Colóquio de Letras - Língua e Literatura: caminhos das Letras; Inst.promotora/financiadora: Departamento de Letras e Artes*

17. CUNHA, J. R.

**A produção literária de Cyro Martins, 2008.** (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

*Palavras-chave: Literatura e Cultura Sul-Rio-Grandense*

*Áreas do conhecimento : Literatura do Rio Grande do Sul*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português; Local: ILA; Cidade: Rio Grande; Evento: VI Semana de Letras - O regionalismo: restringindo lugares, ampliando conceitos e horizontes; Inst.promotora/financiadora: FURG*

18. CUNHA, J. R.

**A poesia marginal: uma abordagem de Ana Cristina César e Paulo Leminski, 2001.** (Outra, Apresentação de Trabalho)

*Referências adicionais : Brasil/Português.*

*Referências adicionais : oficina ministrada; Local: Fundação Universidade Federal do Rio Grande; Cidade: Rio Grande; Evento: II Colóquio de Letras - Letras ao vento: movimento sem fronteiras; Inst.promotora/financiadora: Departamento de Letras e Artes*

## Produção Técnica

### Softwares com registro ou patente

1. CUNHA, J. R., Cristine Zancani, Daniela Silva da Silva, Laísa de Teixeira de Aguiar, Maria Eunice Moreira, Renata Cavalcanti Eichenberg, Vera Teixeira de Aguiar, Viviane Dexheimer Gil  
**Como conhecer melhor a literatura do Rio Grande, 2006**

*Palavras-chave: Literatrua e Cultura Sul-Rio-Grandense*

*Áreas do conhecimento : História da Literatura do Rio Grande do Sul*

*Setores de atividade : Formação permanente e outras atividades de ensino, inclusive educação à distância e educação especial*

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital*

### Demais produções técnicas

1. CUNHA, J. R.

**Curso de Formação do Leitor, 2008.** (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)

*Referências adicionais : Brasil/Português. 15 horas. Meio de divulgação: Vários*

2. CUNHA, J. R., DIAS, J.R.L., PERES, C. R.

**O lugar da História nas obras literárias gaúchas, 2008.** (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

*Referências adicionais : Brasil/Português. 15 semanas. Meio de divulgação: Impresso*

3. CUNHA, J. R.

**Alfabetizar: encantar o mundo pela palavra - curso prático de formação do leitor**, 2007. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)

*Referências adicionais : Brasil/Português. 4 horas. Meio de divulgação: Vários*

4. Lousada, V. L., Carvalho, L. C., CUNHA, J. R.

**Saberes de Espiritualidade e Paz**, 2007. (Livro , Editoração)

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso*

*Minha atividade nesta obra foi apenas de revisão lingüística do livro*

5. CUNHA, J. R.

**Relendo a Literatura - Os ratos, de Dyonélio Machado**, 2006. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

*Referências adicionais : Brasil/Português. 2 horas. Meio de divulgação: Vários*

6. CUNHA, J. R.

**Leitura de textos literários para o vestibular da FURG**, 2000. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

*Palavras-chave: literatura brasileira*

*Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português. 72 horas.*

7. CUNHA, J. R.

**Curso preparatório para o exame supletivo**, 1999. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

*Palavras-chave: literatura brasileira*

*Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português. 60 horas.*

8. CUNHA, J. R.

**Espanhol Básico**, 1999. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

*Palavras-chave: Língua e cultura espanhola*

*Áreas do conhecimento : Língua Espanhola*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Espanhol. 40 horas.*

## Orientações e Supervisões

### Orientações e Supervisões em andamento

#### Orientação de outra natureza

1. Denise Cruz Schimieski Saad. **O ensino da língua espanhola:divisando horizontes**. 2009.

Orientação de outra natureza (Letras Português Espanhol) - Universidade Federal do Rio Grande

*Palavras-chave: Língua e cultura espanhola*

*Áreas do conhecimento : Língua Espanhola*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português.*

*O trabalho orientado consiste nas práticas de ensino, exigência final para as graduandas as quais são orientadas no preparo das aulas e avaliadas na prática docente.*

2. Mariana Escouto Jorge;Ingrid Cunha Ferreira. **O ensino da língua espanhola:divisando horizontes**. 2009. Orientação de outra natureza (Letras Português Espanhol) - Universidade Federal do Rio Grande

*Palavras-chave: Língua e cultura espanhola*

*Áreas do conhecimento : Língua Espanhola*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português.*

*O trabalho orientado consiste nas práticas de ensino, exigência final para as graduandas as quais são orientadas no preparo das aulas e avaliadas na prática docente.*

3. Talita dos Santos Gonçalves; Grace Kelli Nunes Jelenski. **O ensino da língua espanhola:divisando horizontes**. 2009. Orientação de outra natureza - Universidade Federal do Rio Grande

*Referências adicionais : Brasil/Português.*

*O trabalho orientado consiste nas práticas de ensino, exigência final para as graduandas as quais são orientadas no preparo das aulas e avaliadas na prática docente*

4. Daniele das Neves Martins; Gleice Meri Cunha Cupertin. **O ensino da língua espanhola:divisando horizontes**. 2009. Orientação de outra natureza (Letras Português Espanhol) - Universidade Federal do Rio Grande

*Palavras-chave: Língua e cultura espanhola*

*Áreas do conhecimento : Língua Espanhola*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português.*

*O trabalho orientado consiste nas práticas de ensino, exigência final para as graduandas as quais são orientadas no preparo das aulas e avaliadas na prática docente.*

## Demais Trabalhos

1. CUNHA, J. R.

**Revista Letras de Hoje**, 2006.

*Palavras-chave: Literatura*

*Áreas do conhecimento : Letras*

*Setores de atividade : Educação superior*

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso*

## Eventos

### Participação em eventos

1. Apresentação Oral no(a) **Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil**, 2008. (Congresso)

A formação prática do leitor.

2. Simposiasta no(a) **VI Semana Acadêmica de Letras - O regionalismo: restringindo lugares, ampliando conceitos e horizontes**, 2008. (Outra)

Literatura e regionalismo: do século XIX à contemporaneidade.

3. Apresentação Oral no(a) **III ENAPEL**, 2008. (Encontro)

O comércio de livros através dos jornais pelotenses do século XIX.

4. Apresentação Oral no(a) **Semana Acadêmica de História - 1968 40 anos**, 2008. (Outra)

1968 em verso e prosa.

5. **XXVI Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2008. (Seminário)

.

6. **Jornadas Internacionais de Crítica Genética: perspectivas ante a era digital**, 2008. (Outra)

.

7. **I Colóquio Relações Literárias Brasil/Portugal**, 2008. (Encontro)

.

8. **III Encuentro de Profesores de Español de RS**, 2008. (Encontro)

.

9. Apresentação Oral no(a) **XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXIV Seminário de Crítica do rio Grande do Sul**, 2007. (Seminário)

A presença de Cyro Martins no Cardeno de Sábado.

10. Apresentação Oral no(a) **VII Seminário Internacional de História da Literatura: Novos olhares, múltiplas perspectivas**, 2007. (Seminário)  
Leitura e escrita nas obras ficcionais.
11. Apresentação Oral no(a) **III Seminário Nacional de História da Literatura**, 2007. (Seminário)  
O sistema literário representado na obra "A conquista", de Coelho Neto.
12. **VII Semana de Letras**, 2007. (Outra)  
.
13. **Luiz Antonio de Assis Brasil: o códice e o cinzel**, 2007. (Outra)  
.
14. **GABO - Literatura e Cinema**, 2007. (Outra)  
.
15. **Palestra: "O romance folhetim e a formação do romance brasileiro"**, 2007. (Outra)  
.
16. **Palestra: "Poe e os outros - a poesia"**, 2007. (Outra)  
.
17. **Palestra: "Poe e os outros - a narrativa"**, 2007. (Outra)  
.
18. **Jornada de qualificação de segunda área**, 2007. (Outra)  
.
19. **A imagem da língua portuguesa no discurso literário**, 2007. (Outra)  
.
20. **Palestra: "intelectuais, vida pública e literatura"**, 2007. (Outra)  
.
21. **A leitura da imagem e o processo de criação em literatura infantil e juvenil**, 2007. (Outra)  
.
22. **Aula inaugural - Perguntas sobre a memória**, 2007. (Outra)  
.
23. **Ciclo de Palestras Maria Velho da Costa: temas e formas e o riso em cursos na literatura brasileira**, 2007. (Outra)  
.
24. Apresentação Oral no(a) **VI Semana de Letras**, 2006. (Seminário)  
A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM INDÍGENA COMO ESTERÍÓTIPO DA NAÇÃO BRASILEIRA.
25. Apresentação Oral no(a) **2º ENAPEL- Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros**, 2006. (Encontro)  
A representação das correntes literárias românticas através do jornal rio-grandino "Arauto das Letras".
26. **VI Semana de Letras**, 2006. (Outra)  
.
27. **XXIII Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2006. (Seminário)  
.

28. **O Pampa na Universidade**, 2006. (Outra)  
.
29. **Seminário Nacional 20 anos sem Josué Guimarães**, 2006. (Seminário)  
.
30. **Historiografia (lterária) - Questões teóricas e práticas experimentais**, 2006. (Oficina)  
.
31. **O ensino do Português: a volta ao básico**, 2006. (Outra)  
.
32. **Projeto Multidisciplinar Itinerante - Pampa na Universidade**, 2006. (Encontro)  
.
33. **O romance a duas vozes: o autor e o narrador**, 2006. (Outra)  
.
34. **XXIV Seminário de Crítica Literária**, 2006. (Seminário)  
.
35. Apresentação Oral no(a) **V Semana de Letras**, 2005. (Outra)  
Considerações da respeito do Parnaso Brasileiro.  
*Palavras-chave: História da Literatura*  
*Áreas do conhecimento : Letras,História da Literatura Brasileira*  
*Setores de atividade : Educação*
36. **Dos Açores aos confins do Brasil, as motivações da colonização açoriana na América**, 2005. (Outra)  
Dos Açores aos confins do Brasil, as motivações da colonização açoriana na América meridional em meados de setecentos.
37. Apresentação Oral no(a) **VI Seminário Internacional de História da Literatura**, 2005. (Seminário)  
Os documentos da História e da Literatura.  
*Palavras-chave: História da Literatura*  
*Áreas do conhecimento : História da Literatura Brasileira*  
*Setores de atividade : Educação*
38. **Seminário Internacional Erico Verissimo - Retratos da Vida Inteira**, 2005. (Seminário)  
Seminário Internacional Erico Verissimo - Retratos da Vida Inteira.
39. **Travessias - Encontro de Escritores Atlânticos - Açores/Brasil**, 2005. (Outra)  
Travessias - Encontro de Escritores Atlânticos - Açores/Brasil.
40. **IV Seminário de Redação de Vestibular da UFRGS**, 2005. (Seminário)  
.
41. **Palestra: Tópicos da narratologia**, 2005. (Outra)  
.
42. **II Seminário Nacional de História da Literatura**, 2005. (Seminário)  
.
43. **I Seminário Internacional de Lingüística e Literatura - Diálogos no Sul**, 2004. (Seminário)  
.
44. **IX Congresso Internacional da ABRALIC 2004**, 2004. (Congresso)  
.
45. **Seminário Internacional de Estudos Históricos**, 2004. (Seminário)

46. Apresentação Oral no(a) **I Semana de Letras: metas, motivos e perspectivas**, 2003. (Outra)  
A simbologia e o duplo na relação sócio-política do casal de.

*Palavras-chave: Raduan Nassar*

*Áreas do conhecimento: Literatura Brasileira, Contemporânea*

47. Apresentação (Outras Formas) no(a) **I Seminário Nacional de História da Literatura**, 2003. (Seminário)

Temas abordados na seção poética veiculada no jornal pelotense "Tribuna Literária".

*Palavras-chave: pesquisa em jornal literário*

*Áreas do conhecimento: História da Literatura Brasileira, Literatura do Rio Grande do Sul*

48. Apresentação Oral no(a) **V Seminário Internacional de História da Literatura**, 2003. (Seminário)

Uma análise da obra "O que é isso companheiro?" a partir da História da Leitura.

*Palavras-chave: Fernando Gabeira*

*Áreas do conhecimento: Literatura Brasileira, Contemporânea*

49. Apresentação Oral no(a) **I Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros**, 2002. (Encontro)

A representação cultural da sociedade pelotense no jornal "Tribuna Literária".

*Áreas do conhecimento: Literatura Brasileira*

*Setores de atividade: Educação superior*

50. Apresentação (Outras Formas) no(a) **II Colóquio de Letras - Letras ao Vento: movimento sem fronteiras**, 2001. (Oficina)

A poesia marginal: uma abordagem de Ana Cristina César e Paulo Leminski.

*Setores de atividade: Educação superior*

51. Apresentação Oral no(a) **I Colóquio de Letras - Língua e Literatura: Os caminhos das Letras**, 2000. (Outra)

El concierto de "Concierto Barroco".

*Áreas do conhecimento: Letras*

*Setores de atividade: Educação superior*

52. **Seminário nacional sobre linguagem e ensino**, 1997. (Seminário)

### Organização de evento

1. CUNHA, J. R., FREITAS, Cibele B. Figueiredo

**Colóquio Relações Literárias Brasil/Portugal**, 2008. (Outro, Organização de evento)

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários*

2. CUNHA, J. R., Daniela Silva da Silva, FREITAS, Cibele B. Figueiredo, Mandagará, Pedro  
**VII Seminário Internacional de História da Literatura: novos olhares, múltiplas perspectivas**, 2007. (Outro, Organização de evento)

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários*

3. CUNHA, J. R., Renata Cavalcanti Eichenberg, VARGAS, C.

**XXV Seminário Brasileiro de Crítica Literária e XXIV Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul**, 2007. (Outro, Organização de evento)

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários*

4. CUNHA, J. R., FREITAS, Cibele B. Figueiredo, VARGAS, C., Renata Cavalcanti Eichenberg  
**Curso Textualidades Contemporâneas**, 2006. (Outro, Organização de evento)

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários*

5. CUNHA, J. R., FREITAS, Cibele B. Figueiredo, VARGAS, C., Renata Cavalcanti Eichenberg  
**XXIII Seminário de Crítica Literária do Rio Grande do Sul**, 2006. (Outro, Organização de evento)

*Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários*

6. CUNHA, J. R., FREITAS, Cibele B. Figueiredo, VARGAS, C., Renata Cavalcanti Eichenberg  
**XXIV Seminário de Crítica Literária, 2006.** (Outro, Organização de evento)

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários*

7. CUNHA, J. R.

**VI Seminário Internacional de História da Literatura, 2005.** (Congresso, Organização de evento)

*Áreas do conhecimento : Letras*

*Setores de atividade : Educação*

*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários, Home page: www.pucrs.br*

## **Bancas**

### **Participação em banca de comissões julgadoras**

#### **Outra**

##### **1. Concurso de redação ADOTE, 2001**

UFPEL

*Referências adicionais : Brasil/Português.*

---

## **Totais de produção**

### **Produção bibliográfica**

Artigos completos publicado em periódico.....	3
Capítulos de livros publicados.....	1
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	12
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	16
Apresentações de Trabalhos (Conferência ou palestra).....	1
Apresentações de Trabalhos (Outra).....	1

### **Produção Técnica**

Softwares (multimídia).....	1
Curso de curta duração ministrado (extensão).....	4
Curso de curta duração ministrado (aperfeiçoamento).....	2
Curso de curta duração ministrado (outro).....	1
Editoração (livro).....	1

### **Orientações**

Orientação em andamento (orientação de outra natureza).....	4
---	---

### **Eventos**

Participações em eventos (congresso).....	2
Participações em eventos (seminário).....	17
Participações em eventos (oficina).....	2
Participações em eventos	

(encontro).....	6
Participações em eventos	
(outra).....	25
Organização de evento	
(congresso).....	1
Organização de evento	
(outro).....	6
Participação em banca de comissões julgadoras	
(outra).....	1
<b>Demais trabalhos relevantes</b>	
Demais trabalhos	
relevantes.....	1